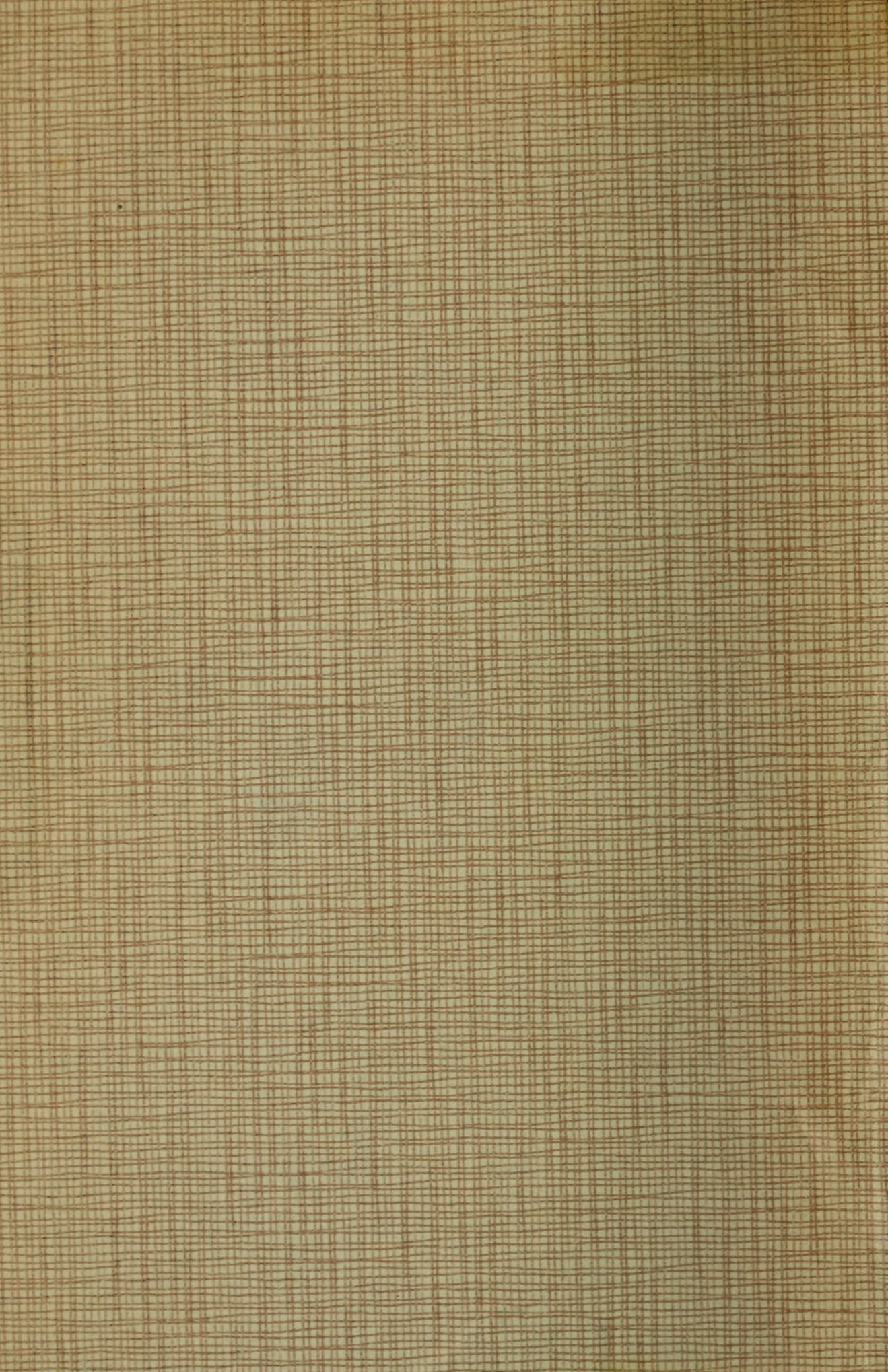


3 1761 07149708 5











BIBLIOTHECA  
DE  
**Classicos Portuguezes**

Proprietario e fundador  
*MELLO D'AZEVEDO*

BIBLIOTECA

DE

Clasicoes Portuguezes

propriedade da Bibliotheca

MELLO D'ARSENAL



BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LIX)

# CHRONICA

## D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. I 3

*ESCRITORIO*

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—  
1909

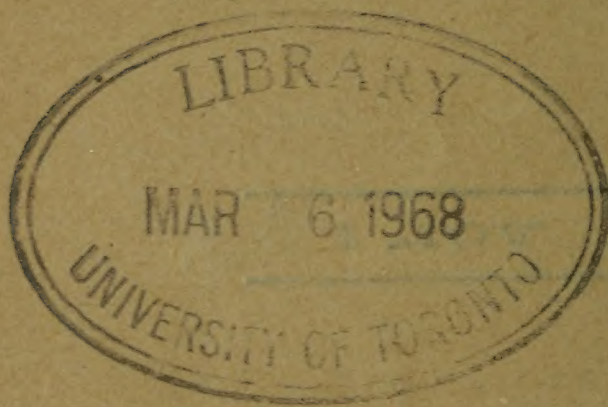
DP

604

G-6

1909a

V.1-3



# PROLOGO DA PRESENTE EDIÇÃO

---

**D**AMIÃO de Goes nasceu na villa de Alemquer em 1502.

Seu pae, Ruy Dias de Goes, era fidalgo ao serviço do infante D. Fernando, pae de elrei D. Manuel. Exercia em Alemquer o cargo de almoxarife. A mãe, D. Izabel Gomes de Limi, era de origem flamenga.

Em 1511, aos 9 annos de idade, começava no Paço de elrei D. Manuel o estudo das lettras, sob a protecção da rainha D. Leonor, viuva de D. João II.

Em 1518 era moço da camara de D. Manuel.

Como tal assistiu á morte do rei venturoso em 13 de dezembro de 1521. Era já então, ao que parece, bastante instruido, culto, com grande vontade de saber. Ancioso de conhecer outros centros de estudo, procurou ir ao estrangeiro.

D. João III, entusiasta tambem de erudição, favoreceu o moço estudante, de tanto prestimo, e nomeou-o escrivão da Feitoria de Flandres, em Anvers ou Antuerpia, como nós dizemos. Esta feitoria era de grande importancia; tratava-se ahi de negocios, de trocas de generos do reino, e do ultramar, da India, pelos de Flandres e de Allemanha; de negocios de

dinheiro, e de Arte. Partiu para Antuerpia em 1523.

Goes era um culto; erudito e artista; naquelle meio então exuberante, rasgaram-se-lhe horisontes, aprendeu muito, e mostrou a sua grande capacidade; o escrivão da feitoria transformou-se em agente de graves negocios do Estado. Em 1529 foi enviado á côrte de Polonia, e esteve demoradamente em Wilna e Dantzik. Em agosto de 1530 estava em Amsterdam. Em 1531 voltou á Polonia; tratava-se do casamento do infante D. Luiz, casamento que não chegou a realisar-se. Os projectos de casamento do infante D. Luiz, como os da princeza D. Maria, formam episodios curiosos politico-economicos do reinado de D. D. João 3.<sup>o</sup>

Noutras commissões foi á Dinamarca e á Suecia, frequentando as côrtes e a nobreza de linhagem e de talento. Naturalmente procurava os sabios, os humanistas, os pensadores e os artistas.

Conheceu Martinho Luthero e Felipe Melancthon; Sebastião Munster e o celebre Erasmo. Os herejes!

Estava ardente então nesses paizes a lucta religiosa; era uma batalha de folhetos e sermões. Damião de Goes salientava-se por outra especie de trabalhos; elle vulgarisava em pequenos opusculos as maravilhosas descobertas dos portuguezes no Oriente, os brilhantes feitos d'armas, as noticias dos estranhos climas e das gentes da Ethiopia e da India.

Em 1533 foi nomeado thesoureiro da Casa da India; não accitou o logar. Voltou á Allemanha; em Friburgo foi hospede de Erasmo (1534), e foi á Italia, permanecendo alguns annos em Padua, convivendo com o cardeal Jacob Saddoleto.

Em 1538 estava de novo em Flandres, e ahi casava com uma nobre hollandeza Joanna de Hargen. E recomeçam as viagens, a Roma, ás côrtes de Fran-

ça, de Inglaterra, de Hungria e Bohemia; por fim estabeleceu-se em Lovaina, capital do Ducado de Brabant. Emprega o seu tempo em compôr varias obras, e nas artes, especialmente na musica.

Em 1542 um exercito francez cerca Lovaina.

Surge agora o homem de guerra, phase inesperada na vida de Goes; elle e tres flamengos notaveis foram escolhidos pelo senado para defender a praça; e os flamengos fugiram, ficando elle só no commando! e defendeu briosamente a cidade, mas por fim teve de capitular. Foi preso para França tendo de alcançar a liberdade resgatando-se por forte quantia.

Em 1544 Carlos 5.<sup>o</sup> deu-lhe brazão d'armas em premio dos seus serviços em Flandres. D. João III instava novamente para que viesse para o reino. Em julho de 1546 estava em Alemquer, e em junho de 1548 foi nomeado guarda-mór da Torre do Tombo.

Dez annos depois, em 1558, o cardeal D. Henrique encarregou o de escrever a Chronica de D. Manuel. No periodo decorrido até 1570 o escriptor, o diplomata, o artista attingiu gloria e fortuna, tenças e honrarias: vivia em Lisboa com fausto, celebrava festas em sua casa. Chega o anno de 1571, e surgem difficuldades com o Santo Officio.

Houve denuncias, talvez de invejosos, baixos e intrigantes, contra o velho humanista que convivera com os herejes, com Luthero e Erasmo!

Foi condemnado á reclusão e penitencia no mosteiro da Batalha, onde entrou em 1572. Passado algum tempo concederam-lhe licença para residir na sua casa de Alemquer. Em noite fria de janeiro sentou-se á lareira; appareceu na manhan seguinte morto sobre o brazido; congestão, apoplexia? Em 30 de janeiro de 1574 foi enterrado no seu jazigo de Alemquer.

A primeira parte da Chronica de D. Manuel contém a narrativa dos grandes acontecimentos portuguezes e mundiaes do fim do sec. XV, e dos primeiros annos do sec. XVI. Ahi se trata de feitos d'Africa e das maravilhosas navegações asiaticas. Realçam os nomes de Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Duarte Pacheco, Affonso d'Albuquerque, Tristão da Cunha. Dos successos de Portugal propriamente dito pouco appareçe. E nesse pouco avultam a expulsão dos judeus, aquella barbaridade do sequestro dos filhos d'elles, e o alevantamento em Lisboa contra os christãos novos. Apesar de escrever em 1566, Damião de Goes marca bem a crueldade estúpida d'esses actos.

A segunda parte mostra-nos D. Francisco d'Almeida na India; a tomada da ilha de Socotorá, Affonso d'Albuquerque em Ormuz; a fundação do Castello Real na Mina, e de Sofala por Pero d'Annaya.

Na terceira parte temos Diogo Lopes de Sequeira, Affonso d'Albuquerque em Goa e Malaca; é a execução do vasto plano politico e economico do Albuquerque, imitado pela poderosa Inglaterra no seculo XIX.

A questão marroquina preoccupa D. Manuel, faz-se a occupação de Azamor e Arzilla; quasi nas feições da questão actual, ainda pendente; falla-se de Java, de Sumatra; descreve-se a grandiosa embaixada de Tristão da Cunha a Roma, que deu brado em todo o mundo culto; e ainda se trata dos mysteriosos abexins.

Na quarta parte vem o episodio da briga do elephante com o rhinoceronte; Fernão Peres d'Andrade na China; um capitulo sobre as obras pias da rainha D. Leonor; e logo Arzilla e Azamor; o terceiro casamento de D. Manuel, e logo Malaca, e Diogo Lo-

pes de Sequeira, Vasco Fernando Cesar e as suas façanhas navaes, D. Duarte de Menezes. Parece que Damião de Goes evitava propositalmente de *tratar das cousas que neste tempo aconteceram no reino*. O *ultramar* domina em toda a chronica.

No final faz a resenha ou relação das egrejas, mosteiros, hospitaes, castellos e fortalezas que o felicissimo monarcha fez ou reparou; é pena que Damião de Goes, artista, e culto, que tanto viajou e viu nos paizes d'arte, não se demorasse um pouco mais a falar-nos dos trabalhos manuelinos.

Escreve rapidamente das ordenações, e regimentos do tempo, interessante assumpto porque foi com as quinas portuguezas que se expandiu pelo mundo o direito, a então moderna, organização social. Na chronica ha alguns capitulos, poucos mas importantes, sobre os costumes dos v̄rios povos que foram visitados pelos portuguezes; isto dá á chronica a importancia de documento ethnographico mui valioso.

A Chronica foi impressa pela primeira vez em 1566 67.

Teve 2.<sup>a</sup> edição em 1619.

3.<sup>a</sup> em 1749.

4.<sup>a</sup> em 1790.

Damião de Goes é um dos bons classicos da lingua portugueza.

O marquez de Alegrete, fino academico, escreveu: *foi elle que começou a elevar a maior grau de perfeição a nossa historia nas chronicas que compoz*. Sobre Damião de Goes e a sua Chronica muito se tem escripto. Em Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana* e no *Diccionario Bibliographico* de I. F. da Silva se mencionam noticias e opiniões. Os srs. Joaquim de Vasconcellos, do Porto, e J. C. Henriques, da Car-

nota, tem publicado importantes estudos sobre a interessante vida de Goes.

O final triste, sombrio do illustre velho, perseguido pelo Santo Officio, desterrado para o mosteiro da Batalha, explica-se pelo ar do tempo, pela necessidade de reagir contra a invasão crescente do lutheranismo da heresia anti-papal, que tinha entrado em Portugal e Hespanha, que se infiltrava em conventos e collegiadas e nas côrtes, que chegava ás universidades e até aos prelados. E Goes tinha conhecido pessoalmente Erasmo e Luthero! Não sei como o deixaram morrer na sua casa, na sua lareira.

GABRIEL PEREIRA.



CHRONICA  
DO SERENISSIMO  
SENHOR REI  
D. EMANUEL

ESCRITA

Por DAMIÃO DE GOES,

*Dirigida ao Serenissimo Principe Dom  
Henrique, Intante de Portugal, Cardeal  
do Titulo dos Santos Quatro Coroa-  
dos filho deste felicissimo Rei*

PARTE I E II



**COIMBRA:**

Na Real Officina da Universidade,

Anno de MDCCLXXX.

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o  
Exame, e Censura dos Livros*

Foi taixada cada huma das Partes desta Chronica em papel a 480 reis.



# PROLOGO

*NA CHRONICA DEL REI DOM EMANUEL,  
dirigida per Damião de Goes ao Serenissimo Prin-  
cipe Dom Henrique, Infante de Portugal, Cardeal  
do Titulo dos Santos quatro coroados filho deste fe-  
licissimo Rei.*

**M**UITOS, e graves authores nos principios de suas Chronicas trabalharão em louvar a historia, da qual tudo o que dixerão foi sempre muito menos do que se devia dizer, porque assi como ella he infinita, assi seus louvores não tem fim nem termo a que se possam reduzir, e pois tudo o tratado nesta parte, he quasi nada em comparaçam do que deve ser, voltarei daqui a vela, para poer a proa nesta: na qual por certo não ousara nem de-vera de tocar, se me nam fora mandado por V. A. por ser de qualidade, que depois dalgumas pessoas a terem começada, el Rei D. Ioão vosso irmão, que santa gloria haja, lhes mandou tomar o que já tinham escripto, pera se acabar per outros, de cujas habi-lidades tinham mór opinião, em mãos dos quaes ficou ate seu falecimento. E considerando V. A. que pois estas pessoas de que se tanto sperava, nam tinham feito em tempo de trinta e sete annos, que á, que el Rei dom Emanuel vosso pai faleceo, cosa que respondece ao merecimento de tal negocio, sem se lembrar de quão fraco eu devo ser pera hum ta-

manho peso, me mandou neste anno do Senhor de MD. LVIII. que daquillo em que muitos, como em cousa desesperada, se nam atreveram poer a mão, tomasse eu o cuidado, o que fiz com mór ousadia do que a meu fraco juizo convinha, movido com tudo por sos dous respeitos, o hum por eu ser fectura do dito senhor Rei vosso pai, criado em sua casa, e em seu servlço, desde idade de nove annos, o outro por me parecer que se nam movera V. A. a me mandar cousa em que consistiam todos os feitos, e louvores deste felicissimo Rei, e daquelles que o serviram na guerra e na paz, senam por confiar de mim o mais substancial que no screver das Chronicas se requiere, que he com verdade dar a cada um o louvor, ou reprehensam que merece. Pelas quaes rezões me atrevi a tomar este trabalho, o qual tal qual he, me pareceo que não devia, nem era bem que dedicasse senam a V. A. quomo a principal author de a fama, e gloria del Rei seu pai sairem em luz e nam perecer a lembrança das cousas notaveis que aconteceram aos Portuguezes per todo o descurso de seu reinado.



CHRONICA  
DO FELICISSIMO REI  
**D. EMANUEL**

DA GLORIOSA MEMORIA,

Ha qual por mandado do Serenissimo Principe, ho  
Infante Dom Henrique seu filho, ho Cardeal de  
Portugal, do Titulo dos Santos Quatro  
Coroados

DAMIAM DE GOES

Collegio e compoz de novo

CAPITULO I

*Em que se trata do falecimento del Rei Dom Ioão e  
declarão algumas clausulas de seu Testamento.*

**E**LREI Dom Ioão Segundo do nome, e dos Reis  
de Portugal, ho trezeno, faleceo na Villa Dal-  
vor, no Regno do Algarve, hum domingo á  
tarde xxv dias do mes douctubro, do anno do Se-  
nhor de M.cccc.xcv. em idade de quarenta annos, e  
de seu Regnado quatorze. E porque antes de seu fa-  
lecimento havia varios pareceres, e opiniões de a  
quem deixaria ha successão do Regno, se a dom Ema-  
nuel Duque de Beja, seu primo com irmão, se a dom  
George seu filho bastardo, me pareceo necessario de-  
clarar logo aqui no começo desta Chronica algumas

clausulas do que ordenou em seu testamento, xxvi. dias antes, que falecesse, para que se saiba quão bem dispoz de todas as cousas que á sua alma e consciencia convinham.

Primeiramente encomendando sua alma a Deos, ordenou que o sepultassem no Mosteiro de Santa Maria da Victoria da Ordem de São Domingos, no lugar que melhor parecesse a dom Emanuel Duque de Beja, seu primo, que elle declarou per seu testamento, e pera ho ajudarem, e aconselharem no que nisso lhe necessario fosse, nomeou dom Diogo Ortiz Bispo de Tanger, e o doctor Fernão Rodriguez Daião da Sé de Coimhra, e Frei Ioão da Povia seu Confessor, e dom Diogo Fernandez Dalmeida Prior do Crato, e dom Alvaro de Castro seu Veador da fazenda e Antão de Faria seu camareiro, e do seu conselho, e Pero Dalçaçova seu scrivão da fazenda, pera escrever tudo ho que necessario fosse, ao que no testamento deixava ordenado.

Item. Mandou ao dicto dom Emanuel seu testamenteiro, que as cousas que tocavam ao descargo de sua alma cumprisse inteiramente, e que quanto ás outras fizesse nellas aquillo que lhe parecesse bem e por bem tivesse.

Item. Que por sua alma, logo quomo falecesse, mandasse dizer tres mil Missas, pera que deixou tres mil reaes de prata de lei de onze dinheiros, de que cento e dezasete fazem um marco, hos quaes reaes sam hos vintens de prata, que agora correm nestes Regnos, que vale cada hum, vinte reaes, de seis ceptís de cobre, sem liga, cada real, a que chamam reaes brancos.

Item. Que a quarenta e huma orphãs desse a cada huma pera ajuda de se casarem vinte justos douro, e pera tirarem quarenta e um captivos Portuguezes po-

bres, outros vinte justos pera cada hum, de trinta e oito peças no marco, de lei de vinte e dous quilates, que valiam naquelle tempo' seiscentos reaes, que fazião doze mil reaes brancos, que era ha taxa e preço ordinario, que se entam dava por cada captivo pobre Portugues.

Item. Mandou que se acabasse ho Sprital de Lisboa da invocaçam de todos Sanctos, na maneira, que era começado, encomendandolhe, que ho governo, ordem, e regimento delle fosse ho que se tinha entam no Sprital de Florença, e que todos Spritaes de Lisboa se convertessem a este com todas suas rendas, propriedades, e cousas, do modo que lho ho Sancto Padre tinha outorgado pela Bulla Apostolica, que disso tinha, e que tanto, que o dicto Sprital fosse acabado, mandava que se tirassem cada anno dous captivos pobres Portugueses, que servissem no dicto Sprital aos Officios Divinos, por tempo de hum anno, e no lugar destes entrassem hos que se tirasse tras elles, e assi pera sempre successivamente.

Item. Mandou que se pagasse ametade da prata, que el Rei dom Affonso seu pai tomara das Egrejas perás guerras de Castela, porque ha outra metade dera ho Papa ao dicto Rei dom Afonso, e assi o que faltava por pagar do dinheiro, que se tomou dos orphãos perá mesma guerra, e tambem do dinheiro emprestado. E que perá paga destas dividas del Rei seu pae, e perá has suas se apartassem quatro milhões de roaes de renda cadanno, atte tudo ser paguo.

Item. Mandou que as tenças separadas, e trespasadas pagasse o mais cedo que podesse, porque nam has pagando se poderia seguir disso algum damno ás consciencias daquelles que as recebem.

Item. Que em tudo o que achasse elle nam ter satisfeito, assi em pagar dividas, e serviços, quomo em

quaesquer outras cousas lhe encomendava que ho satisfizesse.

Item. Que instituia, e declarava por herdeiro de todos seus Regnos, e Senhorios ao dicto dom Emanuel Duque de Beja seu prezado, e amado primo, nam lhe dando Deos filho, ou filha legitima, ou falecendo dentro do tempo de hum anno da feitura de seu testamento.

Item. Que a dom George seu filho deixava de juro, e herdade pera todo sempre, pera elle, e pera todos seus descendentes per linha direita, ou transversal, da maneira, que ho el Rei dom Ioão seu bisavo dera ao Infante dom Pedro seu avo, ha sua cidade de Coimbra, em Ducado, e ha villa de Monte mór ho velho com todo seu senhorio, e Penela com todo seu termo, e outros bens da Coroa, contheudos no mesmo testamento, que aqui não ponho, por todos estarem por extenso nas doações que lhe el Rei dom Emanuel delles fez, e de todos os bens que deixou a dom George, reservou o dicto Rei dom Ioão has sisas perá Coroa, declarando que era direito, que sómente pertencia ao Rei, e não a outra pessoa, do que se manifestamente ve ser muito contrario á verdade ho que alguns dizem, que el Rei dom Ioão fez hum codecilho, em que pedio a el Rei dom Emanuel, que soltasse has sisas por ser direito mal levado, mas este codecilho eu ho não pude nunca achar, nem pessoa que me delle soubesse dar recado, nem Pero Dalcaçova Carneiro, secretario, que agora he del Rei dom Sebastião nosso Senhor, e do seu concelho, e ho foi tambem del Rei dom Ioão terceiro, em cujo poder estão todas as lembranças, e testamentos dos Reis destes Regnos, del Rei dom Duarte pera qua, me soube dar rezam de tal codecilho, mas antes me dixe, que nunca se fezera, e que assi ho ouvira di-



zer a seu pai Antonio Carneiro, secretario que fora del Rei dom Emanuel. E quomo isto que aqui digo seja ha verdade, se confirmará ao diante nos Capitulos das Cortes, que el Rei dom Emanuel fez em Lisboa no anno de M.ccccc.viii.

Item. Que não havendo ho dicto dom Emanuel Duque de Beja filhos legitimos, que em tal caso seu filho dom George succedesse per falecimento no Regno.

Item. Que havendo ho dicto Duque alguma filha, ou filhas lhe rogava muito, que casasse huma dellas com ho dicto dom George seu filho, e lhe desse aquelle dote, que era costume darse as semelhantes pessoas.

Item. Lhe encomendava ho tratamento da excellente senhora sua prima, dõna Ioanna Rainha, que fora dos Regnos de Castella, e Portugal, e fosse mantida em seu estado, do modo que ho sempre fora, em quanto elle viveo.

Item. Que lhe encomendava, e mandava per justos respeitos, que todos aquelles que contra elle forão tredores, e desleaes que andavão fora destes Regnos, nem a elles, nem a seus filhos recolhesse nelles, e que encomendava a todos do seu conselho, e do dicto Duque seu primo, que sempre lhe lembrassem, que devia isto muito fazer.

Ho qual testamento foi feito nas Alcaçovas per Frei João da Povia seu confessor, e sob scripto, assinado per ho mesmo Rei, aos xxix dias do mes de Setembro do Anno do Nascimento do Senhor, de M.cccc.xcv de que aqui pus sómente o que convem á nossa Historia.

Na hora que el Rei faleceo hos senhores, e pessoas principaes, que ahi erão presentes, cujos nomes em sua Chronica são declarados, abriram ho testamento, e ho fizeram ler per Rui de Pinna Chronista, e

ho mandarão logo per tres do conselho a dom Emanuel Duque de Beja, ho qual ja sabia da successão do Regno, por lho el Rei ter mandado dizer, antes que morresse, per Aires da Sylva seu camareiro mór e per dom Alvaro de Castro. Hos senhores, e fidalgos que se acharão em Alvor acompanharam ho corpo del Rei atte a cidade de Sylves, onde o enterrão na Sé, pello elle assi ter mandado, e ali jouve atte que ho tresladarão pera ho Mosteiro da Batalha quomo se ao diante dirá.

## CAPITULO II

*De quomo dom Emanuel foi alevantado, e jurado por Rei, e do que logo screveo aos estados do Regno, e outras cousas que ordenou.*

**A**o Tempo que el Rei dom João faleceo estava ha Rainha dõna Leonor sua inolher em Alcacer do sal, e dom Emanuel Duque de Beja seu irmão com ella, a qual Senhora foi causa unica delle ficar nomeado na successão destes Regnos, porque a vontade, e desejo del Rei dom João foi sempre de deixar o Regno a dom George seu filho bastardo, e vivendo houve entrelle, e a Rainha sobre este negocio muitos desgostos, com tudo quomo el Rei era homem sujeito a toda a boa razam, tomou nesta parte secretamente ho parecer de pessoas prudentes, e de boa vida, per conselho dos quaes declarou em seu testamento por herdeiro dom Emanuel. Com estas novas de successão chegarão hos que levavão ho testamento a Alcacer do sal, segunda feira, e logo a terça ho alevantaram, e juraram por

Rei, ha Rainha, e os Prelados, senhores e fidalgos, que se alli acharam, sendo em idade de vinte seis annos, e o mesmo se fez' per todo o Regno. Feitos estes autos e cerimoniaes em Alcacer do sal, logo el Rei screveo a todas as cidades, e villas que usassem seus bons foros, e costumes, quomo ho atte li acostumaram fazer, em quanto elle nam ordenasse sobre outra cousa, e ha mesma ordem mandou, que se tivesse nos negocios de sua fazenda, e pellas mesmas cartas que screveo as cidades e villas lhes mandou que enviassem seus procuradores acerto tempo limitado, a Monte mór ho novo, pera alli fazer cortes, e o mesmo screveo aos Prelados, senhores e alcaides móres, ho que todos assi fezerão, e quomo bons e leaes vassallos lhe vierão dar suas menagens, segundo ho bom uso, e antigo costume destes Regnos.

### CAPITULO III

*Em que summariamente declara quomo ha successam destes Regnos, nam pertencia, directamente, per falecimento del Rei dom João, se nam a el Rei dom Emanuel.*

**P**ARECE necessario dizerse neste lugar quam directamente ha herança destes Regnos pertencia a el Rei dom Emanuel, falecendo el Rei dom João sem filhos nascidos de legitimo matrimonio, e pera declaração deste negocio, he de saber, que el Rei dom João primeiro deste nome, foi casa com dõna Philippa, filha do Duque Iam Delancastre, irmão del Rei dom Duarte de Inglaterra, sexto do nome, e della houve el Rei dom João ho Principe dom Afonso, que morreo moço, e hos Infantes dom Duarte,

dom Pedro, dom Henrique, dom João, dom Fernando, e a Infanta dõna Isabel, que casou com ho Duque Philippe de Borgonha, dalcunha o bom. Per morte del Rei dom João veo ha herança do Regno ao Principe dom Duarte seu filho mais velho. Este Rei dom Duarte foi casado com dõna Leonor filha del Rei dom Fernando Daragam, primeiro do nome, e della houve ho Principe dom Afonso, e ho Infante dom Fernando, que foi jurado por Principe destes Regnos, quando ho Principe dom Afonso, seu irmão mais velho foi jurado por Rei, ho qual Rei dom Afonso casou com dõna Isabel, filha do Infante dom Pedro seu tio, e della houve a Infanta dõna Ioanna, que morreo Freira no Mosteiro de Jesu Daveiro, e el Rei dom João segundo deste nome, pai do Principe dom Afonso, que falecerão ambos pai, e filho sem deixarem filhos, nem filhas de legitimo matrimonio. Ho Infante dom Fernando, de que arriba dixei, irmão del Rei dom Afonso casou com dõna Beatriz sua prima com irmã, filha do Infante dom João seu tio, e della houve dõna Leonor molher que foi del Rei dom João, ho segundo deste nome, seu primo com irmão, e dõna Isabel que casou com o Duque de Bragança, dom Fernando, segundo do nome, e dõna Catherina, que faleceo moça, e dom João que depois de succeder no estado do Infante dom Fernando seu pai faleceo sem casar, e dom Diogo, que succedeo ao dicto dom João, e houve mais dom Duarte, e dom Dinis, e dom Sinão, que todos faleceraõ moços, e houve dom Emanuel que nasceo derradeiro de todos, Rei felicissimo, que foi destes Regnos, cuja vida, e acontecimentos (se a Deos apraz) tratarei nesta sua Chronica. De maneira, que el Rei dom Emanuel, filho do Infante dom Fernando, era neto del Rei dom Duarte, e bisneto del Rei dom João primeiro, e sobrinho del Rei dom Afonso

quinto, e primo com irmão del Rei dom João segundo, a quem succedeo, per razão da qual progenia elle era direito e legitimo herdeiro del Rei dom João, falecendo sem filhos de legitimo matrimonio, quomo faleceo, e pois tenho dicto de sua real progenia, e direita successão nestes Regnos aquillo que abasta pera se saber quão licitamente era esta herança sua, me parece que he rezão, que no capitulo seguinte trate algumas particularidades do discurso de sua vida, desno tempo que nasceo, atte que per graça de Deos foi jurado, e obedecido por Rei destes Regnos.

#### CAPITULO IV

*Do tempo em que el Rei dom Emanuel nasceo, e do milagre que Deos então por elle fez.*

**E**LREI dom Emanuel da gloriosa memoria nasceo na Villa Dalcouchete, em Riba Tejo, huma quinta feira derradeiro dia de Maio do anno do S. mil e quatrocentos, e sessenta e nove annos, dia em que então cahio ha solenne festa do Corpo de Deos. E parece que houve em seu nascimento mysterio, porque havia já alguns dias que ha Infante dõna Beatriz sua mãi andava com dores, sem poder parir, e quis nosso Senhor alumeala em ho sancto Sacramento, chegando á porta das suas casas, per onde passava a Procissão, e por ho dia em que nasceo ser da invocação do venerabile Sacramento, lhe poserão nome Emanuel, o qual nome he hum dos grandes do Senhor Deos, cuja festa se celebrava naquelle dia, em que lhe aprouve dar este Principe á vida deste mundo, pera seu sancto noms ser tam exalçado, e glorificado quomo ao presente he per

todo ho universo, onde per meo, industria, e despesa deste magnanimo Rei ha nação Portugueza per armas, ou per amor pode penetrar. Nem por certo foi sem causa premitir Deos, que viesse ha herança destes Regnos a este felicissimo Rei per falecimento de oito pessoas, que legitimamente ho herdavão se viverão, cujos nomes atras dixee, senão pera per sua mão, quomo per instrumento a elle accepto obrar as cousas que em ho tempo de seu regnado acontecerão, do que no discurso desta sua Chronica, trabalharei de dar ho mais verdadeiro testimonho que poder.

## CAPITULO V

*Da criação que el Rei dom Emanuel teve atte ha idade em que lhe el Rei dom João deu ha fortunada divisa da Sphera, e assentamento pera sustentar sua casa.*

**H**A ama que criou el Rei dom Emanuel, se chamava Iusta Rodriguez, e teve dous filhos homens de grão estima nestes Regnos, hum era dom João Emanuel, camareiro mór, que foi do mesmo Rei dom Emanuel, e ho outro dom Nuno Emanuel seu guarda mór, e almotace mór da sua corte, hos quaes filhos houve de dom João Bispo da Guarda, homem que por sua boa doutrina, e geração valeo muito nestes Regnos, mas des no tempo que começou a criar a el Rei dom Emanuel, ella se retirou a tam honesto modo de viver, que a todo genero de molheres dava exemplo de virtude, e acabou seus dias sanctamente no habito de S.<sup>o</sup> Francisco da observancia no Mosteiro de freiras de Jesu de Setuval, que ella fez á sua propria custa, e fundou

de novo, onde jaz sepultada. Este breve corollario pus a qui de sua vida, pera que as molheres, que andão metidas nas vaidades, e dilicias deste mundo, trabalhem pola imitarem, e acabarem no serviço de Deos, quomo ella fez, ha qual foi a Castella com dom Emanuel, por ser ainda de idade, que requeria criação de ama, quando ho la mandarão em lugar de seu irmão dom Diogo Duque de Viseu, e com elle tornou a Portugal, quando o dicto Duque dom Diogo, depois de convalecer da doença, que lhe estorvou sua ida, foi fazer residencia em Castella per caso das terçarias do Principe dom Afonso, e da Princesa dõna Isabel, das quaes terçarias, e da causa porque se ordenaram e desfezeram, se trata copiosamente na Chronica del Rei dom Afonso, pelo que tenho por excusado fallar aqui nellas, por ser fora do seu lugar. Nesta primeira ida de Castella foi Diogo da Sylva de Meneses, por seu aio, e depois de dom Emanuel tornar de Castella, foi lá enviado outra vez no anno do Senhor de mil e quatrocentos e oitenta e tres, pera andar na Corte dos Reis, atte ho tempo em que se havião de fazer hos casamentos do Principe dom Afonso, e da Princesa dõna Isabel segundo forma dos contratos, mas chegando a Freixinal, primeiro lugar de Castella, se tornou, por se as terçarias desfazerem. Pera esta viagem lhe acrecentou el-Rei dom João seu assentamento, e deu casa bem ordenada, assi de baixellas, tapeçarias, quomo de ornamentos de sua capella, cantores, e ministros, e pera serviço ordenou, que fossem com elle muitos fidalgos dos principaes de sua casa, e muitos moradores della, e por seu aio ho mesmo Diogo da Sylva. Neste tempo dom Emanuel nam era casado, nem tinha tomado divisa segundo costume dos Principes, pelo que el-Rei dom João lhe deu por divisa a figura da Sphera,

perque hos Mathematicos representão ha forma de toda ha machina do ceo e terra, como todolos outros elementos, cousa despantar, e que parece que não careceo de misterio prophetico, porque assi quomo estava ordenado per Deos, que elle houvesse de ser herdeiro del Rei dom Ioão, assi quis que ho mesmo Rei a quem havia de succeder, lhe desse huma tal divisa, per cuja figura se demostrasse ha entrega, e cessam, que lhe já fazia, pera quomo seu herdeiro proseguir depois de sua morte, na verdadeira aução, que tinha na conquista, e dominio da Asia e Africa, quomo fez com muito louvor seu, e honra destes Regnos.

## CAPITULO VI

*Da casa, e estado que dom Emanuel teve depois da morte do Duque de Viseu dom Diogo seu irmão, atte que per vontade de Deos foi Rei destes Regnos.*

**D**EPOIS de dom Emanuel ser no Regno, el Rei dom Ioão lhe acabou de dar sua casa ordenada, quomo a tal pessoa convinha, atte que soccedeo no estado do Duque de Viseu dom Digo seu irmão, que el Rei dom Ioão matou em Setuval, por erros que contra elle tinha cometido, quomo se em sua Chronica contem, ho qual no mesmo dia que este caso aconteceo elle mandou chamar, e lhe fez merce, e doação de todolos bens do Duque seu irmão, reservando Serpa e Moura, e algumas outras cousas, das quaes lhe dixee, que lhe faria satisfação, quomo fez. Isto foi a hum sabbado, xx dias do mes Dagosto de mil e quatrocentos e oitenta e quatro an-



nos, e por el Rei esquecer a lembrança, scandalo, que naquelle tempo podia, e devia ter ao Titulo de Duque de Viseu, pondo a parte ho odio e desgosto que do Duque seu irmão tinha, e lhe a elle dom Emanuel per esse respeito podia tambem ter, lhe mudou ho mesmo Titulo em Duque de Beja, e lhe fez merce com este Titulo de senhor de Viseu, Covilhão, Villaviçosa, e governador do Mestrado da Ordem de nosso Senhor Jesu Christo, e de Condestabre destes Regnos, e fronteiro mór dantre Tejo e Odiana: alem do que lhe deu tantos bens da Coroa quomo se mostra pelas doações, que andam registradas na Torre do Tombo, de que tinha naquelle tempo vinte sette contos, quinhentos e noventa e hum mil reaes de renda cadanno, e mais lhe fez merce, que falecendo sem filhos, de lhe confirmar todas as merces, que tivesse feitas, e de lhe tomar todos seus criados no foro em que andassem em seus livros, com casamento, das quaes rendas quomo eu achei por lembrança em hum livro de registros da fazenda do dicto Duque dom Emanuel, elle despendia cadanno vinte tres contos e quinhentos mil reaes, de que hos treze contos eram em assentamentos, e tenças que dava, assi á Infanta dõna Beatriz sua mãe, e outras pessoas que com elle nam viviam, quomo aos moradores de sua casa, e dez contos, quinhentos mil reaes que despendia, em ordenados, merces, moradias ordinarias, guardaroupa, vestiarias, compras, esmolas, casamentos, e obras, do que sobejava destas rendas pagava cadanno parte das dividas, serviços e obrigações que ficarão do Infante dom Henrique, cujo neto adoptivo era, e assi has do Infante dom Fernando seu pai, e do Duque dom Diogo seu irmão. Has quaes elle quomo bom, e Christianissimo Principe por descargo de suas almas pagou todas, e com estas tenças, e or-

denados que dava, e merces que fazia, assi aos de sua casa, quomo aos moradores da del Rei, era mui quisto, e amado, e sobre todos del Rei dom Ioão, que pellas partes e habilidades que nelle via, ho criara a par de sim, na sua corte, e casa juntamente com ho Principe dom Afonso seu filho, atte ho anno de mil e quatrocentos e noventa, em que ho Principe casou, porque entam tomou ho Duque sua casa apartada da del Rei e do Principe, ha qual atte que foi Rei sempre teve mui honrada, e acompanhada da mór parte da nobreza destes Regnos.

## CAPITULO VII

*De quomo se el Rei foi Dalcacer do sal a Monte mór ho novo, onde dom George ho veo ver ha primeira vez, e do que dom Diogo Fernandez Dalmeida, Prior do Crato seu aio dixee a el Rei.*

**D**ÉPOIS del Rei ser jurado pela Rainha, e pelos Prelados, senhores e fidalgos, que se naquelle tempo acharam em Alcacer do sal, e ter ordenado algumas cousas, que compriam ao regimento do Regno, e de sua casa, logo se dali foi pera Monte mór ho novo, onde per suas cartas tinha notificado aos estados do Regno, que se ajuntassem pera fazer cortes, e tomar ha menagem áquelles que tinham obrigaçam de lha fazer, ao qual lugar logo dahi apoucos dias veo dom George em idade de XIII annos, acompanhado dos mais dos fidalgos que em Alvor forão presentes ao falecimento del Rei seu pai, e assi elle, como todos de sua companhia vinhão vestidos de burel, trajo de tristeza, que se naquelle

tempo acostumava nestes Regnos, ho uso do qual se defendeo per expressa lei, que sobre isso fez el Rei dom Emanuel. Ho dia que dom George chegou a Monte mór, posto que fosse com tanta tristeza, quanta se bem pode crer que elle teria, e viesse mais desejoso de nam ser visto, que de ho verem, com tudo hos mais dos Prelados, senhores e fidalgos, que ali estavam ho forão receber, e ho acompanharão atte camara onde ho el Rei estava sperando, de quem foi recebido com tanto amor e humanidade que todos os que ali estavam presentes conheceram bem o sentimento que tinha da morte del Rei dom João, e da dor e tristeza, que por esse respeito via em dom George, ho qual, depois de ter feita sua devida reverencia, logo dom Diogo Fernandez Dalmeida, Prior do Crato, seu aio, tomou pella mão, e assentados ambos em geolhos, diante del Rei. lhe dixе: Senhor, el Rei dom João vosso primo, que Deos tenha em gloria, segundo me dixе morrendo, de huma cousa iha muito contente da vida deste mundo, e doutra muito suspenso, e cheio de tristeza, esta por ir incerto do que seria depois de sua morte deste seu filho, que ante vos esta, quomo vosso humilde vassalo. Ha outra por saber quão bom Rei, e quão bom senhor, e quam divido herdeiro deixava a estes Regnos em vós, e por isso me mandou, muito confiado de vossa virtude, e bondade e bom zello, que de sua parte vos dicesse, que se por todos os bens, honras e merces, que vos em sua vida fez, cuidaveis lhe ser em alguma obrigação, que esta vos rogava, e pedia que podesse resultar no acrecentamento dos mesmos bens, honras, e merces, que houvesseis de fazer a este orpham, e ainda me dixе mais que da sua parte lhe mandasse a elle, per ante vós, que em tudo vos fosse muito obediente, e sobre todas as cousas vos guardasse fé e lealdade, quomo a

seu Rei, e senhor que sois. Polo que eu sam aqui vindo a volo entregar, e tomar ha descarga do que prometi a el Rei vosso primo, e volo dou, e ponho em vossa guarda, pera que de hoje pera diante ho honreis e crieis como filho de quem he, e lhe façaes taes merces com que todos hos de vossos Regnos, e assi hos estrangeiros hajão causa de vos louvar, e nomear por grato, e agradecido aos muitos beneficios, que del Rei seu pai, assi na vida, quomo na morte recebestes. Estas palavras fizeram tanto movimento de tristeza em el Rei, que com hos saluços, que se lhe acrescentarão ás muitas lagrimas, que lançava, nam pode responder ao que lhe dom Diogo dixerá, se não com muito trabalho, e em poucas palavras, dizendolhe, que elle recebia a dom George em lugar de filho e que por tal o tinha, e teria sempre, e que has merces que sperava lhe fazer darião manifesto sinal de ser assi, ho que lhe então dezia, da qual reposta hos Prelados, senhores e fidalgos que ali estavam ficarão mui satisfeitos, e beijaram todos ha mão ha el Rei por isso, e dalli por diante em quanto el Rei nam casou trouxe sempre dom George em sua casa, e dormia com elle na cama, tratando ho em tudo, quomo ha filho.

## CAPITULO VIII

*Do que se fez em Monte mór depois dos estados do Regno serem juntos, e do recado que el Rei mandou aos Reis de Castella, e aos que lá andavão desterrados, e obediencia que mandou ao Papa.*

**D**EPOIS de serem juntos em Monte mór ho novo hos estados, e el Rei ter recebidas has menagens, ordenou que se começasse logo a tratar no que convinha a bem, e governo do Regno, mas porque neste tempo havia quasi por todo elle grande, e mortal pestilença, estas cortes nam procederam com ha solemnidade, que ha taes actos convinha, com tudo se tratou de muitas cousas que ho tempo então requeria, assi quomo em taxas, e outras cousas, de que algumas se executarão. Dalli mandou el Rei Gonçalo Dazevedo do seu conselho, e seu desembargador do paço a el Rei dom Fernando e á Rainha dõna Isabel, Reis de Castella, de Leam, Daram e Sicilia a lhes fazer saber de sua successão nestes Regnos, e pelo mesmo Gonçalo Dazevedo mandou dizer a dom Iames, e a dom Dinis filhos do Duque dom Fernando, que lá andavão desterrados, por caso das desaventuras, que acontecerão em vida del Rei dom Ioão, que livremente se podiam tornar pera ho Regno, e o mesmo mandou dizer a dom Alvaro Dataide, e a outros que andavão fora do Regno por este respeito, ho qual recado mandou tambem a dom Alvaro irmão do mesmo Duque dom Fernando, que posto neste tempo andasse em Castella não era por esta causa, quomo se na terceira parte desta Chronica dirá. Antes que el Rei partisse de Monte mór, quomo bom e catholico Christão man-

dou ha Roma Fracisco Fernandez, que fora seu mestre, homem que per suas letras e prudencia foi depois Bispo de Fêz, ho qual levou procuração bastante del Rei pera ho Cardeal de Portugal dom George da Costa, Arcebispo de Lisboa, homem de grande auctoridade dar em seu nome obediencia ao Papa Alexandre sexto, que então soccedera na Sé Apostolica, ho que fez, e ho Papa lho mandou muito agradecer, gratificandolhe per suas cartas ha boa e devida successam destes Regnos, na qual sperava, que fizesse muitos serviços a Deos, e á sua Sancta Igreja Catholica, em lembrança e conhecimento do grande e assinado beneficio, que delle por sua divina bondade recebera.

## CAPITULO IX

*De quomo el Rei confirmou has merces, que el Rei dom Ioão fez a hora de sua morte, e doutras particularidades acerca da justiça, e officiaes della.*

**E**L REI dom Ioão, antes que regnasse, foi sempre bem fortunado, e todalas cousas lhe succederão favoraveis, mas depois que regnou teve muitos trabalhos, porque ho mais do tempo que depois viveo lhe cursaram os negocios mal, ao que era forçado acodir, nam por de sua condição ser cruel, se não por se livrar dos perigos e males que se lhe poderam seguir, se quomo cavalleiro nam resistira a taes inconvenientes, causadores de todos estes trabalhos, dos quaes nem na hora da morte pode carecer, não cessando ho spirito tentador, imigo do nosso bem, de instiguar alguns dos que se apar delle

naquelle horribel acto de morrer acharão, pera com requerimentos mundanos o inquietarem, com tanta efficacia, que alli na cama, sem nenhuma consideração do que então compria a sua alma, que era cuidar nas cousas de Deos, lhe pedirão algumas merces, has cartas das quaes assinou, tendo na mão ezquerda ha candea, e na outra ha pena com que assinava, dando lhes por força, aquillo que elles sabião, que já por razam nam era seu, com tudo el Rei dom Emanuel confirmou todas estas merces, e comprio tudo do mesmo modo que ho elle ordenara, cousa de que foi muito louvado e se lhe teve de todos muito a bem. E quomo el Rei dom Emanuel sempre foi em todos seus negocios vigilante, e tinha por officio perder pouco do tempo, logo alli em Monte mór notificou as confirmações e mandou á todolos que tivessem privilegios, liberdades, e cartas de merces, e outras, has viessem ou mandassem confirmar, pera ho que elegeo hos principaes letrados do Regno, por cujo parecer confirmava, derogava ou limitava, segundo ha qualidade das cousas requeria. Nem menos esqueceo de prover logo na ordem da justiça, e se informar e inquirir dos officiaes della, e hos que achou culpados mandou castigar, segundo a qualidade dos erros em que eram comprehendidos. E porque na casa do civil houvesse melhor expediente no despacho da justiça, ordenou nella mais sobre juizes, dos que dantes havia, e assi aos desembargadores desta casa, quomo aos da casa da Suplicação acrescentou nos ordenados, porque hos que dantes tinham não são sufficientes pera se delles poderem manter, e sobre tudo isto cheo e inflamado de zello de justiça, no mesmo tempo mandou per todo ho Regno corregedores com alçada atte morte, e pera que hos desembargadores despachassem has partes com mór

brevidade lhes concedeo denovo, assi ha elles, quomo aos corregedores das comarcas assinaturas, has quaes el Rei dom Ioão seu filho depois tirou per justos respeitos. Alem destas ccusas ordenou tambem outras, tão necessarias pera a ordem do regimento do Regno, quomo de sua casa e fazenda, has quaes tenho por excusadas relatar aqui, quomo por mais importantes ao tempo e ordem que se então requeria nellas, que ao discurso desta sua Chronica.

## CAPITULO X

*De quomo el Rei libertou hos Iudeus que ficaram captivos do tempo del Rei dom Ioão.*

**E**L REI dom Fernando e ha Rainha dõna Isabel sua molher per respeitos que acharão serem justos, no anno do Senhor de M.CCCC.LXXXII lançarão de seus Regnos todos los Iudeos, que nelles havia, dos quaes alguns alumeados do Spirito Sancto e outros por não desbaratarem hos bens que tinham de raiz, fazendo delles maos partidos e vendas, se converterão á nossa Fe, e ho mesmo fezerão outros, ainda que pobres, por não deixarem sua natural criação, hos outros a que ho Spirito nam tocou, nem hos bens, nem ho amor da patria constrangeo, deixarão todos suas moradas, e quomo gente sem pastor, nem abrigo sespalpou per diversas partes do mundo. Dos quaes alguns antes que saissem de Castella mandarão pedir licença a el Rei dom Ioão pera se virem a Portugal, e lhes mandar dar embarcação pera suas pessoas e bens, ho que lhes elle concedeo, com lhe pagarem por cabeça (excepto has crianças de mama)



oito cruzados, pagos em quatro pagas, e hos que são ferreiros, latoeiros, malheiros e armeiros pagão ametade menos, querendo ficar no Regno, e assi a estes, se declaravão que se querião ir, quomo aos outros assinou el Rei dom João tempo limitado em que podessem estar no Regno e não saindo no tal termo, ficassem por seus captivos. Destes Iudeos houve el Rei huma grande soma de dinheiro, porque segundo se affirma entrarão nestes Regnos mais de vinte mil casaes, em que havia alguns de dez e doze pessoas, e outros de mais, com ho qual dinheiro tinha determinado fazer huma armada pera passar em Africa, ho que lhe ho tempo, e mao successo delle nam deixou fazer, e porque el Rei era obrigado a lhes dar pelo contratto, que com elles fez, embarcação nos portos de seus Regnos, que pera isso se nomearão, mandou aos officiaes dos taes lugares, que hos aviassem, e encomendassem muito de sua parte aquelles, em cujas naos hião, que lhes fizessem boa companhia, e mantivessem seus contrattos, e cartas de fretamentos, do modo que se com elles avinhão, mas isto se não guardou quomo devia, e ho el Rei mandava, porque hos capitães, e mestres destas naos por delles tirarem mais dinheiro, e móres fretes do que por suas avenças são obrigados, alem do mao trato que lhes davão, lhes fazião as derrotas de sua viagem mais longas, polos assi avexarem, e lhes venderem has viandas, agoa e vinho ao preço que lhes bem parecia, com lhes fazerem outras afrontas em suas pessoas, e deshonnas a suas molheres e filhas, mais á lei de prejuros e maos homens, que de Christãos, cujo officio deve ser mui differente de semelhantes tratos e enganos. Desta gente muita parte, ou per pobreza, ou per mao aviamento se não pode embarcar, nem sair do Regno no tempo que lhes

per seu contrato cabia estar na terra. Pela qual razão ficarão citamente obrigados a captiveiro, e quomo descravos fez el Rei dom Ioão merce delles, a quem lhos pedia, respeitando com tudo á calidade de suas pessoas, e daquelles a quem hos dava. Este negocio todo aconteceo pouco antes que el Rei falecesse, nem he de crer que se vivera algum tempo mais, que não dera liberdade e licença a esta gente, pera se ir fora do Regno, assi quomo fez aos outros de sua companhia. Mas el Rei dom Emanuel, que em humanidade, e liberalidade, clemencia e virtude a ninhum Rei Christão foi inferior, tanto que regnou libertou logo estes Iudeus captivos, e lhes deu poder pera de suas pessoas disporem ás suas vontades, sem delles nem das communas dos Iudeos naturaes do Regno, querer acceptar hum grande serviço, que lhe por esta tão assinalada merce quizerão fazer, ho fructo do qual beneficio logo dahi ha poucos dias recebeo, porque hos mais delles se converterão á Fê de Nosso Senhor Jesu Christo, quando elle fez tornar hos Iudeus destes Regnos Christãos, quomo se em seu lugar dirá.

## CAPITULO XI

*De quomo el Rei entendeu em prover hos lugares de Africa, e deu hos dizimos dos tributos, e pareas dos mesmos lugares ás Igrejás, e da embaixada que lhe veo de Castella, e a que.*

**H**UMA das cousas que el Rei dom Emanuel mais teve nos olhos, e de que se mais honrou e prezou em todo ho tempo de seu regnado, foi a conquista Dafrica, do que em quanto viveo sempre deu manifestos sinaes, quomo se no discurso desta sua Chronica verá, do que zeloso logo neste anno de M.CCCC XCV em que começou a regnar, proveo em muita abastança todos los lugares dalem, assi de mantimentos, quomo de gente de pé, de cavallo, artelbaria e outras munições, acrecentando hos ordenados, soldos. e mantimentos, aos capitães, adais, e outros officiaes, e assi aos moradores, e outra gente de guerra, e não se tendo por satisfeito disto, quomo catholico Christão, e amigo do culto divino, pera que se naquellas partes podesse com mór authoridade celebrar, alem das rendas que ja tinhão hos Sacerdotes, de que se podião manter honestamente, ordenou que todos los tributos e pareas que pagassem hos mouros, se desse ho dizimo á Igreja, ho que se dantes não acostumava fazer. Estando ainda el Rei em Monte mór ho mandarão visitar os Reis dom Fernando, e dõna Isabel sua molher, per dom Affonso da Sylva, pessoa principal de sua corte, e per elle além das gratificações, ordinarias e acostumbradas entre hos Reis nos principios de seus regnados, lhe mandarão commetter casamento com ha Infante dõna Maria sua filha, do que se el Rei excusou per boas

palavras, não por ha tal aliança lhe não vir muito ha proposito, mas porque sua tenção era casar com ha Princesa dõna Isabel, molher que fora do Principe dom Affonso. Hos quaes casamentos ambos houverão depois effecto, porque el Rei casou com ha Princesa dõna Isabel, e depois de viubar della, casou com ha mesma Infanta dõna Maria sua irmã, quomo se ao diante dirá. Pelo mesmo embaixador dom Affonso da Sylva mandarão pedir a el Rei que lhe aprouvesse restituir com brevidade, aos filhos do Duque dom Fernando de Bragança, hos bens que seu pai tivera nestes Regnos, e assi a dom Alvaro seu irmão, ho que el Rei facilmente outorgou, por ho ter já ordenado, quomo atras fica dito.

## CAPITULO XII

*De huma victoria que dom João de Menezes, sendo capitão Darzilla, houve dos mouros.*

**D**OM João de Menezes, senhor de Cantanhede, teve tres filhos, dos quaes hum foi dom Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede, e ho segundo dom Rodrigo de Menezes, e ho terceiro dom João de Menezes. Este dom João de Menezes filho mais moço, foi hum dos estimados fidalgos nestes regnos, e nos de Castella, de quantos em seu tempo viverão, porque em armas, e prudencia facilmente iguava, ou passava qualquer outra pessoa em que estas duas nobres artes se podessem achar, e por ser tão calificado, el Rei dom João segundo do nome se servio delle em negocios de muita calidade, e pela valia e authoridade de sua pessoa, el Rei dom Emanuel

ho fez governador da casa do Principe dom João seu filho, que depois foi Rei destes Regnos, terceiro do nome, e lhe deu ho officio de seu camareiro mór. E ha este valeroso capitão deu Deos huma assinalada victoria contra hos mouros, e foi assi. Tendo el Rei dom João feitas treguas com el Rei de Fez, Molei Barraxa, grão senhor entre hos mouros, e Almandarim alcaide de Tetuão, que não obedecião a el Rei de Fez, nem erão desta liga, vierão correr ao campo Darzilla, sendo então no Regno dom Vasco Coutinho, Conde de Borba, governador e capitão desta villa, emprazado por capitulos, que delle derão a el Rei dom João, e deixara em seu lgar dom Rodrigo Coutinho seu sobrinho, filho de dom Alvaro Coutinho, que morreo no combate de Baltanas em Castella, quomo tenho dito na Chronica do Principe dom João, ho qual dom Rodrigo sahio a pelejar com esta companhia de mouros, que era grossa, e de boa gente de guerra, onde foi desbaratado e morto com dezasete fidalgos. Sabidas estas novas, ordenou el Rei dom João de mandar dom João de Meneses por capitão, e governador Darzilla, ao qual depois do falecimento del Rei dom João hos mouros de pazes de huma aldeia, que se chama Benarmarez, não querião pagar certas pareas, que per obrigação de seus contrattos devião cadanno, do que dom João de Meneses anojado determinou de fazer nelles represaria, e lhes dar ho castigo que merecião, sobelo que screveo ao almirante Lopo Vaz Dazevedo, Craveiro da Ordem de Avis, que então era capitão de Tanger, pera que ha hum certo dia e lugar lhe mandasse pera esta execução alguma gente de cavallo. Isto assi arsentado dom João se veo ajuntar com Pero Leitão, adail de Tanger, que Lopo Vaz mandara com cinquenta de cavallo no lugar limitado, hos quaes depois de juntos,

caminhando a fio forão amanhecer sobela aldea, no qual tempo Molci Barraxa, e Almandarim, e com elles Cide Muça e Cide Acob, sobrinhos da Barraxa, erão entrados pela terra com duas mil lanças, e oitocentos homens de pé, pera darem nas aldeas, que tinham pazes com nosco, ho que sabendo dom João, mandou alguns mouros de pazes, que levava consigo, que fossem tomar lingoa, ho que fezerão, e lhe trouxerão tres dos inimigos, dos quaes soube ha verdade do que queria. E posto que fosse contra parecer dalguns assentou de ir buscar esta companhia com cento e cinquenta lanças suas, e com has cinquenta de Tanger, com que logo abalou contrelles, e tanto que hos descobrio fez tres azes, ha huma foi ha Pero Leitão adail de Tanger com suas cinquenta lanças, e outra de trinta de cavallo, que deu ha seu sobrinho dom João de Meneses, filho de dom Pedro de Meneses Conde de Cantanhede, e elle ficou com ha outra gente, na qual ordem foi cometer hos Alcaides, que confiados da muita gente que tinham em comparação da nossa e lembrados da victoria, que houverão pouco antes de dom Rodrigo Coutinho, sem medo, e com pouca ordem se vierão chegando em tres batalhas pera hos nossos, e feitos depois em huma só, hos primeiros que encontrarão forão hos de Tanger, que com ho peso da muita gente de cavallo, que sobrelles deu, começarão á floxar, em cuja ajuda logo veo dom João de Meneses ho moço, dando pelo costado dos mouros. Hos de Tanger, que lhestavão de rosto apertarão então com elles, e andando já bem travados lhes acudio dom João de Meneses cortando com ha bandeira Real per meo dos mouros, que nam podendo soste ho impeto dos nossos se poseram em desbarato, no qual morreram na batalha, e no alcance que durou per espaço de duas leguas, ccccxviii de

cavallo, afora hos de pe, sem dos nossos morrer nenhum. Captivarão xxviii e houverão hum rico despojo, em que entrarão lxxxv cavallos de preço, e todas as bandeiras dos Alcaides. Isto feito dom João de Meneses fez volta sobela aldea, e recebeu dos moradores has pareas que devião, e dahi se veo a Arzilla, e ho adail Pero Leitão se foi pera Tanger com toda sua gente, e parte do despojo, que lhe coube. Esta victoria deu Deos aos nossos no mesmo dia em que el Rei dom Emanuel ordenou em Monte mór ho novo que de todas as pareas, e tributos que hos mouros Dafrica pagassem, se desse ho dizimo á Igreja, ha qual nova lhe foi dada no mes de Dezembro de M.ccccxcv estando ainda na mesma villa de Monte mór, e com ella lhe mandou dom João de Menezes as bandeiras, que tomara dos Alcaides, has quaes el Rei deu á Sê da cidade de Lisboa, pera ahi estarem por lembrança desta tam honrada victoria.

### CAPITULO XIII

*Da vinda dos filhos do Duque de Bragança ao Regno, e da grande liberalidade que el Rei com elles usou.*

**D**ESPEDIDO dom Affonso da Sylva com ha resposta de sua Embaixada, e acabados outros negocios ha que el Rei quiz dar fim, antes de partir de Monte mór, na entrada da Quaresma do anno de M.ccccxcvj se foi a Setuval onde ho estava sperando ha Rainha dõna Leanor, e ha Duqueza de Bragança dõna Isabel suas irmãs, e a Infante dõna Beatriz sua mãi pera tratarem negocios que com elle tinham, e alli tiverão todos Pascoa da Resurreiçãõ. Neste tempo tinha já el Rei mandado

chamar dom Iaimés e dom Dinis filhos do Duque de Bragança, e outras pessoas, que andavam fora destes Regnos, quomo atrás fica dito, hos quaes chegarão a Setuval depois de Pascoa, e com elles dom Alvaro seu tio e dom Sancho filho mais velho de dom Affonso, Conde de Farão, ho qual Conde era irmão do mesmo Duque, e de dom Alvaro. A este dom Sancho mudou el Rei ho titulo de Conde de Farão, em Conde do Demira, quomo ho fora ho Conde dom Sancho seu avo. Forão todos estes señores bem recebidos del Rei. Ho qual dahi ha poucos dias havendo respeito ha quão conjuntos lhe erão em sangue, e parentesco hos filhos do Duque, e quão inocentes dos erros e culpas, que dizião que tivera seu pai, os restituiu em suas honras, e a dom Iaimés fez merce de todolos bens que el Rei dom Ioão mandara confiscar da casa de Bragança, alem do que lhe prometeo de ho restituir nos que lhe el Rei dom Ioão tomara, e dera a diversas pessoas, a quem satisfaria ho valor querendolhos elles soltar, e nam ho fazendo lhe daria ha elle mesmo rendas, e tenças que valessem outro tanto, sendo hos taes bens dados per el Rei dom Ioão de juro, mas que sendo dados em vida lhos tornaria ha dar per falecimento daquelles que hos possuião, sem mais outra nenhuma satisfação. E porque ha merce que el Rei fez a dom Iaimés, filho mais velho do Duque dom Fernando de Bragança, não foi de calidade pera se passar por ella com descuido, he bem que se diga, que foi huma das mores que Emperador, nem Rei, nem outro senhor nunca fez de terras patrimoniaes possuidas pacificamente, porque nas adquiridas de novo, ou que sesperam dacquerir tem obrigações de partirem liberalmente com aquelles que lhas ajudarão a ganhar; mas em estado tão pacifico, quomo ho em que el Rei dom Emanuel co-



meçou de regnar, e regnava, taes e tamanhas merces não se acha que se fizessem, nem a mi me alembra que ho visse, em nenhum dos authores historicos, que tenho lido, porque ha casa de Bragança quando hos filhos do Duque dom Fernando chegaram ha Setuval, não tinha nestes Regnos cousa que lhe não fosse tomada perá Coroa, ou possuida per pessoas a que el Rei dom João dellas fezera merce, e logo dahi ha poucos dias, per merces feitas ao Duque dom Iaimes pera elle, e seus descendentes da maneira, que forão dadas ao Conde dom Nuno Alvarez, e ao Duque dom Affonso, filho natural del Rei dom João primeiro deste nome, ella ficou senhora de mais de cinquenta villas, castellos, fortalezas, e lugares rasos, afora outras heranças, quintas, e casaes, entre hos quaes lugares, e fortalezas entrão ha cidade de Bragança, Guimarães, Barcelos, Chaves, Villaviçosa, Ourem, Borba, e outras villas cerquadas, e castellos, que tenho por excusado nomear, por estarem declaradas em suas doações, ha grandeza da qual merce fez fazer a muitos varios juizos, dizendo cada hum aquillo a que seu parecer, e affeição ho mais inclinava, has quaes praticas se tratarão então per muitos dias na corte, e por todo ho Regno, mas ho tempo que tudo apaga e faz vir per seus discursos em custume aprovado has cousas que dantes nam eram em uso, fez depois parecer bem tudo ho que el Rei nesta parte fezera, e lhe foi attreuido a liberalidade, e clemencia, ho restituir dos bens aos desterrados, e perdoar hos erros áquelles que nelles encorreram. Pelo que em todo ho tempo de seu regnado foi bemquisto, e viveo pacifico, e has mais das cousas, que intentou, assi nestes Regnos, quomo nos estranhos, em terra de Christãos, e de infieis lhe succederão atte ho tempo de seu falecimento, com muita prosperidade, louvor,

e honra sua, bem, e acrecentamento de seu estado, e proveito de todos seus vassallos, e sujeitos. E pera que se saiba ho grande amor que el Rei tinha aos filhos do Duque dom Fernando, e a dom Alvaro, e desejo de hos ver no Regno, e quanto a cargo tinha ha honra e fama del Rei dom Ioão seu primo, me pareceo cousa conveniente ajuntar a este Capitulo huma carta que mandou ao mesmo dom Alvaro scripta de sua propria mão, em que diz assi: Honrado primo, vi ha carta que mescrevestes, perque me fazeis saber da vinda do Duque meu sobrinho, e vossa folguei por ser tão cedo, e pareceme bem ser logo sem mais detença nenhuma, e vossa vinda seja a Elvas, e a Estremoz, e dali ao Vimieiro, e a Monte mór, e aqui sem sesperar mais recado. Dizemme que alguns criados do Duque vosso irmão fallão em el Rei meu senhor, que Deos haja, quomo não devem, encomendovos que sejam todos bem avisados, per vos, e meu sobrinho, porque me pesara muito disso, e certo se alguns ho fizerem receberião de mi grão castigo, porque assi he razão. Haja meu sobrinho esta carta tambem por sua por ser mais em breve esse despachado de minha mão, em Setuval a xxvj dias Dabril, El Rei.

## CAPITULO XIV

*De quomo el Rei fez Conde de Portalegre Diogo da Sylva de Meneses seu aio, e do que se nisso passou.*

**E**L REI dom Emanuel foi sempre mui agradecido dos serviços, que lhe fazião, pelo que havendo respeito á grande obrigação em que era ha Diogo da Sylva de Meneses, seu aio, que ho criara, e doutrinara, com muito cuidado, e amor, lhe deu em sendo Duque per licença, e consentimento del Rei dom João ha villa de Celorico da Beira, com rendas, senhorio, jurdição, e depois de ser Rei, posto que mudasse ha dignidade, nem por isso mudou ha vontade que tinha de lhe fazer merce, mas antes ha acrecentou, mostrando por obra ho que sempre desejara, e pera poer em affecto ha boa vontade que tinha de satisfazer aos merecimentos de quem ho tambem servira, estando ainda em Setuval, ho fez Conde de Portalegre, com rendas, jurdição, e castello, mas esta doação não houve effecto em tudo, porque ao tomar da posse se opposerão hos principaes da villa, do que se tirarão estromentos em que com razões mui sufficientes mostravão, que huma tal Villa quomo aquella não era bem que se apartasse da Coroa, nem se desse a pessoa, que filho de Rei não fosse, do que el Rei foi mui indignado, e procedeo contra elles, castigandoos mui rigorosamente com penas, degredos, e emprazamentos. Com tudo vendo que não querião desistir de sua leal opinião, e que ho que fazião era por seu serviço, e utilidade do patrimonio da Coroa, mudou ha sustancia da merce, reservando pera sim

ha jurdição e senhorio da villa, e a dom Diego da Sylva deu ho castello della de juro, com só titulo de Conde, sem outro nenhum poder, pera elle, e todos seus descendentes, e pelo em que esta doação não houve effecto satisfez el Rei ho Conde com outras merces.

## CAPITULO XV

*De quomo el Rei mandou a Roma Pero Correa sobre negocios que tinha com ho Papa, e pera acompanhar ho Cardeal de Portugal dom George da Costa, atte estes Regnos.*

**N**A Chronica do Principe dom Ioão, filho del Rei dom Affonso quinto no capitulo xvij falam dona Infante dõna Catherina, filha del Rei dom Duarte, irmã del Rei dom Affonso, fiz menção de dom George da Costa Cardeal de Portugal, homem que posto que nascesse de gente mui baixa, popular e pobre, depois de ser capellão e mestre desta senhora veo por seu saber, e industria a ser Cardeal, e teve tanta authoridade em Roma, e nestes Regnos, assi no consistorio dos Papas, quomo no conselho del Rei dom Affonso, que quando se nelles achava, era huma das pessoas de cujo voto se fazia mais conta, porque ha muita prudencia e experiencia, que nelle havia dos negocios daquelle tempo, e discurso das cousas passadas, lhe fazião pela mór parte dar ho melhor parecer, do que se com elle sobrellas consultava. Mas posto que nelle houvesse estas partes, e outras muitas dignas de louvor, el Rei dom Ioão

sendo Principe, e depois de ser Rei, lhe teve sempre odio, por alguns respeitos particulares, e nunca dellas, nem de seu serviço e amizade fez cabedal. Com tudo el Rei dom Emanuel conhecendo ha prudencia, que nelle avia, quomo regnou logo, per suas cartas, e mensageiros fez tanto com elle que lhe prometeo de se vir pera ho Regno: Pelo que ordenou de mandar a Roma Pero Correa, fidalgo de sua casa, pera ho acompanhar neste caminho, e negociar per via do mesmo Cardeal algumas cousas com ho Papa. Mas depois de Pero Correa ser em Roma achou ho Cardeal mudado de proposito, dando por escusa sua idade, e má desposição, e sobretudo nam lhe querer ho Papa dar pera isso licença, e ho querer ter aparte sim, pela necessidade que tinha de seu conselho, e ajuda nas cousas que lhe compriam, pelo que encomendandolhe Pero Correa hos negocios que levava, se tornou pera o Regno, hos quaes todos ho Cardeal despachou com ho Papa, e has Bullas e expedição delles mandou depois a el Rei quomo se ao diante dirá.

## CAPITULO XVI

*De quomo el Rei acrecentou has rações dos lugares Dafrica, e de huma embaixada que lhe veo de Veneza, e sobre que.*

**H**AVENDO el Rei respeito a quanto serviço se faz a Deos na guerra Dafrica, com se sustentarem os lugares, que nella tinham ganhados hos Reis seus antecessores, estando ainda em Setuval ordenou pera mór segurança, que houvesse nelles mais gente de guarnição, e assi estes, como aos moradores, e capitães, acrecentou hos soldos, rações, e mantimentos, e logo dalli a peucos dias com rebates de pestilença se foi a Palmela, e de Palmela a Villa Franca de Xira, onde esteve atte fim do verão, e no mez de Septembro se foi a Torres Vedras, onde veo ter hum embaixador de Veneza, que ho visitou d parte da Senhoria. A este embaixador armou el Rei cavalleiro de sua mão, e lhe fez muitas merces, com que se tornou mui contente pera Veneza, onde no Senado dixeu muitos louvores de sua pessoa, e relatou ho grande amor, e afeição que nelle achara per todas cousas que a sua republica comprissem o que confirmou, e renovou nos corações de tedolos daquella cidade ha antigua amizade, que entre elles, e ha nação Portugueza antiguamente sempre houve.

## CAPITULO XVII

*De quomo el Rei alcançou do Papa que hos Commendadores da Ordem de Christus, e de Avis podessem casar, e do saimento que mandou fazer em Torres Vedras por el Rei dom Ião, e de quomo fez ho primeiro Conde Dalcoutim.*

**A**NTIGAMENTE nestes regnos hos Commendadores das Ordens de Christus, e de Avis não podião casar, e com este voto entravão nestas religiões, ho que então parecia ser necessario, pera que hos trabalhos do casamento, e obrigações delle, hos não estorvassem a fazerem guerra aos Mouros que naquelle tempo em que se estas Ordens de Cavalleria fundarão, tinhão occupada ha mór parte de Hespanha, ha qual livre deste açoute, e castigo que lhe Deos deu, por muito spaço de tempo, pareceo aos Reis de Portugal, que pois ja seus regnos erão livres deste trabalho, e per armas tinhão lançado fora delles esta gente, que não era necessario, mas antes prejudicial estarem tantos homens nobres, quantos occupavão estas duas Ordens da Cavalleria, sem casar, e que ho devião ser, pera que delles procedesse geração lidima, de lidimo matrimonio, que a faee descuberta, sem labeo de bastardia ficasse em igual grao com ha outra ligitima nobreza do regno, pera juntamente fazerem todos guerra aos Mouros em suas proprias terras, e casas, quomo agora fazem, pelo que supplicarão sobre este negocio muitas vezes hos Reis passados aos Pontifices Romanos, sem delles poderem haver ha expedição, ho que el Rei dom Emanuel tanto que regnou determinou acabar, e com

ha obidiencia, que mandou ao Papa Alexandre vj, de que atras fica dito, screveo ao Cardeal dom George da Costa, e ho mesmo fez per Pero Correa, encomendando-lhe muito que trabalhasse por lhe ho Papa conceder tão honesta petição, e ho mesmo pedio ao Papa per suas cartas, sobelo que ho Cardeal, que em tudo desejava servir el Rei, fez tanto, que lhe alcançou ho que pedia, ha qual graça não concedeo aos que já erão Commendadores, se não aos que dali por diante ho fossem. E por ser ja cumprido ho anno do falecimento del Rei dom Ioão, lhe mandou el Rei dom Emanuel, estando ainda em Torres Vedras, fazer hum solemne saimento, ha que forão presentes hos mais dos Prelados, e senhores do regno, e dalli se foi a Alamquer, e Dalamquer a Muja, onde novamente fez Conde Dalcoutim dom Fernando de Meneses, filho de dom Pedro de Meneses, primeiro Marques de villa Real, e lhe concedeo, e fez graça, e merce, que dali por diante hos filhos mais velhos ligitimos dos Marqueses de villa Real se chamassem Condes Dalcoutim.



## CAPITULO XVIII

*De quomo el Rei mandou lançar hos Mourôs, e Iudeus fora de seus Regnos, e senhorios.*

**D**EPOIS que hos Reis de Castella lançarão hos Iudeus fora de seus regnos, e senhorios, quomo atras fica dito, el Rei dom Emanuel requerido per cartas dos mesmos Reis determinou de fazer ho mesmo, mas quomo ho negocio fosse de qualidade pera se delle não tomar resolução, sem bom conselho, houve sobrisso varios pareceres, porque huns dizião que pois ho Papa consentia esta gente em todas as terras da Igreja, permittindolhes viverem em sua lei, e que ho mesmo fazião todos os Principes, e republicas de Italia e Hungria, Bohemia, e Polonia, ho que se podia cuidar, que não fazião sem causa, a cuja imitação em toda Alemanha e outros regnos, e provincias de Christãos hos deixavão tambem viver, que causa haveria pera os lançarem do regno, que não repugnasse com ha razão questoutras nações tinham pera ho consentirem, e que alem disto polos lançarem da terra, nem por isso lhes davam azo de nas alheas se tornarem Christãos, mas antes se se fossem pera ha dos mouros, se perdia de todo ha esperança de nenhum se converter, ho que muitos delles vivendo entre nos, movidos de nossa religião, e do bom uso della se podia sperar que fizessem, e que havia ainda nisto outros inconvenientes, porque alem dos serviços, e tributos que el Rei perdia, ficava obrigado a satisfazer ás pessoas a que elle e hos Reis passados delles fezerão merce, e que não tão sómente levavão consigo da terra muitos haveres e riquezas, mas ainda ho que era mais

de estimar, levavão sotis e dilicados spiritos com que saberião dar aos mouros avisos, que lhes necessarios fossem contra nós, e sobretudo lhes insinarião seus officios mecanicos, em que erão muitos destros, principalmente no fazer das armas, do que se poderia seguir muito dâno, trabalhos, e perdas, assi de gente, como de bens a toda ha Christandade. Este foi ho parecer, e opinião dalguns do conselho, a que outros repugnaram dizendo, que bem era verdade ho que dizião, mas que os Reis de França, Inglaterra, Escocia, Dinamarca, Noroega, e Suecia, com muitas outras provincias vizinhas a estas, e todo ho Estado de Flandres, e Borgonha não lançarão os Iudeus dentre sim muitos annos havia sem pera ho fazerem terem boas causas, e de receber, e que o mesmo se devia cuidar dos Reis de Castella, o que abastaria pera averem de lançar esta nação fora do regno, quanto mais que não parecia bom conselho estando estes regnos cercados dos de Castella, e hos de Castella dos de França, permittirem se nelle Iudeus, sendo lançados das terras de taes vizinhos e tão poderosos, hos quaes poderião tomar a mal parecemos, que tinhamos melhor conselho em deixar viver esta gente entre nos, do que elles tiverão em hos lançarem de sim, ho qual desgosto por ventura terião secreto, pera quando vissem tempo oportuno abrirem has azas á tyrannia, e debaixo de cor de catholicos, e christianissimos nos fazerem o mal, e dâno que podessem, e que sobre tudo, ho bom conselho era perder ha saudade a todolos proveitos, e tributos que se desta gente tiravão, e por o intento em só Deos, e na sua Sancta Fe, porque elle dobraria com suas merces o que se nisto perdesse, e que pois este negocio per sua vontade viera a se por em determinação de conselho, que ha resoluta conclusão delle fos-

se lançarem logo do regno aquelles que não quizessem receber ha agoa do baptismo, e crer ho que crê ha Egreja Catholica Christãa. Na qual opinião, e parecer foi el Rei, sem ter conta com ho que se nisso perdia, nem com has satsfactions, que ficava obrigado fazer, quomo depois por inteiro fez. E logo se assinou tempo certo para ha notificação deste negocio, ho qual foi declarado, e publicado, estando el Rei ainda em Muja, no mes de Dezembro de M.CCCCXCVj, em huma pregação que se sobre isso fez, e nam tão sómente se assentou no conselho que hos Iudeus se fossem do regno, com suas molheres, e filhos e bens, mas tambem hos mouros pelo mesmo modo, pera ho que lhes el Rei limitou logo a todos tempo certo, e nomeou portos seus de seus regnos pera suas embarcações.

## CAPITULO XIX

*Da embaixada que hos Reis de Castella mandaram a el Rei sobre alianças.*

**E**STANDO el Rei em Estremoz chegou ahi dom Afonso da Sylva, de quem atras fiz menção, ho qual hos Reis dom Fernando, e ha Rainha dõna Isabel, lhe mandavam com embaixada. E entre outras cousas que de sua parte requireo, e apontou, ha principal foi sobre alianças, confederação de amigos damigos, e imigos de imigos, ao que hos então moveo ha differença, que tinham com el Rei Charies de França, oitavo do nome, sobelo regno de Napoles, per cujo respeito havia entrelles crua e brava guerra, a qual resultou em elles ganharem ho dicto regno,

per industria, e prudencia do gram capitão Gonçalo Fernandez Daguiar, e lançarem delle hos Franceses, que ho já têm quasi todo occupado, qnomo se mui largamente contem nas Chronicas dos mesmos Reis de França, e Castella, principalmente na que fez Philippe de Cõmines, senhor Dargentom, em lingua Francesa, das quaes alianças se el Rei excusou, prometendo com tudo que se el Rei de França lhes viesse fazer guerra dentro dos regnos de Castella, que em tal caso ho ajudaria, sem embargo da paz, e amizade que então com ho dicto Rei de França tinha, no que el Rei satisfez com razão ao muito devido, e parentesco que entrelles havia, porque el Rei dom Fernando era filho del Rei dom João Daragão, irmão da Rainha dõna Leonor molher del Rei dom Duarte de Portugal, avo del Rei dom Emanuel, e ha Rainha dõna Isabel era prima com irmam õel Rei dom Emanuel, filhos ambos de duas irmãs, convem a saber, elle da Infante dõna Beatriz, molher do Infante dom Fernando, e ella filha da Infante dõna Isabel molher del Rei dom João de Castella, segundo do nome, as quaes senhoras Infantes, dõna Isabel, e dõna Beatriz, erão ambas filhas do Infante dom João, filho del Rei dom João de Portugal da boa memoria, primeiro do nome. Dos quaes parentescos quis poer esta lembrança, porque has cousas desta calidade, não sendo bem especificadas pellos scriptores, fazem depois muitos enleos, de que recrecem mores erros, nas progenias dos Reis, e Principes, no declarar das quaes hos Chronistas devem ser mui vigilantes, e has devem pintar de tão boas cores e tão vivas, que por nenhum modo ho tempo has possa cegar, nem trazer em duvida.

## CAPITULO XX

*De quomo el Rei mandou tomar hos filhos aos Iudeus que se hião fora do Regno, e porque causa não fez ho mesmo aos mouros.*

**M**UITOS dos Iudeus naturaes do Regno, e dos que entrarão de Castella tomarão ha agoa do baptismo, e hos que se nam quizerão converter começarão logo a negociar has cousas que lhes convinhão pera sua embarcação, no qual tempo el Rei por causas que ho a isso moverão ordenou, que em hum dia certo lhes tomassem a estes hos filhos, e filhas de idade de xiiij annos pera baixo, e se distribuissem pellas villas, e lugares do Regno, onde á sua propria custa mandavam que hos criassem, e doctrinassem na Fé de Nosso Salvador Jesu Christo, e isto concluiu el Rei com seu conselho estando em Estremoz, e dali se veo a Evora no começo da Quaresma do anno de M.ccccxcvij onde declarou, que ho dia assinado fosse dia de Pascoela, e porque nos do conselho não houve tanto segredo, que se não soubesse ho que acerca disto estava ordenado, e ho dia em que havia de ser, foi necessario mandar el Rei, que esta execução se fizesse logo per todo ho Regno, antes que per modos, e meos que estes Iudeus poderiam ter, mandassem escondidamente hos filhos fora delle, a qual obra não tão sómente foi de grão terror, mesturado com muitas lagrimas, dor, e tristeza aos Iudeus, mas ainda de muito espanto, e admiração aos Christãos, porque ninhum criatura pôde padecer, nem sofrer apartar desim forçadamente seus filhos, e nos alheos por natural communição sente quasi o mesmo principalmente has racionaes, porque

com estas communicou natureza hos effectos de sua lei mais liberalmente do que ho fez com has brutas irracionaes, a qual lei forçou muitos Christãos velhos moveremse tanto a piedade, e misericordia dos bra-midos, choros e plantos, que fazião hos paes, e mãis a quem forçadamente tomavão hos filhos, que elles mesmos hos escondião em suas casas por lhos não virem arrebatat dentrasmãos, e lhos salvavão, com saberem que nisso fazião contra ha lei, e prematica de seu Rei, e senhor, e aos mesmo Iudeus fez usar tanta crueza esta mesma lei natural que muitos delles matarão hos filhos, afogandohos e lançandohos em poços, e rios, e per outros modos, querendo antes vellos acabar desta maneira, que não apartallos de sim, sem sperança de hos nunca mais verem, e pella mesma razão muitos delles se matavão a sim mesmos. Em quanto se estas execuções fazião, não deixava el Rei de cuidar no que convinha á saude das almas desta gente, pelo que movido de piedade dissimulava com elles, sem lhes mandar dar embarcação, e de tres portos de seu Regno, que lhes pera isto tinha assinados, lhes vedou hos dous, e mandou que todos se viessem embarcar a Lisboa, dandolhes hos estaos pera se nelles agasalharem, onde se ajuntaram mais de vinte mil almas e com estas delonguas se lhes passou ho tempo que lhes el Rei limitou pera sua saida, pelo que ficavão todos captivos, hos quaes vendose em estado tam misero, cometerão muitos delles, por partido a el Rei que lhes tornassem seus filhos, e lhes promettessem que em vintannos senam tirasse sobrelles devassa, e que se farião Christãos, ho que lhes el Rei concedeo, com outros muitos privilegios que lhes deu, e aos que não quizerão ser Christãos mandou logo dar embarcação, quitandolhes ho captiveiro em que encorrerão, e se passarão todos

a terra de mouros. Hora he que se podera reputar a descuido não dizermos que causa houve pera el Rei mandar tomar hos filhos dos Iudeus e não hos dos mouros, pois assi huns, quomo hos outros se sahião do Regno por não quererem receber ha agoa do Baptismo, e crer o que cre ha Igreja Catholica Christãa. Ha causa foi porque de tomarem hos filhos aos Iudeus, senão podia recrecer ninhum dãno aos Christãos, que andão espalhados pelo mundo, no qual hos Iudeus por seus peccados nam tem regnos, nem senhorios, cidades, nem villas, mas antes em toda parte onde vivem sam peregrinos, e tributarios, sem terem poder, nem authoridade pera executar suas vontades contra has injurias, e males que lhes fazem. Mas aos mouros per nossos peccados, e castigo permite Deos terem occupada ha mór parte de Asia, e Africa, e boa de Europa, onde tem Imperios, Regnos, e grandes senhorios, nos quaes vivem muitos Christãos debaixo de seus tributos, alem dos muitos que tem captivos, e a todos estes fora mui prejudicial tomarem-se hos filhos dos mouros, porque aos que se este agravo fezera, he claro que senão houverão esquecer de pedir vingança dos Christãos, que habitavão nas terras dos outros mouros, depois que se lá acharão, e sobretudo dos Portuguezes, de quem particularmente nesta parte se podião aqueixar. E esta foi a causa porque hos deixarão sair do Regno com seus filhos, e aos Iudeus não, aos quaes todos Deus per sua misericordia permita conhecerem ho caminho da verdade, pera se nella salvarem.

## CAPITULO XXI

*Do fructo que se fez em tornarem hos Iudeus Christãos.*

CERTO que esta obra de fazer que hos Iudeus se tornassem Christãos, foi digna de muito louvor, posto que se della podessem seguir hos inconvenientes, que no conselho del Rei forão apontados, e muitos outros que se depois virão em que se então podera mal cair, porque nenhuma perda podia vir ao Regno pela conversão desta gente, que se podesse estimar perda, em comparaçam do que se ganhou em conhecerem ha verdade do que havião de crer, mas nem por se fazer tamanho ganho se pode affirmar, que nam he dãno aquillo de que resulta perda, com torvação, e detrimento do bem publico, e particular. Ho que tudo se seguio a estes Regnos per seu azo delles, e sotilezas, de seus negocios, depois que tiverão nome de Christãos, e poderão tratar em muitas cousas, que pelo direito canonico expressamente lhes erão defesas, das quaes huma era não arrendarem os dizimos das Egrejas, nem ninhumas novidades, do que se seguia não haver naquelle tempo tantas vezes caristia de mantimentos, quomo houve depois que elles começarão a tratar nisso, fazendo levantar ho preço ás novidades da terra, quomo se ho que ella cria, fosse trazido de fora do Regno, por falta que dellas houvesse, ao que se tambem acostumarão hos Christãos velhos, que nesta parte ho fazem com menos temor de Deos, e medo das justças que hos novos, com ousadia de nome de Christãos lindos, e de mais validos, e aparentados na terra que estoutros, da qual desordem se seguio, dentão



pera cá, não tão sómente alevantar ho preço dos mantimentos fora de toda razão, mas com elle ho de todo ho genero de mercadorias, á qual carestia (passando, sem pintar de suas verdadeiras cores, mais ha desordenada avaricia dos vendedores que a pestifera cobiça dos arrendadores) se não podera acodir se não com isto ser ao contrario, recolhendo ho Ecclesiastico hos dizimos das Egrejas, e hos seculares has novidades, que lhes Deos dá, em suas casas, e cileiros, e dali per sim, ou per seus criados, e feitores has mandarem vender, quomo se antigamente fazia nestes Regnos. Outro remedio ahi não menos proveitoso queste, ho qual seria não pagarem hos lavradores aos senhorios suas rendas se não a dinheiro de contado, quomo se faz em Flandres, Brabant, Holanda, Zelanda, e outras partes, porque estes não são poderosos pera encerrarem ho pão, mas antes constrangidos pela renda, que hão de pagar em dinheiro, trazerem suas novidades aos lugares, donde são vizinhos, nos dias da somana, que nelles se fazem feiras, e ho venderem milhor mercado do que farião hos senhorios, se recolhessem suas rendas em pão, por serem mais poderosos, e poderem sustentar ha venda milhor, que os lavradores. E pois trato da carestia do pão, quero tambem dizer quomo hos Reis de Inglaterra acodirão á das carnes, pelo preço dellas ir em grande crescimento per todos seus Regnos, e foi com mandarem por lei expressa que ninhum homem per grão senhor, e poderoso que fosse, podesse criar mais que huma certa e taxada cantidade de gado, assi grosso, quomo meudo, limitando esta taxa pelas comarcas, segundo a fertilidade de cada huma dellas, do que se seguio por haver muitos criadores, haver tambem muitos vendedores, e abaixou ho preço das carnes naquelle Regno mais da metade,

has quaes duas leis, e costumes acerca das novidades, e criações se se nestes Regnos guardassem, he de crer que todalas cousas tornarião a preço honesto, e ainda que não fosse aos antiquos, seria pelo menos a taes, que quem isto ordenasse se poderia ter por verdadeiro pai da patria, e renovador da boa ordem, e costumes, que nella nos tempos passados houve.

## CAPITULO XXII

*De quomo se começou a tratar ho casamento del Rei com a Princesa dõna Isabel.*

**E**L REI dom Fernando, e ha Rainha dõna Isabel houverão de seu matrimonio ho Principe dom João, que casou com Madama Margaida, ir-mam de dom Philippe Archeduke Daustria, que depois foi Rei de Castella, filhos do Emperador Maximiliano, e de Madama Maria Duqueza de Borgonha, filha do Duque Charles, que morreo na batalha de Nancy. Este Principe dom João morreo sem haver filhos, e Madama Margaida casou depois com Philiberto Duque de Saboya, dalcunha o fermoso, oitavo do nome, de que tambem não houve filhos, ha qual senhora foi huma das fermosas mulheres de toda Europa, e sobre tudo muito prudente, catholica, discreta, e sagaz, pelos quaes dotes de virtudes ho Emperador Carlos V. seu sobrinho, sendo ausente, e presente nas terras do estado de Flandres, e de Borgonha lhas deixou governar, e reger em quanto ella viveo, ho que sempre fez com muito louvor, e boa ordem de justiça, do que eu posso dar testemunho, quomo quem com ella muitas vezes fallou, e tratou

negocios del Rei dom João iij. que sancta gloria ha-  
ja, em cujo serviço andei naquellas partes, e em ou-  
tras desno tempo de minha mocidade até idade  
xxxiiij annos, em que por seu mandado tornei a  
estes Regnos. Houveram mais os Reis de Castella  
quatro filhas, a saber ha Infante dõna Isabel que ca-  
sou com ho Principe dom Afonso filho del Rei dom  
João segundo de Portugal, ho qual Principe pouco  
tempo depois de ser casado, faleceo em Sanctarem  
de huma queda que deu indo correndo a cavallo, de  
que logo morreo, sem deixar filhos, e ha Princesa  
dõna Isabel se tornou viuva pera Castella. Has ou-  
tras forão ha Infante dõna Ioanna, que casou com  
dom Philippe Archeduque Daustria, que arriba no-  
meei, que per falecimento da Rainha dõna Isabel  
succederão nos Regnos de Castella, e Leão, e a ter-  
ceira ha Infante dõna Maria, que depois foi Rainha  
de Portugal quomo se ao diante dirá, e ha quarta ha  
Infante dõna Catherina, que casou com dom Henri  
que Rei de Inglaterra, oitavo do nome. Destas qua-  
tro filhas ha que com el Rei dom Emanuel mais de-  
sejava casar, foi ha Infante dõna Isabel, viuva do  
Principe dom Afonso, e por ter esta vontade se ex-  
cusou do da Infante dõna Maria, per dom Afonso  
da Silva, quando ho veo visitar de parte dos Reis,  
quomo atrás fica dito no Capitulo xj. e por vir ao  
fim que desejava, estando em Torres Vedras com-  
municou este negocio com dom Alvaro seu primo,  
ho qual se lhe offereceo pera ho nelle servir, e dali  
se foi a Castella mui bem acompanhado no anno pas-  
sado, e com ha reposta do a que fora tornou a Evo-  
ra neste M.CCCCxcvij, com ha boa speranza, da qual  
reposta ordenou el Rei de mandar por embaixador,  
aos ditos Reis, dom João Emanuel, seu camareiro  
mór, pessoa de quem com razão muito confiava, assi

por ser mui prudente, quomo pela criação que nelle fezera, e dali ho despachou acompanhado, quomo a tal embaixada convinha, ho qual achou em taes termos ho que la sobreste caso negoceara dom Alvaro, que partindo Devora no verão deste anno hos casamentos se celebrarão no mez de Ouctubro, do mesmo anno, da qual cidade el Rei per caso das calmas depois de ho ter despachado se foi a Sintra ter ho verão, por ser hum dos lugares da Europa mais fresco, e alegre para qualquer Rei, Principe e senhor poder nelle passar ho tal tempo, porque alem dos bõs ares, que de sim lança aquella serra, chamada pelos antigos Promontorio da lua, há nella muita caça de veados, e outras alimarias, e sobre tudo muitas, e muito boas frutas de todo ho genero das que se em toda Hispanha podem achar e as milhores fontes de agoa, e mais fria de toda ha Estremadura, ás quaes cousas todas acrecenta ho sabor hos magnificos paços, que no mesmo lugar hos Reis tem, pera seu aposento, e dos que com elles ali vão.

## CAPITULO XXIII

*De quomo el Rei mandou Vasquo da Gama por capitam de tres naos, pera proseguir no que já era descoberto, atte ver se podia chegar á India.*

**N**A Chronica do Principe dom João declarei asaz per extenso quam vigilante, e studioso ho Infante dom Henrique filho del Rei dom João da boa memoria, primeiro do nome foi no descobrimento da Costa de Africa, e quantas despesas sobrisso fez, continuando neste negocio com muita gloria, e exalçamento do nome de Deos, e louvor seu, ate ho anno de nossa salvação de mil, e quatrocentos, e sesenta, em que faleceo no mes de Novembro, na villa de Sagres, em idade de sessenta, e sete annos, com já ter recebido fructo de muita honra, e proveito de todos estes seus trabalhos, e proseguindo eu nesta materia per modo de compendio, escrevi no começo da mesma Chronica, ho que achei ser mais importante a estas navegações, até ho nascimento do dicto Principe dom João, que foi no anno do Senhor de M.cccclv. e dahi por diante trato tudo ho que toca a estes descobrimentos, por ordem dos annos em que cada huma das taes cousas acon-teceo, até que Deos se houve por servido chamar pera sim el Rei dom Afonso V seu pai, que faleceo no anno de mil quatrocentos, e oitenta e hum aquem ho Principe soccedeo no Regno, ho qual depois de regnar procedeo nestes descobrimentos de calidade, que a elle sem tirar gloria, nem louvor a pessoa nenhuma se pode disso dar boa parte da palma, e triumpho, nos quaes o mór trabalho, e difficuldade esteve no achar do cabo de boa Sperança, e passalo,

ho que se fez em seu tempo, correndo hos nossos muito mais alem delle pela costa de Guiné ate chegarem quasi aos limites, e termos de Çofala, e Moçambique, terras habitadas de gente, com quem tinhamo trato pelo mar, e negocio hos da costa de Melinde e Mombaça, e da Ilha de S. Lourenço. Has quaes viagens todas se fezerão per mandado deste invencivel Rei dom Ioão, com muito trabalho seu, e despesa de sua fazenda, navegação já esquecida de todo ho genero humano, per tanto spaço de tempo, quanto se pode ver em hum discurso, que disso fiz na mesma Chronica do Principe dom Ioão, que compus de novo em lingoagem Portuguesa e assi em hum livro que fiz em lingua latina do sitio, e antiguidade da cidade de Lisboa, nos quaes dous discursos declarei quantas, e quaes pessoas, muito antes fezerão esta viagem da India, pelo mesmo caminho, que ha nós agora fazemos, ho que fiz por acodir ao erro em que cairão alguns scriptores Portugueses, que tratarão destes negocios, dizendo que só a nação Portuguesa fora a que navegando pelo mar Oceano, primeiro que nenhuma outra viera ter ao mar da India, do qual erro se lhes pode em parte relevar a culpa, por por ventura cuidarem, que atrebuindo esta gloria á sua propria nação, lhe acrecentavão louvor aos muitos que se lhes deve pelas milagrosas victorias, que naquellas partes em diversos tempos, e lugares houverão. Assi que falecido el Rei dom Ioão, soccedeo no Regno el Rei dom Emanuel, ho qual quomo herdeiro universal de toda a machina, e peso destas navegações, não contente do que já era descuberto, mas antes muito desejoso de passar adiante, logo no começo de seu regnado, no mes de Dezembro de M.ccccxcv teve em Monte mór ho novo sobre isso conselho, no qual alguns forão de opinião, que se

não proceguisse mais nesta viagem, alem do que já era descuberto, porque havia de ser muito envejada de todos Reis, e republicas da Europa, è assi do Soldam de Babylonia, e dos mesmos Reis, e senhores da India, do que se haviam de seguir grandes trabalhos e despesas a estes Regnos, que abastava ho pacifico trato de Guiné, e ha honrosa conquista dos lugares Dafrica pera ganho dos mercadores, e proveito das rendas do Regno e exercicio da nobreza delle, mas el Rei foi do voto daquelles a quem isto pareceo ao contrario, mandando logo aparelhar naos, no que se passou mais de hum anno. No tempo em que se fazião prestes estas naos teve el Rei conselho sobre quem mandaria por capitão dellas, e assentou, que fosse Vasquo da Gama, fidalgo de sua casa, natural da Villa de Sines, homem solteiro, e de idade pera poder sofrer os trabalhos de huma tal viagem, pelo que ho mandou chamar, estando em Estremoz no mes de Janeiro de mil, e quatrocentos, e noventa, e sete, e lhe deu a capitania dellas, com palavras de muita confiança, pondo diante ho peso de tamanho negocio consistir não na despesa, que se nelle podia fazer, nem no que se nisso aventurava, se não no serviço de Deos, e bem de seus Regnos, ho que tudo se podia conseguir, se passando elle adiante do que já era descuberto, pudesse chegar á India, e daquellas partes lhe trazer o primeiro fructo de todas as despesas, que seus antecessores nisso tinham feitas, e dos perigos que ha na nação Portugueza tanto tempo havia, que nestas navegações tinha passados, do que se lhe podia seguir tanta honra, e louvor, quanta elle bem podia cuidar, ao que se ajuntarião muitas merces, que lhe sperava fazer em galardão de todos trabalhos, que nesta viagem passasse, ao que Vasquo da Gama respondendo com palavras de bom caval-

leiro, prudente, e leal vassalo, lhe beijou ha mão pola merce que lhe fazia, e confiança que delle tinha, ajuntando a isto que huma das partes que ho convidavão a este trabalho, depois do serviço, que nisso sperava fazer a Deos, e a sua Alteza, era parecerlhe, que tinha alguma aução nesta viagem, polla el Rei dom Ioão pouco antes que falecesse, ter dada a seu pai Estevão da Gama, que já tambem era defuncto, em cujo lugar, e por sua lembrança lhe pedia que houvesse por bem nesta viagem se querer tambem servir de Paulo da Gama seu irmão, porque com tal e tão fiel companheiro sperava vir ao fim della, sem differenças, nem cautellas que poderião caber, e acontecer entre outras pessoas, que não fossem tão conjuntos em sangue quomo elles erão, ho que lhe el Rei muito agradeceo, e houve logo por bem ser Paulo da Gama hum dos que houvesse de mandar em sua companhia. Depois del Rei ter isto assentado se foi Destremoz a Evora, e dali despedio Vasquo da Gama, e seu irmão Paulo da Gama, dandolhes por companheiro Nicolao Coelho, cavalleiro de sua casa, hos quaes partirão do porto de Bethalem aos dous dias do mes de Julho do mesmo anno de mil, e quatrocentos e noventa, e sete, do que agora não direi mais, por ser necessario fallar nos negocios do Regno, em quanto elles fazem sua viagem.



## CAPITULO XXIV

*Em que se trata do casamento del Rei com ha Princesa dõna Isabel, e de quomo ha recebeu em Valença Dalcantara, e da morte do Principe dom Ioão de Castella, e outras particularidades.*

**E**STANDO el Rei em Sintra, soube por cartas de dom Ioão Emanuel ha certeza de seu casamento, no qual ha Princesa dõna Isabel consentio com muita difficultade, dizendo que sua tenção era mais de ser Religiosa, que casada, o que assi ho proposerá depois da morte do Principe dom Afonso seu marido, nem ha poderão hos Reis desviar deste proposito, se nisso ha não aconselharão pessoas religiosas, dandolhe a conhecer quanto compria a serviço de Deos, e ao bem, paz, e tranquillidade dambolos Regnos fazerse este casamento. Quomo el Rei teve este requado se tornou logo de Sintra pera Evora, onde hos mais ameude podia receber, pera assi ordenar com mór brevidade ho que fosse necessario acerca dos contratos deste casamento, hos quaes depois de concluidos, e confirmados damblas partes, e dom Ioão Emanuel, quomo procurador del Rei ter recebida ha Princesa em seu nome, se assentou, que sua entrada fosse per Castello de Vide, sobello que el Rei screveo a alguns Prelados, senhores, e fidalgos do Regno, pera que se fossem porelle ao mesmo lugar onde sperava ser no fim do mes de Setembro, no qual meo tempo induzida ha Rainha Princesa, quomo se teve per suspeita, pellos Reis seus pais, screveu huma carta a el Rei pedindolhe, que dilatasse sua vinda ate ter de todo lançado de seus Regnos hos Iudeus, sobelo que el Rei

screveo algumas cartas a dom Alvaro, que já era tornado pera Castella, scriptas de sua propria mão, em que mostrava ter muito descontentamento pela tardança da Rainha sua molher, e que assi o dicesse de sua parte aos Reis seus primos, ho que dom Alvaro negociou tambem que hos casamentos se fizessem no mesmo tempo que pera isso fora ordenado, e eile em pessoa acompanhou ha Rainha dõna Isabel, e ha Rainha Princesa sua filha mui acompanhado de gente de sua casa, e valia, ate chegarem a Valença Dalcantara onde se ho casamento fez e consumou, ao qual el Rei dom Fernando não foi presente, porque por ho Principe dom João seu filho andar mal disposto, se deixou ficar com elle em Salamanca. El Rei dom Emanuel depois de ter ordenado tudo ho que compria pera seu recebimento, partio Devora pera Castello de Vide, onde chegou no fim do mes de Setembro, quomo ho screvera aos Prelados, senhores, e fidalgos, que ho já alli estavam sperando, cada hum delles no melhor modo que pode. Depols del Rei alli estar alguns dias, vendo que ha doença do Principe dom João estorvava ha vinda del Rei dom Fernando, pera ser presente ao casamento da Princesa sua filha, fez saber á Rainha dõna Isabel, que seu desejo era irse ver com ella, e com sua licença receber a Princesa, do que logo ha Rainha avisou el Rei dom Fernando, ho qual por ha doença do Principe ir em tanto crescimento, que desesperavão já hos medicos d'elle, e ho não querer deixar só, nem menos lhe parecer bem, que se perlongassem has vodas, lhe respondeo que devia logo mandar dizer a el Rei, que viesse receber ha Princesa, e isto quomo de sim mesma, e que fosse com ha menos companhia, que podesse. Tanto que el Rei recebeo este recado pos logo em obra sua ida, e pera ho acompanharem ele-

geo dom Diogo da Silva, Conde de Portalegre, dom Fernando de Meneses Conde Dalcoutim, e dom Diogo seu irmão, dom João de Meneses mórdomo mór, que foi depois Prior do Crato, e Conde de Tarouqua, dom Martinho de Castello Branco, seu veador da fazenda, que depois foi Conde de Villa Nova de Portimão, dom Francisco Dalmeida, que depois foi Viserei da India, dom Pedro da Silva Comendador mór de Avis, Ayres da Silva, Regedor da casa da Supplicação, Francisco de Sá veador da fazenda da cidade do Porto, George Moniz, guarda mór, Pedrhomem estribeiro mór, dom João de Sousa, dom Fernão Martiz Mascarenhas. Com esta só companhia partio el Rei afforrado de Castello de Vide pera Valença Dalcantara já no mes Doutubro, onde logo recebeo a Princesa, no qual instante veo recado á Rainha dõna Isabel da morte do Principe dom João seu filho, ho que ella dissimulou com muita prudencia, sem querer que se divulgasse, nem por isso se mostrasse tristeza em quanto el Rei dom Emanuel alli estivesse, mas quomo el Rei soube esta nova, e ho segredo que nella hia, pedio logo licença á Rainha pera se tornar a Castello de Vide, e levar ha Rainha sua molher consigo, o que assi fez, acompanhado de todos os senhores de Castella, que alli antão estavão, ate á Raia, encobrando todos ha dor, e tristeza que tinhamo pela morte do Principe dom João seu senhor, ho melhor que poderão, no que se teve tanto resguardo, que nunca ha Rainha dõna Isabel, irmã do Principe ho soube senão dali a muitos dias. Hos Prelados, e senhores, e nobres do Regno, que ficarão em Costello de Vide, quomo souberão, que era el Rei partido de Valença Dalcantara ho vierão receber ho dia que entrou em Portugal, em cuja companhia per intercessão dos Reis vierão alguns fidal-

gos, e cavalleiros, que ainda andavão desterrados em Castella. Em Castello de Vide estavão ordenadas muitas festas perá entrada da Rainha, das quaes por caso da morte do Principe se fezerão mui poucas, donde se logo el Rei partio pera Evora. Com tudo ho caminho foi de todos mui festejado, ate lá chegarem, onde el Rei mesmo descobrio á Rainha ha morte do Principe seu irmão, per cujo respecto tomou toda ha Corte dó, e el Rei lhe mandou fazer suas exequias, e saimento com muita solemnidade. Esta morte do Principe dom João foi mui sentida, e lamentada nos Regnos de Castella, por lhes não ficar outra speranza de poderem aver herdeiro bairão, senão no parto da Princesa Madama Margaida, que ficara prenhe do Principe dom João, da qual speranza logo dalli ha poucos dias Deos per seus occultos mysterios hos distituiu, porque Madama Margaida que ficara prenhe de sete meses pario ha criança morta. Pello que el Rei dom Emanuel, e ha Rainha dõna Isabel sua molher se intitularão dalli por diante Principes de Castella, Leão, e Aragão.

## CAPITULO XXV

*De quomo el Rei assentou de dar foraes novos a todos los lugares do Regno, e ho modo que nisso teve.*

**D**EPOIS del Rei ser em Evora, havendo respeito as muitas duvidas que cada dia recreciam no Regno, e demandas que se ordenavam per caso de varias interpretações, que letrados davão aos foraes velhos, determinou de hos mandar fazer de novo, e lhes dar a cada hum sua verdadeira declaração, pera cada lugar do Regno ter ho seu, e assi tambem mandou lançar ho trelado autentico de todos na torre do Tombo, onde ao presente estão. Pera esta tamanha obra, e duvidas que podessem recrecer nella ordenou letrados, que has averiguassem quando necessario fosse, e em special deu cargo a Fernão de Pinna cavalleiro de sua casa, homem bem entendido, que fosse per ho Regno com poderes seus, e provisões pera todas as cidades, villas, e concelhos lhe entregarem hos foraes velhos per que se região, no que andou assaz de tempo, posto que não fosse tanto quanto requeria ha grandeza da obra, por ser mui trabalhosa, e ter necessidade de muitos testemunhos, e informações de posses, e usos antigos, pelo que Fernão de Pinna ha não pode acabar sem della recrecerem muitas duvidas, que ate ho presente se não poderão determinar, nem na Relação, nem na fazenda do regno, áquellas pessoas que com seus senhorios sobre hos taes foros trazem demanda, nem menos aos senhorios, que com seus vassallos andão sobelo mesmo caso em pendenças, mas a estes enleos lhe deu por ventura azo ho concerto, que el Rei com elle fez, promettendolhe, que se lhe desse todos estes

foraes feitos, e acabados dentro de hum certo tempo, que lhe fazia por isso merce de quatro mil cruzados, quomo fez, alem do salario, e mantimento, que lhe ordenou pera elle, e pera has pessoas, que com elle servirão todo ho tempo que nisso andou. Ha cobiça da qual merce foi causa do que dixe, e de ho dicto Fernão de Pinna fazer cinco livros, que na Torre do Tombo andão destes foraes, cada hum de sua comarca, convem a saber, Estremadura, Alentejo, Alem Douro, Abeira, Tralos montes, per tal ordem, e tão abreviados, que seria necessario fazeremse destes outros de novo, em que se podesse por extenso ho que elle (por ganhar tempo) ordenou, de maneira, que se não pode delles dar despacho as partes, senão com muito trabalho.

## CAPITULO XXVI

*De quomo el Rei fez cortes em Lisboa, nas quaes entre outras cousas se assentou ser necessaria sua ida a Castella com ha Rainha sua molher, pera onde logo partio, deixando á Rainha dõna Leonor sua irmã ho regimento do Regno. E per todalas comarcas alçada.*

**E**L REI esteve em Evora todo ho mes de Novembro, e parte de Dezembro, no fim do qual sendo ja ha Rainha prenhe partirão pera Lisboa, e de caminho visitarão ha Rainha dõna Leonor, irmã del Rei, que então estava no Lavradio, em Riba Tejo. Dalli se passarão a Sanctos ho velho, donde fezerão sua entrada na Cidade com poucas festas, nem recebimentos, por a Rainha os não querer, por

caso do d6, que trazia pelo Principe dom Ioão seu irmão, e forão pousar nos paços Dalcaçova, onde dali a poucos dias lhes veio recado del Rei dom Fernando, e da Rainha d6na Isabel, de quomo ha Princesa Madama Margaida f6zera movito, rogandolhes mui efficamente, que se viessem logo parelles, porque sua tenç6o era fazellos jurar, assi em Castella, quomo em Arag6o, por Principes herdeiros daquelles regnos. Pera ha resoluç6o deste negocio ordenou el Rei cortes em Lisboa, nas quaes se assentou ser mui necessaria sua ida a Castella, pera ho que se logo começou apreceber. Nestas cortes fez el Rei algumas ordenaç6es necessarias pera bem do regno, e requerimento dos povos tirou hos offeios de Annadens m6res, e Coudens m6res, assi hos menores de cada num destes, com todalas jurdiç6es, que tnh6o com hos taes cargos, por excusar muitas oppress6es, que ho regno por caso dos taes officios recebia, sem delles haver necessidade, dos quaes deixou s6mente hos Annadens m6res dos besteiros do monte, a que cham6o da fraldilha, e dos espinguardeiros, por serem necessarios, assi pera serviço do regno, quomo dos lugares Dafrica, e socorro delles, e aos officiaes m6res, e menores dos officios, que tirou, satisfez com outras merces. Devassou g6ralmente todalas coutadas de rios, e montes do regno, excepto algumas poucas, que reservou pera seu uso, ho que foi causa unica de hos preços de todo ho genero de caça alevantarem, porque quando hos fidalgos tnh6o coutadas particulares, criavasse nellas muita caça, e pescados, e em tanta quantidade, que podi6o ter suas casas abastadas, e mandar vender outra, de que fazi6o renda pera ajuda de seu sustentamento, e davasse tudo bom mercado, pela grande abundancia, que destas cousas ent6o havia. Alevantou hos monteiros

em certas montarias, que não havia delles necessidade, e fez outras ordenações, e prematicas, de que por ho processo ser mui comprido me pareceo excusado poer aqui mais que hos capitulos seguintes de verbo a verbo, por serem de calidade que poderão servir neste nosso tempo, e no que está por vir.

**P**EDIRÃO hos estados do regno, que has tenças obrigatorias, que se punhão pelos casamentos aos fidalgos, e donzellas, se não dessem mais, e que ho quisesse el Rei correger, e emendar, por prol commum de seus regnos.

### REPOSTA

Nós temos ordenado em nossa fazenda, que hos casamentos que se agora desembargão, se paguem a dinheiro, sem poer de novo tenças, por elles, e alguns, que ficarão do tempo passado, temos proposito de hos mandar pagar ho mais cedo, que se possa fazer, e assi do tempo del Rei meu senhor, e primo, que Deos haja, tal ordenança ficou em nossa fazenda.

Item. Que não trouxesse tantos officiaes, e moradores, e hos quisesse reduzir a menos conto.

### REPOSTA

Hos mais dos nossos moradores forão criados del Rei meu senhor, e primo, hos quaes não podemos deixar de agasalhar, porque seria crueza fazermos ho contrario, hos outros são de nossa casa com outros, que nos recrecerão, de que nos não podemos excusar: mas posto que nosso desejo seja fazer a todos



merce, por disso levarmos grande gosto, com tudo daqui por diante folgaremos de continuar na melhor maneira, que podermos.

Item. Que lhe prouvesse deixar de levar has sisas, e has soltasse livremente.

## REPOSTA

Pelo grande amor que temos a nossos povos, nos poderá consentir mal ha vontade, e muito menos ha consciencia de levar has sisas, se não achassemos que has levamos bem, e sem nenhum carrego, e se al nos parecesse, em caso que ha quantidade da renda, e poveito fosse maior, folgariamos muito mais de has deixar que de has levar, quanto mais que estas mesmas sisas com outras muitas rendas, e direitos nossos, lá donde vem, lá se tornam a converter, so-prindo sempre com ellas nossos antecessores, e assi nos muitos carregos, e inconvenientes, que polas alli não haver necessariamente poderião recrecer ao regno, e assi muitos proveitos, dando moradias, casamentos, tenças, e assi outras ajudas de vida, e encaminhamento a filhos, e filhas de fidalgos, cavalleiros, escudeiros, e a todo outro genero de nossos naturaes, por onde alem da muita razão, e descarrego com que has ditas sisas levamos, só por tanta bemfeitoria, que da renda dellas com outros nossos direitos a nossos naturaes redundam, devia certo pesar muito a nossos povos se has não tivessemos.

Item. Que ho povo recebe muito dâno por nos regnos haver muitas coutadas, e officiaes dellas, polo que reservando algumas para desporto del Rei, lhe

pedem que descoute has outras ficando guardadas has coutadas antiguas das pessoas particulares.

## REPOSTA

Has havemos por descoutadas, tirando ha coutada da nossa cidade Devora, de lebres, e perdizes, e Almeirim, e Sintra, e de Riba Tejo desda Chamusca, até ho barquo das inguias, e do rio de Couna até Azeitão, e Cezimbra, com todalas coutadas antiguas, que dentro deste limite ha até Coruche, e a Herra, e has coutadas antiguas, que há na ribeira de Canha, e Cabrella, e has montarias Descoio, e Cabril, e todo termo Dalcacer, com ha charneca da Landeilla, e assi mesmo has matas, e montarias Dobidos com todalas outras da serra, e assi ficara ho paul Dota, e todalas outras fiquem descoutadas.

Item. Que hos physicos não receptem has mezinhas se não em lingoagem.

Assi quomo nolo pedis volo outorgamos, com penna ao boticario, que não use mais ho officio se der has mezinhas per recepta em latim, e mais pague dois mil reaes, peraquem ho accusar, e em outra tanta penna queremos que encorra ho physico, que per latim receptor, e não per lingoagem, quomo dito he.

Has quaes cortes forão começadas em Lisboa a xj dias do mes de Fevereiro do anno do Senhor de M.ccccxcviiij e forão findas, e acabadas, e publicadas aos procuradores das cidades, villas, e lugares, na mesma cidade aos xiiij dias do mes de Março do mesmo anno, scriptas per Antonio Carneiro.

Depois de el Rei ter acabadas has cortes, e feitas outras cousas necessarias se começou daperceber pera

ho caminho, com sós trezentos de cavallo. Ho que lhe hos Reis mandarão pedir, que fizesse por se evitarem brigas, e desgostos dentre hos criados dos Castelhanos, e Portuguezes, e porque no regno não havia pessoa a que com mais razão se podesse deixar ho governo d'elle, que á Rainha dõna Leonor, pela muita virtude, e prudencia, que em sua real pessoa havia, per commum consentimento dos Estados ficou por regente. Mandou tambem letrados com alçada, pera que residissem nas comarcas do regno. Assentadas assi todas as cousas, que lhe pareceo serem necessarias em sua ausencia, partirão el Rei, e ha Rainha de Lisboa, aos xxix, dias do mez de Março do mesmo anno de mil, e quatrocentos, e noventa e oito, donde forão a Evora, e Devora a Estremoz, Elvas, e a Badajoz, por onde entrarão em Castella, com sua corte ordenada. Has pessoas principaes que hião com el Rei erão, dom George filho bastardo del Rei dom João, dom Dinis sobrinho del Rei irmão de dom Iaimés Duque de Bragança, dom Alvaro seu tio, dom Diogo da Silva Conde de Portalegre, ho Bispo da Guarda, dom Pero Vaz seu Capellão mór, e ho de Tanger, dom Diogo Ortiz Bispo de Viseu Castelhana, dom João de Meneses mordomo mór, dom Francisco filho de dom Afonso Bispo Devora, que depois foi Conde do Vimioso, dom Martinho de Castelbranco veador da fazenda, que depois foi Conde de Villanova de Portimão, dom Fernão Martinz Mascarenhas, capitão dos genetes, Rui de Sousa que nesta viagem morreo em Toledo, dom João de Sousa, senhor de Nisa, e de Sagres, dom Francisco Dalmeida, que foi ho primeiro Vicerei da India, dom João Emanuel, camareiro mór, dom Nuno Emanuel seu irmão, almotace mór, João da Silva, que foi depois Regedor da casa da Supplica-

ção, dom Afonso Dataide, senhor Datouguia, dom Pedro da Silva commendador mór de Avis, Nuno Fernandez Dataide, dom Fernando Coutinho Marichal, Tristão da Cunha, Febos Moniz, João Fogaça, Vasqueanes Corte Real veador, dom Antonio Dalmeida, dom Emanuel de Meneses, George Barreto, pajes del Rei, Pero Correa, que servia destribeiro mór, Lourenço de Brito, copeiro mór, João Rodriguez Pereira, e outros fidalgos, cavalleiros, e officiaes da casa, que todos hião vestidos de dó, por caso do falecimento do Principe dom João de Castella.

## CAPITULO XXVII

*Do que se passou desno dia que el Rei, e ha Rainha partirão Delvas, até chegarem a Toledo, onde hos el Rei dom Fernando e ha Rainha dõna Isabel, estavam sperando.*

**A**o dia que el Rei, e ha Rainha partirão da cidade Delvas, ho primeiro senhor de Castella, que hos veo receber a mea legoa do lugar, foi ho Duque de Medina Cidonia, com trezentos de cavallo, vestidos de dó: alem destes trazia por estado trinta, e oito caçadores cada hum com sua ave na mão, vestidos de sua libré. Ho qual em chegando a tiro de pedra donde el Rei, e ha Rainha vinhão, se deceo do cavallo, e a pé lhes foi beijar ha mão, e ho mesmo fezerão todolos senhores, e cavalleiros de sua companhia. Seguindo el Rei seu caminho pera Badajoz, chegou a elle ho Duque Dalva, e ho Conde de Feria, e ho Bispo de Plazencia, juntos, e bem

acompanhados, hos quaes todos fizeram ho mesmo, que ho Duque de Medina Cidonia, e dalli até el Rei chegar a Badajoz vierão muitos senhores, e cavalleiros beijarlhes ha mão, na qual cidade forão recebidos com muitas cerimoniaes, e levados pelos governadores á Sé debaixo de hum paleo de brocado, onde hos estava sperando ho Bispo com toda ha cleresia. Feita oração tornarão a cavalgar, e forão comer, e dormir a Taveriola, que he dalli tres legoas. Ao dia seguinte se foi el Rei caminho de Guadalupe, pera ahi ter ha Paschoa, no qual caminho ho veo receber ho Mestre de cavalleria da Ordem Dalcantara, e outros senhores, que se logo tornarão pera suas casas, porque sós aos Duques de Medina Cidonia, e Dalva era ordenado, que acompanhassem el Rei, e ha Rainha até Toledo, os quaes neste caminho fizeram grandes despesas em darem sala a todos, que com elles querião comer, e pratos todos os dias ás damas, e aos senhores, e fidalgos Portugueses, que com elles não comião, e ho mesmo a el Rei, e á Rainha, porque de todo genero de pescados, que se na tal sazão podião cobrar, erão tão servidos, como sestiverão junto do mar, e dos rios onde se pescavão. Deste lugar de Taveriola foi el Rei ter ho Domingo de Ramos a Merida, onde se lhe fez recibimento e dali per suas jornadas chegarão Aguadalupe quarta feira de Trevas. Passadas has oitavas partio el Rei pera Toledo a quinta feira, tomando seu caminho pela ponte do Arcebispo, e Talaveira da Rainha, até chegarem a hum lugar, quatro legoas de Toledo, onde estiverão tres dias até se ordenar sua entrada. Alli lhes veo nova da morte del Rei Charles de França, octavo do nome, a qual direi quomo foi pera os senhores, Principes, e Reis saberem que os desastres da fortuna tem com elles, e com os populares huma mesma

conta. Estando este poderoso Rei no Castello de Amboise, que são huns dos magnificos paços de toda a França, vespóra de Pascoa, sete dias Dabril do anno M.cccc.xcvij. indo depois de comer com ha Rainha Anna de Bretanha, sua molher pera de huma varanda (a que chamão Haquelebac) verem alguns gentis homens de sua casa, que andavão jugando á pella, nos fossados do Castello, em entrando pela porta da varanda, que era um pouco baixa, deu huma tamanha cabeçada com ha testa no lumear de cima da porta, que logo cahio sem falla, e na mesma varanda o lançarão sobre hum enxergão de palha em que jove per spaço de nove horas, sem mais tornar em sim, somente que tres vezes dixe Iesus me valha, e ha gloriosa Virgem Maria, e assi spirou hum dos bons catholicos, e religiosos Reis, que de muito tempo ouvera em França, pelo que el Rei, e a Rainha sencerrarão ate partirem deste lugar, em que estavam sperando recado dos Reis, o qual lhes chegou quarta feira da somana da Pascoella, e logo á quinta pela manhã, depois de ouvirem Missa, e comerem partirão pera Toledo, onde chegarão no mesmo dia, e forão recebidos pelo modo que se no seguinte capitulo dirá.

## CAPITULO XXVIII

*De quomo el Rei, e a Rainha entrarão em Toledo, e do que se nisso passou.*

**P**ARTIDO el Rei daquelle lugar, mea legoa antes que chegasse a Toledo mandou a dom George Mestre de Sanctiago, e com elle a dom Alvaro, e dom Dinis, e o Conde de Portalegre, e o Dalcoutim, e dom João de Meneses mordomo mór, dom João de Sousa, dom João Emanuel camareiro mór, dom Fernão Martins Mascarenhas capitão dos genetes, e outros fidalgos, que passasse a diante com esta companhia, e fosse receber el Rei dom Fernando, ao qual chegarão quasi em saindo da cidade, e em ho vendo se decerão, e por ha pressa da gente ser muita, ho mordomo mór, e ho capitão dos genetes tomarão dom George nos braços, por ser moço, e baixo do corpo, pera poder melhor beijar ha mão a el Rei, ha qual lhe elle deu, com tudo vendo ho modo que tiverão de lho apresentar, perguntou quem era, mas quomo soube que era filho del Rei dom João tirou ho sombreiro da cabeça, e com elle na mão lhe fez huma grande cortesia, pedindolhe que lhe perdoasse, e logo ho fez subir a cavallo, e ho pos á sua mão direita, ficando todos que com elle hião a pé, atte que per sua ordem lhe acabarão de beijar ha mão, fazendo a todos grande gasalhado, principalmente a dom João de Sousa, que era delle mui conhecido do tempo que andara nas guerras de Granada, ho que feito abalou el Rei pera onde el Rei seu genro, e ha Rainha sua filha vinhão, aos quaes, posto que ja estivesse perto, não pode chegar se não por bom spaço de tempo tanto por se não poder

romper pola gente, quomo pela detença, que el Rei, e ha Rainha com muitos dos senhores, e cavalleiros Castelhanos, que se adiantarão a lhes beijar ha mão fezerão, com tudo hos porteiros de maça dos Reis e outros officiaes abrirão caminho per força ate serem á vista, e em chegando os Reis hum ao outro se forão abraçar, com muito amor e cortesia, a Rainha quisera beijar a mão a el Rei seu pai, mas elle lho não consentio, pondose logo á sua mão esquerda, ficando el Rei dom Emanuel á direita, e assi começaram de caminhar ate chegarem á cidade, á entrada da qual forão recebidos pelos regedores, e levados todos tres debaixo de hum paleo de brocado á Sê, já com tochas por ser noite, onde os estava sperando ho Arcebispo com toda ha cleresia. Acabada ha oração tornarão a subir a cavallo, e na mesma ordem se forão a seus aposentos. Neste lugar usou el Rei dom Fernando tantos cumprimentos com el Rei dom Emanuel ao entrar da primeira porta, que ho fez passar diante, ha qual cortezia lhe fez, ate que forão jurados, elle, e ha Rainha sua molher por Principes herdeiros dos regnoés de Castella, porque dalli por diante el Rei dom Fernando precedeo sempre a el Rei dom Emanuel, sem nisso usar mais ceremonias, que de pai a filho. Ha Rainha dõna Isabel veo sperar el Rei seu genro, e ha Rainha sua filha a huma varanda terrea das casas onde elles havião de pousar, a qual ho commendador mór de Leão dom Rodrigo de Cardenas trazia de braço de huma parte, e da outra dom João de Sousa, por lhe ser muito accepto. Antes que el Rei, e ha Rainha chegassem onde estava ha Rainha sua mãi, lhe forão beijar ha mão todos os senhores, e fidalgos Portuguezes, dos quaes dom João de Sousa lhe dava a conhecer hos de que ella não tinha noticia, com tudo a dom George ha



não quis dar, e lhe fez muita cortesia, e o abraçou, e fez logo cobrir. Em chegando os Reis, el Rei dom Emanuel, quomo vio a Rainha dõna Isabel aballou com passo apressado parella, e ella fez o mesmo, e tiverão tanto primor na cortesia, que ambos poserão os geolhos no cham, o que feito, el Rei foi abraçar has Infantes, e fallar ás damas. Ha Rainha dõna Isabel de Portugal quisera beijar ha mão á Rainha dõna Isabel de Castella sua mãi, mas ella lha não quis dar. Dalli sobirão pera riba todos juntos ate chegarem á sala do aposento del Rei dom Emanuel, e da Rainha dõna Isabel sua molher, na qual tiverão serão per espaço de huma hora, praticando no successo de seu caminho, o que assi feito el Rei dom Fernando, e a Rainha dõna Isabel sua molher se recolherão para ho seu.

## CAPITULO XXIX

*De quomo el Rei dom Emanuel, e ha Rainha dõna Isabel sua molher forão jurados em Toledo por Principes herdeiros dos regnos de Castella, e Leam.*

**E**L REI dom Fernando, e ha Rainha dõna Isabel, quomo tiverão certeza do tempo em que el Rei dom Emanuel, e ha Rainha dõna Isabel havião de partir de Portugal, ordenarão cortes em Toledo, pera ho tempo em que lhes pareceo que poderião ahi ser, pera os logo fazerem jurar por principes herdeiros, e se irem ha Aragão fazer ho mesmo, pello que se ordenou que ao Domingo seguinte depois de sua entrada se fizesse este aucto na Sé da mesma cidade, onde hos Reis forão ouvir Missa, na

ordem seguinte. Dos paços ate ha Egreja levarão de redea a pé a el Rei dom Emanuel, ho Duque de Medina Cidonia á mão direita, e ho Conde de Feria á esquerda, e a Rainha dõna Isabel sua molher, ho Condestabre á mão direita, e o Duque Dalva á esquerda. Aquelle dia dixe Missa em pontifical ho Arçobispo de Toledo Frei Francisco Ximenes da Ordem de S. Francisco da observancia, á qual hos Reis estiverão ambos em huma cortina da banda do Evangelho, e dentro com elles dom George, e has Rainhas ambas da outra parte em sua cortina. Acabada ha Missa, el Rei dom Fernando tomou el Rei dom Emanuel seu genro pela mão e ha Rainha dõna Isabel á Rainha dõna Isabel sua filha, e hos levarão ambos pera hum estrado que estava na mesma capella, onde se assentarão cada hum em sua cadeira, ficando el Rei dom Emanuel, e ha Rainha sua molher em meio dos Reis de Castella, e logo da outra banda se assentarão hos procuradores do Regno em bancos, que pera isso se poserão, cada hum em sua precedencia, e hos grandes, e pessoas principaes se assentaram nos degraos do altar mór, sobre coxins, e alcatifas, isto sem nenhuma precedencia, nem cerimonia, por lho hos Reis assi terem rogado a todos, temendo que podesse sobrisso socceder algum desconcerto, que estorvasse este negocio, que elles desejavão muito ver acabado. Depois de todos assentados mandou el Rei dom Fernando aos officiaes que se fizesse silencio, e logo hum Doutor se levantou em pê, e fez huma oração declarando nella os bens, e proveitos que se seguião do casamento del Rei dom Emanuel com a Rainha dõna Isabel, e que pera mór confirmação, e remate das alianças dambolos Regnos erão ali juntos, pera hos jurarem por Principes herdeiros dos regnos de Castella, e Leão, encomendando tambem a el Rei

dom Emanuel, e á Rainha sua molher ho bem, e prol dos mesmos regnos, quando Deos houvesse por bem succederem nelles. Feita esta oração se alevantou dom Diogo Furtado de Mendonça Arçobispo de Servilha, Patriarcha Dalexandria com hum livro Missal aberto na mão e sobrelle huma Cruz douro em que deu juramento a el Rei dom Emanuel, e á Rainha dõna Isabel sua molher, de em tudo guardarem todolos foros, e usos de Castella, e manterem nelles hos vassallos, e sugeitos, ho que jurarão pondo ambos has mãos sobela Cruz, ho que feito tomou ho Condestabre ho Missal da mão do Patriarcha, em que elle fez juramento, e ho deu aos senhores, e procuradores que presentes estavão, jurando hos todos por Principes herdeiros dos regnos de Castella, e Leão, apos ho que ho mesmo Condestabre lhes tomou has menagens em nome dos Principes, has quaes dadas lhe forão hos grandes, e pessoas principaes beijar ha mão, e apos elles hos procuradores das cidades, e villas do regno, excepto hos de Toledo. Acabadas todas estas cerimonias, que durarão muito, hos Reis se forão a pé jantar ás casas do Arcebispo, que são junto da Sê, onde hos Reis comerão juntos em huma mesa, e has Rainhas em outra. Indo assi pera casa do Arcebispo lhe vierão beijar ha mão hos regedores, e procuradores da cidade de Toledo, ho que não fezerão na Egreja, por respeito da antigua querrella que tem com hos da cidade de Burgos, sobela precedencia, da qual centenda direi aqui ho necessario pera se saber ho modo que hos Reis de Castella, e Leão tem com estas duas cidades quando fazem cortes. El Rei dom Afonso de Castella ho da Bata-lha do Salado, onzeno do nome, que no anno do Senhor de M.cc.xxxxj, fez ha ordem da Banda em Castella, cujo sinal era huma taxa de seda cramisim, com

huma banda douro pelo meo, na qual Regra não podia entrar homem, que não fosse vassallo del Rei, ou de seu filho primogenito herdeiro, em humas cortes que fez em Alcalá de Henares determinou de poer modo em huma antiga differença, que havia entre has cidades de Burgos, e Toledo, sobre qual dellas avia de fallar primeiro nas cortes, dizendo hos de Burgos, que a elles pertencia por serem cabeça de Castella, e hos de Toledo ao contrario, alegando esta precedencia ser sua por serem cabeça de Hispanha, ao que el Rei acodio com palavras de que por então hos de Toledo ficarão satisfeitos, e com ellas apagou has differenças, que naquellas cortes tiverão, nas quaes parecia, que per nenhum modo se podesse tomar conclusão, porque aos de Burgos favorecia dom João Nunez de Lara, senhor de Biscaia, e aos de Toledo dom João Emanuel, filho do Infante dom Emanuel, assi que no meo destes debates, el Rei dom Afonso se alevantou em pé, e mandou que hos procuradores de Burgos, e Toledo se calassem, e entam dixe a alta vox: Hos de Toledo farão tudo o que lhes eu mandar, e assi ho digo por elles, e porem falle Burgos, e assi se fez por entam. E ha mesma ordem teve el Rei dom Pedro o cru, filho deste Rei dom Afonso nas cortes que fez em Valhedolid, havendo nellas has acostumadas differenças, entre Burgos e Toledo, e polos apacificar dixe has mesmas palavras, que el Rei dom Afonso seu pai dixerá nas cortes Dalcalá de Henares e fallarão hos de Burgos primeiro, mas hos de Toledo nunca quizeram desistir desta precedencia, a qual quereilla lhes ficou sempre em aberto com os de Burgos, sem nunca se poder antrelles averiguar, e por esta causa sperarão hos de Toledo fora da Egreja pera darem as menajes aos Principes, por lhes ficar sua aução em solido.

## CAPITULO XXX

*De qnomo hos Reis de Castella, e Portugal partirão de Toledo pera ho Regno de Aragão, e chegarão a Çaragoça.*

**A**CABADAS has cortes el Rei dom Fernando despedio hos procuradores das cidades, e villas do regno, e assi hos mais dos senhores, e pessoas principaes, e deu despacho aos requerentes, que andavam na corte, no que se passaram xviiij dias, acabo dos quaes partirão hos Reis pera Çaragoça quasi aforrados, assi elles quomo alguns senhores, que consigo levarão, e por suas jornadas chegarão á villa de Chincon, que era do Marques de Moy, tesoureiro Mór del Rei, de quem assi hos Reis, e Rainhas, quomo hos que com elles, hião, forão tão festejados, que a todos fez espanto ha abundancia das viandas, e riqueza dos ornamentos, e paramentos de sua casa: alli estiverão iiij, dias, depois dos quaes se partirão pera Alcala de Henares, villa do Arcebispo de Toledo. De Alcala forão Aguadelajara, lugar em que ho Duque do Infantado tem huns paços, nos quaes então estava doente em cama, de quem hos Reis, e toda ha corte forão mui festejados, alli estiverão iij, dias, e pousaram nas casas, que forão do Cardeal dom Pedro Gonçalvez de Mendoça irmão do mesmo Duque, que ja era falecido. Hos Reis, e Rainhas forão visitar o Duque a sua casa, e jazendo na cama jurou hos Principes, e lhes deu sua menagem. Deguadalajar forão a Calataud primeira cidade do regno Daragão onde selhes fez hum sumptuoso recebimento, e hos vierão receber muitos dos senhores, e nobres do regno: dalli per suas jornadas che-

garão a Çaragoça ao primeiro dia de Junho do mesmo anno de M.ccccxcviiij, onde el Rei dom Fernando com ha Rainha dõna Isabel sua molher entrarão antes de comer; sem nenhuma festa, por trazerem ainda dô pelo Principe dom João seu filho. El Rei dom Emanuel, e ha Rainha dõna Isabel sua molher decerão em huns paços, que hos Reis Daragão tem fora da cidade, a que chamão Aljousaria, e alli jentaráo, e no mesmo dia a horas de vespera entrarão na cidade, onde lhes foi feito hum solemne recebimento, com muitas cerimonias ao modo do regno Daragão, que nestes actos has tem demasiadas. Feita ha entrada quisera el Rei dom Fernando, que logo ao outro dia, que era Domingo, jurarão hos Principes, mas os Aragoeses lho não consentirão por então, sobelo que houve muitas altercações, excusando-se a el Rei, que não podião fazer tal juramento sem serem presentes hos deputados de Valença, e Barcelona, sobelo que el Rei dom Fernando tornou apertar com elles, per fim lhe responderão, que jurarião hos Principes selhes elle de novo confirmasse alguns privilegios, que lhe tinha quebrados, de que hos el Rei desenganou, sem lhes querer conceder ho que pedião, nem elles menos jurar hos Principes, no que se passarão muitos desgostos, e paixões per spaço de tres meses. Destas differenças huma das principaes foi, dizerem que no regno não podia succeder femea, senão barão, e que este havia de ser per eleição dos estados do regno, quando Deos ordenasse não deixar el Rei filho barão herdeiro, e que pera jurarem ha Princesa elles ho não podião fazer sem hos de Valença, e Barcelona, que por sô este respecto dilatavão sua vinda ho que era sinal manifesto de não quere-rem consentir no tal juramento: mas estas differenças todas se averiguarão com ha nascença do Prin-

cipe dom Miguel, e morte da Rainha sua mãe, quomo logo se dirá.

## CAPITULO XXXI

*De quomo el Rei libertou ha cleresia de nam pagar sisas, dizimas, e outros direitos reaes, ha qual liberdade depois tambem concedeo á ordem de Christus.*

**E**STANDO el Rei em Çaragoça, por sua devação, de moto proprio deu liberdade á cleresia destes regnos de não pagarem sisa, nem dizima; nem outros direitos reaes, que atelli hos clerigos erão acostumados pagar, assi quomo hos leigos, e disso mandou fazer hum privilegio de isenção dos taes direitos, ho qual mandou ao regno per Fernão de Pina, que ho entregou a dom Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, irmão do Cardeal dom George da Costa, e elle ho recebeo, e levou nas mãos com procisão solemne ao Mosteiro de São Domingos, onde se leo publicamente, em huma pregação, que se sobrisso fez. Esta mesma liberdade deu el Rei depois no anno de M.D.III, aos comendadores, e cavalleiros da Ordem de Christus parelles, e seus criados.

## CAPITULO XXXII

*De quomo ha Rainha pario hum filho, e morreo do parto delle.*

**H**A Rainha dõna Isabel, molher del Rei dom Emanuel Princesa de Castella era mal disposta, e sua principal doença procedia de eteguidade, pelo que sentindo em sim, e em sua emprehidam sinaes de que se lhe podia recear ha morte, fez seu testamento, em que deixou el Rei seu marido por testamenteiro. Ha qual andando nestes temores, aos xxiiij, dias Dagosto do anno do Senhor de M.cccxcviij, dia de S. Bartholomeu pario com muito trabalho hum filho, a que chamarão dom Miguel Principe herdeiro dos regnos de Portugal, Castella, Leão, Sicilia, e Aragão. Ao tempo que ha Princesa pario forão presentes el Rei dom Fernando, e ha Rainha dõna Isabel, e el Rei dom Emanuel, e ha teve nos braços dom Francisco Dalmeida, de quem atras já fiz duas vezes menção. Foi tanto ho prazer, o alvoroço delles, que el Rei dom Fernando sahio da camara, e dixee alta voz com muita alegria a todos os senhores, e cavalleiros, que estavam em outra casa de fõra, dem graças a Deos que temos filho baram: ha qual nova sabida pela cidade começarão a repicar sinos, e fazer cada hum ha festa que tal nova requeria, mas tudo se converteo logo em muita tristeza, porque em el Rei dom Fernando tornando á camara onde estava ha Rainha sua filha ha achou morrendo de força de sangue, que se lhe soltara, sem lho poderem estancar, e já destituida dos spiritos vitaes, ha tomou nos braços, lembrandolhe ho que convinha a sua alma, ate que spirou. Iouve



ha Rainha vestida nos mesmos vestidos, que tinha quando pario ate mea noite, á qual hora ha levarão a enterrar a hum Mosteiro da Ordem de S. Hieronymo, questá fora da cidade. Morta ha Rainha Princesa, el Rei dom Emanuel começou logo dentender no que compria aos legados que deixara em seu testamento, ho que tudo acabou na mesma cidade de Çaragoça, donde despedindose com muito amor dos Reis, dom Fernando, e dõna Isabel, se partio aos viij, dias do mes de Septembro, acompanhado dalguns senhores Castelhanos, e em special do Patriarca Dalexandria. E em Aranda do Douro achou ho Condestabre, e o Duque Dalva, que ficarão por regentes do regno de Castella, o qual Duque, e Patriarca com outras pessoas principaes ho acompanharão ate Almeida, primeira villa de Portugal. Dali se veo el Rei a Coimbra, e de Coimbra a Lisboa, onde chegou aos ix, dias do mes Doutubro, e foi recebido com grande contentamento da Infante dõna Beatriz sua mãe, e da Rainha dõna Leonor sua irmã, e de todos que ahi erão presentes, e ho mesmo contentamento deu per todo ho regno ha nova de sua tornada.

## CAPITULO XXXIII

*Da embaixada que el Rei mandou ao Papa Alexandre, estando ainda em Castella, e sobre que.*

**N**o tempo do Pontificado do Papa Alexandre sexto, houve na corte de Roma muita soltura de viver, e se dava dissimuladamente licença a todo genero de viço, de maneira que grandes pecados se reputavão por veniaes, ao que hos Reis dom Fernando, e dom Emanuel, tendo disso certas informações, quomo bons, e Catholicos Christãos quiserão acodir, e huma das primeiras cousas em que ambos praticarão em Toledo foi sobreeste negocio, onde tiverão conselho, e ho mesmo em Çaragoça, e nelle foi determinado, que cada hum delles, per seus embaixadores, mandasse amoestar ho Papa, e pedir-lhe, quomo obedientes filhos da Egreja Catholica, que quisesse poer ordem, e modo na desolução de vida, costumes, e expedição de breves, bulas, e outras cousas que se em corte de Roma tratavão de que toda ha Christandade recebia scandalo. Esta embaixada tinhão hos Reis ordenado mandar de Çaragoça, mas por caso da morte da Rainha Princesa, el Rei dom Emanuel ha não pode expedir dali, nem menos quis dissimular, nem alongar tempo, em cousa tão importante, mas antes desno dia que partio de Çaragoça ate chegar Aranda do douro foi sempre entendendo neste negocio, e dali Daranda despachou por embaixadores ao Papa, dom Rødrigo de Castro alcaide mór de Covilhã, senhor de Valhelhas, e dom Henrique Coutinho filho do Marichal, dom Fernando Coutinho, seu desembargador do paço, hos quaes despois de serem em Roma juntamente com Garci-

laso, embaixador del Rei dom Fernando, requererão per muitas vezes ho Papa Alexandre sobrestas cousas, pedindolhe da parte dos Reis, que por serviço de Deos quisesse poer boa ordem, e regimento na governança do Ecclesiastico, e nos maos costumes, e viços em que ha corte de Roma estava habituada, por falta de castigo, emmenda, e punição que hos taes viços, tanto pelas leis humanas, quomo divinas merecião, sobellas quaes amoestações protestarão, e de seus protestos tirarão estromentos publicos, feitos per notairos Apostolicos, que consigo trouxerão, e apresentarão aos Reis, do que se seguio muito fructo, porque dalli por diante ho Papa Alexandre pos melhor ordem nas cousas Ecclesiasticas, e costumes da Corte de Roma, do que ho dantes sohia fazer.

## CAPITULO XXXIV

*De quomo ho Principe dom Miguel foi jnrado, e dos privilegios que em seu nome el Rei outorgou ao regno, e do presente que lhe mandou ho Papa Alexandre, e da morte de dom Pedro primeiro Marques de Villa Real.*

**E**L REI quomo atrás fica dito chegou a Lisboa aos ix. dias do mes Doutubro, de M.ccccxcviiij onde então pousou nas casas de Pero Dalcaçova, á porta Dalfofa, por ha Infante dõna Beatriz sua mãi pousar naquelle tempo nos paços Dalcaçova. Depois que esteve em Lisboa alguns dias se foi a Sintra, e dalli mandou aos Prelados, senhores, e procuradores do Regno, que se ajuntassem em Lisboa no mes de Fevereiro do anno seguinte de M.ccccxcviiij,

pera jurarem ho Principe dom Miguel seu filho, por herdeiro dos Regnos de Portugal, porque ho mesmo era já feito em Castella, e Aragão, e assi ho tinha sabido per cartas dos Reis de Castella, que lhe sobrisso screverão, pedindolhe, que pera assossego dos regnos quisesse logo fazer ho mesmo. El Rei esteve em Sintra ate fim do mes de Janeiro, e dalli se veo á cidade, onde se já começavão dajuntar hos estados do regno, e aos vij, dias de Março do mesmo anno fezerão todos juramento ao Principe nas mãos del Rei seu pai, no alpendre do Mosteiro de S. Domingos, mas antes de ho fazerem foi requerido a el Rei pelos estados, que se Deos houvesse por seu serviço, que hos regnos de Castella, e Portugal por este juramento ficassem juntos, que elle lhes promettesse em nome do Principe seu filho, que nunca ho regimento da justiça, e fazenda dos regnos, e senhorios de Portugal, em qualquer tempo, e por qualquer caso, que ao diante podesse succeder, fosse dado, nem concedido se não a Portugueses, e ho mesmo das capitánias dos lugares Dafrica, e alcaides móres de villas, e castellos, ho que lhes el Rei concedeo em nome do Principe seu filho, e disso lhes mandou passar privilegio assinado de sua mão, com sello pendente, em que há outras muitas clausulas, com declaração que tivessem pera sempre força de lei, quomo se no dito privilegio contem. Pouco tempo depois das cortes acabadas, e estando inda el Rei em Lisboa, chegou a elle hum familiar do Papa Alexandre, pelo qual (parece que por lhe gratificar has boas amoestações, que lhe fezera per seus embaixadores) lhe mandava huma espada, e huma carapuça forrada, peças que em dias ordenados ao tal aucto, hos Papas benzem, e mandão por honra aos Emperadores, Reis, e Principes Christãos, quando ha Egreja

delles recebe algum assinado serviço, has quaes foram apresentadas pelo mesmo messageiro a el Rei em huma procissão solenne, que pera isso mandou que se fizesse. Neste anno de M.ccccxcix, faleceo em Lisboa dom Pedro de Meneses, primeiro Marques de Villa Real, do que el Rei, e toda ha corte tiverão grande sentimento, e el Rei se ençarrou, com mostras de tristeza pela morte de hum tal homem, de quem elle, e seus regnos, assi na paz quomo na guerra sempre receberão muitos, e assinados serviços.

## CAPITULO XXXV

*Do que Vasquo da Gama passou em sua viagem, até chegar a aguada de Sam Bras.*

**V**ASQUO da Gama partio de Lisboa, quomo atrás fica dito, hum sabado viij, dias de Julho do anno do Senhor de M.ccccxcvij, e com elle seu irmão Paulo da Gama, e Nicolao Coelho com outra nao, que levava mantimentos de que era capitão Gonçalo Nunez. Ho piloto desta armada se chamava Pero Dálanquer, homem mui experto nas cousas do mar, e per cuja industria Lopo Infante, e Bartholomeu Diaz chegarão atte ho rio do Infante, quando per mandado del Rei dom João foram a descobrir, ho qual Pero Dalanquer hia na nao capitania. Estas quatro naos despachou em Lisboa Fernão Lourenço feitor da casa da Mina, que foi hum dos magnificos homens daquelle tempo, e que do seu fundou de novo hos paços de Sanctos ho velho, que depois el Rei dom Emanuel houve delle, per escãibo

de bens da Coroa, que lhe deu. Assi que seguindo Vasquo da Gama sua viagem passou á vista das Ilhas de Canarea, e dahi foi ter ao porto de Sancta Maria na Ilha de Sanctiago, aos xxviii, dias do mes de Iulho, donde seguindo seu regimento começou de cortar a leste em busca do cabo de boa Sperança, no que andou hos meses de Agosto, Septembro, e Outubro, com muitas tormentas, e tempos contrarios, até que Deos se houve por servido lhe mostrar terra, que foi aos quatro dias do mes de Novembro, ha qual forão demandar com muita alegria, e acharão ser huma terra baixa, em que ha huma grande baia, a que poserão nome ha Angra de Sancta Helena. Estando Vasquo da Gama alli surto, por quanto na Angra se não metia rio, nem regato, nem menos achavão fontes, nem poços de que podessem tomar agoa, mandou a Nicolao Coelho, que no seu batel fosse por diante ao longo da praia buscar algum rio, ho qual indo sempre apegado com terra, a quatro legoas da Angra foi dar em hum rio fresco, e de boas agoas, a que pos nome de Sanctiago, onde todos fezerão agoada, lenha, e carnagem de lobos marinhos, de que naquella parajem ha muitos, e delles tamanhos, quomo grandes cavallos. Nesta Angra foi Vasquo da Gama com outros tres homens ferido, e ho negocio se armou desta maneira. Ao dia seguinte, que ha frota alli chegou, por não verem gente na praia, sahio elle em terra com hos outros capitães pera mais á sua vontade tomarem a altura do sol, e verem se havia algumas povoações, ou se era deserta. Andando assi espalhados em magotes de huma parte pera ha outra, forão dar com dous homens pretos, de cabello revolto, quomo hos de Guiné, hum pouco mais baços, que estavam apanhando mel ao pé de huma monteira, com cada hum seu tição na mão,

pera hos quaes se forão chegando a passo largo, e posto que ambos com espanto, e medo de verem gente tão desacostumada se posessem em fugida, tomarão hos nossos hum`delles, e ho trouxerão a Vasquo da Gama, com que se recolheo alegre ás naos, cuidando que se entenderia com alguma das lingoas, que levava, mas em toda ha frota não houve pessoa, que ho podesse entender se não per acenos, e sem medo, nem receo comeo, e bebeo de todas as iguarias, que lhe derão, com dous grumetes, a quem Vasquo da Gama mandou, que lhe fizessem boa companhia. E porque era já tarde quando se recolherão, ho negro ficou aquella noite na nao, e ao outro dia pela manhã ho mandou vestir de panos de cores, e poer em terra, despedindose elle dos nossos mui ledos, e contente da boa companhia, que lhe fizeram, e sobretudo dalguns cascaveis, continhas de cristalino, e outros brincos, que levava. Estes arreos com que este homem sahio em terra fazerão enveja aos que ho virão, porque ao outro dia vierão á praia quinze, ou vinte delles. Pelo que mandou logo Vasquo da Gama poiar gente nos bateis, com que se veio a terra, trazendo consigo mostra de especiarias, ouro, e aljofar, seda, ho que hos negros estimarão pouco por não saberem ho que era: então lhes mandou dar cascaveis, ceptis, e aneis destanho, e outras cousas desta qualidade, ho que tomarão mui alegres, especialmente hos cascaveis pelo som que fazião, e dalli por diante começarão de vir á praia seguramente, e dar dos mantimentos, que havia na terra, atroquo de outras cousas. Com esta familiaridade hum homem honrado per nome Fernão Velloso desejou de em companhia dalguns destes negros, a que se já fizera familiar, ir ver suas habitações, e modo que tinham em suas casas, e pera isso houve licença de Vasquo

da Gama, hos quaes mostrando nisso contentamento ho levarão consigo e de caminho tomarão hum lobo marinho com que ho festejarão, e quomo nem ho guisado do lobo, nem ho modo da terra satisfizessem muito a Fernam Veloso acabado ho banquete começou de caminhar pera onde has naos estavam. Hos negros, que por ventura fazião conta de ho trazerem consigo mais tempo pera ho festejarem ao seu modo, vendo ho tornar tão de subito, se vierão com elle atte praia, mandando aos moços da aldea, que hos seguissem com suas armas, que são dardos e azagais, guarnecidos nos cabos de ossos, e pontas de cornos de alimarias, com que ferem, como se fossem de verdadeiro aço temperado. Isto parece que devia ser pera se defenderem, se Fernão Velloso se aqueixasse da companhia que lhe fezerão, e hos nossos lhes quisessem por isso fazer mal. Chegando Fernão Veloso á praia começou a bradar, que lhe acodissem, mas por elle ser mui rebolão, assomado, e fallar sempre valentias não se derão hos nossos muita pressa, nem hos negros lhe fazião mal, nem entendião, que pedia soccorro contra elles, com tudo quomo Vasco da Gama, que á mesma hora estava ceando, soube ho que passava, mandou fazer sinal aos capitães, pera ho seguirem, hos negros vendo hos bateis vir com muita gente recolherãose pera onde hos moços estavam escondidos com has armas, deixando Fernam Veioso na praia, sem lhe fazerem nenhum mal. Vasco da Gama cuidando, que erão todos já idos, sahio com ha gente em terra descuidado do que havia de ser, porque hos negros parecendolhes que hos nossos vinhão com má tençam, se descobriram dos matos em que estavam embrenhados, e derão tão de subito nos nossos, que ás azagaiadas hos fezerão todos recolher aos bateis mais depressa do que se desembarca-



rão. Nesta briga foi ferido Vasquo da Gama em hum pé, e outros tres da companhia, assi que per azo deste Fernão Veloso ficarão hos de terra alevantados, e Vasquo da Gama se fez á vela a huma quinta feira xvj, dias de Novembro, e aos xx, dobrou ho cabo de boa Sperança, a quem hos marinheiros por ser muito espantoso chamão das tormentas: navegando ao longo da costa com muito prazer, folias, e tocar de trombetas, e polo tempo ser bonança, hião tão junto da terra que virão alem da frescura della, muitas criações de gado grosso, e meudo. Ha gente desta provincia he baça, de cabello revoltado, quomo hos da Angra de Sancta Helena, pequenos de corpo, feios, quando falão parece que salução, e andão vestidos de pelles. Suas casas são de adobes, terra, e madeira, cubertas de colmo, tem musica, ainda que não quomo ha nossa, com tudo tanjem frautas pastoris acordadas, ho som das quaes não pareceo mal aos nossos. Ao Domingo seguinte, que dobrarão ho cabo, dia de Sancta Catherina xxv de Novembro chegarão á auguada de São Bras, que he sessenta legoas do cabo, na qual parajem há muitos, e grandes Elephantes, e muitos bois mansos e gordos, hos quaes hos negros trazem com humas albardilhas de feição das castelhanas, feitas de taboa, e se servem delles, quomo nós dos cavallos, dos quaes se ha armada proveo, atroquo doutras cousas, que davão aos negros por elles, e por carneiros, de que ahi ha muitos grandes, e gordos. Junto desta Angra está hum ilheo em que hos nossos virão juntos mais de tres mil lobos marinhos, tão bravos, que remetião á gente quomo touros, ha ahi humas aves a que chamão Sotilicairos, tamanhas quomo patos bravos, que não voão, por não terem penas nas asas, sómente has tem cobertas de couro, da cor, e pello de morcegos.

Nesta aguada de S. Bras fez Vasco da Gama queimar ha nao dos mantimentos, de que era capitão Gonçalo Nunez, por della não haver necessidade, donde feita aguada, e carnagem se fez á vela, havendo já treze dias que alli chegara, e estivera mais se não succederão desconcertos, e brigas entre hos nossos, e hos negros, polo que antes da armada partir daquella parajem a vista da frota, hos negros derribarão hum padrão, com hum Cruz, que Vasco da Gama mandara poer sobre hum combro, junto da praia, dos quaes levava muitos, em que hião has armas do Regno talhadas, pera hos poer nos portos, e lugares que lhe parecesse necessario, quomo levava per regimento.

## CAPITULO XXXVI

*Do que Vasco da Gama passou ate chegar á ilha de Moçambique.*

**D**ESTA aguada de S. Bras partio ha frota dia da Concepção de nossa Senhora, oito dias de Dezembro, e navegando ao longo da costa lhe deu hum temporal, que ha fez engolfar, ho qual acabado, tornou ha buscar ha terra, e aos xvj dias chegou á vista de huns ilheos chãos, que estão sessenta legoas da aguada de S. Bras, e cinco alem do ilheo da Cruz, onde Bartholomeu Diaz posera ho derradeiro padrão, dos quaes ilheos ao rio do Infante, que Lopo Infante descobrio, ha quinze legoas, toda terra muito graciosa, de grandes arvoredos, prados, e muitas criações de gado, ho que tudo se via da

frota, por irem muito perto da praia, e lhes dar a isso lugar ho bom fundo que achavão, e tempo galerno, com que em dia de Natal acharão, que tinham navegado setenta legoas a leste, que era ho rumo a que havião de ir buscar ha India, quomo ho levava Vasquo da Gama por regimento, e indo todos mui ledos, por terem passado adiante do que descobrirão Bartholomeu Diaz, e Lopo Infante: virão ao x dias de Janeiro de M.ccccxcviiij andar ao longo da praia muitos homens, e molheres grandes do corpo, da mesma cor dos que deixarão atrás, e porque lhes ja faltava agua, mandou Vasquo da Gama surgir, desejoso de saber, que gente aquella era, ao que mandou no batel hum Martim Afonso, homem que sabia muitas lingoas barbaras, e com elle hum companheiro, hos quaes forão bem recebidos daquela gente, e do senhor delles que hos veo sperar á praia, ho que sabendo Vasquo da Gama, lhe mandou pela mesma lingua que se entendeo com alguns delles (que devião ser estrangeiros das partes de Guiné) huma jaqueta, calças, e carapuça, de seda vermelha, e outras peças, ho que lhe mandou agradecer, mandandolhe muitas galinhas em presente, e outras cousas da terra, com muitos offercimentos, pedindolhe que deixasse ir consigo Martim Afonso pera ho festejar em sua casa; ho que assi fez com galinhas, e outras aves, e por pão papas de milho. Hos habitadores desta terra são já mais polidos que hos do cabo de boa Sperança, porque trazem nos braços manilhas de cobre, e pedaços delle atados nos cabellos da cabeça, e barba, usão punhaes guarnecidos destanho com bainhas de marfim. Huma das cousas que mais estimarão, das que lhe hos nossos mostravão, foi panno de linho, tanto que davão por pouca quantidade delle muita de cobre que he sinal que ho

deve de haver naquella terra, ou nas vezinhas. Por esta gente ser muito domestica, e fazer muitos serviços a todollos darmada, Vasquo da Gama lhe pos nome ha terra da boa gente, e hum Rio onde fez auguada ho Rio do cobre: alli deixou dous dos degradados que levava pera tomarem enformação da terra, e saberem della has particularidades, dandolhes tempo assinado em que se achassem naquelle lugar, pera da torna viagem hos recolher, destes levava dez ou doze que forão presos por casos de morte, aos quaes el Rei perdoou has culpas pera se delles servir nesta viagem, aventurando-os quomo pessoas com quem em lhes alongar ha vida per qualquer modo que fosse, usava graça, e misericordia. Desta terra da boa gente partio ha armada aos quinze dias de Janeiro, e aos vinte, e cinco, dia da conversão de S. Paulo chegou a boca de hum rio grande muito fresco, e de muitas fructas, e arvoredos, onde ancorou ja bem tarde, e loguo pela manhã virão vir pello rio abaixo algumas almadias a remo com gente da mesma calidade dos do rio do cobre, e antrelles alguns mais baços. Estes homens em chegando ás naos sem nenhum medo, nem receo sobirão pela enxarcia tão seguros quomo se tiverão conhecimento, e amisade com hos nossos, que vendo ha simpreza delles hos deixarão entrar nas naos, onde forão bem festejados, tudo per acenos, e sinaes, por quanto Martim Afonso nem hos outros lingoas hos poderam entender. Havendo ja tres dias que alli chegara ha frota vierão quatro senhores dos principaes daquella comarca visitar Vasquo da Gama, e ver has naos, aos quaes fez muita honra, e elles ha souberão tomar como pessoas de calidade, cujos atavios erão como hos da outra gente, com tudo hos pannos com que cobrião has partes vergonhosas erão maiores, e mais

largos que os dos populares, hum dos quaes trazia na cabeça huma touqua com vivos, e cadilhos de seda, e ho outro huma carapuça de cetim verde, ho que deu sinal aos nossos de se irem já chegando para ha India, do que todos forão mui ledos. Vasquo da Gama mandou vestir estes homens de pano de seda de cores, e lhes fez ha melhor companhia que pode, com hos quaes vinha hum mancebo de quem per acenos, com algumas palavras que fallava do Arabigo, poderão hos nossos entender que a terra donde elle vinhos naos tamanhas quomo has nossas, e que não era muito longe dalli. Ha qual nova foi de grande contentamento a todos, e por isso pos Vasquo da Gama nome a este rio, dos bons sinaes, onde mandou meter hum padrão em terra a que pos nome S. Raphael, e alli deixou outros dous degradados. Neste rio dos bons sinaes mandou dar pendor ás naos, por disso terem muita necessidade, no que se deteve xxxij, dias, com lhe adoecerem muitos dos nossos de diversas doenças, pela terra ser alagadiça, baixa e lançar de sim vapores grossos, e maos. Depois que as naos forão prestes, partirão daquelle lugar, aos xxiiij, dias de Fevereiro, e ao primeiro de Março houverão vista de quatro ilhas, de huma das quaes da nao de Nicolao Coelho virão sair sete, ou oito barcos á vela, a que hos da terra chamão zambuquos, ho que vendo derão huma grande grita, e com ella forão salvar ha capitaina. Pelo que logo Vasquo da Gama mandou a Nicolao Coelho, por ha sua não ser pequena, que fosse diante sondando ate aquella ilha donde hos barcos sairão. Hos dos barcos tanto que virão has naos, se chegarão a ellas, e has forão seguindo ate que ancorarão, tangendo anafis, e outros instrumentos, que se já parecião mais com hos nossos, que hos das outras terras em que tocarão. Ha

gente destes barcos era baça, de bons corpos, vinhão vestidos de panos dalgodão listrados, e nas cabeças trazião humas touças, foteadas com vivos de seda, lavrados de fio douro, e terçados morisquos cingidos, com adargas nos braços, hos quaes em chegando a bordo das naos, entrarão seguramente nelas, saudando hos nossos em lingua Arabiga, que todos fallavão. Vasquo da Gama, e os outros capitães conhecendo que erão mouros, estiverão sempre sobre aviso, com tudo hos convidarão com fructas que trazião e entre ho banquetear lhes perguntavão da terra, e ha qualidade della, dos quaes souberão quomo aquella ilha se chamava Moçambique, e que ho Xequera era vassallo del Rei de Quiloa, e que dalli perá India, e pera ho mar Darabia havia trato de muitas mercadorias, e assi o havia douro em huma terra, que lhes ficava atrás que se chamava Çofala, ho que todos ouvindo davão entre sim graças a Deos pela grande merce, que lhes tinha feita. Esta ilha de Moçambique tem muito bom porto, jaz em terra baixa alagadiça, e doentia, hos principaes della erão mouros baços de diversas nações, que tratavão dalli pera muitas partes, hos naturaes são negros, assi hos da ilha, quomo da terra firme, vivem em casas de taipa cubertas de palha. Has naos, ou zambuquos, em que navegavão estes mouros, nem tinhão cuberta, nem pregadura, erão liadas com cavilhas de pao, e cordas de fio de palma, a que chamão cairo, has velas são da folha da mesma palma, tecidas quomo esteiras muito tapadas, navegão com agulhas levantisquas, quadrantes, e cartas de marear. Acabada ha merenda, cuidando estes homens, que erão hos nossos mouros, e que por serem de muito longe hos não entendião se despedirão muito contentes da companhia, e assi das peças que lhes Vasquo da Gama deu, e man-

dou ao Xeque, ou capitão do lugar, que se chamava Çacoeia.

## CAPITULO XXXVII

*De quomo ho Xeque Çacoeia, cuidando que erão hos nossos turcos, ou mouros, veo às naos verse com Vasquo da Gama, e do que lhe depois aconteceu em Mombaça.*

**E**STE Xeque com ho recado que lhe derão hos mouros que forão á frota, parecendolhe que fossem hos nossos da mesma seita mandou hum presente de refresco a Vasquo da Gama, e aos moradores, que levassem mantimentos ás naos, e hos vendessem por preços honestos, em retorno do que lhe mandou Vasquo da Gama alguns vestidos, e outras cousas. Esta amisade começada, Çacoeia foi ver Vasquo da Gama á nao acompanhado de muitas almádias, e gente bem ordenada, com arcos, frechas, e outras armas que usão, vestidos todos de panno dalgudão listrados, e alguns de seda de cores, tangendo muitos anafis, trombetas, buzinas de marfim, e outros instrumentos, que fazião tamanho estrondo, que se não ouvião huns com hos outros, na qual ordem chegarão a bordo da nao de Vasquo da Gama. Çacoeia era homem magro, alto de corpo e bem disposto, de mea idade, trazia vestido huma cabaia ao modo turquesquo, de panno branco fino dalgudão, e sobresta outra desabotoada de veludo de Meca, na cabeça huma touqua de cores foteada, entresachada de fios douro, na cinta hum terçado douro, e pedra-ria, com huma adaga do mesmo jaez, e nos pés hu-

mas alparcas de veludo. Vasquo da Gama ho veo receber abordo pondo de huma banda e da outra per onde avia de passar duas renques de homens armados, dos mais sãos, e melhor dispostos darmada, porque hos doentes, e mal vestidos não quis que apparecessem, e assi a elle, quomo aos que com elle vinhão mandou dar vinho, e fructa do que comerão, e beberão ate se alegrarem. Nesta merenda, entre outras praticas que tiverão perguntou Çacoeia a Vasquo da Gama se erão turquos, se mouros, e donde vinhão, se trazião livros de sua lei, que lhos mostrasse, e assi has armas que se mais usavão em sua terra, ao que lhe respondeo, que hos livros de sua lei lhe mostraria depois, que quanto ás armas erão aquellas com que hos seus estavão armados, couraças, lanças, espingardas, e béstas, com algumas das quaes mandou tirar, e tras ellas com has bombardas, doque Çacoeia, e hos seus se alegrarão muito, no qual tempo Vasquo da Gama não cessava per meo dos lingoas de se inquirir dos negocios da India, e caminho que havia de tomar dalli ate Calecut, do que bem informado, pediu a Çacoeia pilotos pera esta viagem, hos quaes lhe prometeo, com condição que hos pagassem bem: nisto passarão hum pedaço, ate que depois de bem festejados se tornarão pera terra. Dahi a dous dias tornou Çacoeia a visitar Vasquo da Gama com refresquo, e dous pilotos, com hos quaes, pello levarem a Calecut, se concertou por trinta meticaes douro, peso da terra, que val cada hum quatrocentos e vinte reaes de nossa moeda. Alem disto lhes deu marlotas, e outros vestidos, deque forão mui satisfeitos, e logo per mandado de Çacoeia ficarão nas naos. Feito este concerto, havendo dambalas partes muita amisade, e comunicação, vierão hos mouros ha saber, que erão hos nossos Christãos, ho que causou



tornarse tudo isto em odio, e desejo de hos matarem, e lhes tomarem has naos, ho que hum dos pilotos descobrio a Vasquo da Gama, pelo que se logo fez á vella, e foi surgir junto de huma ilha a que pos nome de S. George, que está huma legoa ala már de Moçambique, avendo já sete dias que ali chegara e porque ho outro piloto lhe ficava em terra, do que andava muito agastado, o outro que estava na nao lhe dixee, que não tomasse por isso paixão, que elle ho levaria a huma ilha per nome Quiloa, que era dalli cem legoas, povoada de Christãos, e mouros que sempre tinhão guerra, que alli acharia muitos pilotos, que não viviam se não de navegar perá India. Vasquo da Gama lhe prometteo boas alviçaras ho dia que chegassem a Quiloa, fazendose logo á vela, que foi huma terça feira, xiiij dias de Março, e com calmarias se achou a ré da ilha de Moçambique quatro legoas, pelo que tornou a surgir na mesma ilha de S. George, onde depois de surto veo á nao hum mouro, que trazia consigo hum moço de doze, ou treze annos seu filho, e pedio a Vasquo da Gama, que ho mandasse recolher nas naos, dizendo-lhe que era homem do mar, e se queria tornar pera Meca, donde viera por piloto de huma nao, de Moçambique, Vasquo da Gama ho recolheo de boa vontade na sua mesma nao, pera delle tomar informação das cousas do már da Arabia. Com este piloto, e com ho que lhe deu Çacoeia, e com outro que Paulo da Gama tomou em huma briga, que hos nossos houverão com hos da terra, se partio dalli ao primeiro Dabril em busca da ilha de Quiloa, a qual escorreo, e passando adiante chegou hum sabbado vespera de Ramos, sete dias do mesmo mes á ilha de Mombaça, que he muito fresca e ha nella muitas fructas, e hortaliças quomo ás de Portugal, de muito bons ares,

agoas, trigo, e criações: has casas são de pedra, e cal, e cantaria, pintadas, e farradas quomo has nossas. E porque hos pilotos mouros lhe derão a entender, que naquella ilha habitavão tambem Christãos, em povoações separadas dos mouros (ho que era falso) ancorou mui contente, cuidando de hos achar, e per seu meo aver has cousas que lhe fossem necessarias pera sua viagem e curar hos doentes que levava, porque já quando alli chegou lhe morréra quasi ametade da gente, e da que escapara, ha mais era doente. Surtas as naos vierão cem homens em huma grande almadia a bordo da capitaina, vestidos á turquesqua, com terçados, e escudos, entre os quaes vinhão quatro que parecião hos principaes, que em chegando quizerão subir á nao, assi armados quomo estavam, com alguns da companhia, ho que lhes Vasco da Gama não consentio, se não que elles sós, e sem armas entrassem na nao, aos quaes quomo forão dentro mandou banquetear, desculpandosse de lhes não consentir has armas, ho que elles tomarão bem, dizendolhe, que assi o devia fazer sempre, pois estava em terra estranha, onde não sabia de quem se avia de guardar. Estes lhe dixerão, que el Rei de Mombaça havia já dias que sabia de sua vinda, e por ter muito desejo de ho ver, pela informação que delle tinhão, estava determinado de ao outro dia ho vir visitar em pessoa, ho que tudo erão enganos, por que sua tenção era tomar has naos, e matar todos. Acabada ha merenda hos mouros se despedirão de Vasco da Gama com mostras de grande amizade e logo ao outro dia, que era Domingo de Ramos, mandou el Rei de Mombaça visitar Vasco da Gama com hum presente de fructa, e carneiros, pedindolhe que entrasse pera dentro do porto, que alli ho iria visitar, que naquella cidade acharia todalas specia-

rias, e mercadorias, que havia na India, em tanta abundancia, que poderia carregar has naos dellas, sem ter necessidade de passar adiante, nem se aventurar aos trabalhos, e desastres daquella navegação, que era huma das mais perigosas de todas aquellas partes. Aos que trouxerão este recado mandou, que dissimulassem serem Christãos, e dizessem que na terra avia muitos delles, ho qus elles souberão mui bem contrafazer, pelo que lhes Vasquo da Gama fez muito gasalhado, e deu algumas peças e mandou outras a el Rei, despedindo-hos de sim com recado, que ao outro dia entraria pera dentro, e pera mór confirmação mandou com elles dous degradados. dos que consigo trazia, hos quaes el Rei recebeo bem, e lhes mandou amostrar ha cidade, ha qual he grande, situada sobre pedra viva, em hum alto, onde bate ho már e na boca do porto tem huma torre com artilharia, e guarda de gente, chamase Mombaça, do nome da mesma ilha. Depois destes degradados terem andado per toda ha cidade, hos tornarão a levar a el Rei, que por anegaça lhes deu pimenta, cravo, canella, gengivre, nozes noscadas, maçãs, ambar, marfim, que levassem per mostra a Vasquo da Gama, e assi hos despedio, e com elles lhe mandou recado que de tudo aquillo lhe daria carga perás naos, do que effe ficou mui ledò, e logo ao outro dia mandou levar ancora, com tenção de entrar no porto, e porque ha sua nao com ha corrente hia já quasi sobre hum baixo, mandou surgir, e ho mesmo fezerão has outras naos, pelo que alguns mouros dos da cidade, que trouxerão mantimentos ás nossas naos, e algumas mercadorias, se recolherão aos barcos encaminhando perá cidade, e passando hum delles per popa da capitania, hos pilotos que trouxera de Mocambique se lançarão ao mar, hos quaes hos do barco re-

colherão sem hos quererem tornar á nao, posto que Vasquo da Gama lhes fezesse bradar, do que logo tomou suspeita, que el Rei tinha armado treição, e por disso saber ha verdade mandou meter a tormento dous mouros que Paulo da Gama captivara na briga de Moçambique, de quem soube que hos pilotos se lançarão ao mar, cuidando quando mandou surgir, que fora por algum aviso, que tivesse de treíçam, que lhes estava ordenada, quera tomarem has naos, e nos meterem todos á espada. Vasquo da Gama, e todos da frota derão muitas graças a Deos de hos livrar do perigo, que lhes estava aparelhado, e receosos que hos mouros viessem de noite ás naos cortarlhes has amarras, se vigiavão com mais tento do que ho dantes fazião, nem foi dê balde ho que cuidavam, porque em duas noites que alli depois estiverão, em ambas vierão muitos da terra a nado com treçados, e machadinhas, pera picarem has amarras, o que tudo fazião com tanto silencio, que se não fora ha muita vigilancia, que se sobre isso tinha, os nossos se virão em perigo. Vendo Vasquo da Gama ho que passava, sexta feira de Indulgencias se fez á vela, sem levar outro piloto, que ho que em Moçambique se metera na sua nao, ho qual ho esforçou, prometendolhe de ho levar á cidade de Melinde, onde acharia quantos pilotos quisesse perá India. Neste caminho tomou hum zambuquo com quatorze mouros, entre hos quaes hum delles parecia ho senhor de todos, homem prudente, natural da mesma cidade, de quem se informou dos negocios da India, e daquella costa, e em special do regno, e cidade de Melinde, diante da qual foi surgir dia de Pascoa de Resurreição pela manhã, com muita alegria, assi pelo dia que era como por sperar que acharia alli melhor recado, do que fez em Mombaça

pelas boas novas que tinha do Rei, e senhor que nella então regnava.

## CAPITULO XXXVIII

*Do sitio da cidade de Melinde, e do que Vasquo da Gama passou com ho Rei della, e do caminho que fez até chegar a Calecut.*

**H**A cidade de Melinde jaz de longo da praia em hum campo raso cercada de palmares, e arequaes, tem muitos pumares, e ortas, com noras, de boa ortaliga, e fruita despinho, e outras prumajes, tem ho surgidouro longe da povoação, por estar em costa brava. A terra he fertil de mantimentos e criações de gado, galinhas, e caça, tudo muito barato, he bem arruada, has casas são de pedra, e cal, e cantaria, com eirados, muito fermosas da banda de fora, e de muito riquos labores, e pinturas por dentro. Hos naturaes da terra são gentios, baços, de cabello revoltó, bem dispostos, hos estrangeiros são Mouros Arabios, andão nus da cinta pera riba, e pera baixo cingidos com pannos de seda, e dalgodão. Hos nobres hos usão sobraçados, nas cabeças trazem fotas com cadilhos de seda, e ouro, suas armas são terçados, lanças, adargas, arcos e frechas, tratão-se muito bem, tem grande opinião de cavalleiros, com tudo naquellas partes quando se quer dar louvor ao melhor de cada Cidade, dizem cavalleiros de Mombaça e damas de Melinde, por serem fermosas, cortezãs, e bem ataviadas. Hos mais dos mercadores, que vivem nesta Cidade, sam Guzarates do Regno de Cambaia: na terra ha ouro, ambar, marfim, breu, e

cera: ho Rei he mouro, servesse com muitas cerimonia, e tem assaz bom estado. Aquelle dia em que as naos surgirão que era de Pascoa, nenhum dos da Cidade veio a ellas, porque já tinham aviso do que hos nossos passarão em Mombaça, e arreceavão o mesmo, ho que suspeitando Vasquo da Gama a segunda feira foi lançar ancora a mea legoa della, nem se quiz mais chegar, por ho porto ter hum arresife perigoso, ho mouro que tomara no zambuquo entendendo ho negocio, lhe pedio que ho deixasse ir a terra sô, que elle lhe negociaria pilotos perá India, e tudo ho que lhe comprisse, e que naquelle porto estavam quatro naos de Christãos Indios prestes pera se tornarem, que podia ser que lhe fizessem companhia, por serem todos de huma lei: Vasquo da Gama posto que lhe desse pouca fê vendo que ganhava muito se lhe tratasse verdade, ho mandou poer em huma ilha, que está muito perto da Cidade, da qual em se ho batel afastando, logo da terra vierão por elle em huma almadia, e ho levarão a el Rei, do qual se informou do modo dos nossos, e sabendo que ho Capitão queria com elle paz, e amizade, lhe mandou por elle hum presente de carneiros, e fructa da terra, e Vasquo da Gama lhe mandou pelo mesmo outro de cousas do Regno, e com elle hum degradado com que el Rei folgou muito. Nestes recados andarão ha segunda, e terça feira, e já seguro de lhe parecer que nada do que sentrelles tratava era fingido, a quarta derradeira octava pela manhã se chegou mais a terra, e foi surgir junto das quatro naos dos Christãos, que erão de Cranganor, homens baços, de cabello comprido, vestidos ao modo Persio, dos quaes forão os nossos festejados, recebendo delles prestimo, amizade, e avisos das cousas da terra, dizendolhe que se fiasse del Rei quomo de mouro, e que de todos da

cidade fizesse ha mesma conta. El Rei de Melinde era muito velho, e doente, e posto que desejasse de ir ver has naos, ha má disposição lho estorvava, com tudo seu filho mais velho, herdeiro do regno, que já regia por elle, has veo ver no mesmo dia depois de jentar, em huma almádia grande, acompanhado de gente nobre, muito bem ataviado. Vinha assentado em huma cadeira despaldas darame, e no assento della huma almofada de veludo, e aos pés outra: trazia vestida huma cabaia de damasquo cramisim, forrada de setim verde, e huma touqua foteada. Tomavalhe hum homem ho sol com hum sombreiro de setim cramisim, a modo de sobreceo desparavel, posto que em huma aste de pao dourada. Iunto delle hia assentado outro homem velho que lhe levava hum terçado guarnecido douro, e prata anilada: na mesma almádia vinhão homens, que tangião anafiz, e bozinas de marfim tão concertado que parecia mais musica doutros instrumentos, que daquelles barbaros. Vasquo da Gama quomo soube da vinda do Principe mandou toldar e embandeirar o batel, e com doze homens dos melhor vistosos, ho veo receber antes que chegasse ás naos. Ho Principe quomo vinha desejoso de ver hos nossos de perto, em chegando ao batel se lançou dentro, e foi logo abraçar Vasquo da Gama, sem pejo, nem cerimonia, perguntandolhe depois que se assentarão muitas cousas, quomo homem prudente, no que despenderão hum bom pedaço de tempo, andando ao redor das naos, has quaes elle olhava, e assi ho traço, e modo dos nossos com muito espanto. Vasquo da Gama mandou, que lhe trouxessem da nao hos mouros, que tomara no zambuquo, dos quaes lhe fez presente, o que elle estimou muito, fazendolhe por isso muitos offerecimentos, rogandolhe que se fosse com elle a

terra folgar, e repousar nos seus paços, que em refens disso deixaria nas naos hum seu filho, que alli trazia, e dos seus cavalleiros quantos elle quizesse, do que se Vasquo da Gama excusou, mas ho Principe desejoso que hos nossos fossem á cidade, entregava ho filho a Vásquo da Gama, com alguns homens fidalgos, pedindolhe que dos seus lhe dêsse sómente dous, pera hos levar consigo, porque se fosse sem elles, seu pai ho tomaria mal, pelo desejo que tinha de ver gente Portugeza, por já saber quam bem ho fezerão em Moçambique, e Mombaça. Com estes dous homens sem Vasquo da Gama querer tomar hos arrefens se recolheo ho Principe á sua almádia, ficando assentado, que ao outro dia fossem no batel de longo da praia pera ver ha cidade; ho que Vasquo da Gama assi fez, levando consigo Nicolao Coelho, cada hum em seu batel bem artilhados, e em chegando junto da praia o Principe deceo dos paços per huma escada de pedra, que vinha dar no mar, onde ho tomarão em hum andor em que o levarão ao batel de Vasquo da Gama. Depois de feitas suas ceremonias lhe tornou de novo a pedir que quizesse ir ver seu pai, que por ser muito velho, e entrevado não podia fazer ho mesmo, e que pera segurança elle se iria com seu filho perás naos, do que se Vasquo da Gama excusou, dizendo que não trazia licença del Rei seu senhor pera o fazer. Entre tanto que sextas praticas passavão, assi da cidade, quomo das nossas naos, e das dos Christãos Indios, e doutras, e dos bateis tiravão muitas bombardas, e lançavão foguetes, o que durou até se o Principe recolher pera os paços, o qual todo ho tempo que alli esteve ha armada mandou visitar a Vasquo da Gama, e os outros capitães com refresco da terra, alem do que lhe deu hum bom Piloto mouro guzarate, per nome Malemo-



canaqua, e com ho muito desejo que tinha de nossa amizade, tomou a fê a Vasquo da Gama, que tornasse pera alli, por que em sua companhia queria mandar hum embaixador a el Rei de Portugal pera com elle assentar paz, e amizade, com ha qual, e muito amor dos da terra partirão os nossos daquella cidade de Melinde huma terça feira xxiiij, dias Dabril, deixando posto hum padrão na praia a que poseram nome Sancto Spirito. Seguindo assi sua viagem pelo golfão que se faz da costa de Melinde, ate ha do Malabar, a huma sexta feira xvij, dias de Maio virão huma terra alta, ha qual o piloto Canaqua não pode bem conhecer, por o tempo andar encuberto com chuueiros: mas ao Domingo seguinte pela manhã vio humas serras que estão junto da cidade de Calecut, do que logo pedio alviçaras a Vasquo da Gama, que lhas deu boas, e de boa vontade, louvando todos a Deos polos ter guiado a lugar que tanto tempo havia que andavão buscando, fazendo por isso grandes festas, e alegrias, com has quaes, e com has naos embadeiradas a som de trombetas, no mesmo dia depois de jentar forão surgir duas legoas da cidade de Calecut, tão contente quomo se já tiverão feito fim de seus trabalhos, e estiverão surtos diante da cidade de Lisboa donde havia onze meses que partirão.

## CAPITULO XXXIX

*Do que Vasquo da Gama fez depois que surgio, e do recado que mandou a el Rei de Calecut.*

**E**m has naos lançando ancora chegarão a ellas alguns barcos, de que hos nossos comprarão refrescos da terra. Destes soube Vasquo da Gama, que não era aquelle o surgidouro de Calecut, offerecendoselhe que o levarião lá, quomo fezerão, donde depois de surto mandou hum dos degradados á cidade, ao redor do qual, em desembarcando, se ajuntou muito povo, perguntandolhe que homem era, e donde vinhão naos tão dessemelhantes ás suas. Destes alguns erão mouros, que lhe começarão a fallar arabio, mas vendo que os não entendia, o tropel da gente o levou pera huma parte da cidade, onde pousavam mercadores mouros estrangeiros, andando de casa em casa pera ver se achavam quem ho entendesse, ate que forão dar com dous mercadores de Tunez dos quaes hum per nome Monçaide fallava castelhano, que em o degradado entrando pela porta da casa, conhecendo no traço que era Hispanhol, lhe perguntou de que nação da Hispanha era, e sabendo que Portugues lhe mandou dar de comer, dizendolhe que se alguma cousa compria aos que vinhão naquella armada, que o faria de mui boa vontade, e que pera confirmação disso queria ir em sua companhia visitar o capitão, o qual em entrando na nao, dixe em castelhano alta voz, boa ventura vos seja a todos, dai graças a Deos, que vos trouxe á mais rica terra do mundo, em que achareis todo genero de mercadorias; que poderdes cuidar, e imaginar. Vasquo

da Gama o levou nos braços perguntandolhe muito ledo donde era, Monçaide lhe dixe que de Tunez, e que do tempo que el Rei, dom Ioão o segundo acostumava mandar naos a Ourão buscar cousas de que tinha necessidade pera seus almazens conhecera hos Portugueses, e lhes fora sempre muito afeiçoado, pelo que em tudo o que naquella terra podesse servir a el Rei dom Emanuel o faria, se o nisso quisessem ocupar, o que Vasquo da Gama lhe agradeceo com promessa de lhe pagar bem seu trabalho, então lhe perguntou pela pessoa del Rei de Calecut, e modo de seu viver, e estado, ao que tudo lhe respondeo quomo homem prudente, dizendo, que el Rei era bom homem, com tudo vanglorioso, que havia de folgar muito com sua vinda, por vir de tão longe, e em nome de hum tal Rei, quomo era el Rei de Portugal, principalmente se vinha assentar trato na terra, porque dos direitos das mercadorias que entravão naquella cidade, e sahião, sustinha seu estado, mais que das rendas do regno. Logo alli assentou Vasquo da Gama com este mouro que ao outro dia fosse por lingoa de dous homens, per quem queria mandar visitar el Rei. Com este recado forão Fernão Martinz; e outro Portugues a hum lugar, cinco legoas d'elli, onde el Rei estava, que se chama Panane: Fernão Martinz em chegando a el Rei lhe dixe per outro lingoa, com quem Monçaide falava, que o capitão daquellas naos lhe mandava pedir licença pera o ir visitar, e lhe dar cartas que lhe trazia del Rei de Portugal seu sênhor, el Rei tomou bem o recado, e antes que respondesse lhes mandou dar a cada hum seu pano dalgodão, e seda muito finos, e pollo lingoa lhe fez algumas perguntas breves, dizendolhe que dicesse ao capitão, que sua vinda fosse boa, que por quanto o lugar em que estava surto era perigo-

so, por ser tempo de inverno, se fosse a Pandarane quera bom porto, o que logo fez guiado per hum piloto que lhe el Rei mandou: com tudo, porque na terra havia mouros, não quis entrar tanto quanto o piloto quisera, arreceandose que lhe podesse acontecer o mesmo, que em Moçambique, e Mombaça. Havendo ja oito dies que Vasquo da Gama chegara, a huma segunda feira pela manhã, o Catual del Rei, que he quomo corregedor da corte, lhe mandou dizer, que era alli vindo pera ho acompanhar ate ha cidade de Calecut, onde ja el Rei estava, que cada vez que quisesse podia desembarcar, e fosse com brevidade, porque não tinha outro negocio em Pandarane, que sperar por elle, mas por já ser tarde elle se excusou, deixando o negocio pera o outro dia, que erão vintanove dias de Maio, no qual sahio em terra pela manhã, onde o Catual o estava sperando na praia, com muitos fidalgos da casa del Rei, a que chamão Naires. Vasquo da Gama deixou has naos encommendadas a seu irmão Paulo da Gama, e a Nicolao Coelho, dizendolhes, que se algum desastre lhe acontecesse em Calecut, e sentissem que podião correr risco em sperar por elle, que se fizessem á vella, e tomassem outro porto do Malabar, pera ahi comprarem algumas speciarias, com que, e com has novas do que tinhão descoberto, se tornassem ao regno, que elle não podia al fazer se não em pessoa ir ver el Rei de Calecut, e dar lhe has cartas que trazia del Rei seu senhor que era ho remate do caminho, que tinhão feito. E por has naos não ficarem desprovidas de gente não quis levar consigo mais que doze homens, de que forão hos principaes, Diogo Diaz scrivam da sua nao, Iam de Sá, que foi thesoureiro das speciarias da casa da India, Alvaro de Braga, que foi scrivão dalfandega da

cidade do Porto, Fernão Martinz lingoa, e Alvaro Velho, hos outros erão seus criados. Na mesma hora que Vasquo da Gama desembarcou ho fez o Catual tomar em hum andor, que são ha modo de andas descubertas, que levavão quatro homens aos hombros por estado, estes são tão destros neste officio, que ho que vai no andor, posto que elles vão ás vezes correndo, quasi que não sente que ho movem, a par dos quaes vai outro homem com hum sombreiro desparavel, posto em huma aste comprida pera lhe tomar ho sol, e ha chuva. Deste modo começarão a caminhar Vasquo da Gama no seu andor, e ho Catual em outro, indo hos Naires e hos nossos a pé ao redor dos andores, hos quaes ho Catual não deixava correr, mas antes mandava que fossem de vagar, vendo que hos nossos por virem mui fracos do mar hos não podião seguir, como ho fazião hos Naires, e outra muita gente, que hia tras elles, espantados de verem homens de tão longe, e de traço tão desacostumado em todas aquellas provincias.

## CAPITULO XL

*Do que Vasquo da Gama passou ate chegar a Calecut, onde ho el Rei estava sperando.*

**D**E Pandarane, que he cinco legoas de Calecut, forão jentar a huma povoação que se chama Capotati, ho Catual em huma casa, e Vasquo da Gama em outra, acabado ho jentar sembarcarão todos em almadias, e forão obra de huma legoa per hum rio arriba, em que estavam muitas naos grossas varadas em terra, cubertas com folhas de palma, onde desembarcarão, e tornarão a sobir em outros dous andores, que hos alli estavam sperando. Ho Catual dixee a Vasquo da Gama, que ho queria levar por hum pagode de muita devação, e de grande romajem, que são has suas Egrejas, pera nelle fazerem oração, e darem graças a Deos de hos trazer áquella terra a salvamento, e por lhe terem dicto que naquella provincia avia Christãos, cuidou que seria aquelle pagode delles, ho que lhe confirmou muito mais ver em chegando ao pagode cinco sinos sobella porta principal, postos em campanairo, apar dos quaes estavam huma columna darame de altura de hum grande masto de nao, e no capitel della hum gallo tambem darame. Ho pagode, e officinas delle erão do tamanho de hum grande convento dos nossos, tudo de cantaria muito bem lavrada, os telhados cubertos de ladrilho. Chegados á porta do pagode, o Catual tomou Vasquo da Gama pella mão, e em entrando se vierão parelles quatro homens nús da cinta pera riba, e pera baixo cubertos com panos dalgodão ate ho geolho, com has cabeças des-

cupertās, e tres linhas sobraçadas do modo que hos Diaconos trazem ha Stolla, hos quaes em chegando lhe lançarão com hum isope agoa de huma pia, e a todos que com elles vinhão, apos ho que lhe derão sandalo moido pera porem nas testas, hos quaes sinaes fazião mais parecer aos nossos que fosse Egreja de Christãos. Passando mais a diante pello pagode, em que havia muitas, e diversas imagens pintadas pellas paredes, chegarão a huma capella redonda, que estava no meo do corpo delle, lavrada de cantaria com huma porta estreita darame, a que se sobia per degraos de pedra, dentro da qual estava encaixada na parede huma imagem, que por ho lugar ser escuro não poderão bem ver que imagem era, nem estes homens hos quiserão deixar entrar dentro, apontando com ho dedoarella, dizendo Maria, Maria, ho qual nome em ouvindo ho Catual, e Naires se lançarão todos de bruços com has mãos por diante, e logo se alevantarão fazendo oração em pé, o que hos nossos, parendolhes que devia de ser aquella ha Imagem da Virgem Maria, tambem fezerão em geolhos. Acabada ha oração tornarão a caminhar, e já perto de Calecut, ho Catual levou Vasquo da Gama a outro tal pagode a fazer oração donde ate hos paços del Rei forão com muito trabalho, porque era tanta ha gente pelas estradas, e ruas que per nenhum modo poderão passar se hos Naires não forão abrindo caminho com has espadas que trazem sempre nuas a modo de terçados revoltos, e rodellas, e armas, de que ordinariamente se servem. Antes que chegassem aos paços, por ha gente crescer em muita quantidade, ho Catual se meteo em huma casa, onde estiverão ate que da parte del Rei veo visitar Vasquo da Gama hum irmão do mesmo Catual, em hum andor, acompanhado de muitos

Naires, com anafis, e trombetas, os quaes logo abalarão pera onde el Rei estava. Serião os Naires que precedião em ordem mais de tres mil, dos quaes de quando em quando saião alguns fora da ordem a esgrimir huns com os outros, no qual exercicio he a mais destra nação que se no mundo sabe. Nesta ordem chegarão aos paços onde el Rei estava, que são todos de casas terreas, muito fermosas, assi de edificios, como de jardins, pumares, e muitos tanques dagoa, dos quaes em chegando sairão alguns senhores de titulo, a que chamão Caimães a recebellos, em cuja companhia depois de passarem quatro pateos (á porta de cada hum dos quaes havia dez porteiros) chegarão a huma casa junto a em que el Rei estava, donde sahio hum homem velho, vestido de pannos branquos dalgodão que ho cobriam todo. Este era o Bramana mór del Rei, dignidade como capelão mór entre nos, ho qual em chegando a Vasquo da Gama ho abraçou, e fez entrar hos nossos diante, apos os quaes seguio logo, levandoho pela mão, ate onde el Rei estava, de quem foi recebido da maneira que se no seguinte capitulo dirá.



## CAPITULO XLI

*Do modo que el Rei de Calecut teve em receber Vasco da Gama, e dalgumas praticas que com elle passou.*

**E**L REI estava em huma salla grande, cercada ao redor dassetos de pao mui bem lavrados, alevantados huns dos outros, a modo de coro, ou theatro, hos quaes se encherão logo de Caimães, e Naires. Ho chão desta salla era todo cuberto de veludo verde, e has paredes armadas de pannos de seda, e ouro, de cores. El Rei estava lançado em hum catel (que são leitos quomo de campo) cuberto de hum panno de seda branca, e ouro, bem lavrado, e por cima hum sobreceo do jaez: era homem de mea idade, baço, alto de corpo, e de bom parecer, tinha vestido hum Baju (que he quomo roupetta curta) de pano dalgodão muito fino, com muitos botões douro, e perlas, na cabeça huma carapuça de veludo guarnecida de pedraria, e chaparia douro, ho qual traço he ho ordinario de todollos Reis do Malabar, porque nenhuma pessoa traz ho baju, e carapuça se não elles. Tinha penduradas nas orelhas arrecadas, e nos dedos dos pés, e das mãos muitos aneis, e nos braços, e pernas manilhas, tudo obrado, e lavrado de perlas e pedraria de muito vallor, junto do Catel estava hum homem velho, que lhe dava ho betelle, que mastigava, hos vasos em que ho cospia depois de mastigado erão douro maciço. Ho qual betelle he huma folha tamanha, quomo de tanchagem, e quasi da mesma feição, crece quomo ha era apeguada em arvores, ou em latadas,

dasse a mastigar untado com cal de marisco, delida em agoa rosada. Com esta folha usão hum pomo tamanho quomo nozes, cortado em pedaços, a que chamão arrequa, que dão humas arvores quomo palmeiras delgadinhas, altas, e muito limpas, do que tudo levão pera baixo ho çumo somente, e ho demais cospem com viscosidade, e ventosidade que lhes tira do estomago, e da cabeça, cousa que conserva muito ha saude, e faz bom bafo, e tambem mata ha sede. Em Vasquo da Gama entrando fez ha reverencia requerida em tal lugar, e ho mesmo fezerão hos outros Portuguezes. El Rei lhe acenou, que se achegasse pera ho Catel e ho mandou assentar em hum dos degraos do estrado, em que tinha ho Catel, e aos outros mandou que fizessem ho mesmo nos assentos que estavam ao redor da casa, e a todos mandou dar agoa ás mãos pera refrescarem: lavadas has mãos lhes mandou trazer agoa, e figos com outras fructas da terra, de que todos comerão, e beberão. Acabada ha merenda começou el Rei de fallar com Vasquo da Gama, pelo seu lingoa, tão alto que ho ouvião todolos que estavam na casa, e nas perguntas que lhe fez, vendo Vasquo da Gama, que começava dentrar em negocios, alem do que lhe já perguntara de seu caminho, e trabalhos da longa viagem, dixe per Fernão Martinz seu lingoa ao lingoa del Rei, que lhe dicesse que entre hos Reis Christãos se não acostumava tomarem huns dos outros embaixadas, se não em particular, e que aquelle costume lhe pedia que quisesse ter naquella que lhe trazia del Rei de Portugal seu senhor, tão desejoso de sua amizade, assi elle quomo seus antecessores, que havia mais de sessenta annos, que trabalhavão no descobrimento desta navegação, ate que Deos lhe fezera a elle merce de vir ao cabo della, do que se tinha pello mais

bemaventurado homem de todo mundo. El Rei tomou bem ho que lhe Vasquo da Gama fez dizer, e logo mandou que elle, e Fernão Martinz se fossem pera outra camara, que estava junto daquella, seguindo logo tras elles. Na camara havia hum Catel muito mais rico do que ho de fora, em que se el Rei lançou, e sem haver nella mais gente, que ho Bramana mór, e ho que dava ho betelle a el Rei, e hum seu veador da fazenda, fez dizer pelo seu lingoa a Vasquo da Gama, que estava em lugar em que livremente podia dar sua embaixada, que em tudo se lhe manteria bom segredo, pollos que estavam presentes serem do seu conselho secreto, e pessoas de que elle confiava todos seus negocios, e fazenda. Vasquo da Gama pello seu lingoa Fernão Martinz propos ho a que vinha, e de quam longe, e por mandado de quem, e que ha fim de sua embaixada era querer el Rei dom Emanuel de Portugal, seu senhor, amizade com hum tão poderoso, e tão nomeado Rei, quomo ho elle era per todallas partes do mundo, e que para sinal disso lhe trazia cartas suas de crença, que lhe apresentaria quando ho houvesse por bem. El Rei folgou muito com ho que lhe dixe Vasquo da Gama, offerecendosse a tudo o que lhe de seu regno comprisse, por serviço del Rei de Portugal, a quem elle dalli por diante queria ter por irmão, porque não poderia ser amizade fingida, ha que tanto tempo havia que buscava, e com tantos trabalhos, e perigos de seus vassallos, e sujeitos, quomo elle dizia. Has quaes praticas, e outras que tiverão, acabadas, porque era já noite, el Rei mandou que se recolhesse com ho Catual pera huma pousada, que tinha mandado que lhe dessem, que ao outro dia se verião mais de vagar, e lhe daria has cartas que lhe trazia del Rei seu irmão, mandando ao Catual, que

logo se tosse com elle, e ho tratasse bem, e fizesse dar todo ho necessario pera seu gasalhado, em cuja companhia se foi pera pousada, que era dalli hum bom pedaço, e ho tempo chuvoso, onde chegarão já de noite, e Monçaide com elle, que ho sempre acompanhou com tanta lealdade, e amor, até se vir em sua companhia a Portugal, deixando ha seita de Mafamede, em que nascera, pola Lei do nosso Senhor Jesu Christo, em que viveo, e acabou quomo bom, e catholico Christão.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME





BIBLIOTHECA  
DE  
**Classicos Portuguezes**

Proprietario e fundador  
*MELLO D'AZEVEDO*





BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LX)

---

---

CHRONICA  
D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

---

VOL. II

---

*ESCRITORIO*

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—  
1909

CHURCH A

SECRET D. W. W. W.

DP

604

66

1909a

V 2



## CAPITULO XLII

*Da crença, seita, cerimonia, e costumes dos Gentios Canaris, Bramanas, Naires, e do sitio da terra do Malabar, e cidade de Calecut.*

**E**M quanto Vasquo da Gama repousa duas noites, e hum dia em terra, dos trabalhos donze meses do mar, antes de se ver ha segunda vez com el Rei de Calecut, não sera improprio a esta nossa Historia dizer alguma cousa da provincia, crença, e costumes da gente e Reis do Malabar, da qual este de Calecut he ho mais poderoso, chamado Çamori, dignidade, quomo entre nós Demperador. São estes gentios Canaris do Malabar mui cerimoniaicos, tem templos a que chamão pagodes mui grandes, e bem ornados, com muitas imagens, dellas afiguradas, quomo anjos, e diabos, e dellas quomo homens e mo-

lheres, e outras de diversos modos. Alguns destes pagodes tem rendas, e outros se entretem desmollas: fundão capellas, e casas de oração, a que deixão rendas pera hos Bramanas se manterem, e fazerem sacrificios, nos quaes usão grandes cerimoniaes. Hai muitas seitas delles, e tantas ordens de votos diferentes, que seria fazer um grão volume, se as quizesse dizer, per extenso, mas como meu officio seja escrever Chronica, e não costumes de gentes, nem historia geral, remeto o lector ao livro que fez Duarte Barbosa em lingua Portuguesa, dos costumes de toda ha gente que ha do cabo da boa Sperança até a China, e Lequeos, no qual trata dos costumes, cerimoniaes, e seita destes Canaris, e Bramanas, e de toda a gente do Malabar, assas copiosamente, entre os quaes os Bramanas são sacerdotes per geração, e delles ha ordem separada de mais nobres, e outros populares que servem estes, e qualquer outra pessoa que lhes paga, e sobre tudo em levar cartas de humas provincias a outras, porque ainda que seja tempo de guerra hos deixão passar livremente. Trazem os Bramanas tres fios lançados ao collo sobraçados de hum braço ao outro, em sinal da Trindade, que crem, como nos: tem per fê que Deos veo ao mundo, e tomou carne humana, por salvação do genero humano. São pela mór parte homens doctes em Philosophia, e Mathematicas, são muito antigos na India, porque quando Alexandre foi ter a ella, ja hos havia, e eram de tanto tempo atras, que de seu principio, e em que tempo começarão, se não achava memoria. Megasthenes, e Strabo, scriptores Gregos lhes chamam philosophos da India, casão huma só vez, e as mulheres delles fazem ho mesmo, nem depois que morre hum destes, nem ellas, pode ho outro mais casar. Tem os Malabares entre outras festas huma, que solennizão no

mes de Setembro, a qual começa a vinte, e dous dias Agosto, neste dia hos meninos, com arcos de pao, e frechas de folhas de palma, começam a se tirar huns aos outros, e daquelle dia por diante hos outros moços maiores, e vai isto crescendo de dia em dia, até chegar aos homens, e vem a tanto que se ferem e matão huns aos outros, e os que morrem nesta festa se tem por salvos. Começão o anno no mesmo mes de Setembro, mas não em dia certo, nem hora, se não na que lhes seus feiticeiros (a que são muito dados) dizem que he boa, e fortunada, e se per seus feitiços, e astrologia achão boa conjunção, e hora fortunada no primeiro dia de Setembro; naquelle ho começão se não sperão até ho segundo, terceiro quarto, e dia, até se achar ha hora, ha qual sabida todollos homens, e molheres de idade de quinze annos pera riba poem humas bandas de panno sobellos olhos tão apertadas que não vem cousa nenhuma, e assi guiados per moços desta idade pera baixo, se vão de suas casas aos pagodes, onde depois que lhe dizem que estão defronte do idolo, desatão o pano que tem diante dos olhos, e se ha primeira cousa que vem he ho idolo, tem que todo ho anno serão bem afortunadas. Tem outros muitos agouros, em tanto que nas horas que achão serem infortunadas não querem receber dinheiro, ho que abasta quanto as cerimonias. Ha nesta terra do Malabar cinco Reis, que não obedecem a nenhum outro, ho de Calecut, Cananor, Cranganor, Cochim, Coulam, allem destes hai o de Travancor, que he sujeito a el Rei de Narsinga, hum dos mais poderosos Reis de toda a India, de cujo estado tratarei adiante. Hos costumes desta gente do Malabar são varios, e tantos que seria longo processo dizer de todos, ho que farei somente dos Naires, que são homens nobres. Estes por lei do Regno não podem casar, com tudo

hos Caimães que são senhores ho podem fazer, tem todos mancebas Nairas de geração, porque se dormem com molher que não seja da casta de Naires, per lei os outros Naires hos matão ás cutiladas. Tem estes Naires de moradia dos Reis do Malabar certa contia cada mes que pode valer da nossa moeda duzentos reaes, com que se mantem honestamente com um page que os serve, pola terra ser barata, e elles de pouca vianda. Hos filhos destas mancebas Nairas não são de nenhum delles, senão da manceba, nem tem com elles conta, nem são seus herdeiros, senão hos filhos de suas irmãs, e não dos irmãos: andam nús da cinta pera riba, e pera baixo andam cachados com pannos de seda, e algodão, trazem sempre espadas, e rodellas, arcos, frechas, e lanças, e tambem espingardas que já has havião neste tempo, ainda que poucas, mas agora tem muitas, e muito boas, feitas na mesma terra. São homens muito ligeiros, e destros nas armas, ho qual exercicio aprendem desde meninos, com tudo não podem trazer estas armas senão depois que os el Rei, ou senhores: hos com que vivem fazem cavalleiros aos mestres que hos ensinão, a que chamam Panicães, são tão obedientes em moços, e depois de homens, que em qualquer parte que os achão se lanção de bruços diante delles, e os adorão quomo se fossem idolos: aho Rei arma cavalleiro o Panica que o ensinou. Estes Naires, e outras castas de gente que ha no Malabar tem tal modo, e ordem em suas gerações, que o tecelão nunca pode ser çapateiro, nem o çapateiro alfaiate, nem o alfaiate carpinteiro, nem o carpinteiro ferreiro, e assi todos os outros, de modo que hão de continuar nos officios de seus pais, e avós, e se hum destes vem a ter amizade com molher que não seja da geração de seu officio, os mesmos parentes, e amigos delle ho matão. E pois já dixee das seitas, idola-

trias, e costumes do Malabar em geral, razão he que em particular diga da cidade de Calecut, pois tanto trabalho nos deu descobrilla, e tantos ha communicacão della, como se ao diante verá. Esta cidade está situada aho longo de hum arrecife quomo costa brava, he muito grande em distancia mais que em fabrica, porque has casas são muito afastadas humas das outras, com muitos jardins, das quaes sós has del Rei, e hos pagodes são de pedra, e cal, telhas de tijollo, todallas outras são palhaças, cubertas de folha de palma, e isto per lei. He muito graciosa de jardins, pumares, e hortas; tem muitas noras, e tanques dagua, cuberta, e cerquada de palmares, e arequães que a fazem muito mais graciosa, he muito abundante, assi de mantimentos da terra, quomo dos que lhe vem de carroto. Hos naturaes são gentios, quomo todolos outros da terra do Malabar, habitão nella muitos mouros mercadores, delles ha mui riquos, tanto que havia então alguns que tinham cinquenta, e sessenta naos de seu. Aos mercadores estrangeiros, e de qualidade que vão a Calecut, per ordenança del Rei se dá hum Naire, pera o guardar, e servir, e hum scrivão chetim, que são homens que sabem de mercadoria, e muito entendidos em conta, e hum corretor pera lhe vender suas mercadorias, e comprar outras, hos quaes ho mercador paga á sua custa pera ajuda do que hos mercadores a que comprão lhe dão hum tanto por cento, segundo a qualidade da mercadoria. Na cidade se acha todo genero de mercadorias, em tanto, que ha muita abundancia que de todas estas cousas os nossos nella virão, e lhe fez espanto: ha qual cidade he cabeça de toda ha terra do Malabar, e ho Rei era ho mais riquo, e poderoso de todolos Reis daquella provincia, antes que hos Portugueses viessem á India, mas agora por não querer nossa amizade,

per conselho dos Mouros, diminuiu muito em seu estado, e ho de Cochim ho acrecentou pela boa, e verdadeira que com nosco sempre teve.

### CAPITULO XLIII

*Do que Vasquo da Gama passou com el Rei de Calecut a segunda vez que se com elle vio, e do que lhe aconteceo até partir de Pandarane.*

**V**ASQUO da Gama desejoso de tornar perás naos, quisera aho outro dia ir dar has cartas a el Rei, ho que se dilatou até ho terceiro dia, no qual em companhia do mesmo Catual, e de um feitor del Rei lhas levou e hum presente das milhores cousas que trazia de Portugal, de que el Rei fez pouco caso, ho que Vasquo da Gama entendendo lhe dixeu, que se não espantasse da pouquidade do presente, porque se el Rei seu senhor soubera de certo, que lhe havia Deos de deparar esta viagem, que os presentes forão taes, quaes requeria sua Real pessoa, mas que se ho dito senhor ho deixasse tornar a Portugal, que ho presente com que mais gosto levaria, serião muitas naos que cadanno haviam de vir áquelle porto de Calecut, de que receberia tanto proveito, quanto nunca recebera de nenhuma outra gente que a elle viesse, do que el Rei ficou satisfeito e com alegria tomou as cartas da mão de Vasquo da Gama scriptas em Portugues, e Arabigo, pedindo-lhe que has não mandasse ler, nem interpretar per homens mouros de nação, porque todos lhe eram suspeitos, ho que não dizia sem causa, porque já tinha sabido per Monçaide quomo os mouros o tinham mexericado com el Rei



per via do mesmo Catual que o acompanhava, dizendolhe que era ladrão, cossairo, que se guardasse delle, e mandasse prender, e castigar, e lhe tomasse as naos, porque com ellas avia de fazer muito mal antes que se partisse, como ho tinha feito per todollos portos onde chegara. El Rei mandou ler a carta em Portugues por Monçaide, por não haver na cidade outrem que entendesse a lingoa Hispanhola, ha qual lhe interpretou de verbo a verbo, e ha em Arabigo mandou ler pelo mesmo Monçaide, e per guzarates gentios que fallavão arabigo. Ho que feito el Rei despedio Vasquo da Gama dizendolhe que podia estar na Cidade se quisesse, ou irse para as naos, e se guardasse de conversar os mouros, porque sabia que nam folgarão com sua vinda, do que lhe Vasquo da Gama deu muitas graças, e se despedio delle acompanhado do Catual e feitor del Rei até sua pousada, e logo no dia seguinte que foi ho derradeiro de Maio partio para Pandarane com os seus, até onde ho acompanharam muitos Naires e antes de chegar a Pandarane, o Catual, que ficára em Calecut passou por elle, e segundo depois claramente se vio, era pera ho não deixar embarcar, e o deter em terra, ho que tudo urdiam hos mouros, ha experiencia do que foi pedir ho Catual a Vasquo da Gama, que mandasse chegar as naos a terra, e lhe entregasse has velas, e governalhos, do que se Vasquo da Gama excusou, no que o Catual insistio todo aquelle dia, e ao outro, que eram dous de Junho, assentaram ambos que se levassem a terra dessas cousas que trazia de Portugal has que lhe parecesse que era pera com ellas poder comprar specia-rias, e o que lhe fosse necessario, e que o deixaria ir peras naos, o que Vasquo da Gama logo pos em obra e tudo o que lhe trouxerão entregou ao mesmo Catual, e assi Diogo Diaz que ficava por feitor, e Alvaro

de braga por scrivão. Isto feito, Vasquo da Gama se recolheo a frota sem mais querer tornar a terra, e por el Rei de Calecut não tomar má suspeita do que se fazia, lhe mandou dizer pelo feitor os agravos que recebera do Catual, e que por lhe não fazer outros mores determinava não ir mais a terra, ao que el Rei respondeo, que se informaria do negocio, e se o Catual fosse culpado, o mandaria castigar, e que por os nossos estarem mais seguros ouvesse por bem que se fossem pera Calecut, porque la havia muito mais mercadores que em Pandarane, aos quaes poderião com mor brevidade vender o que levavam, e delles comprar ho que quizesse, ho que Vasco da Gama ordenou que se fizesse logo, e ao outro dia partirão pera Calecut Diogo diaz, e Alvaro de braga com outros Portugueses, acompanhados de naires del Rei e de hum seu feitor, que lhes fez o custo todo ho caminho, e pagou ho carroto das cousas que levavam. Depois dos nossos estarem em Calecut mandava Vasquo da Gama cada dia dous, e tres Portugueses a ver ha Cidade, e aquelles tornados mandava outros, pera assi pouquo a pouquo ha verem todos, aos quaes os gentios no caminho, e na Cidade fazião muito gasalhado, dandolhes de comer, e camas pera dormirem, e andavão tão seguros pela terra como se estiverão em Portugal, e dos da terra, assi mouros como gentios, vinhão muitos, ás naos, a quem Vasquo da Gama mandava fazer bom gasalhado, na qual amizade estiverão os nossos até ho começo do mes Dagosto, e porque se chegava o tempo em que haviam de partir, mandou Vasquo da Gama dizer a el Rei per Diogo diaz, que para confirmação da paz, e amizade que el Rei seu senhor queria ter com elle determinava de deixar em Calecut um feitor, mas que o não queria fazer sem sua licença, ho qual recado el Rei de Calecut tomou mal,

ou polo não entender bem, ou por cuidar que se queria Vasquo da Gama partir sem lhe pagar os direitos acostumados, assi da ancoragem das naos, como da fazenda que tinha já vendida, pelo que respondeo a Diogo diaz que se fosse muito embora, mas que primeiro lhe mandasse pagar seis centos xeraphins, que val cada hum trezentos reaes, que devia aos officiaes de sua fazenda: a este recado não respondeo Vasquo da Gama a proposito; pelo que mandou el Rei logo poer guardas em Diogo Diaz, e Alvaro de Braga, e na fazenda que tinhão em terra, ho que sabendo Vasquo da Gama lhe mandou pedir os presos, e fazenda. e vendo que lhe não queria mandar nada sperou até que viessem ás naos algumas pessoas de qualidade, em que podesse fazer represaria, estas forão seis homens honrrados Malabares, com dezanove criados, com hos quaes, quomo hos teve na nao, se fez a vela, e com vento contrario foi surgir quatro legoas a la mar de Calecut, sperando que lhe viesse algum recado da terra, mas vendo que lhe não vinha se fez na volta do mar, onde lançou ancora, tam afastado della, que quasi a nam viam. Estando assi lhe mandou el Rei dizer que sespantava muito do que tinha feito, que se não fosse, porque loguo despacharia hos Portugueses que mandara a Calecut, e que por elles lhe mandaria ha resposta das cartas que lhe trouxera del Rei de Portugal seu irmão. Com este recado se fez á vela, e á boca da noite veo surgir diante da cidade, donde a ho dia seguinte el Rei mandou Diogo diaz, e Alvaro de Braga com hos que ficaram em terra, mandando por Diogo diaz huma carta pera el Rei dom Emmanuel, e dizer a Vasquo da Gama, que se quizesse deixar feitor, e officiaes com fazenda em Calecut, que elle os mandaria guardar per seus Naires, de maneira que se lhes não fizesse agravo nenhum,

e que a fazenda que ficava em terra lha nam mandava sperando que o feitor, e officiaes tornasse, pera ficarem em Calecut, e fazerem della seu proveito, e se hos nam quisesse deixar que lha mandaria. Vasquo da Gama nam se fiando deste recado, mandou pedir a fazenda a el Rei, o que se fizesse lhe mandaria os Malabares, que quanto a deixar feitor, que ho tinha por excusado. A ho outro dia pela manham veo ter á nao Monçaide, pedindo a Vasquo da Gama, que o levasse consigo pera Portugal, por quanto vinha fugindo de Calecut, onde se tornasse era certo que os Mouros ho mattariam, que do que lhe ficava em terra fazia pouco cabedal, por salvar a vida. Vasquo da Gama o recolheo, e fez bom gasalhado atte ser nestes Regnos, onde se fez Christão, quomo atras fica dito. Neste mesmo dia ás dez horas vieram á capitaina sette almádias, em que el Rei mandava toda ha fazenda que ficara em terra, das quaes has tres se chegaram mais, e dixeram que mandasse hos Malabares, que elles mandariam ha fazenda. Vasquo da Gama mais cobiçoso de trazer estes homens a Portugal, que da fazenda, respondeo que tudo erão mentiras, que nam vinha alli toda ha fazenda, que os Malabares havia de levar consigo a Portugal, pera elles mesmos dizerem a el Rei seu senhor hos agravos que recebera del Rei de Calecut, e dos Mouros da terra que dixerem aos parentes, e amigos dos dictos Malabares, que lhes prometia de lhes fazer muito boa companhia, e que sperava com ajuda de Deos de hos tornar a trazer áquelle porto sãos, e salvos. Ho que dicto mandou tirar ás bombardadas ás almadias, que com medo se acolherão, ho que el Rei de Calecut sentio muito, e se tivera sua armada no mar, mandara commeter has nossas naos, mas tinha ha varada em terra, por ser inverno, e naquellas partes não navegarem se não

no veram, que lá he no tempo do nosso inverno. Com tudo andando as nossas naos em calmaria, huma legoa abaixo de Calecut, has mandou commeter com sessenta barcos, a que chamam tónes, em que hia muita gente de guerra; dos quaes hos apartou huma trovoadá, e chuveiro com que lhes Deos acodio. Dalli tomou Vasquo da Gama sua derrota caminho de Melinde, mas antes de sair da costa do Malabar screveo huma carta a el Rei de Calecut, em que lhe contava todas as traições, que lhe os Mouros da terra tinham ordenadas, e mau trato que recebera do Catual, e doutros officiaes, pelo que se partira sem se despedir delle, com tudo que hia muito desejoso de o servir, e lhe certificava que el Rei dom Emanuel seu senhor avia dalli por diante de fazer muito cabedal de sua amizade, e que elle mesmo em pessoa sperava de tornar a trazer os Malabares. A qual carta lhe mandou per hum criado dos mesmos Malabares que fez poer em terra. El Rei a recebeo bem, e della mostrou contentamento, e a fez ler ás molheres, parentes, e amigos dos Malabares, que Vasquo da Gama consigo levava. Navegando assi com calmarias, foi ter a huns ilheos onde o vierão cometter oito navios de remo pequenos, que vinham todos metidos debaixo de huma ramáda, quomo balsa, dos quaes fez fugir os sete, e tomou hum em que achou coquos, e jagra, que he açucar de palmeiras em pó, e muitos arcos, frechas, espadas, e outras armas. O capitão destes navios era hum cossario, per nome Timoja, natural de Onor, homem que fez depois muitos serviços a estes regnos, quomo se ao diante dirá, deste lugar se foi Vasquo da Gama a huma ilheta que chamão Anchediva.

## CAPITULO XLIII

*Do que Vasquo da Gama passou em Anchediva, e dalli atte chegar ao Regno.*

**E**STA ilha de Anchediva he pequena, de muitos arboredos, abundante de pescados do mar, e marisquo, ha nella muito boa aguoá, he de muito bons ares, está situada junto de terra firme, onde Vasquo da Gama mandou espalmar as naos. Neste tempo entre outros homens da terra, que vinham ver os nossos, hum delles era criado de hum grande senhor por nome Cabaio, que allem de muitas terras, que tinha pelo sertam possuia, a ilha, e cidade de Goa, bom cavalleiro, e que mantinha a sua custa muita gente de guerra, e sobre tudo estimava muito homens estrangeiros, e lhes dava grandes soldos, e ordenados. Este desejoso de aver as nossas naos, e gente per manha, pela fama que tinha de serem homens de guerra, sob cor de amizade mandou visitar Vasquo da Gama, offerecendo-lhe mantimentos, e dinheiro, com o demais que lhe fosse necessario, mas o messageiro se divertio tanto no recado, que Vasquo da Gama suspeitando que era espia, o mandou prender, e metter a tormento, no qual confessou que o Cabaio o mandara pera ver que gente havia nas naos, e a ordem dellas, pera com este aviso as mandar cometer, e a elles, se os podesse tomar, ter por seus soldados, tendo antes disto dito a Vasquo da Gama que era Christão trazido aquellas partes minino, e posto que as mostras fossem de Mouro, que no coração tinha a fé de Jesu Christo, tudo em lingoajem Italiana que fallava assaz bem, mas o tormento lhe fez confessar a verdade, que era judeu natural do Regno de

Polonia da cidade de Posna, na qual eu estive duas vezes em negocios a que el Rei dom Joam terceiro, que sancta gloria aja, me mandou áquellas partes, cabeça, e Metropoli da Polonia maior, cidade grande, bem cerquada, e muito abastada de mantimentos. Quomo Vasquo da Gama soube que o Cabaio armava sobrelle, com a môr diligencia, que pode, acabou daparelhar has naos, e a huma sexta feira cinco dias Doutubro se fez á vela cominho de Melinde, levando consigo este judeu, a que sempre fez muita honra, e bom gasalhado, pelo achar homem, que tinha experiencia de muitas cousas da India, e doutras provincias, e o trouxe a Lisboa, onde se fez Christão, e lhe chamarão Gaspar da Gama, do qual se el Rei dom Emanuel depois servio em muitos negocios na India, e o fez cavalleiro de sua casa, dandolhe tenças, ordenados, e officios de que se manteve toda sua vida abastadamente. Neste caminho de Anchediva até Melinde andou Vasquo da Gama com calmarias, e tempos contrarijos, mais de quatro meses, em que lhe morrerão trinta homens, e ha primeira terra, e povoação que viram foi a cidade de Mágadaxo situada no fim daquelle golfam na costa da Ethiopia, cento, e treze legoas de Melinde, de que direi em seu lugar: diante da qual ancoraram aos dous dias de Fevereiro, e por ser de Mouros a mandou esbombardear de tam perto, que fez muito damno aos moradores, e naos que estavam surtas no porto. E correndo a costa dez legoas contra Melinde lhe saíram de huma villa de Mouros chamada Páte oito terradas, que sam navios pequenos de guerra, com muita gente, dos quaes se desfez as bombardas, e por lhe escacear o vento as nam seguio. Dalli foi surgir huma segunda feira sete dias de Fevereiro diante da cidade de Melinde, onde antes de ter lançado ancora o mandou el Rei visitar

com refresco da terra, seguindo logo o Principe que o veo ver a bordo, e por sinal de amizade mandaram com elle hum embaixador a El Rei dom Emanuel. Neste porto de Melinde esteve Vasquo da Gama cinco dias, nem quis mais sperar, porque se lhe passava o tempo em que havia de dobrar o cabo de boa Sperança, acabo dos quaes se fez á vela a huma sexta feira doze dias de Fevereiro, e por levar já muito pouca gente, sendo atraves de huma villa, que se chama Tagata, mandou despejar, e queimar a nao de que era capitam Paulo da Gama; por ser muito velha, e e a elle recoleo na sua, e da gente partio com Nicolao Coelho. Seguindo assi sua viagem aos xxviiij. de Fevereiro se achou diante da ilha de Zanzibar, que está cinco, ou seis legoas da terra firme daquella costa de Ethiopia, povoada de Mouros, que tem trato per todos los lugares daquella costa, principalmente na cidade de Mombaça pera onde navegam em navios pequenos, sem cuberta, de hum só mastro, que levam carregados de mantimentos. He esta ilha muito viçosa de rios, fontes, criações, fructas, tanto que nos matos nascem laranjeiras, e outras arvores despinho que dão muito boa fructa. Ho senhor da qual mandou visitar Vasquo da Gama com refresco da terra, pedindolhe que o quizesse ter por seu amigo. Dalli partio o primeiro de Março, e ha primeira terra que tomou foram has ilhas de S. George onde surgio, e sem fallar com o Xequo de Moçambique, se fez á vela sem tomar porto até a agoada de Sam Bras, onde fez agoada, lenha e carnajem, e seguindo dalli sua viagem (sem em todo o caminho atras poder tomar nenhum dos portos, em que deixara os degradados) dobrou o cabo de boa Sperança aos xx. dias de Março, donde cortou direito á ilha de Santiago, até hos vinte cinco dias Dabril, que acharão sonda de vintacinquo braças,



na qual paragem com temporal se apartou Nicolao Coelho de Vasquo da Gama, e sem o mais poder ver, navegou rota abatida pera o Regno, onde chegou a Casquaes aos dez dias de Julho do anno de mil e quatrocentos, e noventa, e nove, de quem el Rei soube *has* primeiras novas do que passaram nesta viagem. Vasquo da Gama foi ter a ilha de Santiago, e por seu irmão Paulo da Gama vir muito doente de etheguidade, e a sua nao fazer muita agoa, com o desejo de o trazer vivo a Portugal, fretou huma caravella, e deu a capitania da sua nao a Ioão de Sá, mandando-lhe que a concertasse, porque sem isso nam vinha pera poder navegar. Ho que feito se partio, e pela doença de Paulo da Gama ir em crescimento lhe foi forçado tomar a ilha terceira onde falleceo, per cujo respeito Vasquo da Gama fez alguma detença, e depois de o ter enterrado no mosteiro de S. Francisco, e mandado fazer suas exequias como convinha a hum tão honrado homem, e tam bom cavalleiro como elle foi, se fez a vela, e chegou a Lisboa aos xxix dias do mes Dagosto, do mesmo anno, avendo já dous, e quasi dous meses que partira do mesmo porto, com cento, e quarenta, e oito homens, dos quaes tornaram ao regno cincoenta, e cinco, de cuja vinda el Rei levou muito contentamento, e lhe fez muita honra, dandolhe titulo de dom para elle, e seus irmãos, e descendentes delles todos, e o fez depois almirante da India, e Conde da Vidigueira de juro. A Nicolao Coelho fez fidalgo de sua casa, e assi a elles quomo a todos os outros que tornarão fez merce a cada hum segundo a calidade de seu serviço, e pessoa. Deixou Vasquo da Gama postos nesta viagem cinco padrões, São Raphael no rio dos bons sinais, S. George em Moçambique, Sancto Spirito em Melinde, Santa Maria nos ilheos, que se per este respeito chamão de Sancta

Maria, situados entre Bacanor, e Baticala, e ho outro em Calecut chamado S. Gabriel. Com os quaes, per virtude das bullas dos Papas Nicolao quinto, e Sixto quarto concedidas aho Infante dom Henrique filho del Rei dom Ioam primeiro, e a el Rei dom Afonso quinto, sobrinho do dito Infante filho del Rei dom Duarte, tomou licitamente posse perá coroa destes regnos de tudo o que descobrira até o regno de Calecut, como ho dantes fizeram os outros capitães, ate a parajem do rio de Lopo Infante, das quaes bullas me pareceo desnecessario poer aqui ho treslado, ha huma por conterem muita lectura, e ha outra porque quem per curiosidade as quiser ler as achará na torre do Tombo destes regnos, onde ao presente estão em meu poder.

## CAPITULO XLV

*De como ho corpo del Rei Dom Ioam foi levado da Sé de Sylves ao convento da Batalha, e do casamento de Dom George seu filho; e de dom Afonso Condestabre, e da morte do Principe dom Miguel.*

**E**M quanto as novas desta espantosa viagem trazem os animos dos homens ocupados com varios pareceres, huns tendo este descobrimento per proveitoso polas muitas riquezas, que da India podião vir, outros por damnoso, pois tudo o que se della sperava avia de ser a troco de dinheiro, e sangue dos Portuguezes, tratarei algumas cousas que no regno passaram ate ser tempo doutra vez fallar no mesmo negocio, das quaes ha primeira foi a trasladaçam do corpo del Rei dom João segundo deste nome, que foi pelo modo seguinte. No começo desta Chronica fica dito quomo este invencivel Rei morreo na

villa Dalvor, no regno do Algarve no anno de mil, e quatrocentos, e noventa, e cinco, no mes de Outubro, e foi enterrado na Sé de Sylves, cidade do mesmo regno, e avendo já quatro annos que fallecera, El Rei dom Emanuel ordenou, que seus ossos se trasladassem ao convento da Batalha, da avocação de nossa Senhora da Victoria, da Ordem de Sam Domingos dos pregadores. E pera se isto fazer com ha solemnidade requerida, elle em pessoa foi á cidade de Sylves, levando com sigo dom George filho bastardo do mesmo Rei dom Ioam, e perante sim fez abrir o ataude em que se metera o corpo, o qual acharam inteiro, e has taboas do ataude quasi de todo comestâs, e gastadas de cal virgem, que lhe lançaram, e do corpo sahia hum tam bom cheiro, que a todos fez espanto, e depois se soube por verdade ter o Senhor Deos por elle feito alguns milagres depois da sua morte. O qual corpo ao presente esta ainda inteiro, com barba, e cabellos no peito, pernas, e braços, e o estomago tão teso, e a pelle tam côrada, como se fosse vivo. E o Infante dom Henrrique Cardeal de Portugal me dixe, que no anno de mil, e quinhentos, e cinquenta e cinco, que he sessenta annos depois do falecimento del Rei dom Ioam, que estando elle no convento da Batalha, mandara abrir a sepultura deste glorioso Rei, e vira o corpo inteiro do modo arriba dito, e sentira sair delle hum suavissimo odor. Partido el Rei dom Emanuel de Slyves, logo na primeira jornada se adiantou, deixando dom George com o corpo del Rei seu pai, e toda a outra companhia, e se veo afforrado á Batalha, onde o estavam sperando os Prelados, e senhores do regno que nam forão a Sylves, com os quaes, e com todos os Religiosos do Convento veo receber a tumba hum bom pedaço fora do lugar a pe. Depois de o corpo ser na Egreja, e lhe

fazerem todos os officios dos defunctos em pontifical, foi sepultado na mesma capella, onde jazia enterrada a Rainha Donna Isabel sua mãe, filha do Infante dom Pedro. Neste anno de mil, e quinhentos, aos xxv. dias do mes de Maio deu el Rei titulo a dom George de Duque de Coimbra, e senhor de Monte mór o velho, alem dos que já tinha de Mestre das Ordens de Sanctiago, e de Avis, e ao derradeiro dia do mes o casou, sendo em idade de vinte annos, com donna Beatriz de Vilhena, filha de dom Alvaro, irmão de dom Fernando segundo Duque de Bragança do nome, e de donna Phelippa filha unica, e herdeira de dom Rodrigo de Mello, Conde que fora de Olivença, quomo na terceira parte desta Chronica se mais per extenso relata, e has vodas se fizeram em Lisboa, sendo presentes el Rei, e a Rainha donna Leonor sua irmam, que criara a dita donna Beatriz em sua casa, desno tempo del Rei dom Ioam seu marido, e lhe queria tanto como se fora sua filha, o que mostrou nas honradas vodas que lhe fez em seus proprios paços e riquas joias, enxoval, e outras cousas que lhe deo de sua propria fazenda. No mesmo dia fez el Rei Condestabre de Portugal a dom Afonso, filho bastardo do Duque dom Diogo seu irmão, o que el Rei dom Ioam matou em Setubal, como em seu lugar fica dito, e o casou dahi a poucos dias com donna Ioanna de Noronha, filha do marques de Villa real dom Pedro de Meneses. Este dom Afonso houve o Duque dom Diogo da Marquesa de Villa Ferosa, andando em Castella, per caso das terçarias do principe Dom Afonso de Portugal, e da princesa donna Isabel de Castella, como se na Chronica del Rei dom Afonso quinto contem, e logo depois que el Rei dom João matou o Duque dom Diogo, mandou poer em gram segredo este dom Afonso em Portel, em guarda de Antam de fa-

ria seu camareiro, e guarda roupa, e alcaide mór da mesma villa, mandandolhe que o criasse como filho dalgum lavrador, sem se saber quem era, mas tanto que el Rei dom Ioam faleceo, a Infante donna Beatriz, mãi do Duque dom Diogo, sua avó, mandou por elle a Portel, e o criou em sua casa como convinha a seu neto. No mesmo anno estando el Rei em Syntra lhe veo recado dos Reis de Castella, como aos dezanove dias do mes de Iulho falecera na Cidade de Granada o Principe dom Miguel seu filho, e da Rainha Princesa donna Isabel sua molher, o qual ao tempo que morreo era de idade de xxij meses, do que el Rei mostrou pouco sentimento, e o mesmo se fez em Castella, porque nem lá, nem qua se pos por elle dó, nem se fizeram por seu falecimento as acostumadas ceremonias que se usam fazer pelos taes principes quando morrem.

## CAPITULO XLVI

*De como el Rei casou com a Infante donna Maria, filha del Rei dom Fernando, e da Rainha donna Isabel, reis de Castella, e Daragam, e do titulo que acrecentou, pelo descobrimento da India, aos outros titulos que ja tinha.*

**M**ORTO o Principe dom Miguel, passado ja hum anno, dez meses que el Rei era viuvo, os Reis de Castella desejosos de sua aliança, o mandaram cometer secretamente por pessoas religiosas, com a Infante donna Maria sua filha, porque a Infante donna Ioanna mais velha era ja casada com dom Phelipe Archeduke Daustria, senhor dos estados de Flandres, e de duas filhas que ainda tinham,

donna Maria, e donna Catherina, que depois casou com el Rei Henrrique de Inglaterra, oitavo do nome, desejavam de casar com elle donna Maria, por ser a mais velha, do que se excusou per algumas vezes, mas depois da morte do Principe, vendo quam necessario era fazer-se, e que em nenhuma parte podia ser melhor, nem mais util a elle, e a seus regnos que em Castella, deu orelhas a estes recados, e sobrelles mandou dom Ião Emanuel seu camareiro mor por embaixador aos Reis, o qual sem ter acabado, o que tocava a sua embaixada, faleceo lá de doença, do que el Rei foi mui enojado, e sentio muito sua morte, pela boa vontade que lhe tinha, e criação que nelle fezera, per cuja morte el Rei encarregou deste negocio Rui de Sande, homem fidalgo, e bom cavalleiro, pessoa muito aceita aos Reis de Castella, pelos bons serviços que lhes fezera nas guerras de Granada, no que houve pouca difficuldade, porque quomo elles estavam desejosos de se fazer este casamento, tiveram sobella conclusam delle poucos conselhos, o que asentado, e impetrada a dispensaçam em Roma per caso do parentesco que entrelles havia, ha Infante donna Maria fez seu procurador bastante a dom Alvaro, irmão do Duque dom Fernando de Bragança, que a este tempo estava em Portugal, pera em seu nome receber el Rei por seu marido, per palavras de presente, quomo fez em Lisboa, huma segunda feira dia de Sam Bartholomeu, vinta quatro dias Dagosto, deste anno de mil, e quinhentos, no qual dia se compriam dous annos, que ha Rainha Princesa falecera em Caragoça. Os reis deram em casamento á Infante sua filha, dozentas mil dobras douro da banda, de trezentos, e sessenta, e cinco maravedis cada dobra, pagas em tres annos seguintes, despois do matrimonio consumado, e pera sustentamento de seu estado,

lhe deram cadanno quatro contos e meo de maravedis, assentados nas rendas de Sevilha, e quomo tiveram aviso de ha el Rei ter recebida por seu procurador, lhe ordenaram sua casa: o que feito partio da cidade de Granada no fim do mes Doctubro deste anno de mil e quinhentos, e fez sua entrada neste regno pela villa de Moura. Ha pessoa principal, que ha acompanhou ate ha araia de Poatugal, foi dom Diogo Furtado de Mendoça Arcebispo de Sevilha, Patriarcha de Alexandria. Os que el Rei mandou pera ha irem receber foram dom Iaimes, Duque de Bragança ha quem ho patriarcha ha entregou, por pera isso levar procuração, os outros forão dom Alvaro, e dom Afonso Bispo Devora seus tios, e dom Rodrigo de Mello, que depois foi Conde de Tentugal, e Marques de Ferreira, filho mais velho do dito dom Alvaro, sendo ainda moço de pouca idade, e dom Francisco Coutinho Conde de Marialva, e de Loulé, com outros muitos fidalgos, e cavalleiros. De Moura veo ha Rainha a Alcacer do sal, onde ha el Rei estava esperando, no qual dia que foram xxx. de Octubro os recebeu o mesmo Bispo Devora. Acabadas has festas que se em Alcacer fizeram a tam real, e tam bema-venturado casamento, El Rei, e ha Rainha partirão pera Lisboa, onde se has festas renovaram, e forão levados da ribeira com muitos triumphos á Sé, e dahi aos paços Dalcaçova, que até aquelle tempo foram o verdadeiro, e proprio apousento dos Reis destes regnos. Depois del Rei ter casado fez merce a Rui de Sande pelos serviços que lhe fezera neste casamento, de titulo de Dom, pabelle, e pera todos seus descendentes, e o fez veador da casa da Rainha, alem de muitas outras merces, tenças, dinheiro, e ordenados, no que os Reis de Castella o quiseram tambem imitar, dando ao dito Rui de Sande o habito de San-

ctiago, com huma boa comenda. Neste mesmo anno depois del Rei ser casado acrecentou ao titulo que rinha de Rei de Portugal, e dos Algarves, daquem, e dalem, Mar em Africa, senhor de Gninê, o titulo da conquista, navegaçam, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, titulo tão honroso quanto o he ha mesma conquista.

## CAPITULO XLVII

*De como el Rei determinou de passar em Africa fazer guerra aos mouros, e dos apercebimentos que pera isso fez.*

**E**L REI posto que fosse casado de pouco, e não tivesse ainda filhos da Rainha sua mulher, contra vontade, e parecer de muitos do seu conselho determinou passar em Africa, no anno de mil, e quinhentos, e hum, do que a Rainha particularmente mostrava mui grande descontentamento, aqueixando-se disso per suas cartas a el Rei dom Fernando seu pai, e á Rainha donna Isabel sua mãe, mas tudo isto aproveitava pouco pera el Rei deixar de poer em obra a vontade, e desejo que tinha de imitar os Reis seus antecessores, e serlhes companheiro na gloria que alcançaram nas conquistas das cidades, villas, castellos, e lugares que na terra destes infieis, elles per suas pessoas, passando em Africa ganharam, pera o que mandou screver toda ha gente que no regno avia de que se podia servir em feito de guerra, dos quaes todos ellegeo vinta seis mil homens, que lhe abastavam pera sua empresa. Destes erão os seis mil de cavallo, e oitocentos acubertados, e os de mais besteiros, espingardeiros, de pé e de ca-



vallo, e piaens lanceiros, a fora servidores, e gente de mar, do qual negocio el Rei depois de ter feitas grandes despesas, e assi ha gente nobre que com elle avia de ir, desistio pela razam seguinte. Neste mesmo tempo veo recado certo á senhoria de Veneza, quomo o Turquo com quem entam tinha guerra, mandava fazer uma grossa armada pera lhes tomar, e destruir as terras, ilhas, e cidades que tem na Grecia, a cujo poder se nam atrevendo a resistir sem ajuda dos Reis Christãos, recorreram logo ao Papa pera ser intercessor entrelles, e el Rei, pera que os quisesse ajudar com esta armada que já tinha prestes, ao Papa pareceo bem ha petição dos Venezeanos, pelo que com embaixadores que a isso expressamente mandaram a el Rei, lhe screveo, e encomendou muito ao Nuncio que entam estava nestes regnos, que os ajudasse. Estes embaixadores chegaram a el Rei estando nos seus passos de Sanctos o velho, a preposição da qual embaixada foi, que ha Senhoria, e republica de Veneza, confiada de sua grande bondade, e posta no extremo perigo de perder tudo o que em Grecia ganhara, e possuia, lhe mandava pedir socorro, e ajuda com aquella armada que tinha prestes ou parte della, porque a do Turquo era ja no mar, e que o socorro dos outros Reis, e principes de Italia lhes não poderia vir tam asinha, como o seu, por muito que se apressassem, o que fazendo faria mór serviço a Deos, do que por ventura lhe cuidava fazer em seguir sua vontade, sem saber o fructo que della podia tirar, e que o do socorro que lhe pediam era certo, porque elles tinham por mui averiguado, que sabendo o Turquo que esta sua armada hia buscar ha sua, que em lugar de seguir a diante, a mandaria tornar atras, do que se resultaria grande bem a toda a Christandade, porque se Deos, (per seus peccados delles) permittisse

virem os Turquos ao fim do que desejavam, estava certa a perda que se disso havia de seguir, da qual aos Reis Christãos caberia boa parte. El Rei movido de piedade lhes respondeo, que sobrisso tomaria o parecer dos do seu conselho, e que de sua petiçam lhes daria resposta com brevidade, no qual o voto, e parecer dos mais foi, que elle ficasse no regno, e da armada que tinha prestes mandasse trinta naos, e caravellas em ajuda dos Venezeanos, e que esta despachasse logo, pois o substancial de todo este negocio era fazer-se com brevidade.

## CAPITULO XLVIII

*De como dom Ioam de Meneses Capitam Darzilla, e dom Rodrigo de Monsancto Capitam de Tanger, foram sobre humas aldeas que estão junto Dalcacerquibir, e do que nisso fizeram.*

**A**TRAS fica dito da victoria que dom Ioam de Meneses ouve contra Barraxa, e Almandarim no anno de mil, e quatrocentos, e noventa, e cinco, depois da qual o mandou el Rei dom Emanuel vir ao regno, e o tornou a mandar á mesma villa por capitam, e governador no anno de mil e quinhentos, e hum, no qual tempo era capitam de Tanger dom Rodrigo de Monsancto. Chegado dom Ioam a Arzilla com cento, e cinquenta lanças, que el Rei acrecentara as mais que lá havia, determinou ir sobre humas aldeas que estam atraves Dalcacerquibir, e porque se requeria pera o negocio mais gente da que elle podia levar, avisou a dom Rodrigo do que queria fazer sobre o que se ajuntarão em hum dia certo, e deram nas aldeas, em que por acharem

os mouros descuidados captivaram cento, e oitenta, e matarão muitos dos que se quiserão defender, dos quaes vendo cinco cavalleiros Christãos que se hiam recolhendo pera fora de huma das aldeas sete de pé com cinco mouras, derão nelles, mas os mouros se defenderam tam esforçadamente que lhes mataram tres cavallos, e os feriram a todos. Com tudo elles depois da briga durar hum bom espaço mataram hos sette mouros sem se delles querer dar nenhum á paisam, entre hos quaes havia hum que era sposado, e levava consigo a sposa, a qual vendo o negocio travado de maneira que podia perder a speranza de o nunca mais ver, lhe dixe: O' speranza de minha vida que vos farei, que vos vejo matar sem vos poder valer se nam com lagrimas, o que dito remeteo a hum dos Christãos dos que já estavam a pé, com que o sposo andava travado, e o afferrou de sorte que se lhe nam acodiram os outros alli o mataram. Saqueadas as aldeas os capitaens se começaram de recolher com a cavalgada, de que dom Rodrigo levava a dianteira, em que allem dos captivos avia novecentas cabeças de gado vacuum, e outro muito meudo, cavallos, azemallas, e asnos. E sendo já afastado hum legoa das aldeas, lhes sahio o Alcaide de Alcacerquibir a pique, com mil, e duzentas lanças, com que deu na retaguarda em que vinha dom Ioam, e o seguio ate tres legoas Darzilla sem lhe querer fazer rosto. Pelo que parecendo aos mouros, que hiam os Christãos atemorizados apertaram tam rijo com elles que foi necessario a dom Ioão fazer volta, em que lhes matou perto de cincoenta dos de cavallo, do que assanhados, deixada ha escaramuça se começaram da juntar dando mostra de quererem dar batalha, o que vendo dom Ioão mandou dizer a dom Rodrigo, que não caminhasse, porque determinava pelejar, dom Rodrigo

lhe respondeo, que se contentasse com a merce que lhe Deos tinha feita, o que lhe pareceo bem, e mandou que caminhasse a cavalgada. Os Mouros no tempo que foram, e vieram estes recados, vendo estar os nossos quedos pareceo-lhes que querião pelejar, do que receosos se recolheram, sem os quererem mais seguir, os quaes chegaram a Arzilla sem faltar nenhum, posto que alguns viessem feridos, donde se dom Rodrigo de Monsancto tornou pera Tanger, com ha parte que lhe coube da cavalgada. Os que se acharam na rectaguarda, e volta que fez dom João, foram dom João Coutinho, que depois foi Conde do Redondo, filho mais velho de dom Vasquo Coutinho, Conde de Borba, Pero Nunez da Sylva, Gonçalo Mendez Çacoto, Rui Cotrim da Castanheda, Antonio Alvarez Vaquinha, Antonio Dabreu, Rodrigo de Vasconcellos, e outros de que não soube os nomes.

## CAPITULO XLIX

*De quomo el Rei de Fez veo correr a Tanger, e do que se nisso passou.*

**A**LGUNS dias depois destes dous capitães terem feita esta entrada, soube dom João per hum mouro, que andava el Rei de Fez, e seus irmãos no campo com doze mil de cavallo, e muita pionajem, e que a commum opiniam era que vinha dar vista a Tanger, e dahi a cerquar Arzilla, e que era ja tam junto de Tanger que nam poderia avisar dom Rodrigo se nam por mar, que por terra era impossivel, por todo o campo andar cuberto de gente, dom Ioam agastado desta nova mandou tirar alguns tiros grossos, pera fazer sinal a Tanger, e sabendo que fi-

cara na villa huma cadela de hum morador de Tanger, que avia pouco que se dalli fora, screveo huma carta a dom Rodrigo, que mandou meter em cera, e atar ao percoço da cadella, a qual mandou que possessem á boca da noite na praia, e que depois de bem açoutada a deixassem ir. A cadella fez seu caminho tam depressa, que sendo dom Ioam avisado ao Domingo da vinda del Rei de Fez, ella amanheceo á segunda feira ás portas de Tanger, no qual dia el Rei de Fez appareceo com toda sua gente, e no mesmo mandou que corresse a cidade ha mór parte da de cavallo, ao que dom Rodrigo sahio a repique, mas quomo ha gente fosse muita, o fizeram recolher per força das tranqueiras pera dentro, o que nam foi sem grande resistencia, porque antes de se recolher sosteve o peso dos inimigos per spaço de duas horas, e mea contadas pelo relógio, no qual spaço lhe mata-rão hum seu filho, e oito cavalleiros, entre hos quaes foi hum Baltasar Lourenço muito valente homem e feriram muitos, e a elle de huma lançada com que lhe pregaram o rosto com o pescoço. Recolhidos assi os nossos pera dentro das tranqueiras, os Mouros os levaram de roldão ate has portas da cidade, mui mal tratados, pelo que conveo a dom Rodrigo fazer volta por os mouros não entrarem com elles, que tam baralhados hiam, e o mesmo fez dom Gracia de Mene-ses que já estava junto da porta, e com elle dom Lourenço filho de dom Francisco Dalmeida, que depois foi Vicerei da India, e Gonçalo Mendes Çacoto, Pero Leitão Adail, e Penna Roia, Antonio Nunez, e Rui Martinz Mazmorreiro de Tanger, e Lopo Martinz seu primo, os quaes juntos deram nos mouros com tanto impeto, que teverão os outros tempo pera se recolher na cidade, foi isto tam travado que nam ouve mais tempo, por nam poderem fechar ha porta,

que correrem ha tranca ate meo, o que fez Rui Martins, que foi o derradeiro que entrou, e isto com tanto esforço, que dizendo lhe Pero Leitam, e Diogo Banha, que corresse ha tranca toda, dixe que tal cousa nam faria, por honra de Portugal, que viessem os Mouros, que elle lhes defenderia ás lançadas, o que estava por correr da tranca, os quaes comtudo chegaram tam perto, sem elle fazer pé atras, que o capitam dos corredores, per nome Çolei malave deu com o terçado huma cotilada na porta, em que deixou hum bom sinal, e quisera cometer ha entrada: mas vendo a determinaçam dos Christãos se recolheo pera o arraial, e el Rei de Fez tomou seu caminho pera Arzilla.

## CAPITULO L

*De como el Rei de Féz foi correr Arzilla, com o qual dom Ioam de Meneses pelejou, em que de huma e da outra parte morreram alguns cavalleiros.*

**P**ARTIDO el Rei de Féz do campo de Tanger chegou Arzilla a cabo de quatro dias; mas quomo dom Ioam estava de sobraviso, em os atalaias dando sinal de sua vinda, sahio ate o rio doce com quinze, ou vinte de cavallo, pera descobrir o campo, porque os demais, e de pé, mandou que ficassem na villa velha, que se diz a porta de Féz, pera dalli sairem quando fosse necessario. Chegado ao rio doce, e vendo a multidam da gente que el Rei trazia, e has muitas bandeiras, que andavam espalhadas pelo campo, se veo recolhendo seu passo a passo, pera onde deixara ha gente, defendendose o melhor que podia dos corredores dos mouros que lhe vinham nas costas, os quaes o apertaram tanto, que sendo já junto donde

deixara ha gente fez volta a elles, em que se achou com sós quatro de cavallo, porque os outros que com elle forain, eram já recolhidos. Mas vendo os de dentro que dom Ioam voltava, sairam obra de cinquenta de cavallo, dos que estavam mais perto, e deram todos nos mouros, com tanto esforço, que os levaram ate junto de huma tranqueira, que estava abaixo dataiaia dos paos, matando, e ferindo muitos delles. Os outros Christãos, que ficaram na villa velha, vendo que dom Ioam se alongava no alcance, quiseram sair pera o ajudarem, o que nam poderam fazer, porque muitos dos Mouros lhe vinham cortando os vallados, e tinham já tomado o caminho por onde elle dera nos outros, pela qual razam os que depois sairam de dentro, nam poderam chegar a dom Ioam, o qual, cuidando que tinha toda ha gente junta consigo, quisera passar adiante, mas vendo os poucos que eram, e que os do campo acodiam aos que elle seguia, fez volta perá villa, na qual foi mui mal tratado dos Mouros, porque lhe mataram alguns cavalleiros, e feriram muitos e a elle com huma lança darremesso, que lhe passou hum coxete, com tudo chegou onde estavam os que deixara na villa velha, com os quaes, e com os que andavão com elle fez huma comprida volta sobre os Mouros, e os lançou fora da tranqueira, dos quaes mataram, e feriram muitos, e captivaram alguns, e assi se recolheo perá villa. Entre os Mouros, que morreram, foi hum capitam dos principaes del Rei de Féz, de cuja morte mostrou grande sentimento. Dos Christãos morrerão nesta volta Pero leitam filho bastardo do Adail Pero leitam, e hum froes que andava em hum cavallo acubertado, e Marquos Hungaro. Aconteceo aqui hum caso mui gracioso, mas pouco util a quem o passou, que foi hum escudeiro de Moleinacer, irmão del Rei

de Féz, que andava com elle no campo, ho qual escudeiro como sabia que el Rei vinha com tençam de tomar Arzilla, depois que sesta escaramuça acabou, cuidando que era ha villa entrada, se veo do campo (onde andava desviado dos outros mouros) meter na Villa, ao qual se fez a honrra que se faz aos captivos. Has pessoas que se acharão neste feito foram dom Bernardim dalmeida, filho do Conde Dabrantés, dom Pedro Dalmeida seu irmão, Pero Moniz da Silva, Rui de Sousa, Gonçalo Mendez Çacoto, Ioam de Vasco Goncellos, Sancho de Vasco Goncellos, Ioam de Figueredo, George Vaz de Novaes, e outros que nam pude alcançar os nomes.

## CAPITULO LI

*Darmada que el Rei mandou em ajuda dos Venezeanos contra os Turquos, e do successo da viagem que fez.*

**A**SSENTADO que se desse aos Venezeanos o socorro que pedião mandou el Rei que tomassem da armada que tinha prestes pera sua passagem trinta naos, navios, e caravellas dos melhor equipados, e artilhados, de que deu ha capitania a Dom Ioam de Meneses, filho de dom Duarte de Meneses Conde de Vianna, capitão que fora Dalcacer, e alferes môr del Rei dom Afonso quinto. Ho qual dom Ioam de Meneses per seus merecimentos foi mordomo môr del Rei dom Ioão segundo, e del Rei dom Emanuel, e Conde de Tarouqua, commendador de Cezimbra, capitam, e Governador da Cidade de Tanger, e depois Prior do Crato, per falecimento de dom Diogo Fernandez



Dalmeida. Por sota capitão desta armada hia Rui Telez de Meneses cunhado do mesmo dom Ioam de Meneses, irmão de sua mulher. Ha capitania desta armada desejou muito de haver o dito dom Diogo Fernandez Dalmeida, Prior que então era do Crato, por ser contra Turquos, e nisso insistio muito, e por lha el Rei não querer dar, se foi agravado pera Rodes, onde residio quatro annos, e fez muitos, e assinados serviços á ordem, entre hos quaes foi ha famosa vitoria que houve de uma armada de gales do Turquo, ho qual no fim destes quatro annos, tornou ao regno chamado per el Rei, e faleceo em Almeirim. Antes que dom Ioam de Meneses partisse de Lisboa el Rei por lhe gratificar os muitos serviços que delle tinha recebido, lhe deu titulo de Conde da Villa de Tarouqua, na comarca da Beira. Nestas trintas velas mandou el Rei tres mil, e quinhentos homens de guerra, em que entravam muitos seus criados, afora marinheiros, e outra gente de serviço. Alem destes navios, e gente de socorro, mandou outra armada debaixo da bandeira do mesmo Conde, em que hia muita gente nobre, pera ficar por fronteira na Cidade de Ouram, se podesse ganhar o castello Mazalquibir, situado na boca da barra da mesma Cidade, ho que encomendou muito, e em grande segredo ao Conde. Prestes ha armada, se fezerem á vela do porto de Bethalem a quinze dias do mez de Junho deste anno de mil, e quinhentos, e hum, com vento prospero chegaram ao cabo de Sancta Maria, onde estavam esperando ho Conde alguns navios do regno do Algarve, que haviam de ir com elle. Aos capitães dos quaes, e aos que com elle hiam de Lisboa declarou entam como per mandado del Rei, e regimento que pera isso levava seu, o primeiro negocio que haviam de fazer, era poer cerquo

a Mazalquibir. Seguindo dalli sua viagem chegou ao porto deste Castello de Mazalquibir, e por ser já tarde se fez na volta do mar com tenção de ao outro dia pela manhã cometer o lugar, que lhe estorvou ser o vento tão contrario que o não deixava chegar, no que andou tres dias, nos quaes os da terra se proverão do que lhes era necessario. Tomado o porto, que foi hum sabado vespera de Sanctiago, vinte tres dias de Julho, ho Conde com toda a gente que lhe pareceo necessario sahio das naos, levando consigo ha bandeira Real, ficando elle no seu batel, por os fidalgos da frota lhe pedirem que nam desembarcasse. Assi que toda a outra gente guiada per seus Capitães, em boa ordenança foi commeter ha Villa, ate chegarem aos muros, e lhe porem scadas, sem os de dentro lhe fazerem nenhuma resistencia, mas depois que os teverão encravados, e cegos no que cuidavam fazer, e os verem andar ja como vencedores, espalhados ao redor dos muros, sairam de dentro quatrocentos de cavallo, homens que em seu trajo pareciam nobres, e acompanhados de pionajem os quaes derão com tanto esforço nos nossos, que sem nenhuma resistencia, e com muita desordem, os fizeram todos recolher pera os bateis, no qual alcance mataram os mouros vinte, em que houve alguns homens fidalgos. Ho Conde desesperado de poder ganhar a villa, lhe pareceo excusado cometella outra vez, e com parecer de todos los capitães determinouse partir dalli. Ho que assentado despedio pera o regno ha frota que com elle viera ao efeito de Mazalquibir, e elle seguiu sua viagem.

## CAPITULO LII

*Do que o Conde passou nesta viagem depois que partio de Mazalquibir ate tornar ao Regno.*

**P**ARTIDO o Conde de Mazalquibir, o primeiro porto que tomou foi o de Aliquante, e dalli passou por Iuiça, percorrendo pelas outras ilhas, até chegar ha de Sardinia, onde surgiu diante da Cidade de Calhere, e foi mui bem recebido do Regedor, e moradores da Cidade, donde depois de ter tomados os mantimentos que lhe erão necessarios se partio, e sendo atraves da parajem da cidade de Tunez ouve vista de huma carraca, e dous galeoens, que seguio ate se lhe renderem. Estas velas erão de Genoa, e hiam carregadas de mercadorias de Genoeses, e outros mercadores Christãos, Turquos, Mouros, Iudeus pera Cidade de Ouram, com ha qual presa tornou arribar ao porto de Calhere, onde fez descarregar todallas mercadorias dos Turquos, Mouros, e Iudeus, e as fez repartir pela frota, per inventairo que disse mandou fazer. Allem destas mercadorias tomou nestas naos sessenta Mouros, e Turquos de resgate, e alguns Iudeus, e Christãos captivos a que deu liberdade, e a carraca com totalas mercadorias que eram de Christãos, e de qualidade pera se poderem levar a terra de infieis, soltou livremente aos Geneoses, mas os galeoens não, porque teve necessidade delles pera esta viagem. Isto feito partio outra vez do porto de Calhere, levando consigo o Vicerei de Sicilia, que com medo darmada dos Turquos, que se dizia andar no mar, não ousou de partir dalli senam em companhia do Conde, o qual pos no Cabo

Passaro no mesmo regno de Sicilia, e dalli navegou a Cidade de Cotrom, que he na Apulha, no regno de Napoles, donde atravessou a Vellona, que he na Grecia, senhorio dos Turquos, no qual lugar vieram ter com elle tres gales sotis dos Venezeanos, que o guiarão ate a ilha do Corfú, onde a la mar tres, ou quatro legoas, o sahio a receber o geral darmada da Senhoria de Veneza, com vintacinco gales grossas, e cinco galeoens festejandosse ambalas armadas, com muitos tiros dartelharia, e som de muitos instrumentos de guerra, e por o tempo ser calma as galês meterão á toa as naos no porto de Corfú, onde depois de toãas ancoradas, ho géral, e governadores da ilha mandaram muitos presentes de fructas, e refrescos ao Conde, e a todolos capitães darmada. Ho Conde, posto que fosse requerido, e rogado pera sair em terra, e repousar dos trabalhos da viagem, o não quis fazer, com tudo a todolos capitães, que quiserão pousar em terra, deu pera isso licença, aos quaes todos se fez muita honra, e gasalhado em quanto alli estiverão. Com tudo como a gente de guerra, e do mar he naturalmente soberba, e brigo-sa, alli em Corfú se armou huma briga entre os darmada, e os soldados Venezeanos, e gente da terra, em que matarão dos nossos mais de setenta homens, e dos Venezeanos, e da terra muitos, e foi negocio, em que pera o apacificarem tiverão ho Conde, e o geral dos Venezeanos, e os governadores da terra muito trabalho. Ho Turquo sabendo desta armada, e doutras que os Reis, e senhores Christãos fazião pera socorrer aos Venezeanos, e que Nigroponte, sobre quem particularmente determinava ir, era ja provido pela Senhoria de Veneza, vendo que adespera que fezera com ha armada que trazia no mar era por demais, a mandou recolher aos portos, pelo

que o geral dos Venezeanos dixе ao Conde que dalli por diante seria excusada sua demora, nem fazerse mais despesa da fazenda del Rei seu senhor, da que ja tinha feita, em favor, e ajuda da Senhoria de Veneza, a qual merce os deixava em tamanha obrigaçãõ, quanta elles nunca poderião servir aos Reis de Portugal, e que pois a armada do Turquo era recolhida e della se não temião ja, que elle da parte de Senhoria lhe fazia saber que, quando lhe aprouvesse, se podia tornar pera o regno, no qual os embaixadores de Veneza seriam mui cedo a dar as graças a el Rei da grande merce que lhes fezera: ha resposta do Conde foi de muitos offerecimentos, dizendo que faria tudo o que ha Senhoria ordenasse pello assi trazer por regimento del Rei seu senhor. Depois desta pratica esteve a armada alguns dias em Corfú, refazendosse do caminho, e aparelhandosse pera o que avia de fazer. Tomados mantimentos, se partio o Conde, e quasi pela mesma derrota, que fezera á ida tornou ao regno com toda sua frota junta, posto que no caminho com tormenta se derramassem algumas vezes, com a qual se perderão os dous galeoens Geneoeses. O primeiro lugar que tomarão do regno foi Sacres, no cabo de S. Vicente, em dia de Natal, e dalli vierão a Lisboa, onde se repartio o despojo da carraca per todos, e da quinta parte que tocava a el Rei fez merce ao Conde.

## CAPITULO LIII

*Da fundaçam do Mosteiro de Bethelem, e da Torre.*

**N**A Chronica do Principe dom Ioão dixe o mais compendiosamente que pude os trabalhos, que o Infante dom Henrique tomou, e despesas que fez com as naos, que mandava a descobrir pella costa Dafrica, o qual como catholico Christão em todollos portos, donde ordinariamente estas naos partiram, edificou casas doraçam, em que tinha capellaens pera administrarem os Sacramentos da Egreja áquelles que andavam nestas viajens. Entre estas casas huma era de advocaçam de Bethelem no surgidouro de Rastello, huma legoa da cidade de Lisboa, na qual, por ser lugar donde mais naos partiam a fazer estas viajens, e tornavão, tinha certos Freires sacerdotes da ordem da cavalleria de Christus, de que elle era governador, e administrador. Desta casa tinha feita doaçam á mesma ordem, com algumas heranças de pumares, fontes, e terras que comprara pera se manterem os Freires, com encargo de todollos sabbados dizerem huma Missa por sua alma, o que sempre se fez, e faz depois que esta capella se converteo no sumptuoso mosteiro, que no mesmo lugar fundou el Rei dom Emanuel depois que Vasco da Gama tornou da India, o que certo he muito de louvar em el Rei, que com não ter mais conquistado da India que saber que se podia ir a ella per mar, foi tanta sua fé em Deos, que, como se ja tivera ajuntados muitos thesouros da conquista della, logo de sua propria fazenda mandou abrir os alicerces ao redor desta capella, sobre os quaes se fez hum dos

grandes, e magnificos edificios de toda Europa, de que antes que falecesse deixou acabada uma hum gram parte, e no que ficou por fazer, posto que el Rei dom loão seu filho continuasse com grande despesa, lhe falta ainda muito pera se acabar na perfeição que requiere hum tal obra. As causas que moverão el Rei dom Emanuel a fazer tamanha despesa, foi uma grande devoção que tinha em nossa Senhora, a cujo nome dedicou toda esta machina, pondo-lhe o mesmo sobrenome que tinha de Bethelem, a outra por o lugar, em que edificava este mosteiro, ser hum dos frequentados de todo o mundo, de naos, que cada dia nelle entrão de diversas partes, pera os que viessem acharem nos religiosos consolaçam pera suas almas, e consciencias, recebendo nelle os sacramentos da Egreja e ouvindo os officios divinos que se nelle fazem com muita solemnidade. A terceira causa foi pera no mesmo mosteiro fazer ho jazigo, e sepultura de sua real pessoa e da Rainha donna Maria sua molher, e filhos, posto que naquelle tempo ainda nam tivesse nenhum. A Egreja deste mosteiro tem duas portas, das quaes a da travessa, que está contra a praya, he a mor, e mais sumptuosa, na qual mandou poer em pé, na columna do meo da porta, a imagem do Infante dom Henrique primeiro author destas navegaçoens, talhada de vulto em pedra, armado com cota darmas, e a espada nua na mão, alevantada pera riba, do qual modo se afigurão todollos Reis, e principes que em pessoa se acharão em feitos de guerra, e nelles forão vencedores. A outra porta he a principal, posto que não seja tamanha como a porta da travessa, polo causar hum ferrosa, e comprida varanda de pedra talhada, que de sobrella sae de longo do caminho publico, ate o cabo de todollos jardins, e edificio deste mosteiro,

sobella qual esta ho dormitorio dos Frades. Nesta mandou el Rei poer a sua imagem, de huma parte, assentada em geolhos, em hum setual, cuberto de vestidos roçagantes, e da outra banda, tambem em geolhos, em outro setual a Rainha donna Maria sua mulher. Estas duas imagens são talhadas de vulto em pedra lioz, e os rostos ambos tirados assaz bem ao natural. De fronte deste edificio mandou el Rei fazer a torre de sam Vicente, que se chama de Bethalem, fundada dentro na agoa, pera guarda deste Mosteiro, e do porto de Lisboa, edificio que ainda que em si não seja grande em quantidade, com tudo ha inestructura delle he magnifica. Ha qual torre se vela de noite, e de dia, de modo que nenhuma vela pode passar sem ser vista, e obedecer ás salvas que lhe della fazem com a artelharia, nem foi menos liberal el Rei dom Emanuel na grandeza destes edificios, que no serviço do culto divino, porque aos Freires, que tinham a cargo esta capella de Bethalem, que dali mudou per licença do Papa a Egreja de nossa Senhora da Concepçam em Lisboa, que fora Synagoga dos Iudeus, deu rendas, de que vivem abastadamente, e na mesma casa fundou huma commenda, e esta de Bethalem, pela muita devoção que tinha ao glorioso S. Hieronymo, deu aos Frades de sua ordem, dos quaes ao presente he povoada com muita observancia, e exemplo de bom viver, pera sustentamento dos quaes deu o direito da vintena, que sa paga na casa da India, das mercadorias de partes que a ella vem, e por acrecentar a instituicam da Missa, que ho Infante dom Henrique fundara na quelle lugar, ordenou que estes frades dicessem outra, na qual ao lavar das mãos o sacerdote dicesse ao povo que rogasse a Deos pela alma do Infante dom Henrique, primeiro fundador daquella casa, e



assi pola del Rei, e de todos seus successores. Agora porei silencio aos negocios do regno, pera outra vez fallar nos da India, e nam sespante o lector deu passar com o tempo adiante, e tornar agora com elle atras, porque ho faço pera juntamente, e sem intervallo contar o que se passou na segunda armada que el Rei mandou á India que partio de Lisboa no anno de mil, e quinhentos, e tornou no de quinhentos, e hum, como se logo vera, a qual ordem terei em todallas outras armadas que depois forão deste Regno á India ate o tempo em que Afonso Dalbuquerque foi governador.

## CAPITULO LIV

*Da segunda armada que el Rei mandou á India, de que foi por Capitão Pedralvres Cabral.*

**C**HEGADO Nicolao Coelho da India como atras fica dicto, pela informação que deu a el Rei da terra, e calidade da gente, determinou de mandar lá huma armada de treze velas, de que deu a Capitania a Pedralvres Cabral, e por Sota Capitão Sancho de Thoar, os outros capitães erão Simão de Miranda, Aires Gomes da Silva, o mesmo Nicolao Coelho, Nuno Leitão, Vasquo dataide, Bartholomeu Diaz, que descobirio o cabo da boa Sperança, Pero Diaz seu irmão, Gaspar de Lemos, Luis Pirez, Simão de Pina, Pero Dataide dalcunha inferno, e por feitor darmada Aires Correa, que avia de ficar em Calecut por feitor, e por scrivaens de seu cargo Gonçalo Gil Barbosa e Pero Vaz Caminha. Estas naos mandou el

Rei aparelhar de todas as cousas necessarias a feito de guerra, porque ja sabia que havião de ter disso necessidade pelos negocios, que acontecerão a Vasco da Gama, assi na India, como na costa da Ethiopia, na qual hiam mil, e quinhentos soldados. No regimento que el Rei deu a Pedralvres Cabral, hum dos pontos mais substanciaes era, que trabalhasse muito pela amizade del Rei de Calecut, porque sua vontade era fazer huma fortaleza naquella Cidade, onde seus naturaes, e officiaes estivessem seguros dos da terra, e mouros, e podessem fazer as cousas que comprissem a seu serviço, e que quando não achassem em el Rei de Calecut vontade de o querer por amigo, em tal caso de sua parte lhe declarasse guerra, e lha fizesse, alem do que lhe mandou, que trabalhasse muito por tomar Melinde, para de sua parte agradecer a el Rei o galardão que fezera a Vasco da Gama, e lhe dar hum presente que lhe mandava, e entregar o seu embaixador, e offerecer sua amizade para o que lhe delle comprisse. E porque el Rei foi sempre mui inclinado ás cousas que tocavam a nossa sancta fé catholica, mandou nesta armada oito frades da ordem de S. Francisco, homens letrados, de que era Vigario frei Henrique, que depois foi confessor del Rei e Bispo de Cepta, os quaes com oito capellaens, e hum vigario ordenou que ficassem em Calecut, para administrarem os sacramentos aos Portuguezes, e aos da terra que se quisessem converter á fé. Prestes esta armada, estando ja em Rastello, el Rei se foi ao Mosteiro de Bethelem, onde mandou dizer Missa em pontifical, tendo consigo dentro na cortina Pedralvres Cabral, na qual ouve pregação, que fez o Bispo de Cepta dom Diogo Hortiz, que depois foi de Viseu, Castelhana de nação, animando todos aos trabalhos, que hiam tomar,

por serviço de Deos, e de seu Rei, apontando aos capitães, e aos outros fidalgos, que hiam na armada, muitos louvores de seus antepassados, com que não tão sómente fez enveja aos que ficavam no regno, mas antes os incitou a quererem muitos delles fazer osta viagem, se o tempo lhe então dera pera isso lugar. Acabada a Missa o Bispo benzeo huma bandeira, em que estavam pintadas as armas Reaes do regno, a qual depois de benta el Rei entregou de sua propria mão a Pedralvres Cabral. Entregue a bandeira el Rei levou Pedralvres á sua ilharga até os batéis das naos que o estavam sperando na praia, onde com os outros capitaens, e gente nobre lhe beijou a mão e se despediram delle.

## CAPITULO LV

*De como a frota partio do porto de Bethelem, e do descobrimento da terra de sancta Cruz, a que chamão do Brasil.*

**A**o outro dia pela menhã que foram nove de Março de mil, e quinhentos, partio a frota do porto de Bethelem com bom vento de foz em fora, e aos catorze houve vista das ilhas de Carnarea, e aos vintadous com vento prospero passou pela ilha de Sanctiago, avante da qual se apartou da frota com tormenta a nac, de que era capitam Luis Pires, que arribou a Lisboa desbaratada, per cujo respeito andou Pedralvres Cabral ao paio com toda a armada dous dias, mas vendo que não aparecia, seguiu sua viagem e navegando a soeste, aos xxiiij dias

do mes Dabril viram terra, do que forão mui alegres, porque polo rumo, em que jazia, vião não ser nenhuma das que até então eram descubertas, Pedralvres Cabral fez fazer rosto para aquella banda, e como forão bem á vista mandou ao seu mestre que no esquife tosse a terra, o qual tornou logo com novas de ser muito fresca, e viçosa, dizendo que vira andar gente baça, e nua pela praia, de cabello comprido, e corredio, com arcos, e frechas nas mãos, pelo que mandou alguns dos capitaens, que fossem com os bateis armados ver, se era isto assi, os quaes sem sairem em terra, tornaram á capitaina afirmando ser verdade o que o mestre dixerá. Estando ja sobranceira se alevantou de noite hum temporal, com que correram de longo da costa ate tomarem hum porto muito bom, onde Pedralvres surgiu com as outras naos, e por ser tal lhe pos nome Porto seguro. Surta ha frota mandou Pedralvres alguns dos capitaens nos esquifes ver ha terra, que logo tornaram com dous homens que estavam pescando em huma almadia, dos quaes se quisera informar da qualidade della, mas achouos tam barbaros, que allem de não haver lingua que os entendesse, nem per acenos sabião dar sinal de cousa que lhes perguntasse, com tudo lhes mandou dar de vestir, cascaveis, manilhas de latam, espelhos, e outros brincos, e ajaezados os fez poer em terra, os quaes contentes do bom tratamento tornarão logo á frota com outros de companhia, carregados de milho, farinha, favas, e outros legumes, e fructas da terra, que davam a troquo de papel, Panno de linho, cascaveis, spelhos, e outras cousas desta qualidade. Achando Pedralvres tanta familiaridade, e simpreza nesta gente, ordenou que ao outro dia dicesse frei Henrique Missa em terra, onde em amanhecendo mandou armar hum altar debaixo de huma

muito grande arvore. A Missa foi de Diacono, e Subdiacono, officiada com todolos frades, capellaens das naos, e sacerdotes que hiam narmada, e outras pessoas que entendiam de canto, em que houve pregaçam, sendo presentes muitos dos da terra a todo o officio divino, com grande espanto, e acatamento. Acabada a Missa Pedralvres se recolheo aos bateis com toda a gente, acompanhando-o os da terra com grandes festas, cantares, saltos, e tregeitos que faziam em sinal dalegria, tangendo cornos, e buzinas, lançando frechás pera o ar, com outras mostras de contentamento, alevantando as mãos ao Ceo, com o que davam graças a Deos pela merce que lhes fizera em lhes deixar ver gente daquella calidade, no que hiam tam enlevados, que muitos delles seguirão os bateis ate lhes a agoa dar pelos peitos, e outros nadando, e alguns em almadias ate chegarem ás naos. Neste porto seguro fezerão as naos augoada, carnagem, e tomaram outros mantimentos, e refrescos, que os da terra davam por cousas de pouca valia. Estando alli a armada, lançou o mar hum peixe na praia mais grosso que hum tonel, e tão comprido como dous, a cabeça, e os olhos como de porco, sem dentes, as orelhas da feição das de Elephante, o rabo de hum covado de comprido, e outro de largo, apele como de porco, de grossura de hum dedo. Antes que Pedralvres partisse deste lugar, mandou poer em terra huma Cruz de pedra, quomo por padrão, com que tomava posse de toda aquella provincia, pera Coroa dos regnos de Portugal a qual pos nome de sancta Cruz, posto que se agora (erradamente) chame do Brasil, por caso do pao vermelho que della vem, a que chamam Brasil, e assi despachou pera o regno Gaspar de Lemos no seu navio, com novas deste descobrimento, no qual mandou hum homem

dos da terra a el Rei, o que feito, deixando alli dous degradados, de vinte que levava, se partio aos dous dias do mes de Maio, tomando sua derrota pera o cabo de boa Sperança.

## CAPITULO LVI

*Dalgumas particularidades da terra de Santa Cruz, e costumes da gente della.*

**E**STA terra de Santa Cruz que jaz na demarcação, e conquista destes regnos, com a que descobriram, conquistão os Reis de Castella, a que chamam Antilhas, e Perú são tamanhas, com outras provincias juntas a ellas, correndo de Norte a Sul, que por sua grandeza lhe poseram os Cosmographos deste tempo nome, mundo novo, as discripçoens do sitio, e clima das quaes deixarei aos mesmos Còsmographos, cujo o tal officio he e eu seguindo o que toca ao meu direi algumas particularidades desta provincia de Santa Cruz, e dos costumes da gente de que he habitada. A terra he muito viçosa, muito temperada, e de muitos bons ares, muito sadia, tanto que a mor parte da gente que morre he de velhice, mais que de doenças, tem muitas, e grandes ribeiras, e muitos bons portos, e muitas fontes de muito boas agoas, a mais da terra he de montes, e valles, chea de bosque, em que ha arvores de desvairadas sortes, entre as quaes he a arvore do balsamo, e o pao brasil, ai muitas ervas odoriferas, e medicinaes, dellas differentes das nossas, entre as quaes he a que chamamos do fumo, e eu chamaria

erva Santa, a que dizem que elles chamão Betum, de cuja virtude poderia aqui poer cousas milagrosas, de que eu via a experiencia, principalmente em casos desesperados, de aposthemas ulceradas, fistolas, caranguejas, polipos, frenesis, e outros muitos casos. Esta erva trouxe primeiramente a Portugal, Luiz de goes, que depois sendo viuvo se fez na India dos da companhia de nome de Jesu. A gente desta provincia he baça, de cabelo preto, comprido, e corredio, sem barba de mea estatura são tão barbaros que nenhuma cousa crem, nem adoram, nem sabem ler nem screver, nem tem egrejas, nem usam imajens, de nenhum genero, ante as quaes possam idolatrar, nem tem lei, nem peso, nem medida, nem moeda, nem Rei, nem senhor, obedecem somente áquelles que nas guerras que tem huns com os outros, sam mais valentes, e destes fazem cabeça, em quanto não cometem covardia, andão nús, e se alguns se cobrem sam os nobres, com vestidos que fazem de penas de papagaios, e outras aves de diversas cores, tecidos com fio dalgodam, os vestidos sam humas faldras que lhe chegam da cintura ate os geolhos, e barretes, e humas tiras, ou capellas que poem ao redor dos braços como manilhas, tudo das mesmas pennas. As molheres crião cabelos, e os homens os tosquam de sua fronte ate mea cabeça, os que persumem de galantes trazem as orelhas, e os beiços, narizes, e faces furados, e nos buracos ossos dalimarias, e pedras de diversas cores por pendentes, muito bem polidas, e outros que fazem de huma das arvores, que fundem, e ficam da dureza, e cor dalambre muito fino, o que tudo fazem pera assi parecerem mais feroces, e pera acrecentar esta ferocidade pintão os corpos de muitas cores, assi os homens, quomo as molheres, as quaes não trazem pendentes de pedra nos beiços, e

faces, senão contas que fazem de huns buzios grandes, que ha no mar muito finos, que ellas estimam muito, e delles fazem tambem pendentes, e lunas que trazem nas orelhas, e ao pescoço por galantaria. São grandes frecheiros, em tanto que em qualquer parte do corpo de hum homem, ou animal, por pequeno que seja, a que apontão, tocão sem quasi nunca errarem, e o que eu acerca disto vi direi aqui. No anno de mil, e quinhentos, e treze estando el Rei dom Emanuel em Santos o velho tendo despacho em huma casa de madeira, que alli então estava, na panta do caes, posta sobella agoa, George Lopez bixorda que naquelle tempo tinha o trato do pao brasil que trazem desta terra de santa Cruz veo a fallar a el Rei e com elle trez homens desta provincia, assas bem dispostos que então vierão em huma nao que de la chegara, os quaes vinhão vestidos de penas, com as faces, beiços, narizes, e orelhas cheos de grossos pendentes, tudo do modo que arriba dixei, cada hum delles trazia seu arco, e frechas, vinha com elles hum homem Portugues, que sabia a lingoa, per quem lhes el Rei fez perguntar algumas cousas, e quando fallaram na destreza que tem no tirar, dixerão que se sua Alteza o queria ver que logo lho amostrariam, no qual comenos a mare vazava, e vinhão pelo rio abaixo alguns pedaços do cortiça tamanhos como a palma de huma mão, ou pouco mais, contra as quaes logo armarão os arcos, e a quantas dellas tirarão, indo pela agoa abaixo, pregarão em cada huma sua frecha, sem errarem nenhum tiro, o que eu vi, porque estava na mesma casa quando isto passou. Os arcos sam de pao brasil, e as frechas de canas empenadas com pennas de papagaio, as pontas sam de pao, e osso de pescado, tam fortes que passam com ellas uma taboa. Mantemsse de caça, principalmente de papa-



gaios, e bogios que ha muitos na terra, e outras muitas aves, e alimarias, comem tambem lagartos, cobras, ratos, e outros bichos peçonhentos. Pescam em almadias feitas de codea darvores, em que navegam, de que algumas dellas são tamanhas que cabem nellas trinta, e quarenta homens: o seu pescar não he com redes, senam com cabaços que metem por debaixo dagoa, indo huns remando as almadias, e outros com paos batendo nagoa, do qual movimento o peixe amedrontado, vem buscar a face dagoa, e os que tem os cabaços metidos nella, acodem por baixo ao peixe, e assi tomam quanto ham mister. Comem pão feito de humas raizes brancas, tamanhas quomo cinouras, a que chamam mandioca, as quaes sam tam peçonhentas, que se has alguem comer cruas morre subitamente. Estas raizes pisam em humas pias de pedra, e depois de bem pisadas lhe spremem o çumo, que he per fim muito mais peçonhento, que ha raiz, e depois de o terem bem espremido põe ha massa a secar em cestos que pera isso tem, e seca ha moem em farinha, a que chamão caistus, de que fazem hum pão tão saboroso, que os nossos Portuguezes o comem de melhor vontade que pão de muito bom trigo: usam tambem pão de milho. Ha na terra muitas favas, feijoens, e outros legumes de muitas cores, que comem, não tem vinhas, mas fazem vinho de milho, e da mesma farinha caistus, que he como cerveja, ou cidra, de que bebem, e se embebedão a meude, e depois de bebados sam muito traidores, e maliciosos. Ha tambem na terra muito algodão, que as molheres fião, de que fazem cordas, e redes, que usam por camas, penduradas no ar, em paos, ou arvores, mas delle não fazem pannos, porque não sabem tecer. São muito dados a agouros, feitiços, e deste officio ha entrelles homens, e molhe-

res, a que chamão pagés, aos quaes crem tudo o que dizem, e os tem em muita estima, e acatamento. Estes trazem huma cabacinha feita como cabeça de homem com boca, narizes, olhos, e cabellos, posta sobre huma frecha, dentro da qual fazem fumo com folhas secas de erva Betum, e do fumo que sae desta cabeça tomão elles pellos narizes tanto, ate que com elle se embebedam e depois de bem torvados, fazem geitos e cerimoniaes como demonhinados, dizendo o que lhes vem a vontade, ou o que lhes o diabo ensina, tudo o que então dizem lhe crem, e tem por cousa certa. Estando assi neste desatino ameação a muitos de morte, e em qualquer tempo que depois morrem, dizem os outros que vivera muito mais se o pages o não ameaçara, a qualquer lugar a que vem lhes fazem muita festa, e os recebem com danças, e cantares, e lhes dão tudo o que hão mister: alem disto lhes abrem, e concertam os caminhos per onde passão, e por festa lhes comunicam as mais fermosas mulheres da terra casadas, e solteiras. No casamento nam tem mãe, grao de parentesco, que do pai, e filhas e irmão, e irmãa, daqui pera baixo casam todos sem differença, os casados cada vez que querem deixam as mulheres, e tomam outras, e se em quanto as tem em casa cometem adulterio mataõnas, ou as vendem, quando parem no mesmo dia se vam lavar aos rios, ou fontes, e fazem logo todollos serviços ordinarios de casa, e os maridos se lanção nas redes, que sam as suas camas, em que estam certos dias, onde lhes os parentes, e amigos vam dar o prófaça do filho, ou filha, que lhes nasceo. Os quaes nam tem poder nas filhas, se não os irmãos, estes as casão com quem querem, e vendem quando tem necessidade. O que vendem nam he por dinheiro, que nam tem moeda, nem fazem della conta, salvo a

troquo de outras cousas que ham mister; estimam muito pouco as molheres, e as tem quomo captivas, pera se dellas servirem, as quaes são commuas a todos, excepto as casadas em quanto o sam. O casamento delles nam he mais questarem homem, e molher em huma só casa, nam usam vodas, nem ceremonias matrimoniaes quando se assi ajuntam em um casal: sam commummente folgazoens, e muito alegres, porque quomo nam tem guerra, seu officio he bailhar, comer, e beber. Tem hum certo genero de bailhar, em que andam todos ao redor, quasi quomo as rondas de Flandres, sem se mudarem do lugar em que começam, cantando todos per hum tom cantigas, em que contam suas valentias, e feitos de guerra, dando muitos asovios, e fazendo mui grande estrondo com hos pes. Ao redor desta ronda andam outros, que dam de beber aos dançantes, sem cessarem de noite nem de dia, nas quaes danças se embebedão todos, ou os mais delles. As casas em que vivem sam muito compridas, feitas de madeira, cubertas de colmo, muradas ao redor, duas, e tres vezes com paos, e estaquas muito fortes, o que fazem por caso de terem sempre guerra, huns vezinhos com os outros, nas quaes casas vivem muitos juntos, os casados tem seus repartimentos, e outros vivem em commum, todollos que vivem dentro em huma casa destas se tem por irmãcs, e assi se chamam, e morrem huns pollos outros, como se fossem verdadeiros irmãos de pai, e mãe. Estes homens não fazem guerra por cobiça de riquezas, nem menos de assenhorearem provincias, porque tudo isto estimam mui pouco, fazemna por serem acatados de seus vezinhos. Quando hão de começar alguma guerra ajuntamsse em huma casa quatro, ou cinco dos mais velhos, daquelles que sendo mancebos derão mostras de valentes, e forão

bons capitaens, depois de assentados, como em coroa poendo seu vinho, ou beberajem no meo de que bebe cada hum o que quer: em quanto assi estam ninguem ousa de lhes fallar, nem chegar a elles, e o que alli concluem he o que os outros hamde fazer sem lho poderem contrariar. São tam obedientes ao que estes velhos assentão e ordenam no conselho, que ainda que saibam que a execuçam disso lhes ha de custar as vidas, nam deixarão de poer em obra o que os velhos ordenaram. Começa entrelles a guerra pella mor parte nos meses de Fevereiro, e Março, e porque a terra he de muitas ribeiras, o mais della he em almadias, a que elles chamão canoas, levam consigo molheres pera lhes guisarem o comer, e farinha somente, porque todollos dias saem em terra a caçar, e dormir, e da caça que matão, e peixe que tomão se mantem, e sem mais outra provisam correm do longo da costa quarenta, e cinquenta legoas, fazendo suas entradas, e assaltos nas povoaçoens dos inimigos. Elegem por capitão o mais valente, e esforçado dantrelles: este os governa em quanto não comete covardia, porque se a faz fica desacreditado entrelles pera sempre, o qual capitam antes que partam pera guerra anda todollos se-roens, e manhans prégando, e bradando ao redor das casas, animando os perá guerra, e ensinando como se ham de aperceber, e o que ham de fazer, e levar comsigo, declarando-lhes que homens são os com que hão dir pelleijar, e que manhas tem e modo de fazer guerra, contando-lhes tambem suas proprias façanhas, e valentias, e quantos homens matou na guerra, e o modo que nisso teve. O mais do guerrear desta gente he de assalto, e ciladas, pera tomarem os outros desprovidos. Sam tão destros no tirar, que nas guerras, que tem com os Portuguezes lhes me-

tem as frechas pelas junturas das armas, pelo que se acostumarão a huns laudeis de panno de linho, que os cobre da cabeça ate os pés, imbutidos dalgodão, tão grossos que as frechas embação nelles, mas estes frecheiros lhes não tirão jagora por este respeito senão aos olhos, e são nisso tão certos que matam muitos. Allem dos arcos, e frechas usão umas espadas de pao muito duro, e pesadas, com as quaes onde acertam do primeiro golpe esmeução qualquer membro em que tocam, os que matam na guerra, e alguns dos que captivão principalmente os velhos, comem logo, e os outros vendem, ou levão presos em cordas com que todos entram triumphando pelos lugares onde moram, mas a carne humana que comem não he entrelles cousa geral, porque não comem se não a dos que captivam, e tem por inimigos. Os que lhe morrem na guerra enterram no mesmo lugar, e se he perto de suas povoaçoes os levão consigo pera os la enterrarem, no que ha grandes choros, lamentaçoes, e por do, assi os homens como molheres se trosquiam, sobellas covas, fazem fogo, comem, e bebem certos dias, nos quaes convites contão as façanhas e proezas do defuncto. Aos Christãos que captivão, se tem barbas ou cabellos tosqiãolhe os da cabeça, e arrincãolhe a barba, com todollos outros cabellos do corpo. Aos que captivão na guerra dão molheres pera os servirem, e dormirem com ellas, e se delas hão filhos os senhores os vendem, ou comem, tratão muito bem estes captivos de comer, e beber, e as molheres que os servem, trabalham por lhes dar bom penso. Quando querem fazer alguma festa matão hum destes captivos, e a molher, com que teve conversação ainda que delle tenha filhos he a primeira que lhe lança huma corda ao pescoço, o que feito o atão os homens com ou-

tras pelo meo do corpo, braços, e pernas, e assi o amarrão no meo da casa a hum piar, e o pintão, e empenão de penas de aves. Pera estas festas fazem muita beberajem, e ajuntão muita caça, para banquetearem todolos que a ellas vem, e ao mesmo captivo desatão do piar algumas vezes, e atado com a corda que tem pela cintura, o fazem bailhar, e alegrar com a beberajem que lhe dão a meude. Isto dura tres dias, nos quaes não fazem outra cousa que comer, beber, e bailhar, o que feito levam o captivo a hum curral, solto dos pes, braços, e mãos, e as molheres, e mininos o tem por cordas que lhe ficam atadas na cintura, tirando por elle de huma parte pera outra arremessando-lhe laranjas, e outras fructas, das quaes elle apanha do chão as que pode para lhes tornar a tirar com ellas e com pedras se as pode aver, e per todo o caminho vão dando de beber ao captivo, que disso vae muito alegre, e assi os que o levão, que tambem vão bebendo, cantando, e saltando, e desque sae de casa ate chegarem ao lugar em que se hade fazer a execução vão dizendo ao paciente muitas injurias e que o ham de comer por vingança delle, e de todos seus parentes, amigos, ao que responde muito alegre que lhe não dá disso nada, pois que morre com muito esforço como o deve fazer hum valente homem, e que se o hão de matar, que já elle matou, e comeo muitos dos seus delles, que allem disso vai consolado, por saber que tem irmaons e parentes que hão de vingar sua morte. Depois de chegados ao curral, vem o que o teve preso bailhando contrelle todo pintado com huma gorgeira de penas de cores, que lhe cobre todo o pescoço, e parte dos hombros, com huma espada grande de pao na mão chea tambem de pennas gritando, e asoviando contra o preso, para o ferir, mas

elle trabalha quanto pode pera lhe tomar a espada das mãos, o que lhe as molheres, e mininos que tirão pelas cordas estorvão tirando por elle de huma parte pera outra, ate que o da espada o fere á sua vontade, e lhe faz saltar os meolos fora da cabeça, porque este he o derradeiro golpe que lhe dão, nem lhe pode dar mais, segundo seu costume, o que feito lha corta, e as mãos, e todo o mais do corpo lanção as molheres em huma fogueira que pera isso tem feita, onde o chamusquão quomo a hum porco, e depois de bem chamusquado o abrem com huma cana tão aguda quomo faca, e lhe tirão as tripas, as quaes chamusquadas ao mesmo fogo comem as molheres, e mininos, e a carne do corpo talhão os homens em postas, e mandão dellas em presente huns aos outros: com esta vianda em sinal de vingança fazem mōres festas, e bebem muito mais daquelle seu vinho, ou beberajem do que o dantes fezerão. Hai nesta provincia de Santa Cruz huma gente a que chã-mão Papanazes, que vivem nos desertos com molheres, e filhos, não tem casas, nem lugares, nem camas, nem redes pera dormirem, vivem deroubos, e rapina: são homens pela môr parte de meão estura, andão nūs: forão antiguamente senhores de toda aquella terra, e per guerras, os que habitão de longo da costa do mar os lançarão della, pelo que são seus capitaens inimigos, fazem continua, e crua guerra a todolos que vivem em casas, tem lingoajem sobresim, com tudo entendemse bem huns aos outros, usam o mesmo modo de comerem os captivos. Estes todos per nenhum delicto fazem justiça, se não per homicidio, que he deste modo. Os parentes do homicida o hão dentregar aos parentes do morto, os quaes o afogão, e enterrão presentes huns, e os outros com muitos plantos, e choros, comendo, e bebendo per

muitos dias, e assi fiquam amigos, e se per caso o homicida foge, e se não pode delle fazer entrega aos parentes do morto, então lhes dão as filhas, e irmãs do homicida, ou se as não tem, as parentas mais chegadas por captivas dos parentes mais chegados do morto, e assi fiquão amigos. Desta gente tão barbara, e tão inculta hai já muitos que se converterão á Fê de nosso Senhor JESU CHRISTO, e que são aliados per casamento quomo nós outros, e vivem do mesmo modo que o nós fazemos.

## CAPITULO LVII

*Do que Pedralvres Cabral passou, depois que partio da terra de Sancta Cruz, ate chegar a Calecut, e do sitio da ilha, e cidade de Quiloa.*

**P**ARTIDO Pedralvres Cabral desta terra de Sancta Cruz a hum Domingo xxiiij. de Maio se armou hum bulcão, e tras elle huma trovoada com tanta força de vento, e tão de subito, que a vista huns dos outros çoçobrarão quatro naos, sem dellas escapar cousa viva, das quaes erão capitães Bartholomeu Diaz, Aires Gomez da Sylva, Vasquo Dataide, e Simão de Pinna, has sete que ficarão se apartarão humas das outras, no qual trabalho andarão ate os xvj dias de Iulho em que se ajuntarão as seis, porque a de Pero Diaz foi ter ao estreito Darabia, e á cidade de Magadaxó, donde tornou a este regno com sôs seis homens, depois de ter passado muitos perigos, e trabalhos. Estas seis naos depois de terem do-



brado o cabo de boa Sperança, foram lançar ancora de frente de huma terra fresca, de muitas ribeiras, arvoredos, e criaçoens, da qual nenhum dos natu-raes ousou vir ás naos, nem na praia quiserão comu-nicar com os nossos, nem venderlhes mantimentos de que tinham muita necessidade, pelo que se fez a vela, e navegando de longo da costa com vento bo-nança escoreo Çofalla, ate ser junto de duas ilhas questão perto de terra firme, a que agora chamão as primeiras, junto de huma das quaes estavam surtas duas naos que Pedralvres por se alevantarem seguio, e as tomou sem se defenderem. O senhor destas duas naos se chamava Xeque Foteima, tio del Rei de Me-linde que vinha de Çofalla com muito ouro que fora resgatar com os da terra, e com medo das nossas naos, cuidando que erão de cossaios se acolhia, do qual sabendo que estava avante de Çofalla, e o modo da terra, e trato della o deixou no mesmo lugar em que o tomarão com suas naos, ouro, e outras merca-dorias que trazia, e se partio caminho de Moçambi-que onde chegou aos xx. dias de Julho, e fez auguada pacificamente, tomando mantimentos, e pilotos ate a ilha de Quiloa. Neste caminho indo sempre de longo da costa vio muitas ilhas, e mui bem aproveitadas, todas do senhorio del Rei de Quiloa, cujo regno conthem desno cabo das correntes, ate perto da Ci-dade de Mombaça, que são quasi quatrocentas legoas de costa, afora muitas ilhas que jazem de longo del-la, que rendem muito ao Rei. Este Rei, e os natu-raes, e moradores da ilha são da seita de Mafamede, pella mór parte pretos, e alguns delles baços: Fallão todos aravia, andão muito bem ataviados ao trajo Mourisco, e Turquesco, tem trato per toda aquella costa ate o estreito do mar da Arabia. A Cidade, e ilha de Quiloa estão cem legoas alem de Moçambique

quasi apegadas com terra firme, a ilha he muito viçosa de frutas, ortaliga, e boas agoas, hai pelo sertão muitas criaçoens de gado grosso, e meudo, e muita caça, e montaria, e no mar muitos, e bons pescados, he muito fertil de sementeiras. A Cidade he grande e muito populosa, as casas são de pedra, e cal, de muitos sobrados, e terrados, mui bem guardadas e caiadas da banda de dentro, e de fora, e mui bem alfaiadas, pola gente de terra ser rica, as naos em que navegam sam de cavilha, cosida com cairo, breadas com incenso bravo, por na terra não aver breu. Depois que Pedralvres chegou a Quiloa que foi a vintaseis de Julho fez saber ao Rei, que se chamava Abraemo, de sua vinda, e de como lhe trazia cartas del Rei seu senhor, e que se queria ver com elle pera lhas dar, que ordenasse onde isso avia de ser, porque elle não podia sair em terra, por lho assi defender seu regimento. Com este recado mandou Afonso Furtado, que hia por scrivão da feitoria que se avia de fazer em Çofalla, e com elle sete dos melhor ataviados da frota, pera o acompanharem, el Rei folgou de os ver, e lhes fez bom gasalhado, respondendo a Pedralvrez que sua vinda fosse mui boa, que dava graças a Deos por ver gente de terras tão longadas das suas naquelle seu porto, e de um tamanho Rei, e senhor, quomo tinha sabido que era el Rei de Portugal, e que pois se não podia ver em terra, que fosse no mar, com o qual recado lhe mandou muito refresco per hum dos principaes de sua casa, e dizer que se viessem ao outro dia, pera o que se poserão de festa todollos capitaens cada hum em seu batel encaminhando perá Cidade, donde el Rei ja partira, acompanhado de almadias, com gente ataviada de pannos de tella douro, brocados, escarlatas, e outros de seda, e algodão, todos com terça-

dos cingidos, punhaes, e agomias, ao lado delles, de ouro, e pedraria de muito preço: tangendo muitas bozinas, anafis, e trombetas, e outros instrumentos, ao que lhe dos bateis respondião com as nossas, e das naos, questavão de festa, com artelharia. Neste tempo el Rei de Quiloa na sua almadia, e Pedralvres Cabral no seu batel se ajuntarão bordo a bordo, onde depois de feitas as cerimoniaes, e cortesias requeridas, lhe deu as cartas que levava del Rei, scriptas em Arabigo, e em Portuguez, de que logo fez ler as scriptas em Arabigo, e mostrou grão contentamento do contheudo nellas, fazendo grandes offercimentos a Pedralvres, dizendolhe que dalli por diante elle se tinha por irmão, e aliado del Rei de Portugal, e que em ter hum tão grande, e poderoso Rei por irmão, e amigo se tinha por mui ditoso nisto, e em outras praticas estiverão hum bom pedaço, onde antes que se despedissem ordenarão que ao outro dia fosse Afonso Furtado a terra, pera, com elle assentar paz, e amizade: mas tudo se fez ao contrario, porque el Rei de Quiloa induzido pelos mouros, quando lhe Afonso Furtado foi fallar, o achou mudado dando excusas mais cheas dodio que de amizade. Com tudo parecendo a Pedralvrez, que esta vontade se lhe poderia mudar, esteve ainda alli tres dias, mandandolhe sempre recados damigo, mas sabendo per Molei Homar, irmão del Rei de Melinde, que alli então estava, quomo el Rei de Quiloa mandava fortalecer a ilha, e cidade se partio pera Melinde, onde chegou aos dous dias do mes Dagosto. O que sabido por el Rei, na mesma hora o mandou visitar com muitos, e bons refrescos, com estes que trouxerão o refresco mandou Pedralvres visitar el Rei de Melinde, e dizerlhe que trazia cartas del Rei, com hum presente, e assi o seu embaixador, que elle mandara a Portugal, do

que mostrou levar tanto contentamento, quomo se ganhara hum grande thesouro, e com o que levou o recado mandou hum homem fidalgo de sua casa fazer grandes offerecimentos a Pedralvres, pelo que logo ao outro dia mandou Pedralvres as cartas, que levava a el Rei per Aires Correa, e o presente, acompanhado dos melhor ataviados da frota, com trombetas e ataballes. Sabido por el Rei o aparato com que Aires Correa hia, o mandou receber á praia pelos principaes de sua corte. Desembarcados forão todos assi os nossos, quomo os que os vierão receber ate os paços per entre duas renques de molheres, que tinhamo perfumadores nas mãos, com muito bons cheiros, na qual ordem chegarão á casa em que os el Rei estava sperando, assentado em huma cadeira lavrada douro, e prata. Aires Correa em chegando fez sua cortesia, apos o que deu a el Rei as cartas que lhe el Rei dom Emanuel screvia em Arabigo, e Portugues, e lhe entregou pela mão o seu embaixador, e deu o presente, sobello que passadas muitas praticas el Rei rogou a Aires Correa, que os dias que alli estivesse a armada fosse seu hospede, o que fez com licença de Pedralvrez. Ao outro dia desejoso el Rei de se ver com Pedralvres, e sabendo pelo que já passara com Vasquo da Gama, e pello que Aires Correa dixerá, que era excusado insistir com elle que viesse a terra, lhe mandou recado que no mar o queria ver, o que se assi ordenou. El Rei por mostrar atodo o povo o rico presente que recebera, mandou poer hum jaez douro da gineta, que com as outras peças do presente vinha, em hum cavallo muito fermoso, no qual cavalgou, e nelle veo ate se meter na almadia, em que foi fallar a Pedralvrez, que o já estava sperando com todolos capitaens da frota, cada hum em seu batel,

todos de festa. Na visitação ouve muitos offercimentos, e comprimentos damizade, onde se despedirão hum do outro, depois de terem fallado per hum bom spaço: e porque a tenção de Pedralvrez era partirse logo por não perder o tempo que lhe servia, pedio dous pilotos a el Rei que lhe logo mandou dar. Deixou Pedralvres alli dous degredados, pera se informarem do sertão, e verem se podião ir per terra á corte do Emperador da Ethiopia, Rei do Abexi, a que erradamente chamão Preste Ioão, cousa que lhe el Rei muito encomendou quando partio do regno, dos quaes hum se chamava Ioam Machado, e o outro Luiz de Moura, do qual Ioam Machado, e dos bons serviços que fez naquellas partes a estes regnos se fará adiante menção. Isto feito Pedralvres partio do porto de Melinde aos vij. dias do mes Dagosto, e aos vinte dous chegou á ilha de Anchidiva, onde esteve alguns dias refazendose do trabalho do mar, e dalli foi ter a Calecut, aos treze dias do mes de Setembro de mil, e quinhentos.

## CAPITULO LVIII

*Do que Pedralvres Cabral passou em Calecut*

O mesmo dia que Pedralvres Cabral chegou ao porto de Calecut o vierão visitar á nao da parte del Rei dous Naires de sua casa, com hum mercador Guzarate homem rico, com os quaes Pedralvrez mandou João de Sa, que era hum dos que forão na viagem de Vasquo da Gama, e por lingua Gaspar da Gama que vinha com elle, pelos quaes mandou pedir licença a el Rei pera o ir ver, e dar as cartas, e presente que lhe trazia del Rei seu senhor, e pelo mesmo lhe mandou quatro Malabares dos que levava Vasquo da Gama, vestidos á Portuguesa, do que el Rei de Calecut levou muito contentamento. Com o recado que trouxerão tornou Pedralvres a mandar os mesmos, e com elles Affonso Furtado, e Aires Correa, com os quas assentou el Rei, que se vissem em huma casa junto da praia a que elles chamão Cerame, á qual casa (dados arrefens de huma e de outra parte) el Rei veo acompanhado de todos os senhores, e Naires que antão andavão em sua corte, com muitos instrumentos, entre os quaes erão vinte trombetas, dezasete de prata, e tres douro, lavradas de obra muito sutil, entresachada de pedraria. Depois del Rei ser no Cerame, Pedralvres se veo a terra com alguns dos capitaens, cada hum em seu batel, deixando por capitão das naos Sancho de Thoar; o qual em chegando á praia tomarão do batel em hum andor, em que acompanhado de muitos Caimaens, Panicaens, e Naires, que hiam a pé, foi levado ate o Cerame, onde achou el Rei vestido de pannos dal-

godão, seda, e ouro, e arraiado de tanta, e tão rica pedraria, que não somente lhe fez espanto quando a elle chegou, mas ainda as chamas, que dellas sahião, lhe impedião a vista. A casa estava emparamentada, e alcatifada, e nella muitas, e grandes tochas de prata, sobre que stavão huns candieiros do theor, alumeados com azeite, com cuja claridade se escurecia o dia. Antes de entrar no Cerame o vierão receber alguns senhores dos que ficarão com el Rei, onde seis passos antes de chegar ao estrado sobre que jazia lançado em hum catel, estavão dous seus irmãos e hum pouco mais adiante huma cadeira de prata, em que o el Rei mandou assentar, e dalli per interprete lhe perguntou quomo vinha, e quomo lhe fora em sua viagem, e quomo ficava el Rei de Portugal seu irmão, ao que depois de ter respondido lhe deu as cartas, que lhe levava del Rei, e o presente. Alli assentou logo Pedralvres com elle boa parte dos negocios a que hia, e entre outras cousas lhe concedeo que toda a gente darmada podesse andar mui seguramente em terra, e fazer seus negocios, quomo os naturaes, que pera ha fazenda, e officiaes del Rei seu irmão, lhe mandaria dar huma casa em que todos estivessem seguros, e podessem fazer o que lhes comprisse. O que assi assentado, Pedralvres se tornou ás naos, acompanhado ate os bateis dos senhores per mandado del Rei. A cabo de tres dias lhe mandou Pedralvres Cabral recado per um cavalleiro por nome Francisco Correa, pedindolhe, que lhe mandasse dar ha casa, que lhe prometera, pera segurança dos officiaes, e fazenda del Rei seu senhor, a qual lhe el Rei de Calecut mandou dar muito boa, pelo que ordenou Pedralvres que Aires Correa se fosse a terra, e depois de lá ser, e ver a calidade da casa mandasse levar das naos a fazenda que lhe parecesse ne-

cessaria, o que assi fez, e porque estas casas erão de hum Mouro Guzarate, que logo começou tratar pouca verdade aos nossos, Aires Correa pedio outras a el Rei, que lhe logo mandou dar, muito melhores, e mais juntas da praia, de hum Mouro per nome Cojebequij, que era hum dos mais ricos homens daquelle cidade, aquem por se afeiçoar á nossa nação, e ser muito amigo, e servidor dos Portugueses, destruiu depois el Rei de Calecut, e lhe tomou fazenda, que valia mais de oitocentos mil cruzados, o qual Cojebequij sendo eu moço vi depois neste regno, onde veo requerer satisfação de suas perdas a el Rei dom Emanuel, e pedirlhe merces, as quaes lhe fez, e deu officios honrados na India comque se tornou contente pera sua terra. Destas casas fez el Rei de Calecut doação pera todo sempre aos Reis de Portugal, e disso mandou fazer o padrão em huma lamina douro, com letras talhadas ao boril, com o seu sinal sculpido, e sello douro pendente. Alem disto mandou, que sobella mesma casa se possesse huma bandeira com as Armas Reaes de Portugal, pera se saber que a tinha dado aos Portugueses. Neste tempo teve el Rei aviso, que partira da cidade de Cochim huma nao, que vinha da ilha de Zeilão, em que mercadores levavão elephantes pera o regno de Cambaia, entre os quaes havia hum bem ensinado á guerra, que lhe não quiserão vender, pelo que mandou pedir a Pedralvres Cabral que a mandasse tomar, porque era de seus inimigos, ao que logo mandou Pero Dataide, e com elle Duarte Pacheco Pereira, Vasquo da Sylveira, e João de Sá, com os quaes el Rei mandou alguns mouros, pera verem o que os nossos fazião. Quando el Rei mandou este recado a Pedralvres, esta nao era ja á vista da Cidade de Calecut, pelo que Pero Dataide se fez logo á vela, e a foi cometer dando-lhe



caça, e sem a querer abalroar, por a sua nao ser muito somenos que a dos Mouros, que era de mais de seiscentos toneis, lhes mandou que amainassem, do que se elles rindo e zombando começarão a dar gritas, e tirar frechas, e descarregar algumas bombardas de ferro que trazião, ao que os nossos lhe responderão com bombardas tão a meude que a fezerão acolher já sobella noite á barra de Cananor, onde se meteo entre quatro naos de Mouros, que alli estavam surtas, mas tudo isto lhe não veo, porque dalli a tirarão ao outro dia, a pesar das quatro naos, e de todos de Cananor, que lhe acudirão, e a levarão a Calecut, do que el Rei espantado veo ha praia ver a nao, da qual, e de tudo o que nella vinha que era de grão valor lhe fez Pedralvres Cabral serviço em nome del Rei seu senhor. Ao dia seguinte informado el Rei de Calecut pelos Mouros, que forão com Pedro Dataide, de quão animosamente os nossos o fezerão, mandou pedir a Pedralvres, que lhe mandasse os que forão naquelle feito, pera se poder gabar que vira homens, que merecião ser vistos de todos Reis, e senhores do mundo, aos quaes fez a todos merces, e em especial a Duarte Pachequo Pereira, por lhe os Mouros dizerem, que nunca virão homem tão animoso, nem tão esforçado, e que elle fora a causa unica de se aquella nao tomar, do qual, e das façanhas que fez na India e em outras partes, se dira ao diante.

## CAPITULO LIX

*De quomo per treição dos Mouros de Calecut foi morto Aires Correa, e outros Portuguezes, e do que sobre isso Pedralvres Cabral fez.*

**O**s Mouros de Calecut receosos, que os Portuguezes fossem dalli por diante mais favorecidos del Rei, e dos da terra que elles começaram de buscar todolos meos, e modos que poderão pera desfazer em nosso partido, comprando secretamente as speciarias que avia na cidade, e vinhão de fora, e as que o feitor Aires Correa punha em preço, por meo dos gentios, atravessavão, lançando sobrelle, de mancira que as que alcançava, era a preços desarrezoados, do que Pedralvres agastado por aver ja tres meses que alli estava, mandou dizer a el Rei, que se lembrasse quomo lhe prometera carga pera as suas naos do dia que alli chegara a vinte dias, e que se carregarião primeiro que nenhuma das questavão no porto, o que tudo se fazia ao contrario, porque nem as naos erão carregadas, nem o feitor per nenhum preço podia cobrar speciarias, e sobre tudo que no porto se carregavão naos de mercadores, o que se não podia fazer sem o elle, ou seus officiaes saberem, no que em tudo contrariava ao que lhe prometera, que mandasse prover nisto com brevidade, porque era ja tempo de se partir. Deste recado mostrou el Rei desgosto, dizendo, que de tal cousa não era sabedor, e que pois os Mouros usavão com elle manhas, e com lho elle mesmo ter defeso carregavão secretamente suas naos despecearias, que lhe dava licença pera das mesmas naos, pagando-lhes o custo, tomar

as que lhe fossem necessarias. Pedralvres com este recado não ficou muito satisfeito, porque sabia já per experiencia que era el Rei de Calecut vario, e mudavel, e via que o recado era cheo dalgum conselho armado em seu prejuizo, pelo que pos em duvida tentar o negocio, em lugar onde os agravados serião mais poderosos, e mais favorecidos que os nossos, mas movido por requerimentos que lhe cada dia mandava de terra Aires Correa, dizendo-lhe, que sem tomar especearias das naos dos Mouros a armada tornaria de vazio pera o regno, porque elle se não atrevia a achar mais da que já tinha comprada, e isto com protestos de damnos e interesses, mandou recado ao capitão, e mestre de huma nao, de que era senhorio hum Mouro rico de Calecut, per nome Cogecem Micide, que estava já fora do porto carregada de mercadorias, e ancora a pique, que se não fizesse á vela por o el Rei de Calecut assi mandar, do que não fazendo caso, mandou aos mestres da frota, que cada hum em seu batel armados lhe fossem metter aquella nao ha toa dentro no porto, o que fezerão sem contradicção. O que sabendo o senhorio da nao se foi logo aqueixar a el Rei, e apos elle outros seus achegados, e amigos. Finalmente, que com ha resposta que acharão em el Rei, e odio que tinham aos nossos por serem Christaons, se ajuntarão os mais dos Mouros da cidade, e com mão armada forão dar na casa da feitoria, em que poderia aver ate setenta homens Portugueses, bem descuidados do que lhes aconteceo. Aires Correa mandou logo arvorar huma bandeira em lugar que se podia mui bem ver da frota, pelo que Pedralvres, por estar em cama doente de febres, mandou a Sancho de Thoar, que com todos bateis da frota se fosse a terra, e visse se podia socorrer aos nossos, dos quaes os mouros neste

comenos ferirão, e matavão com frechas muitos dos questavão sobellas paredes da casa defendendo que não quebrassem as portas. Isto durou tanto, que avia já ao redor da casa mais de quatro mil Mouros, e Naires, que tambem os ajudavão, os quaes vendo que não podião ganhar a casa, com petrechos derrubarão hum lanço da parede, per onde começarão dentrar, o que os nossos vendo se sairão em ordenança per huma porta da casa que respondia ha praia, seguindo-os os mouros, matando, e ferindo nelles, ate chegarem onde já Sancho de Thoar estava com os bateis, que pera recolher os que vinhão fogindo mandou saltar alguns em terra, a que se os que vinhão fugindo acolherão, e juntos sembarcarão os que poderão escapar, com ha agoa ate os peitos. Morrerão, e ficarão captivos nesta peleja cinquenta dos nossos, em que entre os mortos foi hum Aires Correa. Os que se salvarão forão os mais delles feridos, de que depois morrerão alguns, e a casa foi saqueada, e roubada de tudo o que nella avia. Entre estes que se acolherão á frota foi hum frei Henrique, com algumas feridas nas costas, e quatro frades dos seus, e Nuno Leitão, que sempre trouxe a par de sim hum filho de Aires Correa, per nome Antonio Correa, moço de dez annos, ate chegar á praia, onde hum marinheiro, avendo dô de tão fraca idade, o tomou, e levou ás costas a hum dos bateis, o qual Antonio Correa, que ainda vive, fez depois muitos, e assinalados serviços a estes regnos, quomo se em seu lugar dira. Esta desaventura acontaceo, aos xvj. dias de Dezembro do mesmo anno de mil, e quinhentos, do que movido Pedralvres Cabral, vendo que em todo aquelle dia, que esteve sem fazer mudança, nem dar sinal de querer fazer guerra á cidade, el Rei de Calcut lhe não mandava nenhum recado, nem desculpa

de hum tão grave caso, ao outro, com conselho dos capitaens, e pessoas principaes darmada cometeo dez naos de Mouros que estavam no porto, no que ouve assas de resistencia, mas em fim depois de ter morto mais de seiscentos, as naos forão entradas, nas quaes se achou alguma pouca despecearia, e outras mercadorias, e mantimentos, e tres Elephantes que Pedralvres mandou matar, e salgar pera provisão darmada, e alguns mouros que achou escondidos pelas naos mandou repartir pela frota, pera servirem no que fosse necessario, por nella aver falta de gente, pela muita que ja era morta. Isto feito mandou poer fogo a estas dez naos, que todas arderão á vista da Cidade, sem por causa da nossa artelharia ousar pessoa nenhuma lhes acodir, nem no tempo da peleja, nem depois de lhes terem posto fogo. Entrestas naos foi huma a do Mouro Cogecem Micidi de Calecut sobre que se armou esta briga, na qual se não achou nenhuma speciaria, donde manifestamente se vio que os Mouros enganarão el Rei de Calecut, dandolhe a entender que estava carregada, ou que el Rei movido per conselho dos seus (que pela môr parte favoreciam aos Mouros) consentio na mesma treição. Queimadas as naos em que se passou boa parte da noite, logo ao outro dia pela manhã mandou Pedralvres esbombardear a Cidade, o que se fez tão bravamente, que muitos se sairão della, e assi o mesmo Rei, aos pés do qual hum pelouro de bombardas matou hum Naire muito seu privado. Tendo já os nossos bem á sua vontade esbombardeada a cidade, e derribado muitas casas, e morta muita gente, Pedralvres se fez á vela pera Cochim, por saber que o Rei desejava nossa amisade, aonde chegou aos vinte quatro dias de Dezembro do mesmo anno de mil, e quinhentos.

## CAPITULO LX

*Do que Pedralvres Cabral passou em Cochim, e Cananor, e dahi ate chegar a Lisboa.*

**E**STA cidade de Cochim está situada apar de hum rio que se mete no mar junto della, e fazem ilha. O porto he limpo, e seguro, os edificios são quomo os de Calecut, e das outras povoaçoens do Malabar. Ha nella muitos mercadores Mouros e gentios. Ha terra he pobre, com tudo graciosa, o principal trato que tem he da pimenta: o estado do Rei he muito somenos em gente, e riqueza que o de Calecut, ao qual naquelle tempo obedecia, e era obrigado a servir nas guerras, que tinha com outros Reis, e lhe era tão sugeito, que quando succedia Rei novo em Calecut, vinha fazer sua entrada em Cochim, e quomo entrava na cidade, depunha logo o Rei, ficando em sua mão tornarlhe o regno, ou dallo a quem lhe aprouvesse, mas com o favor dos nossos se exentou destes trabalhos, e se fez muito rico, e poderoso. Os costumes destes de Cochim são quomo de todos os outros habitadores do Malabar, do que atras fica dito o necessario. Quomo a armada surgiu, Pedralvres mandou visitar el Rei per hum Jogue, que em Calecut se veo meter na frota, e fezera Christão, a quem pos nome Miguel, e por sobre nome Jogue, quomo era sendo gentic, os quaes são homens religiosos a que chamão Jogues, que andão por todas aquellas provincias pregando suas seitas, muito abstinentes de vida. Com a visitação lhe mandou dizer, que atroquo de dinheiro, e outras cousas lhe mandasse dar pimenta, e das drogas que então ou-

vesse na Cidade, pera quatro naos, a que ainda faltava carga. El Rei lhes respondeo que sua vinda fosse mui boa, que se tinha por ditoso em elle vir áquella sua Cidade, que quanto á carga podia livremente mandar comprar o que lhe fosse necessario, que tudo lhe venderião pelos preços acostumados, por segurança do que lhe mandava dous Naires, dos principaes de sua casa, por arrefens dos que fossem a terra. De tão bom recado ficou Pedralvres mui satisfeito, e na mesma hora ordenou, que fossem a terra por feitor Gonçalo Gil Barbosa, e por scrivaens Lourenço Moreno, e Sebastião Alvarez, e por lingoa Gonçalo Madeira de Tanger, que fallava bem Arabiga, e com elles cinco degradados pera os servirem, os quaes el Rei mandou receber ha praia per pessoas principaes de sua corte, e lhes fez muito gasalhado. Gonçalo Gil Barbosa, e Lourenço Moreno depois de darem a el Rei de Cochim o recado de Pedralvres Cabral, lhe apresentarão algumas peças de prata, e outras cousas que lhe per elles mandou, do que el Rei ficou mui contente, e depois de fallar com elles sobre o negocio da carga os despedio, e mandou apousentar em huma casa segura, dandolhes Naires pera guarda de suas pessoas, e logo ao outro dia se entendeu na compra da pimenta, e drogas, que avia na cidade, no que em tudo se fazia per mandado del Rei tanta diligencia, e verdade como se o negocio fora todo seu. Fazendose a carga vierão recados a Pedralvres dos Reis de Cananor, e Couião, Reis ricos, e poderosos na terra do Malabar, que se quisesse vir tomar carga a seus portos, que tudo lhe darião per preços arrazoados, e as naos se carregarião com mór brevidade que em nenhuma outra parte do Malabar, com outros offerecimentos damizade, do que se Pedralvres excusou, dizendo, que

quando em Cochim não achasse a carga, que avia mister, que então ha iria tomar ha sua terra delles, que a boa vontade, que lhe mostravão, lhes serveria quando comprisse. Aqui se vierão pera Pedralvres dous Indios irmãos, Christaons, naturaes da cidade Cranganor, hum delles per nome Ioseph, e o outro Mathias, pedindolhe que os quisesse levar consigo a Portugal pera ahi irem a Roma, e a Hierusalem, com que Pedralvres muito folgou, e os mandou agasalhar na sua nao. Tendo Pedralvres Cabral feita a carga da pimenta que lhe era necessaria em Cochim, e Cranganor, que he dalli cinco legoas, tudo em espaço de vinte dias, lhe mandou dizer el Rei de Cochim, que de Calecut era saída huma armada de vinte naos, e outros navios que o vinhão buscar per mandado del Rei, pera pelejarem com elle, na qual vinhão quinze mil homens de guerra, e logo ao outro dia, que erão nove dias do mes de Janeiro appareceo ha armada, pelo que Pedralvres, que já estava prestes pera se partir, se fez ha vela com tenção de os ir cometer, mas pelo vento ser contrario lhes não pode chegar, nem elles ousaram abarloar as nossas naos, com medo da artelharia, o que vendo seguio sua viagem pera o regno, deixando em Cochim Gonçalo Gil Barbosa, e Lourenço Moreno com outros Portuguezes, o qual sendo atraves de Cananor, veo a elle em hum zambuquo, hum Naire per quem lhe el Rei mandara dizer, que a carga que lhe faltava quisesse ir tomar áquella sua cidade, na qual lhe faria mui bom gasalhado, e lhe darião tudo o que fosse necessario, onde se logo foi pera tomar canella e algumas outras drogas, que lhe faltavão. No porto desta cidade entrou Pedralvres Cabral, aos xv. dias do mes de Janeiro, de mil, e quinhentos, e hum. A qual he grande, e bem povoada, as casas são ao modo das



outras do Malabar, tem huma baia mui grande, e de bom porto, he muito abastada de carnes, pescados, fructas, e outros muitos mantimentos. O Rei he gentio, e hum dos tres principaes Reis do Malabar, que são o de Calecut, e Coulão, e elle o terceiro, mas não tão poderoso quomo os outros dous, aqui tomou Pedralvres algum gengivre, e quatrocentos quintaes de canella, e outras drogas o que sabendo el Rei de Cananor, cuidando que o fazia por lhe faltar dinheiro, lhe mandou dizer que carregasse quanto quisesse, que elle mandaria pagar tudo ha sua custa, que bem sabia que em Calecut fora roubado, e saqueado, o que lhe Pedralvres muito agradeceo, e aos mensageiros mostrou hum grande cofre cheo de cruzados, respondendo a el Rei que não comprava mais drogas por ja ter toda a carga que as naos podião levar. Isto feito, e as drogas recolhidas tudo em hum só dia, Pedralvres partio dalli aos xvj. dias do mes de Janeiro, levando consigo hum embaixador, que el Rei de Cananor mandava a el Rei dom Emanuel, e sendo ja perto da costa de Melinde, tomou huma nao grande de Cambaia, carregada de muitas mercadorias, que era de hum Mouro per nome Milicupij, senhor de Barroche, a qual soltou, com dizer ao capitão que com el Rei de Cambaia, nem com seus vassallos, e amigos, não queria se não toda a paz, e amizade, e que assi o podia dizer a Milicupij, porque naquellas partes não tinha el Rei de Portugal seu senhor guerra senão com os Mouros de Meca, e com el Rei de Calecut, polas treiçãos, e enganos que fizera a seus capitães, e assi se despedio d'elle, com lhe não tomar mais que hum piloto, que lhe pedio pera o guiar no caminho, que lhe ficava por fazer daquelle golfão, o qual tendo ja atravessado, deu com tormenta a nao de Sancho de Thoar

em huns baixos na costa de Melinde, á qual mandou Pedralvres poer fogo, pera que os da terra se não podessem aproveitar do que nella hia, com tudo el Rei de Mombaça mandou pescar a artelharia que lhe depois servio contra nós, quomo se em seu lugar dirá, de modo que nenhuma outra cousa se salvou que a gente. Dalli sem poder tomar Melinde, navegou ate Moçambique, onde deu pendor as naos, e mandou descobrir per Sancho de Thoar o porto de Çofala, mandando-lhe que com as novas do que achasse, se fosse rota abatida pera o regno. Feita aguada, e concertadas as naos Pedralvres Cabral se fez á vela, e dobrou o cabo, aos vinte, e dous dias do mes de Maio, dia do Spiritu Sancto, e dalli veo ter ao Cabo Verde, onde achou Pero Diaz, que lhe desaparecera quando hia perá India quomo fica dito. Do Cabo Verde sem tomar outro porto, chegou a Lisboa ao derradeiro dia de Julho de mil, e quinhentos, e hum, estando el Rei em Syntra, que de sua vinda foi mui alegre, posto que com alguma tristeza por caso da gente que morrera nas naos que çoçobraram.

## CAPITULO LXI

*Do casamento do Duque de Bragança dom Iaimés, e da mudança que quisera fazer de sua vida, estado e partida de Dom Vasquo da Gama pera India a segunda vez.*

**D**OM Iaimés Duque de Bragança filho do Duque dom Fernando foi homem prudente, e muito dado a religiam, mais deseioso de nella servir a Deos, que nam em outro estado. Pelo que contra sua vontade, e com desgosto, por comprazer a el Rei, e a Rainha donna Leonor seus tios, e a Duquesa donna Isabel sua mãe, posto que naquelle tempo andasse muito doente de humor malenconico casou em idade de vinte, e hum annos, no anno de mil, e quinhentos, e hum, com donna Leonor de Mendonça, filha legitima de dom Ioam de Guzmam, terceiro Duque de Medina Sidonia, Conde de Niebla, com aqual senhora lhe deram grande dote de dinheiro, baixellas, e ornamentos de sua casa, e a trouxeram a Portugal no anno de mil, e quinhentos, e dous, moça sem ainda ter idade pera se entrelles poder consumir o matrimonio, do que o Duque desgostoso, com a vontade que trazia de servir a Deos em religiam mais que no estado matrimonial, induzido, e aconselhado per frades da ordem de S. Francisco da observancia a que chamam de Piedade, de quem era, e sempre foi muito devoto, determinou de se ir fora do regno, pera em Hierusalem tomar abito de religiam, e nelle passar todo o discurso de sua vida, e antes de o poer em obra screveo huma carta a el Rei, que depois delle ser ido lhe deu hum destes

religiosos, na qual lhe pedia que nam tomasse a mal a determinaçam, que elle o fazia por se nam achar apto, nem pera o matrimonio nem pera reger os bens, e casa de que lhe sua Alteza fezera merce, pelo que lhe pedia por amor de Nosso Senhor IESU CHRISTO que de tudo fizesse merce a seu irmam dom Dinis, com o mesmo titulo de Duque, no que faria serviço a Deos, e a elle assinada merce. Dada esta carta ao messageiro que a trouxe, o Duque se partio de Villa Viçosa com hum só companheiro a cavallo, sem outro nenhum criado, tomando o caminho de Castella, ate chegar a Cidade de Calataud, no regno Daragam, onde foi achado per algumas das pessoas que el Rei dom Emanuel mandou tras elle, per mar, e per terra, em aqual Cidade como foi conhecido lhe fizeram os govcrnadores, e totalas outras pessoas nobres que nella viviam, muita cortesia, e dahi se tornou ao regno, e fez vida com sua mulher, de que ouve dom Theodosio que o succedeo, e donna Isabel, que casou com o Infante dom Duarte filho del Rei dom Emanuel. Depois da morte da qual senhora oito annos, elle se casou no de mil, e quinhentos, e vinte, per vontade del Rei dom Emanuel, com huma dama fermosa, prudente, e discreta, per nome donna Ioanna de Mendoça, de que ouve filhos, e filhas, s. dom Iaimes que faleceo solteiro, dom Constantino, que foi camareiro mór del Rei dom Ioam terceiro, e Vicerei da India, dom Fulgencio que he clerigo, dom Theotonio tambem clerigo, e vive com el Rei dom Phelippe de Castella, donna Ioanna que casou em Castella com o Marques Delche, filho herdeiro do Duque de Maqueda, donna Eugenia que casou com dom Francisco de Mello conde de Tentugal, filho herdeiro de dom Rodrigo de Mello Marques de Ferreira, donna Maria, e don-

na Vincencia ambas freiras professas: a qual senhora ainda vive, com honrada casa, e estado que lhe o Duque seu marido deixou. Neste anno de mil, e quinhentos, e dous mandou el Rei no mes de Fevereiro huma armada a India, de que foi por capitam dom Vasco da Gama, do successo da qual e do que na India fez, e passou em toda a viagem, direi no anno de mil, e quinhentos, e tres em que tornou a estes regnos.

## CAPITULO LXII

*Do nascimento do Principe dom Ioam, e da armada que el Rei mandou ao Estreito.*

COMO atras fica scrito, el Rei dom Emanuel casou na Villa Dalcacer do sal com a Rainha dona Maria, huma sexta feira trinta dias do mes Doctubro de mil, e quinhentos, nas casas de Rui Gago, e dalli se vieram a Lisboa, onde a Rainha pario o Principe dom Ioam, nos paços Dalcoçova, huma segunda feira, seis dias do mes de Junho de mil, e quinhentos, e dous, no qual dia foi na Cidade tamanha tempestade de chuvas, coriscos, e trovoens, que nenhum dos antigos se lembrava doutra tal, per cujo nascimento se fizeram na Cidade, e no regno muitas festas. E passados os oito dias do parto, o Principe foi baptizado na cappella de sam Miguel dos mesmos paços, no qual dia se acendeo o fogo nelles. Baptizou-o dom Martinho da costa Arcebispo de Lisboa. Levou-o a pia dom Iaimes Duque de Bragança: as madrinhas foram a Infante donna Beatriz mãe del Rei dom Emanuel, e a Rainha donna

Leonor sua irman. O padrinho foi Pero pasqualigio embaixador de Veneza, que em nome da Senhoria, viera dar as graças a el Rei pelo socorro que lhes mandara contra o Turquo, como atras fica dito. A este Embaixador armou el Rei cavalleiro de sua mão, e lhe deu licença que podesse trazer no escudo de suas armas a insignia de Sphera dcurada, allem do que lhe fez muitas merces, com que se tornou pera Veneza mui satisfeito, onde no Senado publicamente dixe muitos, e assinados louvores del Rei, o que de novo confirmou a boa amizade que os Venezeanos tinham, de muito tempo atras, com os Reis destes regnos. Neste anno mandou el Rei huma armada de naos, caravellas, e galés ao Estreito de Gibraltar, de que foram por capitaens, em duas capitancias separadas, George de Mello, e George Daguiar, pera irem sobella villa de Targa donde tornaram desbaratados com perda dalguma gente que deixaram morta, e outra que trouxeram ferida.

## CAPITULO LXIII

*De como el Rei mandou Ioam da Nova a India por capitam de quatro naos, e do que passou ate tornar ao regno.*

COM a informaçam que dom Vasquo da Gama deu a el Rei das cousas da India, e da Ethiopia, modo, e trato da gente destas provincias, assentou de ordinariamente mandar cada anno huma armada aquellas partes, e porque ha de que fora por capitam Pedralvres Cabral lhe pareceo sufficiente pera se as cousas de Calecut appacificarem, e reformarem as amizades com o Rei da terra, nam quis mandar no anno de mil, e quinhentos, e hum mais que tres naos, e huma caravella grande de que deu a capitania a Ioam da Nova galego de naçam, bom cavalleiro, que em Africa tinha feito muitos serviços ao regno e servia entam de alcaide de Lisboa, officio que naquelle tempo se nam confiava senam de homens fidalgos de boa consciencia, por ser hum dos principaes da Cidade, que entam servia hum só homem, e nam tantos como o agora fazem. Os outros capitaens eram Diogo Barbosa criado de dom Alvaro, irmam de dom Fernando Duque de Bragança, cuja a nao era, e Francisco de novaes criado del Rei, e da caravella Fernam vinet de naçam Florentim criado de Bartholomeu Marchione Florentim, senhorio da caravella, mercador muito rico, residente na cidade de Lisboa. Partio esta armada do porto de Bethalem aos cinco dias do mes de Março do anno do Senhor de mil, e quinhentos, e hum. Na qual viagem, sendo ja da banda do Sul, acharam huma ilha a que

poseram nome da Conceiçam, e sem lhes mais acontecer caso que de contar seja, chegaram a Moçambique na entrada Dagosto, e dalli foram ter a Quiloa onde acharam hum Antonio Fernandes degradado, carpinteiro de naos que deu huma carta a Ioam de nova de Pedralvres Cabral, em que contava o mesmo que Pero dataide deixara scripto em huma carta que acharam metida em hum çambarquo, pendurado em huma arvore na agoada de sam Bras, em que relatava os negocios de Calecut. De Quiloa navegou a Melinde, onde lhe el Rei deu larga informaçam de todo o negocio de Pedralvres Cabral, pelo que se partio logo perá India, e com bom tempo chegou no mes de Novembro a ilha de Anchediva, donde depois de fazer agoada se foi a Cananor, pera se ver com o Rei, que lhe fez muito gasalhado, e offereceo carga peras naos se alli a quisesse tomar, e dinheiro se lhe comprisse, mostrando ser muito amigo del Rei dom Emanuel, do que tudo lhe deu as graças, dizendo-lhe que nam podia fazer nada sem primeiro ir a Cochim, no qual caminho tomou per força humanao de Calecut, que depois de despejada mandou queimar. Antes que Ioam da Nova partisse de Cananor lhe mandou el Rei de Calecut recado per hum portugues per nome Gonçalo Peixoto, que no dia em que mataram Aires Correa se salvara em casa de Cojebequij, disculpandosse do que acontecera a Pedralvres Cabral, dandosse por sem culpa do que entam passara, pedindo-lhe que quisesse como amigo illo ver, e tomar carga naquelle seu porto, onde acharia tudo o que lhe fosse neecessario, pelo qual Gonçalo Peixoto Cojebequij mandou dizer a Ioam da Nova que se nam fiasse del Rei de Calecut, que tudo eram falsidades, pera o acolher a mam, e o matar, e tomar as naos: ao qual recado nam quis res-



ponder, nem Gonçalo Peixoto quis tornar a Calecut. A chegada de Ioam da Nova a Cochim foi pera os nossos resucitar, e tornar de novo ao mundo, porque ainda que os o Rei favorecesse muito, e mandasse de noite, e de dia guardar pelos seus Naires, andavam tam atemorizados dos Mouros da terra, que lhes parecia, que nam podiam escapar de os matarem, sem mais verem pessoa nenhuma do regno. El Rei de Cochim fez muita honra, e gasalhado a Ioam da Nova, mandando-lhe logo dar todo o aviamento necessario pera carga das naos, offerecendo-lhe alem disso dinheiro, e todalas cousas que delle, e de seu regno, e vassallos lhe comprisse. Carregadas as naos das specearias que o feitor Gonçalo Gil Barbosa tinha prestes, e doutras que se compraram depois, Ioam da Nova se despedio del Rei de Cochim, e dos Portugueses que ficavam na cidade, pera se ir a Cananor tomar o que lhe faltava pera comprimento de toda a carga. Estando ja prestes pera partir, aos xvj. dias do mes de Dezembro appareceram ala mar mais de oitenta paraos, os quaes el Rei de Cananor lhe mandou dizer que eram del Rei de Calecut, que o vinham cometer, que de seu conselho se devia chegar bem a terra, pera o elle (se necessario fosse) mandar socorrer, porque com quatro velas que tinha seria impossivel deffenderse de tantas, e a muita gente que nella vinha. Ioam da Nova lho teve em merce, e mandou dizer que sperava em o Senhor Deos haver delles victoria sem outra ajuda. Ao dia seguinte pela manham amanheceo a terra de Cananor cercada destes paraos, e doutras naos que per todas passavam de cem velas, Ioam da Nova vendo que o porto, e passo per onde avia de sair lhe era tomado, veosse poer no meo da baia em tal ordem, que assi elle como os outros capitaens se podiam ajudar da artelharía

mandando-lhes que jugassem com ella sem cessar, de modo que os inimigos os nam abalroassem, porque nisto estava toda sua salvaçam, o que se fez com tanta ordem, que posto que as naos, e paraos de Calecut nisso trabalhassem muito, o nam ousaram fazer, no que se passou todo o dia ate quasi sol posto, a qual hora sendo ja dos Indios mortos quatrocentos, e dezasete, como se depois soube, e muitos feridos, e algumas das naos, e paraos metidos no fundo, allevantaram os inimigos huma bandeira de paz, o que parecendo manha mais que vontade nem desejo de paz, mandou Ioam da Nova alevantar o seu guiam, sem a artelheria cessar, com tudo os inimigos nam quiseram abater a bandeira, mas antes capeando davam a entender que queriam fallar ao capitam, pelo que mandou tambem arvorar outra bandeira, dandolhes sinal de paz, com o qual seguro veo logo á capitania hum Mouro pedir tregoas a Ioam da Nova ate o outro dia, que lhe concedeo a condiçam que se saissem logo da baia, e deixasse o passo livre pera elle sair quando quisesse, o que assi fizeram, e indo elles diante, e a nossa frota na sua reçaga se saíram todos da baia, sendo ja de noite, surgindo nam mui longo huns dos outros. Mas posto que a tregoa ainda durasse, nem por isso deixaram os inimigos de mandar a nado alguns dos seus, pera cortarem as amarras ás nossas naos, e tras estas almadias com gente pera tanto que as amarras fossem cortadas, lhes lançarem fogo dentro, o que fizeram se nam foram sentidos, e lhes logo nam responderam com tiros despingardas, e de bombardas, com que os fizeram afastar. Nisto se passou toda aquella noite, ate a alva do dia, na qual viram os nossos que toda a frota dos inimigos se hia recolhendo pera Calecut, do que deram muitas graças a Deos, polos livrar de hum

tamanho perigo. Dalli partio Ioão da Nova sem tornar a Cananor, por se ja ter despedido del Rei, e dos Portugueses que ficavão na cidade. Seguindo assi sua viagem tanto avante como o monte Delli, tomou huma nao de Calecut que depois de saqueada mandou queimar, dali veo ter a Melinde e de Melinde a Moçambique, donde passado o cabo de boa Sperança, veo ter a huma ilha a que pos nome de Sancta Helena, em que fez agoada, ilha de muito bons ares, posto que pequena, muito proveitosa a todallas nossas naos que a ella vam ter, pela boa agoa, fructas, e carnes que nella acham, da qual seguindo viagem chegou a Lisboa com sua frota junta aos xj. dias do mes de Setembro, de mil e quinhentos, e dous, onde foi recebido del Rei, e de todollos da Cidade com muito prazer pola boa viagem que fezera, e ilhas que descobrira.

## CAPITULO LXIV

*De como el Rei foi aforrado a Galliza visitar a casa do Apostolo Sanctiago.*

**P**ER caso das boas andanças, e successo destas viajens, fazia el Rei, allem de suas acostumadas esmollas, outras de dinheiro, e especiarias a muitas casas de religiam, assi nestes regnos, como fora delles, o mesmo a pessoas particulares, pera que per intercessam e oraçam destes prouvesse a Deos lhe prosperar seus negocios de bem em melhor, allem do que assi elle como a Rainha pessoalmente visitavam muitas casas de devaçam, entre as quaes presopos de ir a Galliza á do Apostolo Sanctiago, situada na cidade de Compostella. Nesta romajem levou consigo o Bispo da Guarda dom Pedro, que era tambem Prior de Sancta Cruz de Coimbra, e dom Diogo Lobo baram Dalvito, dom Martinho de Castel Branco, dom Nuno Emanuel seu guarda mór, dom Antonio de Noronha seu scrivam da puridade, e dom Fernando segundo Marques de villa Real, a quem el Rei mandou depois de ser em Galliza, por nam querer que se soubesse qual dos da companhia era, que todos acatassem como a sua pessoa. Partio el Rei de Lisboa aforrado no mes Doctubro deste anno de mil, e quinhentos, e dous, fazendo seu caminho per Coimbra, onde visitou o mosteiro de Sancta Cruz, e vendo que a sepultura del Rei dom Afonso Henriquez fundador daquella rica, e sumptuosa casa, requeria outra mais digna aos merecimentos de hum tam magnanimo Rei, logo presopos de a mandar fazer de novo, como depois fez, do modo que agora está. Dalli foi ter a Montemor o velho, e Aveiro, e ao Porto, onde orde-

nou que a sepultura de sam Pantaliã se acabasse pelo modo que o el Rei dom Ioã mandara em seu testamento. Do Porto foi a Valença de Minho, e em algumas villas destas mandou fazer justiça rigorosa de pessoas em que ate aquelle tempo se nam podera fazer execuçam, pela muita valia, e parentesco que tinham naquelles lugares. De Valença entrou em Galiza pela cidade de Tui, tomando dalli o caminho direito ate a casa do bemaventurado Apostolo, com muita devaçam, onde se deixou conhecer, e foi festejado, assi do cabido da Sé, como dos governadores da cidade, e fidalgos que nella moravam. Esteve el Rei tres dias continuos na cidade de Compostella, a cabo dos quaes, depois de ter feito, por sua devoçam, muitas esmolas á mesma casa, Sprital, e pessoas necessitadas, se tornou para o regno, fazendo merces a todos os hospedes das casas em que pousava, ate chegar a Lisboa, onde achou a Rainha nos paços de Sanctos o velho, de quem, e de toda a corte foi recebido com muita alegria. E logo depois da sua vinda mandou que se fizesse huma alampada de prata de feiçam de hum castello, que mandou poer na Sé de Sanctiago, diante do altar mór, que era a mais riqua de quantas se atéquelle tempo na quella casa offereceram, e assi ordenou que se comprassem rendas em Galliza, pera sesta alampada alumiar continuamente de noite, e de dia, quomo se sempre depois fez.

## CAPITULO LXV

*De quomo el Rei quisera passar em Africa, e a causa porque desistio de o fazer, e darmada que mandou á India, capitaens Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, e da ida de Gonçalo Coelho á terra de S. Cruz.*

**E**M quanto el Rei viveo sempre seu desejo, e vontade foi passar em Africa, pera pessoalmente fazer guerra aos Mouros, mas o tempo, e successo delle nunca lhe quis a isso dar azo, o que no anno M. D. iij. quisera poer em obra, com a mesma companhia, com que o dantes tinha ordenado, quando per rogo do Papa mandou socorro aos Venezeanos contra o Turquo, quomo atras fica dito. Sabida esta sua determinaçam pelo regno, todos os questavam apontados pera a outra viagem se começaram daperceber no começo destanno de mil, e quinhentos, e tres, mas a primavera deu de sim tam mau sinal com chuvas, e tempestades que has sementeiras, que ja eram feitas, se perderam pola môr parte, e ás questavam pera se fazer nam deu lugar, pelo que logo no começo do anno o pão começou a ter valia, e pouco a pouco tanta, que nam tam sómente os pobres, mas os ricos sentiam a carestia e veio a tanto, que nem por dinheiro se achava trigo, nem nenhum outro pão, nem legumes, do que ha gente constrangida pola grande, e icomportavel fome que padecia, comiam muitas viandas desacostumadas, raizes dervas, e outras cousas de que se depois seguiram muitas doenças mortaes, pela qual causa el

Rei desistio desta empreza, e quomo virtuoso Rei mandou de sua fazenda comprar muito pão em Oostelanda, Holanda, Flandres, Inglaterra, e França, ao que foram criados seus de confiança pera com mór diligencia o averem, o qual pão depois de ser no regno per sua ordenança se deu pelo custo. Neste anno mandou el Rei á India por capitam de tres naos Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, seu primo por capitam doutras tres, dos quaes, e do que passaram em toda a viagem se dirá no anno de mil, e quinhentos, e quatro, em que Afonso Dalbuquerque tornou ao regno. No mesmo anno mandou Gonçalo Coelho com seis naos á terra de Sancta Cruz, com que partio do porto de Lisboa aos dez dias do mes de Junho, das quaes por ainda terem pouca noticia da terra, perdeu quatro, e as outras duas trouxe ao regno, com mercadorias da terra, que entam nam erão outras, que pão vermelho, a que chamam Brazil, bogios, e papagaios.

## CAPITULO LXVI

*De quomo el Rei mandou duas naos em busca dos corte Reaes, que se perderam indo a descobrir perá banda do Norte.*

**G**ASPAR corte Real, filho de Ioam Vaz corte Real, foi homem aventureiro, esforçado, e desejoso de ganhar honrra, pelo que propos de ir descobrir terras pera banda do Norte, porque perá do Sul tinham ja outros descuberto muitas, e assi de sua fazenda, como de merces, que lhe el Rei fez, cujo criado já fora em sendo Duque de Beja, armou huma nao com a qual bem esquipada de gente, e de todo o mais necessario, partio do porto de Lisboa no começo do veram do anno de mil, e quinhentos. Nesta viagem descobrio, perá quella banda do Norte, huma terra que por ser muito fresca, e de grandes arvoredos, como o sam todas as que jazem perá quella banda, lhe pos nome terra verde. A gente da qual he muito barbara, e agreste quasi do modo dos da terra de Sancta Cruz, senam que sam alvos, e tam cortidos do frio, que a alvura se lhes perde com a idade, e ficam como baços. Sam de corpo meaos, muito legeiros, e grandes frecheiros, servemse de paos tostados em lugar de azagaias, com que ferem de arremeço como se fossem forrados de aço fino, vestemse de pelles de alimarias, de que na terra ha muitas. Vivem em cavernas de rochas, e choupanas, nam tem lei, crem muito em agouros: guardam matrimonio, e sam muito ciosos de suas molheres, nas quaes cousas se parecem com os Lapos que tambem vivem debaixo do Norte, de lxx



ate lxxxv graos sugeitos aos Reis de Noroega, e Suecia, aos quaes pagam tributo, ficando sempre em sua gentildade, por falta de doutrina, da qual tirania, no livro que compus da fé, costumes, e religiam dos Ethiopios, Abexis em lingoa latina, dedicado ao Papa Paulo terceiro, no fim delle fiz huma deploraçam, em que trato per extenso, donde este tamanho mal procede. E tornando a Gaspar corte Real, depois que descobrio esta terra, e costeceu huma boa parte della se tornou ao regno, e logo no anno de M. D. i. deseioso de descobrir mais desta provincia, e conhecer melhor o modo o trato della, partio de Lisboa aos xv. dias do mes de Maio, mas o que nesta viagem passou se nam sabe, porque nunca mais appareceo, nem se soube delle nova, a tardança do qual, e má suspeita que se começava a ter de sua viagem causaram o mesmo infortunio a Miguel corte Real, porteiro mór del Rei, que pelo grande amor que tinha a seu irmam determinou de o ir buscar, e partio de Lisboa aos dez dias de Maio de M. D. ii. com duas naos sem nunca delle se mais haver nova. A perda destes dous irmãos sentio el Rei muito, pela criaçam que nelles fezera, pelo que movido de seu real, e piedoso moto, no anno seguinte de M. D. iii. mandou duas naos armadas a sua custa buscalos, mas nem de hum nem do outro se pode nunca saber onde nem como se perderam, pelo que se pos áquella provincia da terra verde, onde se crê que estes dous irmãos perderão, a terra dos corte Reaes. Tinham estes dous irmãos Gaspar, e Miguel corte Real outro irmão mais velho quelles, a que chamavam Vasqueanes corte Real, que era veador da casa del Rei, do seu conselho, capitam e governador das ilhas de sam George, e terceira, e alcaide mór da Cidade de Tavilla, muito bom cavalleiro, bom Christam, homem de sigular

exemplo de vida, e de muitas esmollas, publicas, e secretas, cujo filho herdeiro he Emanuel corte Real, tambem do conselho del Rei, e capitam das mesmas ilhas que ao presente vive. Este Vasqueanes corte Real, não se podendo persuadir que seus irmãos eram mortos, nestanno de M. D. iii. determinou de com naos a sua propria custa os ir buscar, mas tendo el Rei por excusada sua ida, lho nam quis consentir, nem se procedeo mais neste negocio, por se ter por desnecessaria toda a despesa que se nisso mais fizesse.

## CAPITULO LXVII

*De como el Rei fez cortes em Lisboa onde o Principe foi jurado, e do serviço que lhe os povos fizeram pera ajuda das repartiçoens dos lugares Dafrica, e outras despezas necessarias.*

**D**EPOIS da partida de Afonso, e Francisco Dalbuquerque perá India, determinou el Rei no veram deste anno de M. D. iii. fazer jurar o Principe dom Ioam seu filho, por seu legitimo herdeiro, pera o que mandou vir os procuradores das cidades, e villas a Lisboa, a que tambem vieram todos los Prelados, e senhores, os quaes juntos nos paços Dalcaçova, fizeram o juramento em mãos del Rei, que per sua propria pessoa o recebeo de todos em nome do Principe dom Joam seu filho. Acabado este acto, e cerimonia, os estados proposeram nos dias seguintes os artigos, que lhe pareceram serem necessarios pera bem do regno, aos quaes el Rei respondeo segundo o que cada hum delles requeria.

Nestas cortes concederam os procuradores das cidades, e villas a el Rei, pera ajuda dos gastos, e despesas, que fazia nos lugares Dafrica, cincoenta mil cruzados, excusando-se nam poderem mais, por respeito das fomes passadas, e carestia de todas as cousas, de que todo o regno estava tam pobre, e necessitado, que se nam atreviam fazer-lhe o serviço que desejavam, pera a arrecadaçam do qual dinheiro lhes deu el Rei termos largos, e sufficientes, pera se fazer sem avexarem aquelles a que a obrigaçam deste serviço tocava.

## CAPITULO LXVIII

*Do que o Almirante dom Vasquo da Gama passou a segunda vez que foi a India ate chegar a Cochim.*

**I**NFORMADO el Rei per Pedralvres Cabral do que passara com el Rei de Calecut, e das treiçãos que lhe os mouros da terra armaram, determinou de o mandar outra vez a India, mas por el Rei querer separar da sua bandeira cinco velas que tambem mandava a India, de que tinha dada a capitania a Vicente Sodre, pera ficar lá, e andar darmada contra os mouros: se excusou de o fazer, pelo que deu a capitania da mesma armada a dom Vasquo da Gama, em que entravam dez velas, de que eram capitaens dom Luis coutinho, Pedrafonso daguiar, Francisco da Cunha, Ioam Lopes perestrelo, Rui da Castanheda, Gil Matoso, Luis Fernandez, Antonio do campo, Diogo Pirez, e das cinco velas que hiam separadas em capitania per fim era capitam Vicente Sodre, tio

de dom Vasquo da Gama, os outros capitaens, eram Bras Sodre seu irmam, Pero Dataide, Pero Raphael, e Joam rois badarças. Alem destas xv. velas mandou el Rei madeira lavrada pera huma caravella que se avia darmar em Moçambique, pera guarda daquella costa ate Çofala. Estas duas armadas partiram do porto de Bethelem aos dez dias de Fevereiro de M. D. ii. tendo el Rei dado a dom Vasquo da Gama, pouco antes, que partisse titulo dalmirante do mar da India, por lhe gratificar os serviços, que lhe tinha feitos, e sperava, que lhe fizesse nesta viagem. Alem destas xv. velas mandou el Rei aparelhar mais outras cinco de que deu a capitania a Estevam da Gama primo com irmam de dom Vasquo da Gama que partio de Lisboa o primeiro Dabril do mesmo anno, os outros capitaens erão Lopo Mendez de vasquo goncellos, Thomas de carmona, Lopo diaz criado de dom Alvaro, e Joam de bonagracia Italiano. Dom Vasquo da Gama passou o cabo de boa Sperança com toda sua armada ate chegar ao cabo das correntes, sem lhe acontecer cousa que de contar seja, donde mandou Vicente Sodré seu tio com onze velas das da companhia, que o fossem sperar a Moçambique, porque com as quatro queria ir a Çofala ver o sitio do porto, e modo da gente da terra, do Xequé do qual lugar foi bem recebido, e ficando amigos se partio pera Moçambique, com ao sair do rio de Çofalla perder huma das naos, mas a gente, e fazenda se salvou toda. Em Moçambique se vio com o Xequé, que era outro, e nam o que alli achou da primeira vez, que foi á India, que lhe fez muita cortesia, e gasalhado, mandando dar todo o aviamento necessario perá frota: o que feito partio caminho de Quiloa, levando consigo a caravella, que se armou em Moçambique, de que deu a capitania a Joam Ser-

ram, porque sua tençãõ era fazer guerra ao Rei, que se chamava Habrahemo, e lhe destruir a cidade se nam fizesse emenda dos erros passados. Chegados a Quiloa logo tras elle chegou Estevam da Gama com as cinco naos de que era capitam, que todas faziam numero de xix. velas, porque a nao de Antonio de Campo esgarrára da companhia. El Rei de Quiloa houve tamanho medo com a chegada destas naos, que de sua propria vontade mandou dizer a dom Vasquo da Gama, que se queria ver com elle, o que se assi fez, e nas vistas, que foram no mar, dom Vasquo o prendeo, e o desenganou, que se se nam fazia vassallo, e tributario del Rei seu Senhor, que preso o havia de levar á India, e dahi a Portugal, com medo das quaes ameaças prometeo dar cadanno dous mil meticaes douro de pareas, e as daquelle anno mandaria como fosse em terra, pera firmeza do que ficaria com elle Mafamede Enconij, que era a segunda pessoa do seu regno, a quem el Rei queria grande, e secreto mal, com medo que tinha de lhe tomar o regno, que elle tinha usurpado a outro, que fora Rei. Dom Vasquo crendo que era verdade o que lhe dizia o soltou : mas elle depois que se vio em liberdade, desejoso que tivesse dom Vasquo da Gama alguma auçam pera matar Mafamede Enconij, nam quis mandar as pareas, o que vendo o preso, entendendo a maldade dixeo a dom Vasquo o que lhe parecia, e quam mao homem el Rei era, e que pois o assi enganara, que elle á sua custa queria pagar os dous mil meticaes douro, o que assi fez, e dom Vasquo o deixou ir livremente perá cidade, ficando ambos grandes amigos. De Quiloa foi dom Vasquo por caso das correntes ter a huma enseada, oito legoas abaixo de Melinde, e posto que muito desejasse de ver el Rei, pera lhe gratificar a boa companhia que

lhe fezera da outra vez, o nam pode fazer, comtudo el Rei o mandou visitar per hum degredado per nome Luis de Moura, que alli deixara Pedralvres Cabral. Feita agoada, e carnajem se partio perá India, e em chegando ao monte Delli, topou huma nao do Soldam de Babilonia chamada Merij, de que era capitam Ioarfaquim, nao grande, e bem armada, que partira de Calecut carregada despecearias, e outras mercadorias pera Meca em que avia muitos romeiros, que per sua devaçam hiam visitar o sepulcro do seu propheta Mafamede, a qual tomou com muito trabalho, por se os mouros defenderem mui bem todo aquelle dia, e a noite seguinte, mas ao outro dia, forão entrados, e mortos mais de trezentos, e alguns mininos que nella havia mandou dom Vasquo da Gama levar ha sua nao, com tenção de os fazer frades no mosteiro de nossa Senhora de Bethalem. Tomada esta nao dom Vasquo da Gama se foi a Cananor onde entregou a el Rei o seu embaixador, que mandara a Portugal, e lhe deu hum presente que lhe el Rei dom Emanuel mandava, do qual foi recebido com grande aparato, e muita cortesia: o que feito se foi lançar sobello porto de Calecut, onde em chegando tomou alguns paraos em que poderia aver ate cinquenta Malabares da cidade. Estando alli surto sem fazer mostra de guerra chegou a sua nao hum mouro vestido em trajos de frade de sam Francisco, que os nossos cuidaram que fosse algum dos questavam com Aires correa quando o mataram, mas em chegando, e dizendo Deo gracias, dixे logo que era mouro, e que vinha assi por poder chegar ás naos, sem lhe fazerem mal, pera dar recado ao capitam, como el Rei queria com elle paz, e amizade, porque do que se ateli passara lhe pesava muito, a isto respondeo que elle queria o mesmo, e que a isso era

vindo, mas que em sinal do que dizia lhe mandasse entregar a fazenda que tomaram a Aires Correa, ou o procedido della, no que se passaram tantos recados, que sentindo dom Vasquo que eram tudo enganos, mandou dizer a el Rei pelo mesmo Mouro que andava nestes negocios, que se nam fizesse o que lhe mandara dizer, que por vingança da morte Daires correa mandaria enforcar todos aquelles Malabares seus sugeitos que tinha presos, ao que el Rei nam respondeo, pelo que dom Vasquo mandou enforcar os Malabares, e depois de mortos lhes mandou cortar os pés, e mãos, e os corpos mandou lançar ao mar, pera com a maré irem ter a praia, e os pés, e mãos mandou meter em hum parao, e á toa levar a terra per dous bateis, e nelle huma carta pera el Rei de Calecut desafiando-o a guerra de fogo, e sangue, da parte del Rei dom Emanuel seu senhor assi a elle, como a todos seus amigos, e sugeitos, e vassallos, a qual carta, e espantoso presente foi para el Rei e todos da cidade de muita tristeza. Aquella noite fez dom Vasquo chegar todalas naos o mais perto de terra que cada huma pode, e em amanhecendo mandou esbombardear a cidade, no que entre outros damnos que fez foi derribar o Cerame del Rei, que estava junto da praia, o que feito se partio pera Cochim, deixando Vicente sodre com seis velas, pera guarda da costa do Malabar.

## CAPITULO LXIX

*Do que o Almirante dom Vasquo da Gama fez em Cochim, e Calecut, e do mais que passou em sua viagem até tornar ao regno.*

**N**A mesma hora que dom Vasquo da Gama lançou ancora no porto de Cochim o veo ver a nao o feitor Gonçalo Gil Barbosa, com os outros Portuguezes que com elle estavam, de que soube a honrra, gasalhado, e boa amizade que tinham todos recebido del Rei de Cochim, do que foi mui ledo, e no mesmo dia o mandou el Rei visitar per hum Naire, dos principaes de sua casa, e logo assentou com dom Vasquo que se visse ao outro dia com el Rei, o que assi fez, e lhe deu hum presente de muitas peças douro, prata, brocado, e seda, entre as quaes avia huma coroa douro, dizendo-lhe que el Rei dom Emanuel seu senhor lhe mandava aquelle presente como a bom, e verdadeiro irmam, e amigo do que se el Rei de Cochim teve por muito honrrado, e em sinal damor mandou per dom Vasquo a el Rei outro presente em que entravam dous barceletes douro com muita, e mui rica pedraria, e huma pedra do tamanho de huma avellãa, que se acha na cabeça de huma alimaria, de que ha muito poucas, a que os Indios chamam Bulgoldalf, a qual pedra tem gram virtude contra todo genero de peçonha. Nestas vistas entregou el Rei de Cochim a dom Vasquo da Gama o feitor Gonçalo Gil Barbosa com todollos outros Portuguezes que lhe ficaram a cargo, muito alegre pollos atelli guardar dos perigos, e treiçãoens, que lhes os mouros de toda aquella provincia cada dia



armavão, e pelo mesmo modo entregou dom Vasquo a el Rei de Cochim Diogo Fernandez correa, que avia de ficar por feitor, e Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz escriptaens do seu cargo, com todos os outros Portugueses que com elles ficaram. Poucos dias depois destas vistas vieram a dom Vasquo embaixadores de certa gente Christãa, que habita nas terras de Cranganor, pedir-lhe que os quizesse tomar em sua guarda, e em nome del Rei de Portugal os defender dalli por diante em cuja vassallagem se punham do que elle deu graças a Deos, e lhes prometeo em nome del Rei de o fazer assi elle como todos os outros capitaens que a India viessem, dos costumes, e religiam dos quaes direi adiante em seu lugar. Andando dom Vasquo da Gama occupado nas cousas que compriam a sua torna viagem, mandou el Rei de Calecut dissimuladamente hum Bramana, sob specia de dizer que queria ir a Portugal, com hum seu filho, e hum seu sobrinho que trazia consigo, pera aprenderem letras, e verem o modo que os Christãos tinham de viver na Europa, mas alguns dias depois, de pratica em pratica, com muita prudencia veo descobrir a dom Vasquo, que elle era alli vindo da parte del Rei de Calecut a pedir-lhe que quizesse ser seu amigo, e ir com toda sua armada a Calecut, onde lhe daria carga para quantas naos quizesse, e allem disto lhe mandaria pagar tudo o que se aos Portugueses la tomara. Dom Vasquo determinou de o fazer, posto que fosse contra vontade de todos os outros capitaens, com tudo para sua segurança, mandou deter o Bramana na nao Destevam da Gama, a quem deixou cargo de toda a frota, e elle com a sua nao, e huma caravella se foi a Calecut, levando consigo o filho, e sobrinho do Bramana, onde depois de surto lhe mandou el Rei muitos recados de paz, e amizade,

no que andavam os mesmos filho e sobrinho do Bramana, mas como el Rei era mudavel, induzido pelos mouros, vendo como dom Vasquo estava alli com tam pouca companhia, o mandou cometer com xxxiiij. paraos, dos quaes se nam pode desfazer sem deixar a ancora, e calibre que mandou cortar em dando a vela, nem com isto podera escapar se lhe o vento terreno nam servira, com que se apartou da terra, seguindo-o com tudo os paraos ate que per dita appareceo Vicente Sodre, a quem elle mandara recado pela caravella que trouxera de Cochim, que viesse ter com elle a Calecut, com cuja vinda, os paraos foram destroçados, e morta muita da sua gente, o que feito, dom Vasquo se foi a Cochim; onde em chegando mandou enforcar o Bramana, per quem el Rei de Calecut mandara o recado, e o mesmo fezera ao filho, e sobrinho se lhe nam escaparam da nao, antes de se descobrir a treiçam. El Rei de Calecut foi mui triste pela morte deste Bramana, e vendo que nem per manha, nem per força se podia vingar a sua vontade dos nossos, determinou com cartas, e recados secretos cometer el Rei de Cochim, fazendo-lhe grandes offercimentos, se lhe quisesse entregar os Portuguezes que estavam em sua terra, e nam dar carga as naos, sobello que lhe escreveo tres vezes, mas elle lhe respondeo muito ao contrario, dizendo que nam era costume de bons Reis serem traidores, nem fé prejuros aos que se delles fiavam, e punham suas pessoas, bens, e vidas debaixo de sua guarda, e verdade, ha qual faltando se nam podiam chamar Reis. Destes recados deu el Rei de Cochim conta a dom Vasquo quando se delle despedio pera tornar ao regno, nem lho quis dizer antes, por o nam desenquietar, e dar trabalho com suspeita de poder cuidar que aceitaria os partidos que lhe el Rei de

Calecut tinha offerecido. Dom Vasquo da Gama lhe agradeceo muito esta boa vontade, e lealdade da parte del Rei seu seu senhor, dizendo-lhe perante muitos dos seus Panicaens, Caimaens, e Naires que deixaria na India tantas naos da sua armada com que se tivesse por seguro do poder del Rei de Calecut, do que el Rei de Cochim mostrou grande contentamento, principalmente por lho dizer diante daquelles, dos quaes sabia haver alguns que por respeito dos Mouros nam tinham boa vontade aos nossos. Partio dom Vasquo da Gama de Cochim pera Cananor com dez naos carregadas a buscar tres que lá estavam a carga, e sendo tres legoas de Pandarane sairam a elle vinta nove naos que el Rei de Calecut tinha prestes para o mandar cometer, com as quaes per conselho, e parecer dos outros capitaens determinou de pelejar, e ordenou que fossem diante Vicente Sodré, Pero Raphael, Diogo Pirez por irem boiantes, os quaes afferaram duas naos dos Mouros que vinham afastadas hum pouco das outras, Vicente Sodré com huma, e Pero Raphael, e Diogo Pirez com a outra, e as renderam antes que dom Vasquo, nem nenhuma das outras naos darmada chegassem a elles, a gente das quaes se lançou toda ao mar, de que os nossos mataram dos bateis mais de trezentos. As outras naos dos mouros, vendo o desbarate das duas, se acolheram a terra sem dom Vasquo os poder alcançar. Acharam-se nestas duas naos algumas cousas de preço, entre as quaes havia hum idolo douro que pesava trinta arrateis, de figura muito monstruosa que tinha por olhos duas ricas esmeraldas, cuberto de hum manteo douro de martello, bordado de pedraria, com hum robi nos peitos do tamanho da roda de hum cruzado. Despejadas as naos, dom Vasquo lhes mandou pœr o fogo, que se ate ou de modo que todas arderam a vista da

frota. Dalli se foi a Cananor buscar as tres naos que stavam a carga onde assentou pazes, e amizade com el Rei do que se fizeram contratos, assinados, e aselados por ambos, nas quaes entrava el Rei de Cochim, prometendo el Rei de Cananor, de nunca lhe fazer guerra, nem ajudar a el Rei de Calecut se lha fazer quisesse, nem outra pessoa nenhuma. Feitos, e confirmados estes contratos, dom Vasquo da Gama entregou a el Rei de Cananor Gonçallo Gil Barbosa que alli ficava por feitor, e Sebastiam Alvarez e Diogo Godinho por scrivaens, e outros Portugueses que com eiles ficarão, que seriam ate xx. os quaes el Rei tomou em sua fé, e guarda, o que feito se partio pera o regno aos xxviiij. dias do mes de Dezembro, de M. D. ii. com treze naos carregadas despecearias, e doutras riquezas, deixando ordenado, que Vicente Sodré com sua armada ficasse na costa do Malabar, onde andaria ate o mes de Fevereiro, e se ate aquelle tempo el Rei de Calecut nam fizesse guerra a el Rei de Cochim, que entam se fosse ao estreito do mar Darabia fazer guerra aos Mouros, como trazia para regimento. Os capitaens que ficarão com Vicente Sodré forão Bras Sodre seu irmam, Pero Dataide, Pero Raphael, Fernam Rodriguez Badarças, e Diogo Pirez, o que assi ordenado partio o Almirante para o regno, sem tomar terra senam em Moçambique, onde fez augoada, e carnagem, e seguindo sua viagem lhe deu no cabo das correntes hum temporal, com que se perdeo da frota a nao Destevam da Gama, e dom Vasquo chegou com as outras a Lisboa ao primeiro dia do mes de Setembro do anno de M. D. iii, onde el Rei entam estava que o recebeo com tanto prazer, quanto sua boa andança requeria, o qual logo foram visitar a nao os mais dos senhores, e fidalgos que se entam acharam na corte, e o

acompanharam até o paço, indo diante delle hum seu paje, que levava em huma bacia dagoa as mãos os dous mil miticaes douro das pareas del Rei de Quiloa, e assi os contratos que fezera com elle, e com o de Cananor, e Cochim. Destes dous mil miticaes douro mandou el Rei fazer huma custodia para o Sacramento do altar, guarnecida de pedras preciosas que mandou offerecer no mosteiro de Bethalem: depois da vinda de dom Vasquo da Gama a seis dias chegou a Lisboa Estevam da Gama.

## CAPITULO LXX

*De como dom Foam de Meneses, e dom Foam de Meneses Conde de Tarouqua foram correr o campo Dalcacerquibir, e do que lhe aconteceo.*

**C**ASAR Elcabir a que nos chamamos Alcacerquibir esta situada junto do rio Luco, o qual crece tanto denxurro que entra muitas vezes polas portas da cidade, a qual dizem os mouros que edificou Mansor Rei, e Pontifice de Marrocos. Vivem nella muitos homens nobres, e mercadores, e assi letrados per caso de hum collegio, que ahi ha em que se lé philosophia, e outras artes, nam tem agoa senam a do rio, e de cisternas, porque carece de pozos, e fontes. Ha tambem na Cidade hum Sprital em que se recolhem, e curam muitos pobres, e fora della ha muitos jardins de ortaliça, e boas fruitas, a terra he tam fertil que ordinariamente colhem de hum alqueire de pão que semeam trinta. Tinham os Reis de Féz nella depois que el Rei dom Afonso quinto ganhou Arzila, ate que lha em nosso tempo soltaram,

hum capitão com trezentos de cavallo, e outra gente de pé, com que, e com os outros mouros da comarca, e fronteiros corria muitas vezes Arzilla, do que el Rei dom Emanuel tinha desgosto, e por esse respeito screveo a dom Joam de Meneses que lhe teria em serviço fazer continua guerra á quella cidade, sobre o que screveo logo dom Ioam a dom Ioam de Meneses Conde de Tarouqua, que ja era tornado da viagem que fezera em favor dos Venezeanos, e estava entam na cidade de Tanger, de que era capitam, e governador, que se ajuntassem pera ambos irem correr Alcacerquibir, o que asssi fez, e veo ter a Arzila com duzentas lanças, e dom João sahio com duzentas, e trinta em dia de Pascoela, do anno de M. D. iii. no mes Dabril, e chegaram á mea noite a huma ponte, sete legoas Darzilla, que se chama a ponte grande Dalcacer onde foram sentidos dos guardas, que vigiavam o passo, ao que o Alcaide logo sahio, mandando tocar o seu tambor, ao que em amanhecendo acodio o Xeque dos colotos com muita gente, e se vieram todos poer em hum outeiro apar Dalcacer, que se chama o outeiro dos prazeres, onde ordenaram suas hazes, quoino homens que determinavam pelejar, o que vendo o Conde mandou dizer a dom Joam, que era o que lhe parecia, ao que respondeo que mui bem, pois achavam o que hiam buscar, e no mesmo instante poseram toda sua gente em ordenança, o que feito começaram de caminhar pera os mouros, os quaes os vieram cometer com escaramuça, mas vendo que os Christãos nam sahiam da ordenança, em que com suas hazes feitas vinham demandar o corpo da sua gente, caminharam algum tanto mais a diante fazendo mostra de quererem pelejar, mas vendo que os nossos os hiam determinadamente cometer, voltaram, a quem os nossos seguiram o al-

cance até as portas da villa, e lhes mataram cento, e oitenta de pé, apertando-os tanto, que muitos delles nam poderam haver ha porta, pelo que por se de todo nam perderem, voltaram quomo homens desesperados, e deram com tanto esforço nos nossos, que dirribaram, e feriam muitos, entre os quaes o foi no rosto dom Duarte de Meneses, filho mais velho do Conde de Tarouqua, e Pero Leitam Adail, mas os que caíram foram socorridos, e assi se começaram de vir recolhendo até huma ponte pequena, que se chama Decelam, que está mea legoa Dalcacer, vindo já apegado com elles o Alcaide com novecentos de cavallo. Mas depois que os nossos passaram aponte, dom Ioam os pos em ordenança com determinação de peleijar com os mouros se ha passassem, o que elles nam fizeram, se nam depois que viram os Christãos bem a longados, e com o socorro que lhes vinha o começaram de seguir de bem perto, ate chegarem a outra ponte que está seis legoas Darzilla, tendo ha já passado obra de cinquenta de cavallo dos Christãos, mas tanto que a outra gente passou, dom Joam fez corpo sperando que passassem os Mouros, pera peleijar com elles, que já nesta sazam seriam mais de mil, e trezentos de cavallo, o que elles nam fizeram, mas antes se tornaram dalli pera suas casas, e os Christãos se foram Arzilla, donde se o Conde tornou pera Tanger. As pessoas conhecidas que se acharam nesta entrada foram, dom Duarte de Meneses, filho do Conde de Tarouqua, dom Ioam Ladram filho do Conde de Cantanhede, dom Bernaldim Dalmeida, filho do Conde Dabrantes, dom Pedro seu irmam, Rui de Sousa, dom George de Crasto, Rui de Vasquo Goncelos, Sancho de Vasquo Goncelos, dom Afonso Dataide, Francisco Pereira Pestana, Gonçalo Mendez Çacoto, Estevam Coelho alcaide mór de Arzilla, Dio-

go Pereira, Francisco do Soveral, Antonio da Fonseca contador de Tanger, e Rui Gomez.

## CAPITULO LXXI

*Doutra entrada que o Conde Tarouqua, e dom Ioam de Meneses fizeram até huma legoa Dalcacerquibir.*

COMO dom Ioam de Meneses sabia o grande gosto, que el Rei levava delle guerrear os Mouros Dalcacerquibir, neste mesmo mes Dabril de M. D. iii. mandon espiar a terra, e soube dos escutas como os Mouros de duas aldeas, e dous aduares, que viviam de longo do rio, a huma legoa desta cidade, andavam mui descuidados, de os Christãos poderem la chegar, o que sabido mandou recado ao Conde de Tarouqua, o qual se veo logo Arzilla com duzentas, e vinte lanças, onde achou dom Ioão prestes com duzentas, e trinta, mas o dia que dahi partiram forão descubertos per hum bombardeiro flamengo que fugio da villa sem ser sentido, e foi dar aviso aos mouros, do que nam sabendo parte os capitaens seguiram seu caminho do modo que o tinham ordenado até chegarem as aldeas, onde ja nam acharam os aduares, porque na mesma hora, que souberam da vinda dos Christãos se foram, o que os das aldeas nam poderam fazer tam asinha, que os nossos nam cativassem nella obra de cincoenta almas, e matassem outras tantas, e tomassem muito gado. Roubadas as aldeas, os nossos se começaram de recolher, vindolhes já nas costas mouros de cavallo dos Dalcacer, com que ouverão muitas escaramuças, e fizeram



voltas, em que mataram alguns, e elles mataram quatro Christãos, e foi o negocio tam travado, que dom Pedro de Sousa, que era nesta companhia teve muito trabalho em recolher a gente da escaramuça, a qual recolhida caminhou a cavalgada com que entraram em Arzilla, sem acharem quem lhe mais saisse ao caminho. Neste negocio foram dom Duarte de Meneses filho do Conde de Tarouqua, Rui de Sousa, que matou hum mouro de cavallo dos que sahiram Dalcacer, Alvaro Barreto, Gonçalo Çacoto, Francisco da Costa, Estevam Barroso, Antam Martins, Bernaldim Velho. Chegados a villa, e partido o despojo, o Conde se tornou pera Tanger, achouse tambem neste feito Tristam vogado natural Dalanquer, que neste tempo era fronteiro em Arzilla, o qual depois acabou seus dias desastradamente; porque o matou huma lioa, a que elle com outros cavalleiros sahio a buscar a morte que lhe alli estava aparelhada, do que el Rei levou descontentamento, porque era Tristão vogado bom homem, e muito bom cavalleiro, de quem ficou hum filho per nome Ioam vogado que ainda vive.

## CAPITULO LXXII

*Doutra entrada que dom Ioam de Meneses fez no mesmo anno.*

**N**A serra de Benagulfate estam humas aldeas sete legoas Darzilla, em huma destas aldeas tinha sabido dom Ioam de Meneses que estavam as mais fermosas Mouras que avia em toda a comarca Darzilla, e Tanger, e que as guardavam muitos cavalleiros Mouros, avidos pelos mais valentes homens de toda a terra, seus parentes, e namorados, e por esta aldea estar entre outras que se tambem guardavam, tinha o caso por duvidoso, com tudo movido das novas que tinha da fermosura daquellas Mouras, com desejo de fazer dellas serviço á Rainha donna Maria, que lhe tinha mandado pedir algumas das que captivasse, pera se dellas servir, determinou de dar nesta aldea, posposto, o perigo que nisso havia, e receio, de o sentirem das outras, por serem muito visinhas, pera o que mandou fazer hum soma de tochas, com determinaçam de a cometer no sono da modorra, o que feito partio Darzilla com duzentas lanças, e passou per totalas outras aldeas sem ser sentido, porque a noite era escura, e de tormenta, e em chegando sobela aldea que seria hum pouco antes da mea noite mandou acender as tochas, e com ellas acesas deu nella o som de trombetas tam de subito, que os Mouros que a guardavam, posto que esforçados fossem, nam tiveram animo pera mais que pera como homens desacordados, e desatinados do somno, se defenderem o melhor que poderam, e foi tamanha a grita delles, e das molheres que se ouvio

pelas outras aldeas, donde nam tão sómente lhes nam acodio ninguem, mas antes as desemparraram os mouros que nellas viviam acolhendosse pera dentro da serra com suas molheres, e filhos, pelo que dom Ioam teve tempo pera a sua vontade saquear esta, em que os Christãos mataram mais de oitenta mouros, e captivaram sessenta homens, e molheres, em que entraram algumas das fermosas, o que feito se começou de recolher, sendo ainda noite, mas em amanhecendo o vierão cometer muitos Mouros de cavallo de todas aquellas aldeas de que se desfez com muito trabalho, e perigo, porque lhe feriram muitos homens, e cavallos, com tudo elle chegou a Arzilla, sem lhe matarem nenhum. Nesta entrada se acharam dom Bernaldim, dom Pedro, dom Ioam Ladram, Francisco Pereira pestana, Pero Moniz da silva, Rodrigo de Vasquo Goncellos, Sancho de Vasquo Goncellos, Gonçalo Mendez Çacoto, e Ioam de Figueredo.

## CAPITULO LXXIII

*De como el Rei de Calecut começou de fazer guerra a Trimumpara Rei de Cochim, e porque causa.*

**D**EPOIS da partida de dom Vasquo da Gama, determinou el Rei de Calecut poer em obra a má vontade que tinha a el Rei de Cochim, misturada ja com enveja de o ver prospero, e sua Cidade ir em crescimento com o proveito que recebia dos Portugueses, pera o que começou de fazer apercebimentos de guerra. Sabido isto em Cochim ouve muitos dos Mouros, e gentios dos principaes da terra que aconselhavam el Rei que por evitar tamanho perigo devia satisfazer a el Rei de Calecut, com a entrega dos Portugueses questavam em seu regno, o qual conselho elle nam quis seguir, mas antes dixe aos que lho davam, que se lhe mais fallassem nisso os mandaria castigar, que nam era elle o Rei que havia de quebrar sua fé, e verdade pela qual nam estimaria perder todo seu regno, e estado: assi que tendo por certa a vinda del Rei de Calecut, começou de se aperceber o melhor que pode. Neste tempo Vicente Sodre que ficara por Capitam do mar, veo ter com sua armada a Cochim, mas posto que esta guerra fosse ja divulgada, e lhe Diogo Fernandez Correa feitor requeresse que se nam fosse, e desembarcasse com a gente que as naos podessem excusar, pera ajuda, e favor del Rei de Cochim, e seu delles, elle o nam quis fazer, dando a isso suas razoens, as quaes parece que em tal tempo, e de tanta necessidade nam tinham lugar: finalmente sem ter conta com o que

Ihe Diogo Fernandez Correa requeria, e compria a serviço del Rei, elle se fez á vela caminho do cabo de Guardafum, sperar as naos de Mouros pera fazer presas do que sperava mais proveito que da guerra del Rei de Calecut com o de Cochim. Fazendosse estes apercebimentos de guerra, ouve de parte dos Reis ambos muitos recados, mas o de Cochim per nenhum modo quis conceder ao de Calecut a entrega dos Portugueses, pelo que cada hum delles se determinou em fazer guerra ao outro: o de Cochim ajuntou toda sua valia na mesma cidade, e o de Calecut em Panane, pera o qual, allem de seus sugeitos, e vassallos, se vieram muitos senhores daquella provincia, desejando lançar os nossos, fora da India, por amor dos mouros que os a isso induzião com muitas dadivas, presentes, e antiga amizade. Chegou a tanto cuidarem todolos Malabares que não podia el Rei de Cochim deixar de perder seu estado daquella vez, que dos seus vassallos mesmos se lançaram os mais com o de Calecut, entre os quaes foram o Caimal de Chirabipil, o de Cambalão, e o da ilha grande que está defronte de Cochim, pessoas principaes de seu regno: mas esta guerra nunca pareceo bem a Nabeadarim sobrinho del Rei de Calecut seu unico herdeiro, que per muitas vezes lhe aconselhou que a não fizesse prophetizando-lhe que della haviam ainda de recrecer muitos males, e damnos: do que el Rei fazendo pouco caso, em hum dia certo que lhe seus feiticéiros assinaram, pera a começar, partio de Panane mui poderoso, tomando o caminho pelas terras de Repelim, que sam quatro legoas de Cochim, com que foi tamanho o medo em todollós da cidade, que Diogo Fernandez Correa parecendolhe fazer melhor o partido del Rei de Cochim, e que com isso se fariam as pazes entrelle, e o de Calecut, lhe pedio

embarcaçam pera se ir com todollos Portugueses pera Cananor, onde estariam ate vir a armada de Portugal, o que lhe el Rei estranhou muito, dizendo-lhe que ainda elle nam era morto, nem el Rei de Calecut senhor do regno de Cochim, o qual todo, e sua pessoa elle aventuraria por serviço del Rei de Portugal seu irmam, do que Diogo Fernandez, e todollos Portugueses, que em Cochim estavam, ficaram nam tam sómente satisfeitos, mas espantados, confirmando a opiniam que delle tinham, como de pessoa em quem nunca acharam engano, nem falta no que promettesse. Desta guerra fez el Rei de Cochim capitão hum seu sobrinho, e herdeiro, por nome Naramuhim, ao qual mandou com cinco mil, e quinhentos Naires, que fosse a hum passo que chamam do vao, por se passar de maré vazia pelo geolho, per onde el Rei de Calecut queria entrar na ilha de Cochim. Sabendo el Rei de Calecut, que Naramuhim estava no passo do vao, com receo delle, porque era hum dos milhores Cavalleiros de toda a terra do Malabar, e muito bem escançado nas cousas da guerra, screveo huma carta a el Rei de Cochim, na qual lhe pedia outra vez a entrega dos Portugueses, ao que el Rei de Cochim respondeo o mesmo que fizera das outras vezes, pelo que el Rei de Calecut moveo logo seu exercito, jurando de nam tornar a suas terras sem deixar destruidas as del Rei de Cochim, com tudo as por onde entrou, posto que o fossem, não empeceo, porque eram de vassallos desleaes del Rei de Cochim, que andavam com elle, o qual partio das terras de Repelim, ao derradeiro dia de Março deste anno de mil, e quinhentos, e tres, e aos dous dias Dabril chegou ao passo do vao, onde alguns dos seus Naires quiseram logo cometer Naramuhim, sobrinho del Rei de Cochim, que ja alli estava, que lho defendeo co-

mo bom cavalleiro, matando muitos delles, sem perder nenhum dos seus. Ao outro dia tendo ja el Rei de Calecut assentado seu arraial, mandou ao senhor de Repelim, que com da sua gente, e doutras capitancias fosse cometer o vao, e perá juda destes mandou muitos paraos armados, com a melhor gente de sua corte dos quaes Naramuhim se defendeo melhor do que o fezera o dia dantes nas quaes victorias elle usava o conselho e parecer de Lourenço Moreno, que o acompanhou neste negocio, com alguns dos portugueses que ficaram em Cochim. Assi que destas duas vezes, como doutras que os de Calecut cometeram o passo do vao, e sespalharam pella terra pera destruir alguns lugares de Cochim, sempre foram desbaratados, sucedendo-lhe tudo ao contrario do que speravam. Vendo el Rei de Calecut o estrago que o Principe Naramuhim fazia nos seus, teve intelligencia com hum Naire que pagava o soldo da gente del Rei de Cochim, o qual sobornado de dadivas, e promessas, deixou de vir fazer as pagas ao campo, como o dantes fazia, e contrafazendosse mal disposto, se foi pera Cochim, dizendo que quem quisesse soldo o fosse lá receber, o que fezerão per alguns dias. Cræcendo assi este descuido, pediram muitos dos Naires huma noite ao Principe Naramuhim que os deixasse ir a Cochim receber o que lhes era devido, na qual noite tendo el Rei de Calecut aviso do que passava, fez cometer o vao por mar e por terra, com toda sua gente, paraos, e artelharia, ao que Naramuhim, nam podendo resistir, pella gente que faltava, e pouca que tinha em comparaçam da del Rei de Calecut, o passo foi entrado, e elle morto de frechadas, com dous sobrinhos seus, entre huns palmares, ate onde os imigos o seguirão defendosse sempre como esforçados cavalleiros. Esta batalha durou parte da-

quella noite em que foram cometidos, e todo o dia seguinte, ate ser tam tarde que se nam viam huns aos outros, pelo que el Rei de Calecut nam quis mais seguir a victorla, a qual nam foi sem perder muita da sua gente. Com a nova deste tamanho desastre foi el Rei de Cochim mui triste, com tudo posto que pera o fazer estivesse mui debilitado, determinou desperar el Rei de Calecut, e lhe dar batalha, naqual foi desbaratado, do que constringido se passou a huma ilha que se chama Vaipim, situada defronte de Cochim, levando consigo todollos Portugueses com a fazenda que tinha na cidade, sem nunca os de sim querer apartar, nem entregar a el Rei de Calecut, posto que depois destas perdas lhos mandasse muitas vezes pedir, prometendo-lhe por isso pas, e amizade, o que nam querendo fazer lhe mandou queimar a cidade de Cochim, commeter per muitas vezes a ilha de Vaipim, na qual nam pode fazer damno, por ser o sitio della muito forte, e el Rei de Cochim ter consigo gente, que lhe abastava pera se defender naquelle lugar. Screvam os Gregos, screvam os Romanos tudo o que se pode dizer dos Emperadores, Reis, Principes, Republicas, cidades, e pessoas particulares a que deram muitos louvores, por guardarem suas promessas a que a fé publica os obrigava: mas eu nam creio que a verdade, e fé com que el Rei de Cochim guardou, e defendeo os nossos seja inferior a nenhuma daquellas, de que elles em seus livros, sobreste caso fazem muitas, e espantosas admiraçoens. Vendo el Rei de Calecut, que aproveitava pouco em querer entrar a ilha de Vaipim, e por ser ja começo do inverno se foi a Cranganor, com proposito de no começo do veram tornar outra vez a esta guerra, e pera que lhe ficasse Cochim pacifico mandou fazer tranqueiras no mais seguro da



cidade, em que deixou pera guarda muita, e boa gente da sua. O dia em que mataram Naramuhim foi tamanho o medo em Cochim, que muitos se lançaram no arraial del Rei de Calecut, entre os quaes foram dous Lombardos Milaneses, lapidairos, hum per nome Joam Maria, e o outro Pedro Antonio, que estavam com Diogo Fernandes Correa, e foram a India com licença del Rei dom Emanuel na segunda armada de dom Vasquo da Gama, os quaes depois foram mui prejudiciaes, dando muitos ardis de guerra a el Rei de Calecut contra os nossos, como se ao diante dira.

## CAPITULO LXXIV

*De como se perderam nas ilhas de Curia Muria Vicente Sodre, e Bras Sodre seu irmam, e do que os outros capitaens depois passaram.*

VENCIDO Vicente Sodre da speranza que tinha posta nas presas das naos dos mouros que hia buscar, mais que da razam que o obrigava aficar em Cochim, em ajuda del Rei, e favor dos nossos, se partio como no capitulo atras fica dito. Seguindo assi sua viagem tomou na costa de Cambaia, cinco naos de mouros, tam ricas, que só o dinheiro de contado que nellas achou, passava de duzentos mil pardaos, moeda que val da nossa trezentos, e sessenta reaes cada hum com a qual boa andança depois de mandar queimar estas naos, se foi a humas ilhas, questão allem do cabo de Guardafum, per nome Curia, Muria, pera repairar algumas das suas naos que faziam aguoá, onde chegou aos xx.

dias do mes Dabril deste anno de M. D. iii. Os moradores destas ilhas, posto que fossem Mouros, por serem todos lavradores, e pescadores, homens pacificos, mais intentos a seu proveito que sos perigos da guerra fizeram boa companhia a todolos darmada, servindoos, dandolhes mantimentos por seu dinheiro, pela qual segurança achada entre gente tão contraria a nossos costumes, e fé, mandou Vicente Sodre tirar a monte a caravella de Pero Dataide, e vendo os Mouros, que a armada estava de vagar, lhe dixeram que ordinariamente naquellas ilhas, no começo do mes de Maio, sobrevinha huma tormenta de vento norte daquella banda, onde elles estavam ancorados, que nenhuma nao que alli no tal tempo estivesse se salvava, pelo que lha conselhavam, que se fosse lançar da outra banda das ilhas, ate que o temporal passasse, porque alli estaria seguro. Vicente Sodre parecendolhe que era isto engano, não fazendo conta do que lhe diziam, lhes respondeo, que as naos que se perdiam com aquelle temporal eram feitas de canas, e tinham as ancoras de pao, que por mui forte que fosse as suas poderiam bem sperar, no lugar em questavam, nem com quantas replicas lhe os mouros sobre isto fizeram, se quis mudar: mas como os misterios de Deos sam grandes, e ocultos, logo alli quis executar o castigo que merecia, pela deshumanidade, e crueza que uzou em Cochim, deixando hum Rei, tanto nosso amigo, e seus proprios naturaes Portuguezes em perigo tam evidente. Finalmente Pero Raphael, Fernam Rodriguez Badarças, e Diogo Pirez, posto que lhe mandasse que se nam apartassem delle, lhe nam quiseram obedecer, e se passarm pera á outra banda da ilha, já ao derradeiro dia do mes Dabril, ficando alli Vicente Sodre, e seu irmão Bras Sodre, e a gente da caravella que estava a monte de

que era capitam Pero Dataide. Ancoradas estas tres velas detras das ilhas sobreveo o temporal, que os Mouros diziam, com tanta furia que as duas naos deram a costa, e se fizeram em pedaços, em que morreo a mór parte da gente, e o mesmo Vicente Sodre, e seu irmam Bras Sodre, sem se salvar cousa nenhuma, senam o que o mar lançou na praia, que foram enxarceas, mastos, pipas, e cousas desta calidade, com muitos corpos mortos, porque nem do dinheiro, nem das mercadorias, que eram muitas, e de muito preço se pode cobrar nadá, posto que se nisso trabalhasse muito. Passada esta tormenta, as tres naos questavam de tras das ilhas se vieram ao mesmo lugar, onde se os Sodres perderão donde, como a caravella de Pero Dataide foi concertada, se partiram elegendo-o a elle por seu capitam assentando todos de se irem rota abatida caminho de Cochim, socorrer a el Rei, e os Portugueses que lá deixaram por lhes parecer juizo de Deos, o que acontecera aquelles dous irmãos. Isto era ja meado de Maio em que he a força do inverno naquellas partes, pelo que com temporaes que lhes davam de rosto, nam poderam chegar a Cochim, como desejavam, e foam constrangidos tomar Anchediva, onde invernaram, ao qual porto, quatro dias depois de sua vinda, chegou Antonio do campo, hum dos capitaens darmada de dom Vasquo da Gama, que por morrer o Piloto navegou sempre ao longo da costa, com muito trabalho, e perda de gente que lhe morrera.

## CAPITULO LXXV

*Do nascimento da Infante donna Isabel, e do capitulo que el Rei fez no convento de Thomar da ordem de nosso Senhor JESU CHRISTO.*

**N**ESTE anno de M. D. iii. aos vinte quatro dias Douctubro, huma quarta feira antre as tres, e quatro horas depois da mea noite, nasceo em Lisboa, nos paços Dalcaçova a Infante donna Isabel, do parto da qual a Rainha donna Maria sua mãi ficou alguns dias mal disposta, no nascimento desta Princeza ouve os mesmos sinaes, e tormentas que no do Principe dom Ioam seu irmam. Foi mulher muito fermosa, e muito isenta de sua condiçam, e de tam altos pensamentos, que presopos de nam casar senam com o mor senhor da Christandade, que era o Emperador dom Carlos quinto do nome, seu primo com irmam, senhor dos regnos de Castella, Aragam, Napoles, Sicilia, Archeduke Daustria, e de Ostroique, Duque de Milam, Conde de Tirol, senhor dos estados de Flandres, e das Indias Occidentaes, com o qual Emperador depois da morte del Rei seu pai, a casou el Rei dom Ioam terceiro, seu irmam, no anno de M. D. xxvj, com dote de novecentos mil cruzados em dinheiro de contado, cem mil em joias, enxoval, dote que nunca mulher, que nam fosse herdeira, trouxe em casamento a seu marido. No fim destanno de M. D. iij. ordenou el Rei capitulo no convento de Tomar, pera entender em algumas desordens, que avia nos commendadores, e freires da ordem de nosso senhor Jesu Christo. No qual capitulo sendo junto todos los commendadores, que se

ahi poderam achar, se fizeram muitas, e boas consti-  
tuições, perque se ao presente rege e governa  
aquella ordem. Nestanno morreo em Roma o Papa  
Alexandre, e logo apos elle o Papa Pio, per cujo fa-  
lecimento foi ellecto o Papa Iulio, natural da villa de  
Saona que agora he dos Genoeses.

## CAPITULO LXXVI

*De como el Rei mandou mestres a Congo, pera ensi-  
narem os daquellas provincias as cousas da nossa  
fé, e Lopo Soarez a India por capitão de huma gros-  
sa armada.*

**E**L REI dom Emanuel era de sua natural condi-  
çam religioso, e em todos seus negocios a  
primeira cousa, de que sempre tratava, era do  
serviço de Deos, e doutrina de sua Sancta fé, do qual  
zello movido determinou no começo do anno de  
M. D. iiij, mandar homens letrados na sacra Theolo-  
gia ao regno de Congo, com os quaes mandou mes-  
tres de ler, e screver, e outros pera la ensinarem o  
canto cham da egreja, e musica do canto dorgão, e  
aos principaes a que encarregou destes negocios man-  
dou entregar muitos livros de doutrina Christãa, ves-  
timentas de brocado, e seda, cruces de prata, calix  
turibullos, e outras cousas necessarias pera o serviço  
divino, e a todos elles deu ordenados e embarçam  
pera suas pessoas, e gasalhado, tudo a custa de sua  
fazenda. Õs quaes depois de serem naquellas partes  
fizeram muito fructo, convertendo muitos dos ha-  
bitadores della a fé de nosso Senhor Jesu Christo,

allem do que fez el Rei tanto per suas cartas, e rogos, que os Reis, e senhores daquella barbara provincia lhe mandaram seus filhos, e parentes moços pera em Portugal lhes ensinarem as cousas da fé, estudos de philosophia, boas artes, e costumes, o que tudo mandou fazer a sua custa, repartindo estes moços per mosteiros, e casas de pessoas doctas, e religiosas, que os ensinassem, dos quaes muitos sairam letrados, e delles taes que depois fizeram muito fructo em suas terras, pregando nellas a fé catholica, obra certo digna de muito louvor, pela qual, e per outras taes que em sua vida el Rei fez, Deos foi sempre guiador de suas cousas, prosperando-lhas, ate a hora de sua morte, de bem em milhór. Neste anno de M. D. iiij. mandou el Rei a India por capitam de huma grossa armada Lopo Soarez Dalvarenga, filho de Rui Gomes Dalvarenga chanceler mór que fora del Rei dom Atonso o quinto, da qual armada se tratara no anno seguinte de M. D. v. em que tornou ao regno.

## CAPITULO LXXVII

*Do que Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque passaram em sua viagem, ate chegarem a Cochim.*

**H**A armada que el Rei mandou no anno de M. D. ij. de que foi por capitam o Almirante dom Vasquo da Gama, hia tambem concertada, assi de muniçoens de guerra, como de gente que pareceo a el Rei excusado mandar no de Mil, e quinhentos, e tres, mais que seis Naos, confiado que antes que dom Vasquo partisse da India deixaria os negocios em termo que os nossos podessem tratar com os da terra, como com amigos, e que se guerra ouvesse, seria no mar contra os Mouros, que navegavam dos mares Darabia, e Roxo pera o Malabar. Destas seis naos, como atras fica dito, fez duas capitancias, das quaes deu hum a Afonso Dalbuquerque, os outros dous capitaens que hiam debaixo da sua bandeira eram Duarte Pacheco Pereira, de quem atras fallei, e fallarei ao diante, o terceiro era Fernam Martins Dalmada que morreo nesta viagem, a outra capitania deu el Rei a Francisco Dalbuquerque primo Dafonso Dalbuquerque, os outros dous capitaens eram Nicolao Coelho, que foi com dom Vasquo da Gama a primeira vez a India, e Pero Vaz da Veiga, em cuja companhia mandou hum Valenciano per nome Antam Lopez que viera da India com Ioam da Nova, o qual Antam Lopez el Rei mandava com embaixada ao Emperador da Ethiopia, e Reis dos Abexis. Partio Afonso Dalbuquerque do porto de Bethalem, a seis Dabril destanno de M. D. iii, e Francisco Dalbuquerque aos xiiij. do mesmo, dos quaes Francisco Dal-

buquerque fez o caminho primeiro, que Afonso Dalbuquerque, porque chegou no mes Dagosto a Anche-diva com Nicolao Coelho, sem Pero Vaz da Veiga, que se perdeu sem se saber como. Alli achou Francisco Dalbuquerque Pero Dataide, e outros capitaens que escaparam da tormenta de Curiamuria, onde se perderam os Sodres, e com elle Antonio do Campo, de quem atras fallei, dos quaes soube o que se passava em Cochim, pelo que posto que ainda o inverno durasse, se foi caminho de Cananor, onde chegou com estas seis velas, e soube dos nossos que alli estavam particularmente tudo o que acontecera a el Rei de Cochim na guerra passada, e o mesmo lhe contou el Rei de Cananor, pelo que se fez logo a vela pera Cochim, onde chegou um sabbado dous dias de Setembro, do que el Rei que ainda estava em Vaipim, e todollos que se alli recolheram foram mui alegres, e sobre todos os nossos, que a olhos longos estavam sperando naos, e novas de Portugal. A gente de guerra que el Rei de Calecut deixara nas tranqueiras que mandara fazer em Cochim, no dia que a nossa armada chegou, se acolheo pera Cranganor, por lho assi ter mandado dizer el Rei de Calecut, como soube que a nossa frota era chegada a Cananor. Francisco Dalbuquerque depois que as naos surgirão se foi nos bateis a ilha de Vaipim, onde o el Rei de Cochim veio receber a praia, e sem nenhuma superstição das que vião em suas vistas os Reis do Malabar, o levou nos braços em saindo do batel dizendo a alta voz Portugal, Portugal, e assi todolos Naires que com elle estavam, ao que os nossos com a mesma alegria responderão Cochim, Cochim, com a qual festa a som de anafis, e outros instrumentos da terra, e das nossas trombetas se forão para dentro da ilha onde depois de Francisco



Dalbuquerque ter sabido as necessidades del Rei de Cochim, procedidas da amizade que tinha com os Portuguezes, allem do presente que lhe dava da parte del Rei dom Emanuel, lhe deu dez mil cruzados do dinheiro que trazia para despesa darmada, e carga das naos, aqual liberalidade não tão somente fez espanto aos del Rei de Cochim, mas muita enveja aos que o deixaram pelo serviço del Rei de Calecut, do que ao mesmo Rei coube boa parte, porque esta gente do Malabar he huma das mais dada a interesse, e a seu particular proveito, e de menos despesa de todallas que se no mundo sabe. Entregue pelo feitor darmada este dinheiro aos officiaes del Rei de Cochim, logo no mesmo dia o levou Francisco Dalbuquerque nos bateis a cidade, e lhe deu a posse della em nome del Rei dom Emanuel. E por não estar ocioso, no mesmo dia deu em huma ilha que está defronte de Cochim de que o Caimal se lançara com el Rei de Calecut, onde matou muitos dos da terra que estavam bem descuidados deste sobresalto, e queimadas algumas das povoações da ilha se tornou victorioso pera Cochim, donde logo ao outro dia deu em outra ilha del Rei de Cochim per nome Chirivaim, de que tambem o caimal lhe fora tredor, lançandosse com el Rei de Calecut, o qual caimal matou com muitos dos seus naires, postoque consigo tivesse tres mil, e muitos paraos, com gente del Rei de Calecut, allem do que lhe queimou as casas em que morava, no qual negocio Duarte Pacheco Pereira, Nicolao Coelho, Antonio do Campo, e Pero Dataide fezerão o que a bons e esforçados cavalleiros convinha, porque Duarte Pacheco desbaratou a gente, e paraos del Rei de Calecut, e Nicolao Coelho, Antonio do Campo, e Pero Dataide ganharão as tranqueiras dos paços do Caimal, e o mataram, e

mandaram poer fogo ás casas. Avida esta victoria por ser de calidade pera isso, armou Francisco Dalbuquerque alguns cavalleiros no mesmo lugar em que a ouvera. O que feito se tornou pera Cochim, donde ao outro dia fez entrada na ilha de Repelim que he del Rei de Calecut, na qual achou resistencia de mais de dois mil Naires que desbaratou, e fez fugir ate o principal lugar da ilha, onde ouve com elles crua peleja, mas em fim depois de serem muitos mortos, os outros desempararão o lugar, do qual Francisco Dalbuquerque deu o despojo aos Naires del Rei de Cochim, do que lhe deram graças e roubarão tudo o que acharão, o que feito lhe mandou poer o fogo. Avidas estas victorias, com seiscentos Portuguezes que Francisco Dalbuquerque levou consigo, e alguns naires del Rei de Cochim, elle se tornou perá Cidade, onde o el Rei recebeo com tanta festa, e alegria, como o soem fazer os vencidos, e desbaratados áquelles per cuja ajuda, e favor sam restituidos nos regnos, senhorios, e bens de que per tyrania de guerra, e outros desastres sam despossados, sem speranza de restituçam.

## CAPITULO LXXVIII

*De como el Rei de Cochim deu licença a Francisco Dalbuquerque pera fazer huma fortaleza onde lhe bem parecesse, e da chegada D'afonso Dalbuquerque.*

VENDO Francisco Dalbuquerque o tempo disposto, e quanta necessidade avia de se fazer huma fortaleza em Cochim, pera segurança dos nossos, e do mesmo Rei, lhe pedio pera isto licença, a qual lhe deu, mostrando levar disso muito contentamento, e dizendolhe que a queria fazer á sua custa, por serviço del Rei de Portugal seu irmão. Avida a licença Francisco Dalbuquerque, com parecer dos outros capitaens, e feitor assentou, que se fizesse acima de Cochim, na borda do rio, em hum lugar forte, e defensavel, de que se podia fazer muito damno aos del Rei de Calecut por acostumadamente entrarem por aquella banda quando faziam guerra ao de Cochim, e por nam terem entam pedra, nem cal prestes a fezeram de madeira de Palmeiras, e doutras arvores, que el Rei deu licença, que se cortassem nos seus bosques, e palmares. Esta obra se começou aos xxvij, dias de Setembro do anno de M. D. III. a qual el Rei hia ver muitas vezes, não querendo que trabalhassem os nossos nella, senão os da terra, e assi o pedio a Francisco Dalbuquerque: com tudo pelo desejo, que tinham de a acabar, assi Indios como Portugueses trabalhavão de mestura. Andando Francisco Dalbuquerque occupado nesta obra quatro dias depois de ser começada, chegou Afonso Dalbuquerque a Cochim, com as suas

tres naos, e a gente asaz bem disposta, posto que na viagem passassem muitas tormentas, e tempos contrarios, que lhe causaram chegar tão tarde, com cuja vinda se acabou a fortaleza com mor brevidade, o que feito ordenaram os capitaens huma procissam em que o vigario levava hum Crucifixo de baixo de hum paleo, indo diante trombetas, e foliães, e assi forão per toda a cidade com muito espanto dos Indios, de verem o nosso modo de religião, e prazer por caso da folia, cousa que aquelle tempo não virão, na qual ordem entrarão na fortaleza, que o vigario logo benzeo, e lhe pos nome Emanuel, por lembrança de nosso Senhor, cujo o proprio nome he, e por memoria del Rei dom Emanuel, em cujo tempo se fezera, e a Cruz pos na Egreja, que ja estava começada, e lhe deu nome da invocação de S. Bartholomeu. Acabada a fortaleza, Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque começarão de novo continuar na guerra contra el Rei de Calecut, fazendo logo sua entrada com setecentos Portugueses, e alguns Naires del Rei de Cochim pera irem sobre humas povoaçoens do senhor de Repelim, cinco legoas de Cochim, de longo do rio, nas quaes deram de subito, e matarão muitos dos imigos, e os outros fizeram fugir, mas depois da terra ser apelidada, se ajuntaram mais de seis mil Naires, que os trataram mal, se não fora a boa ordem em que se recolherão aos bateis, no qual negocio por Duarte Pacheco não achar o seu no lugar em que o deixara, teve trabalho em se defender daquelles que o seguião, por o apertarem tanto, que se não fora o grande esferço com que pelejou, e acudirhe Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque nos bateis, difficilmente podera escapar das mãos dos imigos. Embarcado Duarte Pacheco se foram todos pera Cochim com oito homens feridos de frecha-

das, e nenhum morto, levando consigo sete paraos que tomaram, a fora quinze que queimaram, questavão varados em terra. Chegados a Cochim sem entrarem na fortaleza logo aquella mesma noite forão dar em outros lugares do mesmo senhor do Repelim, na qual entrada por Afonso Dalbuquerque se adiantar dos outros bateis, correo grande risco, porque os naires que guardavão a povoaçam que elle foi cometer, lhe matarão dous homens, e ferirão vinte, no que esteve ate o romper da alva, a qual hora chegou a elle Francisco Dalbuquerque, e os outros capitães, que se logo lançaram dos bateis, e paraos pera lhe acodir, com cuja vinda os imigos foram desbaratados, fugindo pelos palmares, matando os nossos muitos delles no alcance. Acabado este negocio, e queimada a povoaçam, foram dar no mesmo dia na ilha de Cambalam, onde queimaram duas grandes povoações, e mataram mais de setecentos dos imigos, com a qual victoria se tornaram a Cochim, dando conta a el Rei do que fizeram, do que levou muito contentamento. Com tudo porque de sua condiçam era muito bom homem, e piadoso, lhes rogou que nam fizessem mais mal do que ja tinham feito, que elle se dava por vingado de seus imigos, o que nam abastou pera os nossos deixarem de fazer outra entrada pelas terras del Rei de Calecut, e imigos del Rei de Cochim da qual Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, depois de terem feito assaz de mal nos lugares sobre que foram dar, se recolheram com muito trabalho, por virem sobrelle seis mil Naires, entre os quaes avia alguns espingardeiros. Nesta entrada desbaratou Duarte Pacheco, com a gente da sua capitania trinta, e quatro paraos del Rei de Calecut bem armados, que defendiam os passos aos mercatores que trazião pimenta a Cochim, pera carga das naos.



BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXI)

---

---

# CHRONICA

## D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

---

VOL. III

---

*ESCRITORIO*

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—  
1909

CHRONICA

DE FRU D. MANUEL

DP

604

66

1909a

v. 3



BIBLIOTHECA  
DE  
**Classicos Portuguezes**

Proprietario e fundador  
*MELLO D'AZEVEDO*





## CAPITULO LXXIX

*Do sitio da Cidade de Coulão e dos costumes dos Christãos que nella vivem, e de como Afonso Dalbuquerque foi la com tres naos, e do que fez.*

**H**A cidade de Coulam foi antigamente a mais rica, e prospera de toda a terra do Malabar, mas posto que ainda seja huma das principaes desfes muito nella a de Calecut, de pois que os mouros alli assentaram tratto, e o mesmo a de Cochim, depois que os Portugueses nella fizeram residencia. Ha de huma a outra dozè legoas, as casas, e pagodes sam como as das outras cidades do Malabar, tem muito bom porto, abastada de mantimentos, ha nella muitos mercadores christãos, mouros, e gentios. O Rei he rico, e poderoso, por caso dos muitos

mandaram poer fogo ás casas. Avida esta victoria por ser de calidade pera isso, armou Francisco Dalbuquerque alguns cavalleiros no mesmo lugar em que a ouvera. O que feito se tornou pera Cochim, donde ao outro dia fez entrada na ilha de Repelim que he del Rei de Calecut, na qual achou resistencia de mais de dois mil Naires que desbaratou, e fez fugir ate o principal lugar da ilha, onde ouve com elles crua peleja, mas em fim depois de serem muitos mortos, os outros desempararão o lugar, do qual Francisco Dalbuquerque deu o despojo aos Naires del Rei de Cochim, do que lhe deram graças e roubarão tudo o que acharão, o que feito lhe mandou poer o fogo. Avidas estas victorias, com seiscentos Portugueses que Francisco Dalbuquerque levou consigo, e alguns naires del Rei de Cochim, elle se tornou perá Cidade, onde o el Rei recebeo com tanta festa, e alegria, como o soem fazer os vencidos, e desbaratados áquelles per cuja ajuda, e favor sam restituidos nos regnos, senhorios, e bens de que per tyrania de guerra, e outros desastres sam despossados, sem speranza de restituçam.

## CAPITULO LXXVIII

*De como el Rei de Cochim deu licença a Francisco Dalbuquerque pera fazer huma fortaleza onde lhe bem parecesse, e da chegada Dafonso Dalbuquerque.*

VENDO Francisco Dalbuquerque o tempo disposto, e quanta necessidade avia de se fazer huma fortaleza em Cochim, pera segurança dos nossos, e do mesmo Rei, lhe pedio pera isto licença, a qual lhe deu, mostrando levar disso muito contentamento, e dizendolhe que a queria fazer á sua custa, por serviço del Rei de Portugal seu irmão. Avida a licença Francisco Dalbuquerque, com parecer dos outros capitaens, e feitor assentou, que se fizesse acima de Cochim, na borda do rio, em hum lugar forte, e defensavel, de que se podia fazer muito damno aos del Rei de Calecut por acostumadamente entrarem por aquella banda quando faziam guerra ao de Cochim, e por nam terem entam pedra, nem cal prestes a fizeram de madeira de Palmeiras, e doutras arvores, que el Rei deu licença, que se cortassem nos seus bosques, e palmares. Esta obra se começou aos xxvij, dias de Setembro do anno de M. D. III. a qual el Rei hia ver muitas vezes, não querendo que trabalhassem os nossos nella, senão os da terra, e assi o pedio a Francisco Dalbuquerque: com tudo pelo desejo, que tinham de a acabar, assi Indios como Portugueses trabalhavão de mestura. Andando Francisco Dalbuquerque occupado nesta obra quatro dias depois de ser começada, chegou Afonso Dalbuquerque a Cochim, com as suas

tres naos, e a gente asaz bem disposta, posto que na viagem passassem muitas tormentas, e tempos contrarios, que lhe causaram chegar tão tarde, com cuja vinda se acabou a fortaleza com mor brevidade, o que feito ordenaram os capitaens huma procissam em que o vigario levava hum Crucifixo de baixo de hum paleo, indo diante trombetas, e foliães, e assi forão per toda a cidade com muito espanto dos Indios, de verem o nosso modo de religião, e prazer por caso da folia, cousa que aquelle tempo não virão, na qual ordem entrarão na fortaleza, que o vigario logo benzeo, e lhe pos nome Emanuel, por lembrança de nosso Senhor, cujo o proprio nome he, e por memoria del Rei dom Emanuel, em cujo tempo se fezera, e a Cruz pos na Egreja, que ja estava começada, e lhe deu nome da invocação de S. Bartholomeu. Acabada a fortaleza, Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque começarão de novo continuar na guerra contra el Rei de Calecut, fazendo logo sua entrada com setecentos Portugueses, e alguns Naires del Rei de Cochim pera irem sobre humas povoaçoes do senhor de Repelim, cinco legoas de Cochim, de longo do rio, nas quaes deram de subito, e matarão muitos dos imigos, e os outros fizeram fugir, mas depois da terra ser apelidada, se ajuntaram mais de seis mil Naires, que os trataram mal, se não fora a boa ordem em que se recolherão aos bateis, no qual negocio por Duarte Pacheco não achar o seu no lugar em que o deixara, teve trabalho em se defender daquelles que o seguião, por o apertarem tanto, que se não fora o grande esferço com que pelejou, e acudirhe Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque nos bateis, difficilmente podera escapar das mãos dos imigos. Embarcado Duarte Pacheco se foram todos pera Cochim com oito homens feridos de frecha-

das, e nenhum morto, levando consigo sete paraos que tomaram, a fora quinze que queimaram, questavão varados em terra. Chegados a Cochim sem entrarem na fortaleza logo aquella mesma noite forão dar em outros lugares do mesmo senhor do Repelim, na qual entrada por Afonso Dalbuquerque se adiantar dos outros bateis, correo grande risco, porque os naires que guardavão a povoaçam que elle foi commeter, lhe matarão dous homens, e ferirão vinte, no que esteve ate o romper da alva, a qual hora chegou a elle Francisco Dalbuquerque, e os outros capitães, que se logo lançaram dos bateis, e paraos pera lhe acodir, com cuja vinda os imigos foram desbaratados, fugindo pelos palmares, matando os nossos muitos delles no alcance. Acabado este negocio, e queimada a povoaçam, foram dar no mesmo dia na ilha de Cambalam, onde queimaram duas grandes povoações, e mataram mais de setecentos dos imigos, com a qual victoria se tornaram a Cochim, dando conta a el Rei do que fizeram, do que levou muito contentamento. Com tudo porque de sua condiçam era muito bom homem, e piadoso, lhes rogou que nam fizessem mais mal do que ja tinham feito, que elle se dava por vingado de seus imigos, o que nam abastou pera os nossos deixarem de fazer outra entrada pelas terras del Rei de Calecut, e imigos del Rei de Cochim da qual Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, depois de terem feito assaz de mal nos lugares sobre que foram dar, se recolheram com muito trabalho, por virem sobrelle seis mil Naires, entre os quaes avia alguns espingardeiros. Nesta entrada desbaratou Duarte Pacheco, com a gente da sua capitania trinta, e quatro paraos del Rei de Calecut bem armados, que defendiam os passos aos mercatores que trazião pimenta a Cochim, pera carga das naos.





BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXI)

---

---

CHRONICA  
D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

---

VOL. III

---

*ESCRITORIO*

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—  
1909

CHRONICA

D. EL-RIU D. MANUEL

DP

604

66

1909a

V. 3

BIBLIOTHECA  
DE  
**Classicos Portuguezes**

Proprietario e fundador  
*MELLO D'AZEVEDO*





## CAPITULO LXXIX

*Do sitio da Cidade de Coulão e dos costumes dos Christãos que nella vivem, e de como Afonso Dalbuquerque foi la com tres naos, e do que fez.*

**H**A cidade de Coulam foi antigamente a mais rica, e prospera de toda a terra do Malabar, mas posto que ainda seja huma das principaes desfes muito nella a de Calecut, de pois que os mouros alli assentaram tratto, e o mesmo a de Cochim, depois que os Portugueses nella fizeram residencia. Ha de huma a outra dozè legoas, as casas, e pagodes sam como as das outras cidades do Malabar, tem muito bom porto, abastada de mantimentos, ha nella muitos mercadores christãos, mouros, e gentios. O Rei he rico, e poderoso, por caso dos muitos

portos do mar que tem onde ordinariamente entram muitas naos carregadas de mercadorias, de que lhe pagam direiios: traz sempre muita gente a soldo, tem muitas vezes guerra com os de Narsinga, o mais do tempo reside nas cidades do sertam, e na de Coulam tem sempre por regedores, e governadores pessoas principaes de seu regno, por ser de muito trato, e muito frequentada de estrangeiros. Neste regno de Coulam avia naquelle tempo mais de doze mil casas de christãos da crença dos que naquella provincia se converteram pela pregaçam do Apostolo S. Thome. Allem das Egrejas que tem pelo sertam, ha na cidade huma mui antiga, a qual dizem os christãos que fundou o mesmo Apostolo milagrosamente, e que jaz sepultado na cidade de Malapur, do senhorio del Rei de Narsinga na mesma costa, a egreja onde jaz he como as nossas, não tem outras imagens que cruces nos altares, e huma de pao grande no meo de aboboda, como tem todalas outras que ha naquellas provincias. Estava neste tempo em que lá foi Afonso Dalbuquerque toda cuberta de mato, por aquella Cidade ser muito pobre, e despovoada: tinha cuidado della hum Mouro que se mantinha desmolas que lhe faziam, assi christãos, como mouros, e gentios que alli vam em romaria, porque todos tem nella devaçam polos milagres que o Apostolo ahi faz. Dizem estes christãos que quando enterrarão o corpo deste bemaventurado Apostolo que nunca lhe poderam meter o braço direito debaixo da terra porque com este meteo os dedos no lado de nosso Senhor Iesu Christo, e que assi esteve muitos annos, ate que no tempo em que os Christãos conquistaram a India, foram alli ter alguns delles em romaria, os ques lhe quizeram cortar o braço pera o levarem consigo a suas terras por reliquia, e que em lho querendo cortar

sencolheo pera debaixo da terra, sem o ninguem mais nunca ver. Tem estes Christãos de Coulão lenda da vida, e milagres deste Apostolo, e livros de costumes Ecclesiasticos, per que se regem, e governam acerca da religiam, do que tudo me pareceo asaz screver aquillo que abasta pera se saber onde jaz o seu corpo, e que ha na quellas partes estes, e outros christãos, de que tratarei adiante. Mas tornando ao que toca aos negocios da guerra, que Afonso Dalbuquerque, e Francisco d'Albuquerque fazião a el Rei de Calecut foi em tanto crescimento, que os mercatores que acostumavam trazer pimenta a Cochim pelos rios abaixo, o nam ousavam fazer, porque os de Calecut matavam, e roubavam muitos delles, pelo que foi necessario ir Afonso Dalbuquerque carregar tres naos a Coulam, ao que o moveo ter-lhes a Rainha viuva, mãi del Rei scripto que fossem aquelle seu porto, e lhes mandaria dar toda a pimenta que lhes fosse necessaria, com quem foram Pero Dataide, e Antonio do Campo, onde em chegando Afonso Dalbuquerque o vieram os regedores da Cidade visitar a sua nao, offerecendo-lhe da parte da Rainha, e del Rei tudo o que lhe fosse necessario. Assi que feita ha carga, e assentadas pazes, e amizade com os regedores, elles em nome del Rei de Coulam, e Afonso Dalbuquerque em nome del Rei dom Emanuel, se partio pera Cochim, deixando alli Antonio de Sá de Santarem por feitor, e Rui Daraujo, e Lopo Rebello, por scrivães, e frei Rodrigo por capellão, e Rui Dabreu, e Gonçalo Gil com outros Portugueses, que seriam por todos ate vinte.

## CAPITULO LXXX

*De como se fezeram pazes entre os nossos, e el Rei de Calecut que se logo quebraram, e da partida de Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque pera o regno, e do que passaram na viagem.*

**E**L REI de Calecut arrependido da guerra que tinha com el Rei de Cochim, e com os nossos deseioso de paz, por saber que della lhe avia de seguir proveito, deu disso conta ao Principe Naubeadarim seu sobrinho, que sempre fora contrairo a esta guerra, per cujo conselho, e parecer se tratou com Francisco Dalbuquerque, com tanto segredo, que os mouros da terra o nam souberam se nam depois de ser assentada, e os contratos assinados, a força dos quaes era que el Rei de Calecut fosse amigo del Rei de Cochim, e mandasse logo recolher as armadas que trazia pelos rios, e que pela fazenda que fora tomada a Pedralvrez Cabral, quando mataram Aires Correa, daria logo mil, e quinhentos bahares de pimenta pera carga darmada, que faz cada bahar tres quintaes tres arrobas, e dezoito arratens de nosso peso, e de qualquer outra mercadoria quatro quintaes, e que nenhum mouro dos de Calecut podésse navegar pera o mar Darabia: nas quaes capitulações Francisco Dalbuquerque insistio muito por aver os dous Milaneses que se lançaram em Calecut, mas el Rei lhos não quis entregar, dando pera isso razões suficientes. Isto assi concluido, e assentado, Naubeadarim se foi a Cranganor per mandado del Rei seu tio, onde começou a fazer a entrega da pimenta, e tendo já dados oitocentos bahares a Duarte Pache-



quo Pereira, que lá a isso mandara Francisco Dalbuquerque, trabalhando pera ajuntar toda a somma, aconteceu que Diogo Fernandez Correa teitor de Cochim, sabendo que hia hum tone carregado de pimenta pera Cranganor, que era del Rei de Calecut, sem disso dar conta a Francisco Dalbuquerque, o mandou tomar por força, e trazer a Cochim, e porque os do tone se defendião, com dizer, que eram amigos del Rei de Calecut, com quem ja tinhamos paz, e que aquella pimenta era pera os Portugueses, e nada disto aproveitar, vierão ás mãos, no qual debate matarão os nossos seis dos Malabares, que hiam no tone, e ferirão outros, o que não foi sem os Malabares ferirem tambem muitos dos nossos, do que logo Naubedarim se aqueixou a Francisco Dalbuquerque, pedindo-lhe que deste caso se fizesse emenda, para satisfação del Rei de Calecut, o que não fazendo, soubesse de certo, que segundo el Rei era de sua condição avia de quebrar as pazes, e vingarse dáfronta, que lhe era feita, ao que Francisco Dalbuquerque não satisfez, nem com obras, nem com palavras, pelo que logo el Rei de Calecut mandou soltar os paráos darmada pelos rios, e a guerra se renovou, per culpa dos nossos, a qual começada el Rei de Cochim dixe a Francisco Dalbuquerque, que a determinação del Rei de Calecut era em elle partindo da India, buscar todolos modos de o destruir, pelo que lhe pedia, que lhe deixasse companhia de Portugueses pera sua guarda, e defensam do seu regno, o que lhe prometteo fazer, mas a companhia não foi tal, qual pera hum tamanho negocio convinha, porque se partio com não deixar mais em seu favor, que huma nao, e duas caravellas, e hum batel grande de huma nao, com obra de cem homens Portugueses, afora cinquenta, que ficavão na fortaleza, a capitania das

quaes quatro velas deu a Duarte Pacheco Pereira, que por serviço de Deos, e del Rei dom Emanuel a acceptou, sem arrecear o grande perigo em que ficava: os capitães das caravellas eram Pero Raphael, e Diogo Pirez. Isto feito, e chegado Afonso Dalbuquerque de Coulão com as tres naos que lá fora carregar, se partirão de Cochim pera Cananor, onde recebeu cartas de Rodrigo Reinel, que ficara em poder de Naubeadarim em Cranganor onde estava recebendo a pimenta quando se aguerra rompeo, porque o avisava do gram poder que el Rei de Calecut ajuntava contra el Rei de Cochim, e o mesmo aviso teve per cartas de Cojebequij, o Mouro nosso amigo, que morava em Calecut, mas nem isto aproveitou pera deixarem mais gente a Duarte Pacheco. Dalli se foram a Calecut, onde depois de surtos mandarão pedir a el Rei Rodrigo Reinel, e outros Portugueses que stavam em seu poder, do que se excusou, pelo que por se passar o tempo da navegação nam quisera mais sperar. Tomada dalli sua derrota caminho do regno, partio primeiro Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque depois, ao derradeiro de Ianeiro de mil, e quinhentos, e quatro, na qual viagem se perderão elle, e Nicolao Coelho sem se saber onde nem como. Pero Dataide se perdeu nos baixos de S. Lazaro, mas a gente se salvou com parte da qual se foi em hum zambuquo a Moçambique, onde morreo, e a outra se foi a Melinde. Antonio do Campo que Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque despacharão da India alguns dias antes que partissem (com as novas da perdição dos Sodres, e guerra dos Reis de Cochim e Calecut) chegou a Lisboa aos xvj. dias de Julho de M. D. iiii, e Afonso Dalbuquerque xxiiij. Dagosto do mesmo anno, o qual entre outras cousas que apresentou a el Rei forão dous cavallos

da Persia grandes, muito fermosos, e ligeiros, que el Rei estimou muito, por serem os primeiros que daquellas partes vieram a este regno.

## CAPITULO LXXXI

*Da viagem que Antonio de Saldanha fez á India, e do que passou ate la chegar.*

**D**EPOIS da partida de Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, mandou el Rei tres naos a India, que antes que elles partissem se fazião prestes, de que deu a capitania a Antonio de Saldanha, os outros capitães que levava debaixo da sua bandeira erão Rui Lourenço Ravasquo, e Diogo Fernandes Peteira de Setuval. Esta capitania ordenou el Rei pera andar darmada desno cabo de Guardafum, ate as portas do estreito do mar Dabria, das quaes tres naos depois que partirão do porto de Bethalem, atraves do cabo verde, com temporal, se perdeu da companhia a de Diogo Fernandes Peteira, e sem se mais verem, foi ter a costa de Melinde, onde fez presas, e dalli se foi invernar a ilha de Çacotora, a qual ate aquelle tempo nenhuma das nossas naos fora ter donde depois de passado o inverno navegou perá India, estando lá Lopo Soares Dalvarenga prestes pera se partir pera o regno, como se ao diante dirá. Antonio de Saldanha seguindo sua viagem, per má navegaçam, e negligencia do Piloto, foi ter a ilha de Sam Thome, donde depois que partio se apartou delle com temporal Rui Lourenço Ravasquo, que elle depois achou em Melinde fazendo guerra a el Rei de Mombaça, em favor do de Melinde, como logo veremos. Navegando Antonio de Saldanha em busca

do cabo da boa Sperança, o Piloto o levou á quem, a huma enseada, dando-lhe a entender que o tinha passado, ao qual lugar pela auguoadá que nelle fez ficou nome dauguoadá do Saldanha. Partido dalli dobrou o cabo seguindo sua viagem, em que o deixaremos por fallar hum pouco no que aconteceo a Rui Lourenço Ravasquo depois que se delle apartou, o qual foi ter a Moçambique, e dahi a Quiloa, onde sperou xx. dias por Antonio de Saldanha, mas vendo que não vinha, se foi a ilha de Zamzibar, que he á quem de Mombaça vinte legoas, entre a qual, e a terra firme ha tam pouca distancia, que não pode passar nao nenhuma que se nam veja dambalas partes, pelo que se deixou alli andar dous meses em que tomou mais de xx. zambuquos que hiam carregados de mantimentos pera Zamzibar e os mais destes zambuquos resgatou a dinheiro, mas com que auçam isto podia fazer, defendeo o mao direito da guerra, e tirania della, porque o senhor de Zamzibar estava de paz com nosoutros, e nunca delle receberamos damno. Feitos estes males com os quaes assi este capitam, como muitos outros Portuguezes, deram mais azo de sermos malquistos em toda a costa da Ethiopia, Arabia, Persia, India ate os Chins, que bem queridos, nem amados, Rui Lourenço costeou a Ilha, e foi surgir diante da Cidade de Zamzibar, a quem o senhor della mandou logo perguntar se era elle o capitam Portugues que lhe fazia guerra, sendo elle amigo del Rei de Portugal, e lhe tomava os navios que vinham de paz peraquella sua cidade, carregados de mantimentos, com tudo que lhe pedia que do passado se não fizesse caso, mas que a artelharia que tomara dos zambuquos lhe mandasse. A este recado respondeo Rui Lourenço mais aspero do que convinha, nam tendo conta com tã justa, e honesta petição, do

que se seguiu mandar sobrelle alguns paraos armados e equipados de gente, dos quaes Gomez Carrasco, scrivão da nao, e Lourenço Feo tomaram com o battel da nao quatro que trouxerão a bordo, e os outros desbaratados se tornaram perá terra, com lhe os nossos matarem alguns as bombardas entre os quaes foi hum filho do mesmo senhor da Ilha pelo que temendo que lhe fizessem mais damno, lhe mandou pedir paz, o qual recado Rui Lourenço tomou na sua nao, cuja substancia foi, que não respeitando a perda que tinha recebida, nem a morte de seu filho, e dos que com elle morreram, queria ter paz com el Rei de Portugal, a qual lhe Rui Lourenço concedeo, com ficar tributario cadãno em cem Miti-quaes douro, pagando logo os daquelle anno. Feitas estas pazes, Rui Lourenço se foi pera Melinde, em busca Dantonio de Saldanha, onde achou o Rei nosso amigo de guerra com o de Mombaça por caso damizade que tinha com os Portugueses, pelo que por assi parecer bem a el Rei de Melinde se foi lançar diante da cidade de Mombaça, onde tomou duas naos e tres zambuquos, em que vinhão doze mouros principaes da cidade de Brava, situada abaixo de Melinde cem logoas, e por questes eram as pessoas principais daquella cidade de Brava, e tras elles seguia huma nao sua delles carregada de mercadorias, com medo que lha tomasse Rui Lourenço, allem de resgatarem suas pessoas, se obrigaram a fazer a mesma cidade tributaria a el Rei dom Emanuel em quinhentos mitiquaes douro cadanno, pedindo logo a Rui Lourenço huma bandeira das armas do regno, pera dalli por diante poderem navegar seguros das nossas armadas, a qual lhe elle deu. Estando nestes concertos chegou a mesma nao ao porto, a qual lhe Rui Lourenço entregou livremente, sem del-

la querer tomar cousa nenhuma, pelo que se partiram delle mui contentes. Andando assi occupado Rui Lourenço, chegou Antonio de Saldanha a Mombaça com tres naos que tomara depois que partira de Quiloa, com a vinda do qual temendo el Rei de Mombaça mores damnos pelo mar, dos que ja tinha recebidos, fez pazes com el Rei de Melinde, as quaes assentadas, e juradas Antonio de Saldanha, e Rui Lourenço se partiram perá India, onde chegaram com algumas presas que fezerão desna cidade de Meite que he allem do cabo de Guardafum, ate as ilhas de Canacania, e de Anchediva, dos quaes se dira em seu lugar.

## CAPITULO LXXXII

*Da morte de Dom Afonso Condestabre de Portugal, e da Rainha de Castella donna Isabel, e do nascimento da Infante donna Beatriz.*

**A**TRAS fica dito como o Condestabre dom Afonso casou com donna Ioanna de Noronha, filha de dom Pedro de Meneses, primeiro Marques de villa Real, o qual Condestabre estando em Beja, moço, e na frol da sua idade veo adoecer de doença de que morreo no mesmo lugar, no mes Doctubro destanno de M. D. iiij. de cuja morte el Rei mostrou grande sentimento, por lhe ser muito afeiçoado. Deixou huma só filha per nome donna Beatriz, que allem de ser muito discreta, foi huma das fermosas, e bem dispostas molheres, que em seu tempo ouve nestes regnos, com as quaes partes, e nobreza de sangue, e bom dote que tinha trouxe sempre opi-

nião de casar com o Infante dom Fernando, filho terceiro del Rei dom Emanuel, posto que fosse muito mais moço quella, mas por lhe isto não succeder a vontade casou depois com dom Pedro de Meneses, seu primo com irmão, Conde Dalcoutim, filho herdeiro de Dom Fernando segundo Marques de villa Real, como se ao diante dirá. No mesmo anno de M. D. iiij. faleceo em Medina del Campo a Rainha donna Isabel, cuja morte sencobrio na corte por caso da Rainha donna Maria sua filha andar prenhe, e quasi nos derradeiros dias em que sesperava o parto, no qual Deos a alumiou a huma quarta feira derradeiro dia de Dezembro destanno, estando ella, e el Rei em Lisboa nos paços Dalcaçova, onde pario huma filha a que poseram nome donna Beatriz, que depois casou com dom Carlos Duque de Saboya, do qual casamento se tratará em seu lugar. Neste anno ouve nestes regnos grandes, e espantosos terremotos, com que caíram muitos edificios, de maneira que os homens tomavam por partido abitar nos campos, fora de suas casas, e longe das montanhas, com medo que assi humas como as outras caissem sobrelles.

## CAPITULO LXXXIII

*De como Dom Ioam de Meneses foi por mar a Larache, e do que ahi fez.*

**L**ARACHE he huma villa forte sobre hum rio a cinco legoas Darzilla, em que se recolhem muitas fustas, das que andam a saltar, onde neste tempo estavam quatro caravellas que os mouros tinham tomadas de Portugal, do que dom Ioam de Meneses estava tam magoado que determinou de ir sobresta villa, o qual desejo se lhe acrecentou, vendo hum dia passar por diante Darzilla huma gale Real Dalmandarim alcaide de Tetuão, e cinco galeotas, que iam pera Larache, as quaes na mesma noite mandou espiar per terra, e soube como os mouros vararam as galeotas entre as caravellas, e que ha Real tinham mais perto daguaa apar de hum baluarte, que está na entrada do rio, que guardavam soldados com muita, e boa artelharia, o que sabido armou tres caravellas, que estavam no arrecife, e com outras tres de que era capitão Garcia de Mello, anadel mór dos besteiros da faldrilha, que andava neste tempo no estreito, partio Darzilla aos xxiiij, de Julho do anno de M. D. IIII. vespera do dia da festa de Santiago Apostolo, mandando per terra cinco de cavallo a ver se has galés estavam ainda varadas como dantes, e na mesma noite mandou o batel a terra a tomar falla dos espias, que lhe affirmaram ho que os outros espias tinham dito, o que sabido fez meter as velas, e ao outro dia amanhaceram elle, e Garcia de Mello sobela barra de Larache, junto com o baluarte, mas os mouros que o guardavam conhe-



cendo que as caravellas eram de Christãos começaram de as servir com artelharia, o que vendo dom Ioam, fez guarnecer com colchões, e saquas de lãa, que pera isso trazia, os costados de huma caravella, e como lhe servio a maré mandou ao capitão que se fosse poer defronte do baluarte, pera has outras passarem mais seguras por detras della, as quaes todas forão bem servidas de bombardadas, e frechadas do baluarte, e da gale Real Dalmandarim, com tudo elles passaram, e forão surgir adiante, e em surgindo, por o rio ser alcantilado, saltaram muitos em terra, ao que os mouros acodiram, mas aproveitoulhes pouco, porque ás lançadas, e espingardadas se foram recolhendo contra a gale Real, pondose diante della estes, e outros que se alli mais ajuntáram, com tençam de ha defender do fogo se lho os Christãos quisessem poer, no qual lugar se travou huma brava peleja, em que forão feridos, e mortos muitos delles, ate que a mal de seu grado desempararão a galé, a que se logo pos o fogo de que ardeo toda, e lhe tomaram as cinco galeotas que estavam varadas em terra, e dous bargantins, e huma das quatro caravellas, que elles tinham tomadas, e ás tres por estarem em parte que se não podião tirar, poseram tambem o fogo. O que assi feito, dom Ioão, porque recrecia muita gente dos mouros, servindolhe a mare, mandou recolher os seus, e o mesmo fez Garcia de Mello, e assi se sairão do rio a seu salvo, sem lhe matarem mais que hum só homem, com a qual victoria pos muito espanto aos mouros, porque a dom Ioão ate então nunca lhe tal acontecera naquelle porto, nem sei se aconteceu depois, e assi se veo Arzilla, onde entrou no arrecife com onze velas, partindo da villa com tres, e Garcia de Mello ficou no mar com as suas tres caravellas guardando o estreito, como o dantes

fazia. Com esta nova foi el Rei dom Emanuel mui alegre tendo as cousas de dom Ioam em tanto, que avia mui poucas pessoas no regno de que môr confiança tivesse, que delle, em todos os negocios, que tocavão aos feitos da guerra, na qual foi sempre mui sagaz, deligente, e bem escançado ate ha hora de sua morte, como se no discurso desta Chronica verá.

## CAPITULO LXXXIV

*De como dom Ioam de Meneses foi sobre humas aldeas de Mouros, e do que passou nesta entrada.*

**N**A serra do Farrobo, a cinco legoas Darzila, estão as aldeas de Aljubilia, e Archana, pelo pé da qual serra passa hum rio que de inverno nam tem vao, do que confiados os mouros, estavam nesta sazam fora de cuidar que os Christãos ousassem de cometer a ribeira, lançando seu gado de longo della, andando elles mesmos no campo folgando, e caçando sem nenhum receo. Dom Ioão como era cavalleiro, nam podia sofrer as novas que lhe cada dia os escutas disto davam, pelo que propos de os ir buscar, pera o que mandou logo fazer em sua casa no môr segredo que pode duas barcas quadradas, de grandura que podesse cada huma dellas ir em sua azemala, as quaes acabadas, sperou huma noite de çarração, e tempestade em que mandou tanger as trombetas a cavalgada, do que os fronteiros, e moradores, ficaram espantados por a noite não ser de calidade pera ninguem ousar sair de casa, mas confiados no saber, e esforço de dom Ioam, sem ne-

nhum lhe perguntar o que queria fazer, se poseram todos a cavallo, dos quaes levou consigo duzentos, e vinte, e sendo ja afastado da villa lhes dixe ao que hia, e a causa pera que levava as duas barcas, rogando-lhes, que se na companhia ouvesse quem arrecesasse de ser com elle no feito, que dalli se podia tornar, o que nenhum fez, mas antes lhe responderam todos, que se necessario fosse passarem outra mor ribeira, e seguir mais adiante, que elles o farião, o que dito caminharam ate chegarem á ribeira, que acharam muito temerosa, por caso da agoa que crecera com a chuva, mas posto que muita fosse, e a chuva não cessasse, em chegando mandou a hum seu criado por nome Fernão de Freitas, que passasse a nado com huma corda nos dentes, ate huma coroa que estava allem da vea da agoa, pera por alli allar huma das barcas, que hia atada a esta corda, e ficava amarrada a outra, com as quaes allando, e puxando passou toda a gente com as sellas dos cavallos, e elles á toa. Como dom Ioam se vio da outra banda começou dencaminhar per huma varzea, que per spaço de mea legoa estava alagada da chea, e a lugares tão alta que dava a agoa pellas cilhas aos cavallos, e foi tamanho o medo que a ribeira pos a todos que muitos se tornaram se nam ouverão vergonha de o fazer. Passada a agoa se forão em ordenança poer em cillada sobelas as aldeas, e como se os Mouros nam temiam, em amanhecendo sairão a caçar, e folgar pelo campo, e a suas oras acostumadas lançarão o gado a pacer; mas em todo este tempo nam quis dom Ioam de Meneses sair a estes, sperando que decessem mais das aldeas, a qual hora acertaram de vir dous caçadores dar sobella cilada, pelo que lhe foi forçado descobrirse, e correr aos que ja andavam pello campo, de que os nossos ma-

taram muitos, e captivaram sessenta almas, e trouxeram muito gado grosso, que fizeram passar a agoa a nado, e elles, nas barcas, sem lhes das aldeas sair quem lho estorvasse, e assi chegarão Arzilla ja tarde, onde os tinhão por perdidos, por caso da muita agoa que aquella noite chovera, cuidando que se perderião no rio, ou que se o passassem que não poderião tornar á quem, e que ás mãos os tomarião os Mouros daquellas aldeas, por serem muito povoadas, e aver per toda aquella comarca mui boa gente de guerra.

## CAPITULO LXXXV

*De como depois da partida de Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque se renovou a guerra entre os Reis de Calecut, e de Cochim, e do que Duarte Pacheco Pereira nisso fez.*

**D**UARTE Pacheco com a sua nao e caravella de Pero Raphael, porque a outra de Diogo Pirez ficou em Cochim pera a concertarem, acompanhou Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque em quanto estiveram em Cananor, e no porto de Calecut. Depois da partida dos quaes se tornou pera Cochim por caso da guerra que o Comorij Rei de Calecut queria outra vez começar, onde em chegando el Rei o veo receber, e lhe dixe a certeza que tinha da guerra: e como desesperado de se poder defender lhe pèdio afincadamente que o desenganasse, se era verdade que o avia dajudar nestes trabalhos, ou se eram somente mostras o que andava fazendo, pera o entreter em palavras, ate se ir pera Cananor, ou Coulam, porque com tam pouca gente,

e navios como lhe deixarão Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, duvidava que ousasse de pelear com o poder del Rei de Calecut. Duarte Pacheco, que sobre ser muito bom cavalleiro era demasiadamente colerico, e agastado, movido destas palavras, segundo se nelle vio, esteve quasi pera remeter a el Rei: com tudo cheo de colera lhe dixe, que conflava tanto em Deos que avia de prender el Rei de Calecut, e preso o mandar a Portugal, que descansasse, e fizesse sua gente prestes, que quanto á Portuguesa nam tinha que duvidar. Acabada esta practica el Rei se recolheo pera seus paços, e Duarte Pacheco perá fortaleza, e porque lhe dixerão que os mouros de Cochim com medo del Rei de Calecut se queriam ir todos da cidade, mandou chamar alguns delles a casa de hum dos principaes per nome Clinamacar, onde lhes fez huma falla, exortandoos a se não irem dandolhes razões porque o não deviam fazer, na fim das quaes lhes dixe que jurava per sua lei, que os que se fossem, e depois achasse, que os avia denforçar a todos, e que o mesmo faria logo aos que soubesse de certo que querião desemparar a cidade. Com esta falla, huns per medo, e outros per vontade lhe prometeram de se nam irem pera nenhuma outra parte, e que por serviço del Rei de Portugal, e do de Cochim poriam as vidas, e fazendas. Isto acabado Duarte Pacheco, que em outra nenhuma cousa tinha o sentido, senam em como avia denojar el Rei de Calecut, entrou algumas vezes pelas terras de Repelim, e outras de seus alliados, e vassallos, nas quaes entradas fez muito damno, e queimou muitas povoações, tornando sempre victorioso a Cochim, posto que em huma entrada destas que fez em Repelim lhe ferissem oito dos seus, com as quaes victorias alegrava toda a cidade, e sobre todos el

Rei, que ja começava ter nelle mais confiança do que lhe pouco antes dera a entender. O Camorij Rei de Calecut sabendo o estrago que Duarte Pacheco fazia em suas terras, apressouse o mais que pode, com huma grossa armada per mar, e per terra ate chegar a Repelim, com tenção de entrar na ilha de Cochim, pelo passo de Cambalam, do que certificado Duarte Pacheco per cartas de Rodrigo Reinel, que depois morreo em Calecut, e de Cojebequij, ordenou a gente que avia de ir com elle pera defender o passo, e deixar na sua nao, e fortaleza pelo modo seguinte. Na nao deixou xxv. homens com o mestre Diogo Pereira, que ficou por capitão, com muita artelharia, e munições de guerra em guarda da cidade. Na fortaleza deixou por capitam Diogo Fernandez Correa feitor, com trinta, e nove homens, em que entrava Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz scrivães da feitoria. Consi-go levou a caravella de que era capitam Pero Raphael, com vinta seis homens, e dous bateis, e por capitão de hum, Diogo Pirez com xxiiij. homens, aquem mandou que andasse nelle, ate ser concertada a sua caravella, no outro batel hiam xxij. homens em que entrava o mesmo Duarte Pacheco dos quaes era hum Simão Dandrade, que posto que ainda fosse mancebo ja naquelle tempo dava mostras de quam bom cavalleiro depois sahio. Hião nesta pequena armada lxxiiij. homens Portuguezes com os capitães, todos confessados, comungados, e ajuramentados de morrerem huns pelos outros antes que se deixarem captivar, nem cometerem cousa que prejudicasse a suas honras. El Rei de Cochim estava na cidade quando se Duarte Pacheco desamarrou de diante da fortaleza, e em chegando onde elle estava o veo receber á praia com muita alegria, mas quando vio questava posta a speranza de se perder, ou ficar em seu regno, em

huma tam pequena companhia, em comparaçam do exercito del Rei de Calecut, que com sua gente cobria a terra, e com os paraos intopia os rios do Malabar, com as lagrimas nos olhos lhe pedio, que pois já delle, nem de seu regno se não podia fazer conta, nem em todos elles avia poder, nem resistencia contra seu imigo, lhe rogava que com os seus buscasse modo de se salvar, que pois ja estava certa sua perdiçam, e de todo seu estado, que proveito se lhe podia seguir de perecerem em suas terras, sem lhe poder valler homens, a que tanto bem com razão queria, vendoos tam animados a morrerem, polo livrarem dos trabalhos, e perigos em que o sua triste ventura tinha posto. Duarte Pacheco posto que muito esforçado fosse não ficou sem fazer mudança, nam pelo receo dos perigos que lhe estavam aparelhados, se nam pela compaixão que ouve del Rei, e dos que junto delle estavam, a que todos via com muito menos esforço do que davam a entender as palavras del Rei, com tudo lhe dixe que nam desconfiasse porque a força daquella armada estava no poder de Deos verdadeiro, que os Portugueses criam, e adoravam o qual speravam que confundiria el Rei de Calecut, e faria falsas totalas speranças que lhe seus feiticeiros davam, do sucesso desta guerra que tinha começada, e que isto era quanto a Deos que podia tudo, mas que quanto aos homens, que aquelles seus erão tão esforçados, e o passo onde hia sperar el Rei de Calecut tam estreito que nelle esperava de o desbaratar, sem nenhuma outra ajuda. Com estas e outras palavras o consolou o melhor que pode, fallando sobelo modo que cada hum delles devia ter nesta guerra, perá qual el Rei nam tinha mais que cinco mil naires, por caso de muitos dos seus se lançarem com o Camorij. Destes deu quinhentos a Duarte Pa-

checo, que levou com sigo na caravella, e bateis, e em navios da terra, de que erão capitães Candagora, e Frangora seus veadores da fazenda, e o Caimal de Palurt, e o Panical Darraul, aos quaes mandou que em tudo obedecessem a Duarte Pacheco, que com esta companhia partio de Cochim de noite huma sexta feira ante do Domingo de Ramos, dezaseis dias do mes de Março de M. D. iiij. e duas horas antes do dia chegou ao passo de Cambalam.

## CAPITULO LXXXVI

*Do que Duarte Pacheco fez depois de chegar ao passo de Cambalam, e de como o Camorij, Rei de Calecut o cometeo a primeira vez, e foi desbaratado.*

**E**m Duarte Pacheco chegando ao passo de Cambalam, esteve ate o romper da alva no meo do rio, e em amanhecendo se chegou perá terra, onde achou no porto bem oitocentos Naires dos del Rei de Calecut, que as frechadas, e as espingardadas lhe quizeram tolher que nam desembarcassem, mas em chegando ao porto despararam a artilharia, com que se os imigos fizeram atras, dando-lhes lugar pera desembarcarem: mas depois que os viram em terra, voltaram sobrelles, em que a peleja durou per spaço de mea hora, ate que se poseram em fugida com deixarem alguns mortos no campo. Isto feito, e posto fogo a huma povoaçam que ahi estava junto se recolheram os nossos pera o passo levando consigo algumas vaquas pera mantimento, o que lhes os Naires de Cochim estranharam muito,



por terem os Malabares por religião nam matarem  
vaqua, nem lhe comerem a carne. Recolhido Duarte  
Pacheco ao passo, no mesmo dia a tarde lhe chega-  
ram quinhentos Naires del Rei de Cochim, em com-  
panhia dos quaes vinha Lourenço Moreno com qua-  
tro espingardeiros Portugueses. Quando Duarte Pa-  
checo chegou a este passo de Cambalão não era ain-  
da vindo el Rei de Calecut, o qual ao outro dia  
apareceo defronte donde os nossos estavam, com a  
companhia seguinte. Bertacorol, Rei de Tanor com  
quatro mil Naires, Catanambari Rei de Bipur, e de  
Cucuram, junto da serra de Narsinga, com doze mil  
nares, Cocagatacol Rei de Cotagom, antre Cananor,  
e Calecut, junto da serra, com dezoito mil Naires,  
Currivacuil Rei de Curiga, entre Panane, e Cranga-  
nor, com tres mil Naires. Estes trazião sua gente, e  
bandeiras separadas cada hum por sim, e debaixo da  
bandeira del Rei de Calecut vinha Nambeja seu so-  
brinho, Paramhira senhor de Cranganor, que agora  
he regno, Papucol senhor de Cahliam entre Calecut,  
e Tanor, Parinhara mutacoil senhor da terra que es-  
tá entre Cranganor, e Repelim, Benara senhor de  
Nambeadarim acima de Panane perá serra, Nambir  
senhor de Benalcheri, Papapucol senhor de Bi-  
pur, antre Cani, e Calecut, Papucol senhor de Papu-  
rangari, o Catual de Maugatenara, e outros muitos  
caimães. A qual companhia que vinha pera terra,  
debaixo da bandeira del Rei de Calecut passava de  
vinte mil homens, entre Naires, e Mouros, de que no  
exercito avia bom quinhão. A do mar era de cento,  
e sessenta navios de remo, em que entravam setenta,  
e seis paraos, com arrombadas de artelharia não fa-  
zer nojo. Este ardil lhe deram os dous lombardos  
Milaneses, que andavam em seu serviço. Cada parao  
destes levava duas bombardas, vinta cinco frecheiros,

e cinco espingardeiros, vinte destes paraos hiam encadeados pera afferrarem a caravella, allem destes setenta, e seis paraos hiam cincoenta, e quatro catures, e trinta tones de coxia larga com cada hum sua bombardarda, e desaseis homens de peleja. Nesta armada do mar avia mais de doze mil homens de guerra, de que era capitam o Principe Naubedarim, sobrinho, e herdeiro del Rei de Calecut, e por sota capitam Elancol Nambeadarim senhor de Repelim, de modo que a gente que nestes dous exercitos do mar, e terra andava em serviço del Rei de Calecut, passaria de setenta mil homens de peleja. Allem desta tamanha multidam de gente, e navios mandou el Rei de Calecut, per conselho, e ordenança dos dous Lombardos Milanesees, fazer de noite hum baluarte de terra, e madeira defronte do passo onde os nossos estavão, de que no tempo dos combates recebião muito damno, por aver de huns aos outros muito pouco espaço. Duarte Pacheco como soube da chegada del Rei de Calecut, e da frota que vinha sobrelle, mandou dar cabos da caravella a hum dos bateis, e daquelle ao outro guarnecidos com cadeas de ferro grossas, com que tomavam todo o passo, na qual ordem, com muitas bombardadas, receberam esta armada del Rei de Calecut, de que em chegando arrombaram alguns paraos, e mataram muita gente, sem dos nossos perigar nenhum. A multidam dos imigos era tanta que se embaraçavão huns com os outros; com tudo a jangada dos vinte paraos, que vinham encadeados, se adiantou de toda a frota chegando se perá nossa caravella, e bateis, tirando muitas bombardadas, com que davam assas de trabalho aos nossos. Mas avendo ja bom pedaço, que de huma, e da outra parte servia a artelharia, de maneira que com o fumo, e fogo da polvora se nam viam huns aos outros, mandou

Duarte Pacheco tirar com um camello que ainda nam descarregara, o que se fez em tam boa hora, que do segundo tiro desmanchou de todo a jangada, arrombando quatro paraos que logo se foram ao fundo. Estes desbaratados, se começou a chegar outra quadrilha de paraos, dos quaes os nossos arrombaram treze, e meterão treze no fundo. Nestes dous desbaratos mataram muitos dos imigos, e os fizeram afastar, o que vendo o senhor de Repelim, elle em pessoa acodio com huma grossa frota de paraos, catu- res, e tones, e o mesmo fez el Rei de Calecut pela banda da terra. Este foi hum bravo, e perigoso combate, porque damballas partes eram os nossos com- tidos, de modo que quasi se tiveram por desbarata- dos: mas assi como a pressa era grande, assi lhes dava Deos mór esforço. Isto era ja depois de vespe- ra, ate o qual tempo se achou terem os nossos mor- to trezentos, e cincoenta homens conhecidos, afora outros vulgares que passavam de mil, dos nossos por milagre de Deos não morreo nenhum, e poucos foram feridos, hum dos nossos bateis foi arrombado dos tiros dartelharia dos imigos, mas não tanto que o nam concertassem antes que anoitecesse. Candago- ra, e Frangora, capitães del Rei de Cochim, que a todos estes combates se acharam na caravella (por- que os outros Naires que hiam nos paraos, e catu- res fugiram com medo o dia, que el Rei de Calecut che- gou ao passo) vendo a victoria que Deos dera aos nossos, e quam esforçadamente o fizeram, ficaram espantados, pedindo perdão a Duarte Pacheco da desconfiança que tiveram delle poder desbaratar tan- ta multidão de gente. Com a nova de tamanha vito- ria foi el Rei de Cochim mui ledo, pelo que mandou ao Principe de Cochim que fosse logo visitar Duarte Pacheco, disculpandose de o não fazer elle em pes-

soa, por ficar em guarda da cidade. Os nossos avida a victoria, posto que ficassem muito quebrantados do trabalho nem por isso deixaram de cantar, e folliar toda aquella noite, e tocar as trombetas, e com isto dar com martellos nartelharia, e fazer roido com cadeas de ferro, que avia nos navios pera assi espantarem os imigos cuidando que fazião elles alguma machina pera os combaterem ao outro dia, no qual vendo Duarte Pacheco, que nem per mar, nem per terra o vinham cometer, se foi depois de vespera em hum dos bateis dar em huma povoaçam do Caimal de Cambalam, a qual posto que achasse resistencia mandou poer fogo. Ao outro dia chegou a caravella que ficara em Cochim, a qual Duarte Pacheco, que per terra tinha aviso que era partida, foi buscar ao caminho, onde el Rei de Cochim o veo ver, e depois de terem praticado em seus negocios, se despedio delle, e trouxe a caravella ao passo de Cambalam, que logo entregou a Diogo Pirez cuja a capitania era, e a do batel a Christovão Iusarte, e posto que el Rei de Calecut per conselho dos seus feiticeiros, em toda esta somana nam cometeo o passo, Duarte Pacheco nam deixou entre tanto de fazer seu officio, entrando pella terra de Cambalam, fazendo muitos saltos, em que queimou alguns lugares da Ilha, de bom despojo, tornando sempre vitorioso.

## CAPITULO LXXXVII

*Do segundo, e terceiro combate, que o Camorij Rei de Calecut deu aos nossos, em que tambem foi desbaratado.*

**E**L REI de Calecut injuriado de tamanha afronta como a que recebera dos Portugueses, propositos de logo ao dia seguinte os tornar a cometer, mas per conselho dos seus feiticeiros o nam fez, dendo-lhe dia certo em que lhe prometiam a victoria. Este dia era o de Pascoa tam solemne á nossa religiam, que se podia esperar nelle a victoria com mor certeza que em nenhum outro, no qual em amanhecendo appareceo huma muito môr armada que a primeira, esta era de cem paraos e cem catures, e oitenta tones, em que avia mais de quinze mil homens de peleja, de que os cinco mil eram frecheiros, e duzentos espingardeiros, e os outros despada, rodella, e lança, afora bombardeiros que serviam a trezentos, e oitenta tiros dartelharia falcões, e berços, os mais de metal que fundirão os dous lombardos Milaneses. E pera que el Rei mais facilmente podesse desbaratar os nossos, mandou a hum dos seus capitães que com setenta paraos fosse cometer a nao que ficara de guarda da cidade de Cochim, pera que Duarte Pacheco deixasse o passo, por lhe socorrer, e elle se deixou ficar com toda a outra armada no rio de Repelim. Estes paraos foram buscar a nao per hum estreito que se vai meter no rio de Cochim, per onde el Rei de Calecut tambem podera passar com toda a sua armada, e o fezera, se lhe nao parecera fraqueza mudar o proposito que tinha de passar por

aquelle de Cambalam, os quaes paraos passaram de noite sem serem sentidos, pelo que em chegando a nao a cometerão mui bravamente, do que a nova per via del Rei de Cochim com muita diligencia chegou a Duarte Pacheco as nove horas do dia, que com este recado ficou muito suspenso, por ver que era ardil de guerra que el Rei de Calecut cometera pera lhe enfraquecer o passo, e o entrar. Com tudo per conselho, e parecer de todos foi socorrer a nao com a caravella de Diogo Pirez, e batel de Christovão Justarte, a qual achou em tamanho aperto que se mais tardara difficilmente se podera defender, mas tanto que os imigos o viram largaram a nao fugindo perá banda de Repelim. Duarte Pacheco os nam quis seguir, nem menos entrar na nao, porque ja ouvia tom de bombardas o que lhe pareceo que seria no vao de Cambalam, pelo que logo voltou, e servindolhe a viraçam chegou a tempo bem necessario, porque os imigos tinham passado a caravella ao lume dagoa a força de bombardadas e desfeitas as arrombadas, e assi as do batel, e per mar, e per terra combatião os nossos com tanto impeto, que se elle nam chegara ao tempo, que chegou, o passo fora entrado, mas em chegando deu nas costas dos imigos, e os que estavam o passo na dianteira de modo que os fizeram fugir todos, huns pelo rio arriba, e outros varar em terra. Neste combate perderão os imigos dezanove paraos, entre queimados, e alagados, e morrerão duzentos, e noventa, e dos nossos per milagre de Deos nenhum, porque em muitos deram os pilouros nas cabeças, braços, peitos, pernas, e per todo o corpo sem lhes fazerem nojo, passando delles adiante tam furiosos que desmanchavão, e quebravão as padesadas em pedaços, no que se claramente vio que Deos era o que pelejava por elles. El Rei de Calecut ven-

do quanto ao contrario do que sperava lhe succederão os dous combates, como de sua condiçam era vario, quisera desistir desta guerra, e a mesma vontade achou em muitos dos seus: com tudo aconselhado pelos mouros determinou cometer a terceira vez o passo trazendo toda sua frota ordenada em esquadrões. Duarte Pacheco mandou aos das caravellas, e bateis que não tirassem, nem se mostrassem senam quando o elle dicesse, o que vendo os inimigos que estavam em terra cuidarão que o faziam com medo pelo que dando huma grande apupada se chegarão pera o passo, e o mesmo vinhão fazendo os navios de Calecut, tão confiados todos, que sem nenhuma ordem chegarão aos nossos a tiro de lança, então mandou Duarte Pacheco dar huma grande grita, e desparar a artelharía contra os da terra, e do mar, de que subitamente matarão tantos, e arrombarão tantos navios dos de Calecut, que todos, assi huns, como outros deixarão o combate a quem mais depressa fugiria, o que vendo o Caimal de Repelim que era capitão destes navios que cometerão primeiro, os fez outra vez em corpo, começando de novo a esbombardear os nossos, mas el Rei de Calecut anojado por se isso fazer de longe, e que não ousavão de chegar ao passo, mandou ao Principe Naubedarim, que era capitão geral da armada do mar, que se fosse peraquella banda, e que o senhor de Repelim pois o fazia tam mal se tirasse dali, do que ficou mui afrontado, e agraviado, mas Naubedarim fez tanto como o outro, porque ainda que viesse com toda a frol da armada, foi tambem recebido dos nossos com pelouros de bombardas que nunca nenhum dos da sua companhia, per muito que os elle animasse, e ameaçasse, ousou de chegar ao passo, mas antes vendose tam maltratados, se poseram em fugida.

Foi tamanho o medo deste desbarato que o mesmo Rei de Calecut desesperado, e com medo de lhe tomarem a artilharia que estava no baluarte que mandara fazer defronte do passo, a mandou tirar dalli, e levou consigo retirandose do campo como homem desbaratado. Perderam os imigos desta vez vinte, e dous paraos, e outros navios, e como se soube por certo, morreram delles mais de seis centos. Duarte Pacheco nam contente deste desbarato, foi ainda seguindo os imigos hum bom pedaço ás bombardadas, e sobre isso saltou em terra, onde queimou dous lugares sem achar nenhuma resistencia, o que feito se tornou ao passo já as quatro horas depois do meo dia, que tanto durou este negocio, começando pela manhã, e logo aquella noite, no quarto da prima per aviso dos espias que trazia, foi dar em hum lugar muito grande dos imigos, o qual queimou, e matou muitos dos que nelle moravam, com tudo ao recolher que era ja no romper da alva achou alguma resistencia de Naires, de que matando, e ferindo alguns delles fez fugir os outros. Dalli se veo ao passo, onde achou muito refresco que lhe mandara el Rei de Cochim, que veo bem a proposito a todos, e per os que trouxeram o refresco, lhe mandou dizer, que esforçasse porque elle sperava em Deos de não tão somente vencer el Rei de Calecut, mas ainda o captivar, e lho entregar preso.



## CAPITULO LXXXVIII

*De como el Rei de Calecut passou o Rio de Repelim, e assentou seu arraial nas terras de Porcã, onde cometendo os passos de Palurt, e o do vao foi outra vez desbaratado.*

COM estes desbaratos alguns dos da companhia del Rei de Calecut, tendo aquella guerra por infortunada, lhe foram do campo, dos quaes foi hum o Mangate Muta Caimal, e hum seu irmão, e hum seu primo que ao outro dia depois do terceiro combate se forão secretamente do arraial pera a ilha de Vaipim, com tenção de fazerem dalli seus concertos com el Rei de Cochim, cujos vassallos eram, o que el Rei de Calecut sentio muito, por todos tres serem muito esforçados cavalleiros, pelo que logo começou outra vez de tetubar no proseguir desta guerra, mas aconselhado pelos dous Lombardos Milanese, e por alguns dos Reis, e senhores que com elle andavam determinou proceder no que tinha começado, o que lhe o principe Naubeadarim contrariou, como já outras vezes fezera, fazendolhe sobre isso huma publica falla ás razões, e argumentos do qual el Rei se inclinara de boa vontade, se de todo o nam contradixera o senhor de Repelim, que era muito accepto a el Rei. Finalmente foi assentado que se continuasse na guerra, e visto que pello passo de Cambalam se nam podia fazer entrada ainda que fosse com afronta del Rei se fizesse por outro chamado Palinhar, que estava hum bom pedaço daquelle, muito cheio de vasa, e matos despinheiros, de tam ruim fundo, que os nossos nam poderiam lá che-

gar com as caravellas, e que dalli passaria a Cochim pelo passo do vao como fezera da outra vez, quando desbaratara el Rei, e porque Duarte Pacheco não fosse avisado desta determinaçam, logo ao outra dia do terceiro combate passaram da outra banda do passo a terra de Porcâ, o que fez cuidar aos espias dos nossos quando virão alevantar o campo, que el Rei se tornava pera Calecut, mas tanto que o viram ir peraquelle passo de Palinhar, deram logo aviso a Duarte Pacheco, e tras este vieram outros que lhe dixeram como obra de quinhentos Naires del Rei de Calecut andavam na ilha Darravil cortando, e queimando muitas arvores, que entrelles he sinal de victoria, contra os quaes logo fez rosto com alguns Portugueses, e duzentos Naires del Rei de Cochim, que levava consigo de mestura, com os quaes elle em hum esquadrão, e Pero Raphael no outro os commeteo, e desbaratou, matando a mór parte delles, dos quaes trouxe cincoenta captivos, que em se tornando achou embrenhados em hum bosque da ilha, os quaes quisera mandar enforçar todos, mas a rogo dos Naires del Rei de Cochim posto que inimigos fossem o nam fez, e mandou presos a el Rei de Cochim que lhe tambem por elles mandara rogar. Isto feito vendo Duarte Pacheco que sua estada nam servia ja naquelle passo de Cambalão levou as caravellas ao passo do Palurt, que está huma boa mea legoa do vao, onde não podião chegar, por ter pouco fundo, e elle com os seus bateis se foi dalli ao passo do vao, donde podia facilmente socorrer as caravellas, mas quando ja chegou ao passo de Palurt achou alguns Naires na ponta da ilha Darraul, que de huma e da outra banda está situada entre as terras de Repelim, e Porcâ, onde el Rei de Calecut assentava o arraial a huma legoa de Palurt, os quaes

Naires em vendo os nossos, acodirão a praia donde os fezerão recolher pera dentro as bombardas. Estando alli sobrancora foi avisado que ao outro dia que era o primeiro de Maio avia el Rei de Calecut de mandar cometer o vao, pelo que em amanhecendo se foi lá com os bateis, dando aos capitães das caravellas o sinal que lhes avia de fazer, quando tivesse necessidade de socorro, e em chegando ao passo do vao mandou dar grandes gritas, pera que os imigos soubessem que era chegado, no qual achou o Principe de Cochim com seiscentos Naires. El Rei de Calecut depois que foi da outra banda nas terras de Porcâ, per conselho dos seus mandou ao dia seguinte, em que lhe seus feiticeiros dixeram que averia victoria, combater ambollos passos de Palurt, e do vao juntamente, e contra o de Palurt, onde estavam as caravellas, mandou o senhor de Repelim com toda a frota, e ao do vao mandou o Principe Nau-beadarim com quinze mil homens. Duarte Pacheco, que esperava o mesmo, mandou logo arrasar a ponta da ilha Darraul, e cortar todo o arvoredos, que nella avia, por os imigos nam poerem alli secretamente algumas bombardas, e mandou dar cabos de huma caravella a outra, fazendo toda aquella noite grande festa, por assi darem a entender aos imigos que lhes nam aviam medo. Ante manhã chegaram Simão Dandrade, e Christovão Iusarte nos bateis, porque o vao ficava seguro com a mare que enchia. Duarte Pacheco mandou aos seus que comessem, porque aquelle dia, sobre todos, era o em que aviam de mostrar o esforço com que sempre venceram os imigos, e entrestas palavras, e outras os animava ao bravo e perigoso negocio em que se logo aviam de ver. Isto era no romper dalva, a qual hora os imigos com algumas bombardas que tinham assentadas

em terra na ponta da ilha, começaram de tirar contra os nossos, e logo dahi a pouco appareceo a frota, que era de duzentas, e cincoenta velas, e por vir ainda longe, Duarte Pacheco fez dar voga aos bateis, e em chegando a terra foi cometer a estancia donde os imigos tiravam, e os fez fugir, e porque não pode trazer as bombardas, as mandou encravar. Desbaratada esta companhia se recolheo as caravellas, sendo ja a armada dos imigos bem perto da nossa, e por os seus tiros varejarem a meude, mandou que estivessem todos baixos sem fazer mudança ate o elle mandar, o que vendo os imigos, parecendolhes que o faziam de medo, se começaram chegar peras caravellas quarenta paraos encadeados, entam mandou dar huma grande gritada, e tocar as trombetas, e desparar a artelharia, com que desencadeou logo os mais dos paraos, aos quaes logo o senhor de Repelim mandou outros em ajuda, onde forão tantas as bombardadas de huma, e de outra parte, que nem o Ceo, nem a terra, nem a agoa se vião com fumo, e chamas de fogo: com tudo os imigos se chegavam cada vez mais pera os nossos navios, e tam perto delles que se serviam das frechas, e lanças de arremesso. Nisto esteve a peleja hum bom pedaço sem se a victoria inclinar a nenhuma das partes ate que Deos por sua misericordia a declarou pellos nossos, começandose os paraos dalagar pela muita gente que lhe ja tinham morta: o que vendo o senhor de Repelim, por contentar el Rei de Calecut, que de terra via a peleja, quisera passar o vao, mas os nossos lho defenderão per duas vezes, matando muitos dos que com elle forão. Estando Duarte Pacheco neste trabalho chegou a elle Candagora a dizerlhe que Naubeadarim principe de Calecut vinha pera passsr o vao com huma grossa companhia de

gente, e que el Rei lhe vinha nas costas, o que sabido, Duarte Pacheco se deixou estar jugando as bombardadas com os imigos, ate a hora que a mare podia dar lugar a Naubeadarim pera passar o vao, pera onde se logo foi, e lho defendeo de maneira que posto que nisso muito insistisse, assi com a muita gente que levava, como com berços encarretados, que pera isso fez trazer a colos de homens, elle não pode passar, e tomou por partido fazerse atras, no qual instante chegou recado del Rei de Calecut ao mesmo Naubeadarim, que não sabia qual o fezera pior, se o senhor de Repelim, em não aferrar os nossos navios, ou elle em não passar o vao, como lhe prometeram, do que ficou tão envergonhado que de novo com doze mil homens tornou a cometer o passo, no que ouve huma brava peleja, da qual foi estrangido fugir. Nestes combates, e no de Palurt perdeu el Rei de Calecut muita gente, e muitos navios do que ficou tam anojado, que se fora em sua mão mandara cortar a cabeça a alguns dos seus capitães, com tudo não deixou de os reprehender de muito covardos, e principalmente ao senhor de Repelim, e Naubeadarim Principe de Calecut.

## CAPITULO LXXXIX

*De como el Rei de Calecut em pessoa combateo o passo do vao, onde foi desbaratado, e dalgumas cousas que antes, e depois disso aconteceram.*

**D**OUS, ou tres dias depois de Deos dar esta victoria aos nossos, começou huma tam brava infirmitade no arraial del Rei de Calecut, que a guerra sobreteve, por lhe morrer muita gente sem alcançar a calidade da doença, nem remedio della, do que el Rei constrangido se foi do arraial, ate que aquella doença cessou. Com tudo Duarte Pacheco em todo este tempo nam esteve ocioso, mas antes se aprechebo de tudo o que lhe era necessario, e porque dantes lançara abrolhos de ferro no vao, os quaes por serem curtos se somiram tanto dentro da vasa, que não empecerão aos imigos, mandou de baixa mar fincar nelle estacas dareca tostadas, com pontas muito agudas. El Rei de Calecut soube neste tempo de seus feiticeiros que seus deuses estavam muito irados contrelle, que se aplacarião se logo mandasse fazer hum Turcol, no lugar que lhe elles dicessem, que sam casas do-ração em que vivem homens religiosos, como entre nós frades, o que prometeo de fazer, pelo que lhe assina-rão dia certo, affirmandolhe que nelle averia victoria, pera o que se começou dapreceber. Deste negocio teve Duarte Pacheco aviso per seus espias, com quem neste tempo estavam trezentos Naires del Rei de Cochim, e duzentos de Mangate que se forão hum dia antes da peleja, o que, tornando das caravellas, que fora visitar, soube de dous Naires de Cochim que fizeram per mandado do mesmo Mangate, do que

por lhe parecer treição avisou o Principe de Cochim, mandando-lhe dizer por hum Bramana, que se viesse logo parelle, por quanto ao outro dia sperava el Rei de Calecut, o qual Bramana lhe deu o recado a tempo que nam aproveitou de nada. El Rei de Calecut no dia em que lhe seus feiticeiros dixeram que pelesse, abalou com todo seu exercito, repartido na maneira seguinte. Diante precedião dous mil Naires pera guarda de trinta bombardas, que el Rei mandava assentar a tiro donde os nossos estavam, atras estes seguia a vanguarda, de que era capitam Naubadarim, com doze mil homens, em que entravam dous mil frecheiros, e trinta espingardeiros, apos elle o senhor de Repelim com outra tanta gente, nas costas dos quaes vinha o Çamori, Rei de Calecut, com quinze mil homens, entre frecheiros, espingardeiros, lanceiros, e despada, e rodella, e quatrocentos que trazião machados pera cortarem a estacada. Contra todo este poder tinha Duarte Pacheco nos dous bateis quarenta homens Portugueses, e em cada hum seis berços, dous falcões, e hum tiro grosso por proa. Os que vinhão com artelharia del Rei de Calecut em chegando, começarão de a descarregar contra os nossos, mas Duarte Pacheco depois de os assegurar hum pouco, se chegou parelles com os bateis, e as bombardadas os fez recolher pera dentro de hum palmar. Estando assi pelejando chegou Naubadarim com a vanguarda, que com grande impeto cometeo o vao, mas os nossos lho defenderam as bombardadas, e com rocas de fogo que lhe lançavam ameude, matando muitos delles, e porque a maré vazava, Duarte Pacheco por nam ficar sobello lamarão do passo, se retirou hum pouco atras, e mandou a Christovão Justarte, por o seu batel ser mais pequeno, que sperasse no passo o mais que podesse, porque com a reponta

da maré, que nam podia tardar, se ajuntaria com elle. Assi que ambos, cada hum do lugar em que a agoa deixava nadar os bateis, defendia o passo de maneira que os imigos nam ousavam de o cometer, e era tamanho o arroido, e o tirar das bombardas, espingardas, e frechadas, que por muito alto que do batel de Christovão Iusarte dizessem a Duarte Pacheco que os Naires de Cochim que guardavam a estacada a desampararam, o nam poude ouvir, e ja neste tempo o senhor de Repelim estava no passo, ajudando a gente de Naubeadarim, apollos quaes chegou el Rei de Calecut com toda a força do exercito, ao qual por o conhecerem pela bandeira, e sumbreiro que trazia diante, mandou Duarte Pacheco tirar com hum falcão de que o pilouro deu tão perto delle que o fez baquear do andor em que vinha, e o pilouro matou dous Naires junto delle, pelo que se retirou hum bom pedaço para tras, mandando dizer a Naubeadarim, e ao senhor de Repelim, que apertassem com a gente pera passarem o vao antes que a maré crescesse. Com este recado, á força de porradas, e cutiladas que davão nos seus os fazião entrar por elle, os quaes carregando huns sobellos outros começarão de sentir as pontas das estaquas darequa com tanta dor, que os primeiros bradando, e lamentandosse aos que seguiam, se começarão dembaraçar de maneira, que caindo huns sobellos outros trabalhavam a quem mais asinha tornaria para tras, empregando nelles os dos bateis a artelharia a sua vontade. Durando esta profia, os dos machados pela agoa de todo ser baixa chegaram a estacada, começando a cortar nella sem acharem resistencia, pelos Naires de Cochim que a guardavam serem idos, o que Duarte Pacheco vendo ficou mui triste, e suspenso, porque acodindo aquella parte, os imigos entrariam pelo passo, peraquella on-



de elle estava, e não lhe acodindo, passariam pola outra, o que se fizessem no mesmo dia chegariam a Cochim e ficarião senhores de toda a terra, com tudo determinou dacudir ao mais necessario, que era a estacada, e chegandosse quanto pode pera o batel de Christovão Iusarte, e o de Christovão Iusarte pabelle saltou dentro, e a Christovão Iusarte mandou, que ficasse no seu, e naquelle por ser mais pequeno, se chegou a estacada quanto pode, donde começou de jugar com a artelharía, de maneira que os imigos se começarão de retirar mal a seu grado, ao que logo acodio Naubeadarim com a mor parte da sua gente, e alguns tiros dartelharía, pelo que renovou a peleja tão bravamente, que os imigos chegarão ate poerem as mãos nos remos do batel, dos quaes vendosse Duarte Pacheco cercado de todallas partes, chamou com muita devação em alta voz Deos, em socorro, e ajuda, porque em todalas outras pelejas nunca cuidou ser vencido senão nesta, o qual senhor lhe acodio logo com o seu grande poder, porque a maré começava ja de sobir, o que sentindo os do batel derão huma grande grita começando de fazer voga pera voltar o batel, mas era tanta a somma dos imigos, que os tinham cercados ao redor, que não poderão, e assi como a maré hia crescendo, assi crecia o animo aos nossos, como a homens a que viera o verdadeiro socorro, que lhes era necessario, pelo que, muito mais a meude, que dantes começarão de descarregar a artelharía, espingardas, lanças, paos tostados, e outros tiros darremesso contra os imigos, fazendo elles o mesmo, ate que a maré subio tanto que a força dagoa os fez deixar o passo. O que feito Duarte Pacheco se tornou para onde deixara Christovão Iusarte, que da sua parte fez naquelle dia, como esforçado cavalleiro, nem creio que o tal nome se possa

negar a nenhum dos que se alli acharam. Chegando Duarte Pacheco onde estava Christovão Iusarte saltou cada hum no seu batel, e sem quererem perder tempo, servindolhes a maré tornarão a correr o vao, tirando muitas bombardadas contra a ilha de Porcâ, onde el Rei de Calecut estava lojado, com que mataram alguns que andavão á borda dagoa, e os fese-rão recolher pera dentro dos palmares. El Rei de Calecut ficou muito triste, e envergonhado, por diante, e á face delle, um tamanho exercito nam desbaratar, e tomar ás mãos dous bateis, com tão pouca gente, do que reprehendendo muito os seus se foi, como desesperado de longo da ilha perá parte onde estava Pero Rafael com as caravellas, que vendo passar el Rei per junto da praia mandou disparar hum tiro grosso, com que junto delle matou tres Naires, dos quaes hum era o que lhe dava o betele, a quem o tiro deu tão perto delle que o sangue lhe saltou no rosto, pelo que el Rei se deceo do andor, e caminhando a pé se alongou da caravella. Nesta peleja perdeo el Rei muita mais gente, que em todallas outras, sem dos nossos morrer nenhum, cousa que evidentemente se pode crer ser milagrosa. A qual peleja durou desde pela manhã ate horas de vespera, no qual ponto o Principe de Cochim chegou ao passo sem saber nada do combate, porque o recado que lhe mandara Duarte Pacheco pelo Bramana, que avia de ser naquelle dia cometido del Rei de Calecut, lhe não foi dado, ao qual Duarte Pacheco danojado pela tardança, e fugida dos seus Naires da estaquada, não quisera fallar, com tudo o Principe apertou tanto com elle, que lhe ouviu suas desculpas, e as recebeu, o que Duarte Pacheco vendo lhe dixe, que a fugida dos seus Naires, e não lhe ser dado o recado que lhe mandara, tudo forão artes, e treição do Mangate, que

visse dalli por diante o que fazia, e se não fiasse delle. Dalli se foi Duarte Pacheco peras caravellas, onde o el Rei de Cochim veo ver com muita festa, e alegria, como o ja fezera outras vezes, lançandolhe os braços no pescoço, dizendolhe, que a elle, depois de Deos, devia seu regno, e estado. Duarte Pacheco lhe respondeo a isso, como discreto, que era, aqueixandose-lhe da treição que os seus Naires fizeram em fugir da estaquada, attribuindoho ao Mangate, e a seus parentes, dizendolhe, que pois era imigo secreto, que o lançasse fora de suas terras, pera que o fosse de todo descuberto, e fosse servir el Rei de Calecut, como o dantes fezera. Acabadas todas estas praticas el Rei se tornou pera Cochim, mandando a todos os seus caimães, panicães, e naires, que em tudo, como a sua propria pessoa, obedecessem dalli por diante a Duarte Pacheco.

## CAPITULO XC

*Das treições que per conselho do senhor de Repelim, el Rei de Calecut ordenava pera matar e destruir os nossos o que lhe não socedendo a vontade, quis fazer paz, e doutras particularidades.*

**E**L REI de Calecut com o grande nojo, e tristeza que tinha, nam fazendo ja conta de sim, nem dos que com elle andavam, deshonorava assi os feiticeiros, como os Reis, e capitães, arguindoos todos de covardos, entre os quaes ao que mais tirava era o senhor de Repelim, porque conhecia ja nelle ser rebolam, e covardo, o qual pera se tornar a restituir na graça del Rei, lhe aconselhou que man-

dasse lançar peçonha na agoa de que os nossos bebiam, e tivesse modo que o mesmo se fizesse nos mantimentos. Este ardil foi descoberto a Duarte Pacheco, per Charcanda Naire, que fora criado do Principe de Cochim Narmuhim, pelo que logo mandou que nem do rio, nem de fonte nem poço nenhum, bebessem os que com elle andavam, salvo de poços que cada dia mandava abrir, que por a terra ser baixa, e apaulada se achavão com pouca difficuldade, e os mantimentos mandou que assi os que lhe mandassem, como os que comprassem aquelles que os trouxessem tomassem a salva delles. Mas vendo o senhor de Repelim que isto nam succedia a sua vontade deu outro ardil a el Rei de Calecut, que mandasse secretamente poer fogo a cidade de Cochim, e que no primeiro combate cometesse juntamente a nao, e caravellas, e bateis, nam tam somente com gente, e artelitaria, mas com Elephantes, cobras de capello, e pos de peçonha, do que tudo el Rei de Cochim foi avisado, e se veo sobrisso ver com Duarte Pacheco muito triste, e medroso, ao que lhe respondeo, que descançasse porque elle tinha ordenado huma ceusa que havia de prender el Rei de Calecut, e tomarlhe os Elephantes matarlhe muita gente do que ja tinha feito, que se fosse pera Cochim, e lhe mandasse quantas cadeas, e amarras de naos la ouvesse, pera a obra que avia de fazer. Trazido este almazem Duarte Pacheco começou de fingir que queria fazer hum grande edificio, e por os da terra, que naturalmente sam palrreiros, nam verem o que era, defendeo que nenhum chegasse ao passo do vao, no qual mandou logo abrir grandes covas, e fazer fossados, que de baixa mar ficavam cheos dagoa em altura que se nam podiam passar se nam a nado. El Rei de Calecut foi avisado do segredo desta obra, do que se

começou arreçar, e assi todollos seus, porque per experiencia conheciam ja o animo, esforço, e industria que avia em Duarte Pacheco, que neste tempo fez algumas entradas pelos rios, e na terra firme, em que queimou muitos lugares, e tomou quatro paraos del Rei de Calecut com treze bombardas, de que fez serviço a el Rei de Cochim. Andando assi ocupado lhe dixerão que os mouros tinham dito a el Rei de Calecut que elle nam podia estar muito no passo do vao, pelo que pera el Rei saber quam de vagar estava, mandou em huma ponta sobelo rio fazer humas casas, e ao redor dellas abrir huma grande cava chea dagoa, com que ficava como ilha. No cabo desta ponta mandou fazer hum bastilhão, no qual pos hum pao alto, a que os Malabares chamam Calvete, em que justiçaõ gente baixã, e popular, o que lhe perguntando alguns Naires de Cochim pera que era lhes dixe que pera nelle mandar espetar el Rei de Calecut, de que ficarão não tam somente espantados, mas ainda tam assombrados que se foram sem lhe responder. O que sabendo el Rei de Calecut foi nelle tamanho o medo, que per via de dous mouros de Cochim, hum per nome Cherina, e o outro Mamalemarear tratou secretamente de fazer paz com Duarte Pacheco, sem disso dar conta a pessoa nenhuma senam ao Principe Naubeadarim, que sempre contrariou esta guerra, mas porque os mouros beram a entender a Duarte Pacheco fazião isto de sim mesmos, pelo desejo que tinham de paz, lhe respondeu que se fossem embora, que quando el Rei de Calecut lha mandasse cometer que elle lhe responderia, e com isto os despedio, do que el Rei ficou muito mais atimorizado, pelo que per conselho do mesmo Principe Naubeadarim, e do senhor de Repelim determinou de com muito mór força, e poder do que ate alli fezera

cometer o passo, pera o que se começou deperceber. No qual tempo deu a mesma infirmitade, que já outra vez padeceram no seu arraial, mas nam foi tam perigosa como dantes, por lhe os fisicos terem achado o remedio; com tudo foi proveitosa aos nossos, porque pelos avisos que Duarte Pacheco teve do modo em que el Rei determinava de o vir cometer, sapercebeo de maneira que a tudo lhe resistio, e o venceo, como se no seguinte capitulo verá.

## CAPITULO XCI

*De como Duarte Pacheco desbaratou outra vez el Rei de Calecut.*

**E**L REI de Calecut depois de passada a doença que a segunda vez andara no seu arraial, determinou, com a gente que tinha, e outra muita que depois ajuntou, e munições de guerra, que pera isso mandara fazer, vir buscar Duarte Pacheco ao passo do vao na ordem seguinte. Por terra acompanhado de trinta mil homens, com sua artelharía ordenada como sempre acostumava fazer, e deante delle o senhor de Repelim, com huma grande somma de gastadores, pera fazerem vallos, e fossas na ponta Darraul, onde se os seus podessem abrigar dos tiros da nossa artelharía, e jugar com a sua a salvo. Per mar vinham diante da frota muitas balsas de lenha com alcatram, estopa e outros materiaes arden-do em chamas de fogo, apolas quaes vinham cento, e dez paraos, delles encadeados, e de tras cem catures, e oitenta tones de coxia larga, todos em boa ordem, com muita gente, e artelharía, e por remate

desta tamanha frota seguiam oito castellos de madeira, que el Rei de Calecut mandara fazer per conselho de hum mouro de Repelim chamado Cojeale, homem experto na guerra, os quaes traziam assentados cada hum sobre dous paraos, lançadas duas vigas que atravessavam de popa a popa, e de proa a proa de cada hum dos paraos, sobelo qual alicerce edificou os castellos de hum sobrado em cada hum delles, em altura de dezoito palmos, com traves, e outra madeira, e cravação de ferro, tam forte, que parecia impossivel poderse derribar com nenhum tiro, por grosso que fosse. Duarte Pacheco que de tudo isto por seus espias tinha aviso muito antes deste dia em que o el Rei de Calecut veo cometer, que era da Assenção de nosso Senhor, pera que lhe não afferrassem as caravellas, com os castellos, mandou fazer huma bastida de matos, a modo de jangada doito braças em comprido, e outras tantas de largo, todos chapados com barras de ferro. Esta bastida mandou lançar obra de hum tiro de pedra diante das proas das caravellas, amarrada a seis grossas ancoras, com cadeas de ferro, tam compridas, que chegavam ao fundo dagoa, tres a montante, e tres a jnsante. E porque os castellos dos imigos com os bordos dos paraos eram de vinte e dous palmos daltura cada hum, de que ouvera a medida per industria de homens que trazia no campo del Rei de Calecut, mandou fazer huns esteos de meos mastos muito bem pregados nas amuradas das caravellas, nas cimalthas dos quaes se cerravam huns chapiteos a modo de sobrado, em que podiam estar em cada hum seis homens, na qual ordem os capitães das caravellas esperaram os imigos, e Duarte Pacheco nos bateis, com alguns paraos, e gente que tinha del Rei de Cochim. A gente que vinha per terra com el Rei de Calecut,

principalmente os da companhia do senhor de Repelim, fazião tamanho estrondo de gritas, e instrumentos de guerra, que derão azo a Duarte Pacheco de a seu salvo sair em terra na ponta Darraul, na qual ouve grande referta dambalas bandas, mas creceo tanta gente dos imigos fobellos nossos, que lhes foi necessario recolherem se aos bateis. El Rei de Calecut foi tam indignado, sabendo que os nossos estavam na ponta pelejando com os seus, que mandou aos principaes capitães do exercito, que passassem adiante, e lhe trouxessem vivo Duarte Pacheco, pera delle mandar fazer justiça, sobre o que morreram muitos dos imigos, sem poderem executar o que lhes el Rei mandava. Isto tudo se fez no romper dalva, e logo dahi a pouco com a jusante da mare, a frota de Calecut começou de decer pelo rio abaixo na ordem que arriba dixe: o que vendo Duarte Pacheco, que ao tal tempo estava nas caravellas, se recolheu em hum catur aos bateis, encaminhando para o passo do vao. Chegada a frota que era cousa medonha de ver, as balsas de fogo guiadas pela corrente, e barcos que as empuxavam com varas, foram cair sobelos mastos que estavam encadeados, e ancorados diante das caravellas, as quaes pela distancia não fez o fogo nenhum damno, mas antes em quanto ardeo tiveram os nossos algum repouso, porque os imigos com medo delle não ousavam de se chegar, mas como cessou todoslos paraos, e outros navios, se começaram de chegar pera nossa jangada, tirando com a artelharia as caravellas, ao que os nossos lhe respondiam, arrombando alguns dos seus navios, em que lhes mataram muita gente. Neste tempo os castellos chegaram a balsa, nos quaes, no maior d'elles, vinhão quarenta homens e em dous somenos trinta, e cinco, e nos cinco mais pequenos trinta em cada hum, os mais delles



espingardeiros, e em todos as bombardas que podiam levar. Chegando o maior destes castellos a balsa começou de jugar com artelharia, ao qual Duarte Pacheco (que ja tornara as caravellas ou catur) mandou tirar com hum camello, mas o tiro posto que lhacertasse não fez entrada, tras este mandou tirar outro que fez o mesmo, do que ficou tam triste, que alevantou os olhos com as mãos pera o Ceo dizendo. Senhor não me acoimeis hoje meus peccados, deixai por vossa misericordia, o castigo delles pera outro dia, isto em voz tam alta que lho ouvirão muitos Os outros castellos se poseram apar destes, dos quaes todos lançavam tantas setas, e tiros de espingardas, e bombardas, que era tudo huma nuvem de fumo, e fogo. Nesta maior pressa estando as caravellas cercadas para todas as partes, assi dos castellos, como dos paraos, e outros navios, fervendo a furia da peleja, mandou Duarte Pacheco tirar outra vez com o camello ao castello principal, do qual tiro, como ja dos outros lhe ficarão abalados os fechos, acabaram de quebrar de todo levando o tiro hum lanço do castello ao mar, com alguns homens, aos que os nossos, postos em geolhos deram huma grande grita, louvando Deos pela merce que lhes fezera, e carregando logo com a mais artelharia foi o castello desfeito de todo. Com tudo os outros castellos nem por isso deixavão de fazer seu officio, combatendo mui asperamente as caravellas posto que recebessem muito damno, o que durou ate ora de vespora, em que ja começava a reponta da marè com a qual os castellos movidos da força da vea dagoa, se começaraõ de apartar da jangada, o que vendo os imigos, que tinham cercadas as caravellas com os paraos, e outros navios, se alargaram tendo por excusado o demais do combate daquelle dia. Os bateis que estavam no passo do vao, de

hum dos quaes era capitam Christovão jusarte, e de outro Simão dandrade, com os paraos, e catures do Cochim, em que andava Lourenço moreno, e o Principe de Cochim com mil Naires, com que guardava a estacada, tiveram o passo a el Rei de Calecut com tanto esforço, que nunca o a sua gente, por muito que nisso trabalhasse, pode passar, no que estiveram ate que a marè lhes fez tomar a conclusam desta peleja, que foi mais brava, e mais cruel, do que foram todas as outras, na qual el Rei de Calecut perdeu muita gente. Dos nossos (pela graça de Deos) posto que muitos fossem feridos, nam morreo nenhum.

## CAPITULO XCII

*De algumas cousas que succederam depois deste combate, e de como el Rei de Calecut, danojado, e envergonhado, se foi meter em hum turcol, e se fez paz com alguns Reis, e Senhores dos Malabares.*

**A**o dia seguinte deste desbarato, veo el Rei de Cochim visitar Duarte Pacheco, acompanhado de muitos Caimães, panicães, e naires, e assi dos mais mouros honrados que moravam em Cochim, alegrandosse todos com elle pela victoria, que lhe Deos dera, dizendolhe el Rei de Cochim que tinha feito tudo o que lhe prometera, ao que respondeo que nam fezera tudo, pois que nam espetara el Rei de Calecut no calvete, mas que a culpa fora del Rei ficar sempre na traseira dos seus, e nunca parecer na dianteira, onde elle sempre pelejara. Feita esta visitação el Rei se tornou pera Cochim donde cada dia mandava visitar Duarte Pacheco com refrescos, e cousas necessarias perá guerra, porque nunca se quis partir daquelle lugar, no qual depois deste

grande combate o veio el Rei de Calecut cometer duas vezes, com na derradeira trazer os mesmos castellos, o que fez mais por comprazer aos Reis, e senhores que com elle andavam, que por vontade que tivesse de o fazer, mas a sua gente andava ja tam desacoroçada, e os nossos com todolos da parte del Rei de Cochim, tão afoutos, que com menos trabalho do que o fezerão as outras vezes, os desbarataram destas duas, do que o Çamori Rei de Calecut ficou tam cortado, que sem mais ter conta com ninguem, nem dar mais fê a seus feiticeiros, e falsos profetas, alevantou dia de S. João pola manhã o arraial, e se foi metter em um Turcol pera nelle servir seus deoses, e fazer vida de religioso, deixando o regno a seu sobrinho Naubedarim. Mas ante que isto fizesse buscou modos e meos pera mandar matar Duarte Pacheco, o que lhe foi descoberto, e por isso prendeo alguns Naires dos que eraõ nesta conjuração, de que hum que andava por espia, era de Cochim da geraçam dos Leros, os quais mandou açoutar perante sim, pera delles saber a verdade, que lhe logo confessarão pelo que os mandava enforçar, mas a rogo dalguns Naires del Rei de Cochim, que se com elle alli acharão deixou de o fazer e lhos mandou presos pera delles mandar fazer justiça. Depois do Çamori Rei de Calecut estar no turcol, lhe mãdou sua mãe induzida pelos mouros tantos recados, e amoestações, exortandoo outra vez a guerra que lhe foi forçado sairse delle contra sua vontade, mas isto lhe aproveitou pouco, porque antes que saisse do turcol, os mais dos Reis, e senhores, que o ajudaram na guerra (antre os quaes foi o senhor de Repelim) mandaram pedir paz a Duarte Pacheco, a qual lhes concedeo per vontade e parecer del Rei de Cochim, ficando el Rei de Calecut de fora, avendo ja quasi cinco mezes, que durava a guerra em que o

Çamori Rei de Calecut, como se achou per conta de seus scrivães, perdeu dezoito mil homens, os treze mil denfirmidades, e os cinco mil nas pelejas, e muitos tiros dartelharia, e fustalha. Duarte Pacheco nam quis deixar o passo do vao, ate as pazes nam serem afirmadas, porque o pouco tempo em que se concluíram, e o pouco que confiava da verdade destes senhores do Malabar, lhe fazia parecer que eram tudo enganos. Estando ainda alli veo ter com elle, per dentro dos rios, Rui daraujo scrivão da feitoria de Coulão com cartas do feitor Antonio de Sa, per que o avisava, como os mouros da terra, confiados na victoria que speravam que el rei de Calecut ouvesse delle, os cercaraõ, e mataram hum homem, e que assi o fizeram a todos se a isso nam acodiram os governadores da cidade, que lhe pedia pois estava em paz, que chegasse a Coulão pera cástigar os mouros que foram culpados, porque se o não fizesse lhe seria forçado (visto as afrontas que cada dia recebião delles) deixar a cidade, e se tornarem pera Cochim, pelo que Duarte Pacheco, depois das pazes juradas se partio do passo pera Cochim aos tres dias de Julho, onde deu conta a el Rei do que passava em Coulam, que o então recebeu na cidade com grandes festas acompanhandoho ate a fortaleza, onde esteve provendo nas eousas que compriam a seu cargo, ate os xxvj. dias do mesmo mes de Julho de M. D. iiij. em que se foi na sua nao pera Coulam, deixando Pero Rafael em guarda da Cidade, com a capitania das caravellas, e bateis. Chegando a Coulam se informou de como passara o negocio, mas vendo que a execução seria mui difficil-tosa, por nisso serem culpados os principaes mouros da Cidade, tratou do que era mais serviço del Rei, pedindo aos governadores, que lhe cumprissem o contrato que fezerão com Afonso Dalbuquerque per que

se obrigavaõ a não deixarem sair nenhuma speciaria daquelle porto, ate o feitor del Rei seu senhor nam ter feita provisam de todallas que ouvesse mister, o que lhe não contrariando, tomou de cinco naos de mouros questavam a carga, toda a pimenta que ja tinha recolhida, e assi o fez doutras algumas que carregavam escondidamente, junto daquelle porto, ate que o feitor se proveo de toda a que era necessaria. O que feito se fez a vela na entrada de Septembro, correndo a costa do Malabar, ate a chegada de Lopo Soares a India, no qual tempo tomou algumas naos, que com a carga entregou ao mesmo feitor Antonio de Sa, com ser tam temido, que nenhum Rei, nem senhor de toda aquella provincia ousava fazer cousa, em que cuidasse que o podia anojár.

### CAPITULO CXIII

*De como el Rei mandou dom Francisco Dalmeida a India, e da obediencia que enviou ao Papa, e vinda do Padre frei Mauro Hispano a este regno.*

**H**A primeira cousa notavel que se neste anno de M. D. v. em que agora entramos, fez neste regno foi a armada em que el Rei mandou dom Francisco Dalmeida por governador a India de que tratarei no anno de M. D. vi. no qual anno M. D. v. mandou el Rei obediencia ao Papa Iulio terceiro, per dom Diogo de Sousa Bispo do Porto, e com elle o doctor Diogo Pacheco, e assi lhe mandou requerer confirmaçam da ordem de Christus, de que os Reis de Portugal per dispensaçam Apostolica sam perpetuos administradores, allem do que lhe mandou pedir cruzada, e indulto pera ajuda das des-

pesas que fazia em Africa na guerra dos mouros, o qual Bispo do Porto o Papa confirmou no Arcebispado de Braga per apresentaçam, e supplicação del Rei, o que feito, e impetrados os negocios a que fora, se tornou ao Regno neste mesmo anno, do que se ao diante dira, no qual no mes de Junho, estando el Rei em Lisboa, veo a elle hum frade per nome frei Mauro Hispano, guardiam do monte Sion, com cartas do Papa Iulio, per que lhe mandava pedir conselho, e parecer do que responderia ao Soldam de Babilonia, sobre quixumes, e agravos que lhe screvia delle, e del Rei dom Fernando, e da Rainha donna Isabel, Reis de Castella, Aragam, e Sicilia, per caso da continua guerra que faziam aos mouros, pelo qual frade mandou o treslado da carta que lhe o Soldam por elle screvera, de que o theor de verbo a verbo he o seguinte.

*Carta do Soldam de Babilonia ao Papa Iulio terceiro.*

**A** Sanctidade do Papa excellentissimo, sanctissimo, spiritual, temente a Deos, bem feitor dos Romanos na seita antiga dos Christãos, entre os fieis de Iesu, Rei dos Reis nazarenos, ou Christãos, conservador dos mares, e enseadas maritimas, pai dos Patriarchas, e dos Bispos, e sabedor pelos que lem os Evangelhos na sua seita, das cousas licitas, e inlicitas, agradavel aos Reis, e principes, e possuidor do regno Romano, Deos accrecente sua gloria, e lhe de muita saude. O maior Rei, senhor dos senhores, nobre, excelente, sabedor, justo, conquistador, Victoriouso, Rei dos reis, espada do mundo, principe da fé de Maphamede, e dos que o seguem, virificador

da justiça, herdeiro dos regnos em todo mundo, Rei de Arabia, e da Persia, e Turquia, sombra de Deos na terra, obra das boas obras de Deos assi por elle mandadas, como nam mandadas, aquelle que agora neste tempo he como outro Alexandre de quem muitos bens procedem, Rei dos que se assentam em throno, e cadeira Real, conservador dos que trazem coroa na cabeça, dador de climas, e cidades, perseguidor dos reveis herejes, e infieis, conservador de dous lugares dos perigrinos, summo sacerdote de dous templos sagrados, ajuntador, e conservador da fé de Maphamede, defendedor da justiça, e bondade, senhor dos Reis deste tempo, sacerdote dos que temem a Deos, e esplendor de fé, pai da verdade, causa de toda cousa ferosa, e elegante. Faça Deos seu imperio perpetuo, e seu exercito victorioso, e Deos o ajude, e levante sua cadeira sobre o planeta de Geminis. E pera que vossa Sanctidade seja certo do que vos quero fazer saber vos mando esta carta, pela qual sabereis, que todos Christãos, e frades que vem a nosso famoso regno, religiosos, e perigrinos, ou quaesquer outros, todos sam guardados, e conservados de nossa excellente justiça, e sei certo que sabendo vos isto, sabeis bem que o rei dos Catelães faz guerra no regno Dandaluzia, senhoreando a dita provincia, matando muitos Mouros, trazendoos a duro, e aspero captiveiro, constringendo alguns delles per força a serem Christãos, e entrar na Fé nazarena, o que nam he licito, nem na sua fé, nem em outra alguma, e disto sei que vos fezerão muitos mouros do Ocidente queixume, procurando remedio do vosso excellente tribunal, e piedade, a que nam destes nenhum remedio. E com a mortificaçam destas cousas fomos postos grandemente em huma subita ira, com proposito de destruirmos o nobre Sepulchro de Hieru-

salem, e o mosteiro do monte Siom, e todas as egrejas que estão postas debaixo de nosso senhorio, de maneira que não ficasse pedra sobre pedra, e das pedras dellas se fizesse cal, e porem sobrestivemos na execuçam deste proposito a rogo, e por intercessam do magnifico, e grande Principe Cartalago, e doutros principes, e do nosso gram secretario, e do interprete Tangibarde, ate vos enviar esta carta, e aver vossa resposta pera sobrisso fazermos fundamento, pera effecto do qual mandamos agora a vossa presença o frade Mauro, guardiam do monte Siom. e por isso considere vossa Sanctidade sobrestas cousas, e veja se he licito o que faz na Andaluzia o Rei dos Catelães, que sobre seguro, e fé dada, mata cada dia muitos Mouros, e per força os faz tornar Christãos. E se isto vos parece bem, e lho concede vossa Sanctidade, saiba certo que nos faremos outro tanto, porque não ficara em nosso regno nenhum Christão, que nam mande matar, ou captivar, allem do que mandarei destruir o Sepulchro, mosteiros, e egrejas de Hiernsalem. E o que vos dizemos do Rei dos Catelães, isso mesmo vos dizemos do Rei de Portugal, de quem recebemos outro tamanho damno, e offensa, o qual vos peço que façais que totalmente desista da navegação da India do que recebemos muito damno em nossas rendas, e muita mingoa, e quebra de nossa Fé, e de tudo vos peço que nos façaes certos, segundo vossa intenção, e Deos desporá estas cousas em melhor. Escripta a xxij. dias de Setembro.



*Carta que el Rei enviou ao Papa em resposta de huma que lhe screveo sobre a do Soldam de Babilonia, a qual a qui nampus, porque da resposta desta del Rei se pode ver a substancia de outra.*

**M**UITO bemaventurado Padre, por frei Mauro Hispano, guardiam do monte Siom recebi um breve de vossa Sanctidade, e assi a copia de huma carta que per elle o Soldão de Bibilonia lhe enviara, na qual principalmente se queixava do mui serenissimo rei nosso mui amado pai, dizendo que tomando o regno de Granada, usara dalgumas sem razões contra os moradores, infieis deste regno sc. derribandolhes, e destroindo deshonoradamente suas mesquitas, e tornando per força alguns mouros Christãos, e assi para mostrar mais seu modo, que verdadeiro queixume que tenha de nós, segundo vimos, tambem se mostra de nós agravado, e offendido, dizendo que em grande damno de seu senhorio, e perda sem estima de seu estado com nossas armadas, e gentes descobrimos pelo mar Oceano ate a India, e outras provincias da Asia, as quaes nunca per nenhuns Reis, nem Principes nossos antecessores, nem doutras gentes estrangeiras foram descubertas, nem navegadas, suplicando a vossa santidade que lhe dê nestas cousas o remedio que deseja, ameaçando com sua grande soberba que se nisto lhe não satisfazem segundo seu desejo, que não sómente destruirá a triste cidade de Hierusalem, e o Sancto sepulchro de nosso Senhor JESU CHRISTO, mas ainda pera mais vingança das injurias, e perda dos Mouros promete que vira subitamente contra a republica Christãa com exercitos de guerra, e sobre isto nos encomenda vossa Sanctidade que lhe declaremos o que sobre isso

sentimos o que faremos de mui boa vontade. E deixando o que a vossa Sanctidade, e a real alteza del Rei meu muito amado pai toqua, e pertence, no que cremos que cada hum per conservação da Fé, considerando a conveniencia das cousas dividamente, e com muita prudencia respondera, e quanto ao que nos neste caso toca brevemente lhe declaramos nossa tenção. E o de que primeiramente muito bemaventurado Padre, mais nojo recebemos, he os damnos, e agravos de que o Soldam se aqueixa a vossa Sanctidade contra nós, não serem maiores pera sua queda, e as causas disso não serem de mais efficacia, e porem confessamos que os começos das cousas que com ajuda de Deos proseguimos, pera effecto de sua destruição, de que parece que tem receo, serem assas grandes, e aptos pera isso, pola privação das mercadorias, e trato das cousas da India. E quando nossos exercitos (o que cremos que per misericordia de Deos será mui cedo) chegarem á sua casa de Meca, e onde esta o seu falso profeta, e tomarem por força darmas, e destroirem tudo, então não será sem razão ameaçar o dito Soldão com a destruição do Sepulchro Sancto, e então mais justamente se pode aqueixar, e lamentar, e isto muito Sancto Padre não são cousas vãs, nem de muita dificuldade, oulhando bem em quam pouco tempo com ajuda do senhor Deos se fezerão tão grandes, e prosperas cousas. E conhecida bem a disposição da India, e assi da condição, e infidelidade da gente barbara em que nam se deve temer nenhuma força, nem nenhuma resistencia. E porem muito clemente Padre pera que o Soldam nos agravos de que por parte dos infieis se queixa del Rei nosso pai, nos tenha tambem por participantes, saiba vossa Sanctidade, que quando se contratou casamento entre nós, e ha Rainha nossa muito

amada mulher nisto principalmente insistimos, e ouvemos por mais bemaventurado dote, pedirmos ao dito Rei nosso pai que não somente todalas mesquitas dos Mouros sogeitas ao regno de Castella as mandasse todas destruir, mas que ainda os seus filhos pequenos, e de pequena idade fossem tirados de seus pais, e se baptizassem, e os tornassem Christãos. A qual cousa, assi como foi prometida, assi com louvor de Deos se acabou, e comprio, no que recebemos grande prazer, e beneficio. E quanto as ameaças, e vingança que o dito Soldam publica com pa'avras de muita soberba contra o Sepulchro de Iesu Christo, isso nam podemos deixar de sentir com muita dor, e tristeza, nem he sem razão, quando o Soldam screve a vossa Sanctidade, que temos por verdadeira cabeça de nossa Fé, não tendo receo de dizer cousas de deshonra, e abatimento da mesma Fé. Nem he de crer que esta ousadia de infieis proceda senam da muita negligencia, e descuido dos Principes Christãos, que occupados em cousas humanas, e de seu proveito se nam alembra das injurias, que recebem dos inimigos de Deos. E finalmente não cremos muito sancto Padre que o dito Soldão seja tão sem siso que em publico desprezo dos Christãos queira destruir a casa Sancta segundo o promete, porque fazendo isso (que Deos não queira) seria incitar contra sim muitos damnos, armas, e muitos perigos, porque não ha duvida que por tão piadosa, e tão devida vingança, todolos christãos, e assi mancebos, como velhos, sem alguma exceção de idade, nem de estado, acodirão a isso, com suas riquezas, offerecendo a isso as vidas, e os corpos. E isto que aqui pontamos a vossa Sanctidade se disso tem vontade como cremos, tudo esta em sua mão, compoendo os odios, dissensões, e discordias dos Reis, e Principes Christãos, com doçura

damor, e paz, o que empredeo o Papa Alexandre vosso antecessor, amoestando pera isso alguns Principes Christãos, dos quaes eu fui hum, mas isso não ouve effecto, nem cremos que fosse por outra causa somente pera Deos guardar esta obra tão sancta, e tão piadosa pera vosso tempo. E pois em cousa de tanto louvor, e tão necessaria se offerece tanta occasiam, nam a deixe vossa Sanctidade, antes com a bandeira da Cruz prosiga esta empresa, e saiba segundo nos parece, que nenhuma cousa de tanta graça, e louvor se pôde fazer na terra. E ao que vossa Sanctidade por derradeiro nos encomenda, que lhe sinifiquemos o que deve responder segundo nosso conselho ao Soldão, isso lhe temos muito em merce, e o avemos por excusado, porque avendo nelle, e no mui sagrado Collegio dos Cardeaes tanta Sanctidade, e tanta prudencia, bem cremos, que nesta cousa, e em outra de mais substancia, e peso dignamente saiba prover, e aconselhar. Ao mais não ha que dizer, somente rogarmos com muita humildade a Deos todo poderoso, que acenda com lume de graça o entendimento de vossa Sanctidade, pera que proveja nas cousas que tocam á Republica Christãa. Nosso Senhor conserve sua vida, e estado como deseja. Dada na nossa cidade de Lisboa a doze dias do mes de Junho, de mil, e quinhentos, e cinco annos.

## CAPITULO XCIV.

*Dalgumas cousas que nestano de mil e quinhentos, e cinco mais passaram no regno.*

**E**L Rei dom Emanuel foi naturalmente amador de honra, e desejoso de deixar de sim memoria, e boas leis, e fôros a seus sujeitos, e vassallos, do que movido, começou neste anno de mil, e quinhentos, e cinco hum negocio de muito trabalho, que foi mandar reformar as leis, e ordenações antigas do regno, e acrescentar nellas algumas cousas que lhe pareceram necessarias, e assi fez por serviço de Deos huma obra digna de muito louvor, a qual se começou neste mesmo anno que foi mandar que se fizessem os tombos de todas as capellas, spritaes, albergarias, instituições, e gafarias destes regnos, pera o que se fizeram grandes diligencias em tirar inquirições, pera se saber disso ha verdade. Os quaes exames feitos, e acabados com muita diligencia, mandou logo screver os tombos autenticos de todas as propriedades, foros, rendas, e obrigações, que se tinham a estas casas, e capellas, de que mandou fazer de cada hum dous livros, hum pera ficar nos cartoreos das mesmas casas, e outro pera se lançar na Torre do tombo do regno, mas destes mui poucos se trouxeram a ella, o que seria per negligencia, e culpa das pessoas a que elle encomendou, e encarregou que o fizessem. Neste anno no mes de Junho por algumas suspectas, que el Rei teve da excellente senhora donna Ioanna, Rainha, que fora de Castella, e Leaõ, se querer tornar secretamente pera os ditos regnos, ordenou que se viesse de Sanctarem, onde então estava, pera Lisboa, e por

as informações que sobre isso deram a el Rei nam serem de calidade pera se lhe dar fé, e el Rei achar depois ser tudo falso, tenho por muito excusado fazer disso mais declaraçam, da qual senhora, e de seus infortunios tenho tratado assas per extenso na Chronica do Principe dom Ioam, Rei que foi destes regnos, segundo do nome. Neste mesmo auno de M. D. V. per consentimento, e vontade del Rei fez Ioam Lopes de Sequeira huma fortaleza em Guadanabar do cabo de Guer pera dentro, contra Aguiló, a que pos nome de Sancta Cruz, a qual fortaleza elle depois soltou a el Rei pola não poder soster, e el Rei lhe fez por isso merce. Neste anno como atras fica scrito mandou el Rei a Roma dom Diogo de Sousa, Bispo do Porto, o qual depois de ter negociado as cousas que levava a cargo, e ser Arcebispo de Braga, se tornou ao regno per mar, depois da chegada do qual a Lisboa, que foi no mes Doctubro, se ateou logo peste tam brava na cidade, de huma nao que vinha em sua companhia tocada sem o elle saber, que foi necessario irse el Rei com toda sua casa pera Almeirim, a qual pestilença se espalhou per todo o regno, e foi huma das mais bravas, e cruel, que em muitos tempos se acha, que ouvesse em nenhuma outra parte da Hispanha.

CAPITULO XCV

*De como Francisco Pereira pestana foi sobre huma aldea, e do que lhe aconteceu.*

**F**RANCISCO Pereira pestana foi nestes regnos hum honrado fidalgo, e muito bom cavalleiro, grande dizedor, e cortezão, de quem el Rei dom Emanuel, e el Rei dom Ioam seu filho fezerão muita conta por seus serviços, e cavallaria, no qual exercicio deu sempre boa conta de sim assi em Italia, onde a exercitou com muito louvor, como em Africa, e na India, e na tomada da cidade de Tunes em companhia do Infante dom Luis quando o Emperador Carlos quinto a ganhou aos mouros. A este esforçado cavalleiro estando em Arzilla servindo a Deos, e seu Rei na guerra, deu dom Ioam de Meneses neste anno de M. D. v. setenta de cavallo pera correr a huma aldea que esta dentro na serra que se chama cahara, a qual chegou em amanhecendo, pondosse em cilada, ate que os mouros lançaram o gado fora, o qual lhe tomou todo, ao que elles acodirão, apertando com Francisco Pereira, sem o deixarem ate tres legoas Darzilla, tendoo já seguido duas, as voltas, com tanto esforço que lhe conveo poer a gente em corpo sobre hum outeiro, com determinaçam de pelejar, mas os mouros parecendolhe que poderia ser cilada, se começaram de recolher a outro outeiro, o que elle vendo voltou sobrelles, que seriam entre de pe, e de cavallo duzentos, e os desbaratou, e matou oitenta, e captivou trinta, e cinco, dos Christãos forão muitos feridos, mas nam morreo nenhum. Avida esta vitoria, Francisco Pereira caminhou com a cavalgada, e foi rece-

bido em Arzilla do capitão, e dos mais que estavam na villa com muito prazer. Nesta companhia se achou hum muito esforçado cavalleiro per nome Diogo Viegas, da criaçam de dom João Mascaranhas capitão dos genetes, que por em monte mór o novo matar em desafio hum criado do mesmo dom João se foi Arzilla. O qual depois de se Francisco Pereira recolher ao outeiro, lhe dixe que voltasse sobellos mouros que estavam no outro, ao que Francisco Pereira, que de sua condiçam era assomado, respondeo, olhai que conselho de homem vestido em caçote de canhamaço. Diogo Viegas como era cavalleiro, rindosse lhe dixe, assi Francisco Pereira, eu vos prometo que este caçote vos a hoje de parecer arnes de milão, ao que Francisco Pereira respondeo, pois tu es tão valente, volta, o que todos fizeram com tanto esforço, que desbaratarão os mouros do modo arriba dito. Diogo Viegas fez nesta volta tão assinaladas cousas que Francisco Pereira, depois do negocio acabado, se lhe lançou aos pes, dizendolhe que o espancasse, pois lhe respondera sem saber a quem falava, que com seis taes como elle se atrevia a ir prender o gram Turquo dentro da cidade de Costantinopla.

## CAPITULO XCVI

*De como el Rei mandou a India treze naos, de que foi por capitam Lopo Soares Dalvarenga.*

**A**TRAS fica dito como no anno de mil e quinhentos, e quatro, como el Rei mandou huma armada a India de que deu a capitania a Lopo Soares Dalvarenga, da qual farei relação neste anno de mil, e quinhentos, e cinco, em que tornou, segun-



do a ordem que com as outras ate qui nisso tive. Esta armada era de treze naos grossas, em que hiam mil e duzentos soldados, e muitas munições de guerra, por quanto el Rei tinha a guerra de Calecut por certa pellas informações que lhe o Almirante dom Vasquo da Gama deu, quando de lá tornou a segunda vez. Os outros capitães que hiam debaixo da bandeira de Lopo soares eram Pero de Mendonça, Lionel Coutinho, Tristão da Silva, Lopo mendes da Vasco gonzellos, Emanuel teles barreto, Lopo dabreu, Phelipe de castro, Afonso lopes da costa, Pero Afonso daguiar, Vasquo da sylveira, Vasquo carvalho, e Pero Diniz de Setuval, com os quaes partio do porto de Bethalem xxij. dias Dabril do dito anno de mil, e quinhentos, e quatro. E seguindo sua viagem chegou a Moçambique aos xxv. dias de Julho, em dia do Apostolo Sanctiago, onde o Xequé o recebeo como amigo, mandandolhe refresco da terra em presente, e huma carta que Pero Dataide screvera antes que morresse, em que avisava qualquer capitão que alli viesse ter dos negocios da India, pelo que vendo Lopo soares que sua chegada era necessaria a Cochim, mandou concertar, e prover a armada com tanta diligencia, que ao primeiro dia Dagasto pertio pera Melinde, onde o el Rei em chegando mandou visitar com refrescos per hum mouro honrado per nome Debucar, e com elle dezaseis Portugueses, que se alli deixaram ficar, dos que se salvarão da nao de Pero Dataide. Neste porto de Melinde nam se deteve Lopo Soarez mais que dous dias, acabo dos quaes, depois de se ver com el Rei, partio perá India, navegando com bom tempo ate a ilha de Anchediva, onde achou Antonio de Saldanha, e Rui Lourenço, que como atras fica dito, alli vierão ter, e por caso do inverno nam poderão passar a diante. Isto era já no fim Da-

gosto, em que começa o verão naquellas partes, pelo que se fez dalli á vela caminho de Cananor, onde chegou ao primeiro de Setembro, e soube, assi del Rei com quem se vio em terra, como do feitor Gonçalo Gil Barbosa, o que Duarte Pacheco fezera nas guerras del Rei de Calecut. O que sabido, e dado a el Rei de Cananor hum presente, que el Rei dom Emanuel mandava, se partio pera Calecut: ha causa lá ir (posto que estivesse de guerra com nosco) foi esta. Ao dia seguinte que chegou a Cananor veo ter com elle hum Mouro de Calecut, com um moço Portuguez, que lhe trazia uma carta dos Portuguezes, que ficaram captivos, do tempo de Pedralvrez Cabral, os quaes Naubeadarim principe de Calecut levara de Cranganor, com Rodrigo Reinel, quando per mandado de Francisco Calbuquerque alli fora receber pimenta, como atras fica dito, na qual carta lhe scrivião que el Rei de Calecut ficara tão quebrado da guerra que tivera com Duarte Pacheco, que os governadores da cidade, sabendo que el Rei acceptaria a paz se lha dessem posto que aquelle tempo não estivesse na cidade, lhes mandaram que lhe screvessem, pera saberem delle se seria sua vontade fazella, o que lhe pediam que quisessem, a huma porque a todollos Portuguezes viria disso proveito, e a outra pera com ella sairem do captiveiro em que avia tanto tempo que estavam. Lida a carta Lopo soarez quisera mandar o Mouro com a reposta, e reter o moço, o que elle nam quis fazer, dizendo que se ficasse, que a todolos outros que estavam em Calecut cortarião as cabeças, ou pelo menos os tratariam mal, do que movido o deixou tornar sem responder, senão de palavra, dizendolhe que quanto a paz que elle se hiria dali a Calecut por esse só respeito, pola taubem desejar. Isto lhe dixे perante o Mouro, e a parte que lhes dicesse, que tanto que sur-

gisse diante do porto, trabalhassem por fogir de noite perás naos, que elle os mandaria esperar com os barteis a praia. Despedido o moço se fez Lopo soares a vela, e a hum sabado sete de Septembro de M. D. iiij, surgio diante da barra de Calecut, onde logo os governadores da Cidade o mandarão visitar per hum Mouro honrado, em cuja companhia vinha o mesmo moço Portugues, per quem lhe mandaram hum presente de refreaco da terra, e dizer que se quizesse dar seguro a Cojebequij que lhe iria fallar sobre concerto, de paz, pera o que já tinha commissão del Rei de Calecut. Lopo soares nam quis tomar o presente respondendo que ate nam terem assentada paz tivessem por excusado mandar-lhe cousa nenhuma. E quanto a Cojebequij que podia vir fallar com elle livremente, o que assi fez, acompanhado de dous dos nossos que estavam captivos na cidade, trazendo recado de parte dos regedores, que el Rei seria na cidade dentro de quatro dias, pera fallar nestas pazes, que desejava muito com el Rei de Portugal, ao que lhes respondeo que antes de se fazer nenhum concerto lhe aviam de dar os Portuguezes que tinhão captivos, e os dous Lombardos Milaneses, ao que os de Calecut nam responderam, por caso da entrega dos Milaneses que quanto aos nossos, estão resolutos em os entregar como se depois soube: pelo que mandou logo esbombardear a cidade, no que se continuou hum dia, e meo, o que feito se partio pera Cochim, onde chegou a hum sabado catorze dias do mesmo mes de Septembro.

## CAPITULO XCVII

*Do que Lopo Soares fez depois que chegou a Cochim, e de como Duarte Pacheco se veo parelle, e forão sobre Cranganor.*

**O** dia em que Lopo Soares chegou ao porto de Cochim o vieram ver á nao os nossos, e ao outro dia desembarcou, e se foi á foraleza, á porta da qual o estava sperando el Rei de Cochim, e dalli entrarão pera huma salla grande, onde estava hum estrado, em que se el Rei lançou sobre almofadas, e Lopo Soares se assentou em huma cadeira despaldas fora do estrado, e assi estiveram ambos falando per um bom pedaço, dandolhe logo Lopo Soares um presente, que lhe el Rei dom Emanuel mandava. Isto feito dahi a poucos dias mandou a Pero de Mendonça, e a Vasquo Carvalho que sahissesem com as suas naos a guardar a costa dalli ate Calecut, e Afonso Lopes da Costa, Pedrafonso Daguiar, Lionel Coutinho, e Rui Dabreu que fossem tomar carga a Coulam, por saber que tinha o feitor Antonio de Sá junta muita speciaría por industria, trabalho, e ardis de Duarte Pacheco, o qual depois destas quatro naos chegarem ao porto de Coulão, se partio pera Cochim, onde Lopo Soares o recebeo como a homem a que todo cavalleiro tinha obrigação de fazer muita cortezia, misturada com desejo de alcançar alguma parte de tanta honra, e gloria, quanta elle tinha ganhada nas victorias que ouvera contra o Çamorij Rei de Calecut. Feita a carga das naos que ficaraõ em Cochim, e vindas as que foram a Coulam, Lopo Soares foi avisado que em Cranganor, cidade que sem-

pre tivera a parte del Rei de Calecut, estava hum seu capitão per nome Maimame, com oitenta paraos, e cinco naos, e em terra o principe Naubeadarim, e que cada dia se ajuntava muita gente a outra muita que ja alli tinha, isto pera que como partisse a nossa armada darem de subito nas terras del Rei de Cochim, e continuarem de novo na guerra que tinhão com Lopo Soares. Sobristo teve elle conselho com o mesmo Rei, e capitães da frota, pelos quaes todos se assentou, que dessem de subito em Cranganor, o que concludo partio de Cochim huma noite com quinze bateis e vintacinco paraos, e huma caravella, todos bem equipados, em que averia mil homens Portugueses, e mil Naires del Rei de Cochim. Em amanhecendo chegou a Pali, porto onde o principe de Cochim o estava esperando com oito centos Naires. Daqui partiram per mar, e per terra caminho de Cranganor, dando Lopo Soares a dianteira desta frota do mar a Tristão da Silva, Antonio de Saldanha, Pedrafonso Daguiar, Afonso da Costa, e Vasquo Carvalho. O capitão del Rei de Calecut tinha duas naos em que elle estava com dous seus filhos, encadeadas huma na outra, bem equipadas d'artelheria, e todas as munições necessarias, com muita gente de guerra, frecheiros, lanceiros, e alguns espingardeiros, e as ilhargas dellas tinha postos os paraos com muita gente, e artelheria, os nossos cinco capitães em chegando abalroarão as naos, as quaes entraraõ (posto que com muito trabalho) matando alguns dos imigos, entre os quaes foi o mesmo capitão, e seus filhos que morrerão como homens esforçados, a outra gente toda vendo as naos entradas se lançou ao mar, os outro capitães, com os Naires de Cochim cometeram os paraos de Calecut, que se logo poseram em fugida, sem nenhuma resistencia. Desbaratada esta frota, Lopo Soarez fez desembarcar

os nossos, dando a dianteira aos cinco capitães, os quaes juntos com o Principe de Cochim, que veio per terra, e a outra nossa gente derão na de Naubeadarim Principe de Calecut, os quaes depois de se defenderem hum bom pedaço deixaram o campo, e entrando per uma porta da cidade saíram pela outra, indolhe os nossos no alcance ate os lançarem fora. Duarte Pacheco, e Diogo Fernandes Correa, que per ordenança de Lopo Soares desembarcaram com alguns capitães afastados dos outros, vendo ir os inimigos de vencida, sem os poderem alcançar, entraram tambem pela cidade, a qual logo poseram fogo, que em se começando datear, sahiram das casas alguns Christãos dos que alli moravão, pedindolhes que o apagassem, por nam queimarem as egrejas de nossa Senhora, e dos Apostolos que na cidade avia, e assi suas proprias casas que tinham mesturadas com as dos Mouros, gentios, e judeus. Destes alguns correrão a praia onde Lopo Soares estava com a gente que com elle ficou pera guarda da frota, a pedirlhe o mesmo, ao que logo mandou acodir, mas nam pode ser com tanta diligencia, que se nam queimassem muitas casas, por serem de madeira, cubertas dola, ao modo do Malabar. As dos mouros, gentios, e judeus que se nam queimaram foram saqueadas em que ouve grande despojo. As duas naos que estavam encadeadas, e tres que estavam encalhadas em terra, com muitos paraos, que os inimigos desemparraram, mandou Lopo Soares queimar, e recolher a nossa frota as armas, e artelharia que nellas acharam, o qual (fazendosse esta obra) entrou na cidade, pera em humas das egrejas dos Christãos armar alguns cavalleiros, o que feito se tornou pera Cochim. onde foi bem recebido, assi del Rei, como de todollos da cidade.

## CAPITULO XCVIII

*Em que se declara donde estes christãos de Cranganor trazem seu principio, e dos costumes, e modo de religiam que tem, e do sitio da cidade.*

**E**STA Cidade de Cranganor he grande, situada na terra do Malabar, quatro legoas de Cochim, contra Calecut, de longo da qual passa hum rio que a cerca por algumas partes. Abitam nella gentios, mouros, judeus, e Christãos, he de grande trato, e de que todo o regno toma nome. Vem a ella mercadores, de Suria, Egypto, Persia, e Arabia por caso da muita pimenta que nella ha. Quando os nossos vieram a India, era esta cidade governada per os mesmos da terra a modo de Republica, com tudo estava a obediencia do Çamorij rei de Calecut: mas depois que os governadores della virão suas cousas em declinaçam por caso da guerra que faziamos a el Rei, elles se lhe rebelarão, sem lhe mais quererem obedecer. Tem o gentio deste regno os mesmos costumes, e crença que tem todollos outros do Malabar. Os Christãos que nella moram tem egrejas como as nossas, e nos altares, e paredes pintadas cruces, como os de Coulão, sem nenhuma outras imagens, nem sinos. Ajuntasse o povo nas egrejas aos domingos, onde ouvem suas pregações, e os officios divinos. Ao seu Papa chamam catholico. Tem sua residencia em Caldea com doze cardeaes, dous Patriarchas, Arcebispos, Bispos, e outros prelados. Os sacerdotes trazem a tonsura em cruz, e consagram o corpo do Senhor em pão asmo, e com vinho de passas, por na terra não aver outro Os seculares comungão separadamente o

pão, e vinho consagrado, como os sacerdotes. Baptizão os mininos aos quarenta dias, se nam sucede perigo de morte. Confessam se antes de tomar o Sacramento, e em lugar da extrema Unçam, que nam usam, benze o sacerdote o enfermo. Quando entrão nas egrejas lanção agoa benta sobre sim : enterrão os mortos, ao modo da egreja Romana. Os parentes e amigos em lembrança do morto, comem todos juntos oito dias continuos, dizendo sempre muitas orações pela alma do defunto, depois dos quaes lhes fazem o saimento : nam fazendo testamento o que morre, succede na fazenda o parente mais chegado. As molheres dos defuntos tiram seu dote, o qual per lei, e costume que tem perdem, se se casam antes de hum anno depois da morte do marido. Tem os mesmos livros da lei velha, e nova que sam recebidos no Canone da egreja Romana, scriptos em lingua Hebreá, e Caldeá, os quaes os seus doctores (de que a alguns bem doctos na lei) lhes lem em scollas publicas, principalmente os Prophetas. Iejuam o advento, e a quaresma no mesmo tempo que nós. Nam comem cousa nenhuma, nem bebem da vespóra da pascoa ate o dia. Tem pregadores que ordinariamente per todo o discurso do anno lhes pregão. Tem livros de doctores que lhes expoem a lei em que estudão. Guardam com muita devaçam o dia da Pascoa com duas octavas, e o dia da Pascoella, com muita solemnidade, por naquelle dia São Thome meter a mão no lado de nosso Senhor Iesu Christo. Guardam com a mesma solemnidade os dias da Ascençam, Penthecoste, Trindade, e Asumpçam de nossa Senhora, o do nascimento, e Purificaçam, o do Natal, Epiphania, todos os dias dos Apostolos, e domingos de todo o anno. Tem dia entercalar pera conta dos annos como os latinos. Os Christãos, e gentios daquelle regno fazem grandes



festas no primeiro dia de Julho, a honra do bemaventurado Apostolo São Thome. Tem mosteiros de monjes que se vestem de panos pretos, e da mesma ordem os ai de freiras, que vivem com muita observancia, honestidade, castidade, e pobreza, assi huns, como os outros. Os sacerdotes guardão castidade conjugal, morta a primeira mulher nam casam mais, no matrimonio não pode antrelles aver apartamento per nenhum caso, senam per falecimento do marido, ou da mulher, bem ou mal ham de viver juntos ate morte. Os quaes costumes, e crença tem todolos Christãos que a desde Cranganor ate Charmandel, e Mailapur, onde jaz enterrado o Apostolo São Thome, o qual Apostolo pregou a palavra de nosso senhor Iesu Christo a estes de Cranganor, e aos de Coulam, e primeiro que a estes aos da ilha de Çocotorá como elles tem per suas lendas, e livros autenticos. Pera mor certeza do que farei aqui mençam do que Pero de sequeira (homem a que se pode dar credito) me dixé acerca da verificação deste sancto Apostolo, ser o primeiro que pregou a nossa fe catholica naquellas partes, que foi assi. Servindo elle no anno de M. D. XLIIII. o officio de thesoureiro do deposito em Cochim, veo ter aquella cidade hum Bispo de Cranganor, per nome Iacobo, Caldeo de naçam, o qual per sua dignidade, e honestidade pousava no mosteiro de Sancto Antonio, da ordem de São Francisco, onde adoeceo denfirmidade, de que veo a falecer, o qual Pero de Sequeira, por ter com elle alguma amisade, hia visitar muitas vezes. Este bom homem vendosse no extremo ponto da vida, com muita vergonha lhe rogou, que se Deos fosse servido o levar para sim, quisesse usar huma esmola, e charidade com elle, e com todolos Christãos da cidade de Cranganor, a qual era, que elle por necessidade, e ser pobre em-

penhara a hum certo homem que morava na serra duas taboas de cobre, em que estavam talhados ao boril privilegios que os senhores daquella cidade deram ao bemaventurado Apostolo São Thome, para os Christãos, que elle ja entam tinha convertidos, e pera todos que depois o fossem, e estas taboas empenhara por vinte cruzados, avia ja alguns annos, sem sua pobreza lhe dar lugar pera as poder remir, que lhe pedia que pera consolaçam de sua alma mandasse logo por ellas, e as guardasse, porque se Deos lhe desse vida elle lhe pagaria os vinte cruzados, e morrendo o fariam os Christãos de Cranganor, pelo muito que lhes importava. Pero de Sequeira movido destas palavras, mandou hum seu criado com o dinheiro, em companhia de hum sacerdote, dos que acompanharam o Bispo, que conhecia o homem que tinha as taboas, as quaes lhe trouxeram antes do Bispo falecer de que levou muita consolaçam. Morto o Bispo Pero de Sequeira mostrou estas taboas ao governador da India, que entam era Martim Afonso de Sousa, que logo mandou buscar quem lesse o conteudo nellas, mas nam se achou quem as entendesse pola antiguidade da scriptura, e differenças das lingoajens, do que ja desesperado, lhe vieram a enculcar hum judeu que tambem vivia na serra homem docto em muitas lingoajens, e experto na antiguidade dellas ao qual mandou as taboas com cartas del Rei de Cochim, per que lhe mandava que declarasse o que se nellas continha, o que o judeu fez, com muito trabalho, porque a scriptura era de tres lingoajens, Caldeu, Malabar, e Arabio, e o estilo muito antigo, mas a substancia dos privilegios nam se continha em cada huma destas lingoajens por sim, senam em todas tres juntas, pondo huma palavra, ou adiçam Caldea, e outra Malabar, e outra Arabia. E nestas tres lingoajens estavam as

taboas scriptas o que o judeu mandou declarado em  
lingoa Malabar, da qual se tresladou na Portuguesa.  
Estas taboas sam de metal fino, de palmo, e meo  
cada huma de comprido, e quatro dedos de largo,  
scriptas dambalas bandas, e infladas, pela banda de  
cima com hum fio darame grosso. O que se nellas  
conthem he que o Rei que então regnava dava de  
sua livre vontade ao Apostolo São Thome, que então  
residia em Cranganor pera edificar hum templo na-  
quella cidade, tantos covados Dalephante de terra em  
redondeza, medida que faz dez palmos, que he huma  
braça de craveira. A qual casa o Apostolo edificou  
no lugar que lhe aquelle Rei deu, que he no sitio  
onde agora está a nossa fortaleza declarando mais  
que todos os Christãos que naquella redondeza edifi-  
cassem casas, não pagassem nenhum tributo aos Reis  
daquelle regno. E assi mais que para entretenimento  
do templo lhe fazia doaçam do quinto das mercadorias  
que trouxessem os mesmos Christãos aquella ci-  
dade, pela baia do porto della, que então era de gran-  
de trato, o qual privilegio se lhes ategora guarda.  
Estas taboas forão carregadas em receita sobello  
mesmo Pero de Sequeira, e depois sobello thesourei-  
ro que o succedeo, onde ao presente devem ainda  
destar, o treslado das quaes mandou Pero de Sequei-  
ra em lingoajem Portuguesa, a el Rei dom Ioam ter-  
ceiro, que sancta gloria aja, e lhe foi dado: mas o que  
se delle fez nam pude saber, nem se acha na torre do  
Tombo, onde per razam o deveram de lançar, como  
cousa digna de memoria.

## CAPITULO XCIX

*Do que Lopo Soares Dalvarenga fez depois da victoria que ouve em Cranganor ate se partir da India, e chegar ao regno.*

**H**UM dos Reis que ajudaram na guerra ao Çamorij Rei de Calecut, foi o de Tanor seu vizinho, com o qual o mesmo Çamorij depois de sair do Turcol, por causas que se entrelles moveram, começou de ter debates, de que se seguiu guerra, do que movido o Rei de Tanor, no mesmo tempo em que Lopo Soares foi sobre Cranganor, sabendo que o de Calecut hia socorrer a cidade, ae lançou em cilada, em hum lugar estreito per onde avia de passar, em que o desbaratou, e matou mais de dous mil homens. Polo que temendo que se nam aiasse com os nossos, que el Rei de Calecut buscaria todos modos que podesse pera o destruir, mandou seus embaixadores a Lopo Soares, dando-lhe conta do que passava, e serviço que fezera a el Rei de Portugal, pedindo lhe ajuda contra seu imigo. E por lhe estes embaixadores dizerem que o Çamorij estava ja prestes pera vir sobre el Rei, com uma grande armada, mandou em socorro Pero Raphael com soldados Portugueses, delles besteiros, e espingardeiros, que chegou a Tanor no mesmo dia em que o Çamorij, com ajuda dos nossos foi desbaratado do que ficou tam abatido que os mais dos mouros de Calecut se foram viver a outras partes pera estarem seguros, e fazerem melhor seus negocios, dos quaes alguns fretaram dezasete naos grossas bem equipadas, e artilhadas pera se irem pera Mequa, em que logo começarão de carre-

gar a fazenda, e mercadorias, que tinham em Calecut, e outros lugares. Lopo Soarez que se fazia prestes perá torna viagem, sabendo o que passava se apressou quanto pode, pera de caminho dar em Pandarane, onde estas dezasete naos estavam, pera as mandar queimar, antes de sairem do porto. Polo que deixando por capitam de quatro velas a Emanuel Telez Barreto de que os outros capitães que ficavão debaixo da sua bandeira, eram Christovão Iusarte, Pero Raphael, e Diogo Pirez, se fez a vela aos xxvj. dias de Dezembro, e sendo tanto avante como Pandarane, lhe saíram vnte paraos dos que estavam em guarda das dezasete naos, nos quaes vinha muita, e boa gente de guerra, que com grande grita vierão cometer as caravellas de Pero Raphael, e Diogo Pirez, os quaes per mandado de Lopo Soares hião diante hum bom pedaço, de longo da costa, com vento calma. Estes paraos em chegando, começarão de servir os nossos de frechadas, espingardadas, e bombardadas, do que se defendião com muito trabalho, o que vendo os da frota lhe acodiram, seguindo os paraos ate os fazerem recolher pera onde estavam as naos, das quaes como Lopo Soares ouve vista fez amainar, e avido conselho do modo que as cometeria, se acordou que nos bateis, e com as caravellas, por estarem de tras de hum arrecife, que as nossas naos não podião chegar, por irem muito carregadas, pera o que mandou armar quinze bateis, e fazer voga pera terra, levando as caravellas a toa, ate as meter no arrecife, por o vento ser calma: na boca do qual estavão duas bombardas assentadas em hum bastilhão, de que os nossos foram maltratados ao entrar. As naos estavam juntas humas com as outras, as popas em terra, e diante das proas por reparo os lemes atravessados, e encadeados huns com os outros ao lume dagoa. A

gente que tinham pera se defender era muita, e boa artelharía, com tudo os nossos propondo a honra ao perigo, entrarão no arrecife, e forão cometer as naos per meo de muitas frechadas, e bombardadas, do que forão bem servidos, e de bombas de fogo, depois que as abalroaram, dos quaes foi o primeiro Tristam da Sylva, que aferrou a mor dellas, que estava a entrada do arrecife, e porque nesta avia muita mais gente que nas outras, de que recebia muito damno, foi aferir outra em que entrou posto que lho os de dentro defendessem com muito animo: com tudo os que escaparam do ferro se lançaram ao mar, e a nao ficou despejada. No mesmo tempo aferrou Afonso Lopes da Costa outra de que era capitam hum Turquo, homem mui esforçado, a qual entrou com muito trabalho, os primeiros que sobiram foram o mestre da nao, Afonso Lopes, e Alvaro Lopes, criado del Rei, que depois foi scrivão da camara de Santarem. Neste tempo Lionel Coutinho, Duarte Pacheco, Pedrafonso Daguiar, Vasquo Carvalho, Antonio de Saldanha, Rui Lourenço, e os demais o fizeram como esforçados cavalleiros, e assi Pero Raphael, e Diogo Pirez com as caravellas, porque Pero Raphael foi cair com a corrente da maré na gorita de huma das naos, donde pola entrar, e por se defender sahio com tres homens mortos, e todos feridos sem ficar nenhum. Diogo Pirez encaminhando peras naos, de huma bombarda lhe mataram o mestre, que hia governando, pelo que antes de se poder acodir ao leme, foi dar sobre huns penedos, donde a tiraram a toa. Esta peleja foi brava, e durou muito, mas em fim os inimigos desemparrão as naos, por caso do fogo que lhe os nossos poserão, em que arderão muitas mercadorias, que ja nellas estavam carregadas, sem se salvar cousa nenhuma tudo a vista dos nossos, e dos da terra,

que da praia estavam pasmados, oulhando como se tão de subito abrasavão dezasete naos grossas, com muitos paraos que estavam apar dellas, em que os mais delles vião perecer suas fazendas, sem lhe poderem dar remedio. Avida esta victoria Lopo Soares se recolheo as naos, com lhe matarem xv homens Portugueses, e ferirem cento, e vintasete. Dos imigos, como se soube em Cananor (pera onde se Lopo Soarez dalli partio ao primeiro dia de Janeiro de M. D. v.) morrerão mil, e setecentos. Tomada a carga em Cananor que ainda era necessaria pera as naos se despedio del Rei, e dos Portuguezes que estavam na cidade, e encomendendo muito a Emanuel Telles, Christovão Iusarte, Pero Raphael, e Diogo Pirez, a guarda da costa do Malabar, e cousas del Rei de Cochim, seguio sua viagem com mais duas naos, das com que partira de Portugal, carregadas de muita speciaria, e outras mercadorias, com que chegou a Melinde o primeiro dia de Fevereiro, onde foi bem festejado del Rei. Recolhida a fazenda que alli deixara Antonio de Saldanha, das presas que fezera no cabo de Guardafum, indo pera India foi ter a Quiloa, com tençam de receber as pareas que el Rei era obrigado pagar cadanno, do que desenganado se fez a vela aos dez dias de Fevereiro pera Moçambique. Alli esteve doze dias provendosse das cousas necessarias perá viagem, donde dous dias depois de sua chegada despedio pera o regno (com novas do que tinha feito) Pero de Mendocça, e Lopo Dabreu, dos quaes Pero de Mendocça, se perdeu no caminho sem se saber onde, e Lopo Dabreu veo a Lisboa, nove dias antes que Lopo Soarez, o qual com toda a frota junta chegou a Lisboa aos xxij. dias de Iulho do mesmo anno de M. D. v. a quem el Rei fez muita honra. E porque nam pareça esque-

cimento farei aqui relação de Diogo Fernandez Peteira capitão da nao de Setuval que partio do regno, na capitania de Antonio de Saldanha, como atras fica dito, o qual chegou a Cochim, estando ja Lopo Soarez pera partir, pelo que nam pode aver carga, senão depois das outras naos acabarem de a tomar, com que entrou no porto de Lisboa, poucos dias depois de Lopo Soarez. E este anno foi o em que ate agora mais speciarias, e outras riquezas vieram da India a estes regnos, porque Lopo Soarez partio de Lisboa com treze naos, e entrou com quatorze, e a de Diogo Fernandes Peteira foram quinze, com o qual Lopo Soarez veo Duarte Pacheco muito contra vontade del Rei de Cochim, que lhe pedio per muitas vezes que lho deixasse pera segurança de sua pessoa, e regno.

## CAPITULO C

*Em que per hum Padram de blasam darmas, e insignias que el Rei de Cochim deu a Duarte Pacheco Pereira se aprovação, e confirmão na verdade, os notaveis feitos que fez na India contra o Çamorij Rei de Calecut, e assi pela honra que lhe el Rei dom Emanuel fez em chegando a este regno.*

**P**ORQUE as victorias que Deus deu a Duarte Pacheco Pereira, contra o Çamorij rei de Calecut, sam de calidade que pelo tempo adiante se poderiam julgar por fabulosas, tratarei neste capitulo do testemunho que disse da a honra que lhe el Rei dom Emanuel fez depois de ser neste regno, e a que recebo del Rei de Cochim antes que partisse da In-



dia, e quanto á del Rei de Cochim o negocio passa desta maneira. Avida as grandes victorias de que ja tratei el Rei de Cochim quis gratificar a este valeroso cavalleiro os serviços que lhe fezera com merces, e assi de dinheiro como de joias, e terras, que lhe dava no seu regno, do que nam quis tomar nada, dizendo que o serviço que fezera fora a el Rei dom Emanuel, e que delle sperava o galardam, o que vendo el Rei de Cochim, e sabendo o modo, que se entre os Christãos da Europa tem, acerca dos blasons darmas que lhes os Emperadores, e Reis dam, em testemunho de seus serviços, lhe mandou hum padrão darmas de que somente porei aqui o mais substancial no modo que se segue. Itiràrà marnetim, Quiluniramá, Coul, Trimumpate, Rei de Cochim, senhor de Vaipil, de Arraul, de Chirivaipil, e Narungante, Bramana mór, mediante os deoses Tilaram, Pagode, aos que esta minha carta virem, faço saber, que no anno de mil, e quinhentos, e quatro, (conta dos Christãos) no mes de março, el Rei de Calecut veo sobre minha terra, com toda a força, e poder do Malabar, pera me destruir, por eu acolher, e favorecer os Portuguezes, que ao meu porto arribavão, pelo qual respeito os mais dos Reis, Nãbeadaris, Caimães, e outros senhores do Malabar me foram contrarios, no qual tempo nam tive outro socorro, que huma armada de Portugueses, de que era capitão Duarte Pacheco Pereira, fidalgo da casa del Rei de Portugal meu senhor, e irmão, o qual me assegurou minhas terras, com muitos trabalhos, e fadigas, e pelejas, em que sempre venceo a el Rei de Calecut, e os que com elle contra mi erão. Pelo que avendo respecto aos muitos serviços que me fez, sem porisso nunca de mi querer tomar nada, de meu proprio moto, e livre vontade, e poder absoluto, por memo-

ria, e sinal de seus feitos, e dos trabalhos que por mi passou nesta guerra, e por honra de sua pessoa, e dos que d'elle descenderem, lhe dou por insignias, e signaes de seus feitos, e honra que nisso ganhou, hum scudo vermelho, por sinal de muito sangue que dos de Calecut derramou nesta guerra, e dentro nelle lhe dou cinco coroas douro em quina, por sinal de cinco Reis que nella desbaratou, e a bordadura deste scudo lhe dou branca com ondas azues, e oito castellos nella, de madeira verdes, armados nagoa sobre dous navios rasos cada castello, por duas vezes que o combateram com estes oito castellos, e dambas os desbaratou, doulhe sete bandeiras de ponta, ao derredor deste scudo, tres vermelhas, e duas brancas, e duas azues, por sete combates que lhe el Rei de Calecut deu em pessoa, e em todos sete o desbaratou, e por sete bandeiras que lhe tomou das mesmas cores, e feição, e doulhe hum Elmo de prata aberto guarnecido douro; e o Paquife douro, e vermelho, e por Timbre hum castello do mesmo theor, e nelle huma bandeira vermelha de ponta. As quaes insignias, e armas elle podera trazer, misturadas com as armas de sua linhagem, ou sem ellas como elle quizer com a dita bordadura, ou sem ella, como lhe melhor parecer, porque eu de meu proprio moto, e livre vontade, e poder absoluto lhas dou como dito tenho, a elle, e a todos os que d'elle descenderem, pelos mui grandes, e assignados serviços que me tem feito, como arriba he declarado, e por sua guarda, e minha lembrança, lhe mandei ser feita esta carta per mim assinada, Chiricandá scrivão de sua fazenda a fez em Cochim, aos dous dias do mes Dagosto, de mil, e quinhentos, e quatro conta dos Christãos. Foi este padrão d'armas tresladado de lingua Malabar na Portuguesa, per Alvaro Vaz scrivão da feitoria de Co-

chim, e concertada com o mesmo Chiricandá. O que toca a grande honra que lhe el Rei dom Emanuel fez em chegando a este regno, he o seguinte. A quinta feira depois da armada de Lopo Soarez surgir no porto de Lisboa mandou fazer huma porcissam solemne, do modo, que fazem as do Corpo de Deos, em que foi da Se, ate o mosteiro de S. Domingos, levando Duarte Pacheco a suailharga, junto consigo, onde o Bispo de Viseu dom Diogo Ortiz fez huma pregação, em que relatou tudo o que lhe acontecera na India, e o mesmo mandou fazer per todo o regno, e o screveo aos mais dos Reis, e Principes christãos. Mas o fim destas honras, em galardam de tantos serviços, e doutros que Dnarte Pacheco depois fez a el Rei, como se ao diante dira, foi de calidade, que se pode delle tomar exemplo pera os homens se guardarem dos reveses dos Reis, e Principes, e da pouca lembrança que muitas vezes tem daquelles a que sam em obrigação, porque a mor merce que Duarte Pacheco alcançou pelo premio dos taes serviços, foi a capitania da cidade de São George da mina, donde por capitulos que delle deram o mandou el Rei trazer ao regno em ferros, e sem lhos tirarem dos pés esteve muito tempo preso na cadea, ate que por se saber serem parte das culpas que lhe punham falsas, e as outras tão leves, que em hum tal homem não podião ter nome de culpas, o soltarão, tão pobre, como o era quando foi perá mina. E assi viveo todo o mais do discurso de sua vida, com muito desgosto, e em tanta pobreza, que seu filho, unico, ligitimo, Ioam Fernandez Pacheco, e sua mãe, que ao presente vivem, por lhe elle nam deixar fazenda pera se poderem manter como devem, passam tão estreita vida, que são constrangidos a viver, elle nam como os seus proprios serviços (allem dos de seu pai) merecem, e

ella de pouco que lhe elle pode dar, e esmolas que lhe fazem pessoas honradas. Este foi o galardam que Duarte Pacheco ouve em satisfaçam de tão grandes, e memoraveis serviços como forão os que fez a Coroa destes regnos.

## CAPITULO CI

*Do nascimento do Infante dom Luiz, e das calidades de sua real pessoa.*

**A**TRAS fica dito como por caso da peste que no mes Doctubro, de mil, e quinhentos, e cinco, se ateara na cidade de Lisboa se fora el Rei a Almeirim. E porque começou de dar rebates no mesmo lugar, e em Santarem, de que ja eram mortas algumas pessoas, el Rei se foi aforrado Abrantes, onde a Rainha pario hum filho aos tres dias do mes de Março do anno de mil, e quinhentos, e seis, a que poseram nome dom Luiz, o qual foi tão ornado de virtudes, que pera natureza de todo cumprir com os dotes que lhe deu, lhe ouvera de conceder occasiam para poder conquistar mores regnos, e senhores do que o fez a Alexandre, porque para a execuçam disso lhe sobejou o animo, e pera o fazer lhe não faltou mais que não nascer Rei, ou o ser de algum grande regno. Foi muito catholico Christão, de pura, e boa consciencia, emparo de religiosos, pobres viúvas, e orphãos, a cujas necessidades supria com muitas esmolas, e merces. Amou muito seus criados, e os agasalhou todos, partindo com elles de seus bens, segundo a calidade de suas pessoas, e serviços: no exercicio das armas, assi a pe, como a ca-

vallo era tam manhoso, que nenhum outro homem lhe fez nunca aventajem. Nas artes liberaes teve por mestre o doctor Pero Nunez Portugues de naçam que foi neilas hum dos doctos homens de seu tempo, nas quaes este Principe foi tambem doctrinado, que se as quisera ler publicamente, o fezera sem lhe faltar auditorio, e nellas compo hum livro de modos, porporções, e medidas. Foi homem de meã estatura, louro, e de bom parecer, bem disposto, e prazenteiro, no fallar galante, no vestir, e bom cortesão em todas as canas, touros, justas, e torneos em que se achou, de nenhum saio sem ganhar alguns dos preços, e muitas vezes os maiores assi de galante, como de esforçado, e bom mantenedor, ou aventureiro, pelos quaes dotes, e virtudes que nelle, desde sua mocidade começaram a dar sinal de quem avia de ser, e pela muiia obediencia que sempre teve a el Rei seu pai, e a Rainha sua mãe, elles lhe foram em quanto viverão mui afeiçoados a qual obediencia, e na mesma igualdade teve depois a el Rei dom Ioam terceiro seu irmão, ate a hora de sua morte, e em tanto que não deixou de ser tachado, e aconselhado dalguns que tivesse nisso outro modo. Pelo qual acatamento, e devida obediencia o teve el Rei seu irmão sempre em muita conta, tanto que nenhuma cousa fez, nem tratou, das que tocavam aos negocios da guerra, e da paz, como do governo do regno, e de sua fazenda que não fosse por seu conselho, e parecer nem tão somente era presente a todos estes negocios, mas ainda aos despachos dos officios, honras, e merces que el Rei dava, e fazia a todos seus moradores, e vassallos no que todos eram delle tão favorecidos, que igualmente lhe davão por isso as graças, e lhe beljavão a mão, como a mesma pessoa del Rei. E se algum desgosto ouve antre elle, e el

Rei seu irmão que se sentisse, foi polo não querer deixar passar em Africa a fazer guerra aos Mouros, nem a India tendo assentado com os do seu conselho que pera esta viagem lhe armassem sessenta naos, o apercebimento das quaes se começou de fazer com muita diligencia: mas per alguns respectos se não acabou de poer em obra este tão honroso negocio, nos quaes requerimentos trabalhou muito, e por muitas vezes, sem lho el Rei querer conceder. Esta vontade de fazer guerra aos infieis foi sempre nelle tam firme em quanto viveo, que no anno de mil, e quinhentos, e trinta, e dous, sabendo que o Emperador dom Carlos quinto do nome, seu cunhado casado com a Infante dona Isabel sua irmãa se apercebia pera fazer guerra ao Turco, que com gram poder vinha sobello regno de Hungria, se fez secretamente prestes pera o acompanhar nesta honrosa viagem, o que sabendo el Rei, per respectos que o a isso moveram, lhe tomou a menajem que o nam fizesse. Mas como este desejo juntamente com a idade se fosse nelle de dia em dia acrecentando, determinou de nam preder outra tal occasiam, pelo que querendo o mesmo Emperador, no anno de M. D. XXXV. passar em Africa, a conquistar o regno de Tunes, depois da partida de huma armada que lhe el Rei mandou pera ajuda desta empresa, este valeroso Principe se foi huma noite secretamente da corte que então estava em Evora com proposito de per nenhum modo tornar ao regno sem se achar neste negocio com o Emperador seu cunhado, do que el Rei ficou descontente pola perda que recebia de sua ausencia, e por não ir com o aparato que convinha a sua real pessoa. Como se na corte, e pelo regno soube da partida do Infante, alguns senhores, e fidalgos o seguirão sem dedirem licença a el Rei, e outros lha vie-

rão pedir, dos quaes foi hum dom João de Lancastre, Duque Daveiro, que de Setuval se veo pela posta a Evora, mas por muito que nisso insistisse el Rei lha não quis dar, apontandolhe razões mui efficazes, com que o divertio do pensamento com que vinha. Dos que se foram sem licença foi o Duque de Bragança, dom Theodosio, o qual ou que o Infante tivesse comunicado com elle esta sua ida, ou com desejo que teria de se achar em hum tal, e tão honroso feito de guerra, se partio de madrugada Devora, seguindo a via que o Infante levava, o qual achou em Aronches. El Rei na mesma hora que soube da ida do Infante, e do Duque, despachou dom Antonio Dataide primeiro conde da Castanheira, pelo qual, avendo respeito a quantas vezes negara ao Infante o effecto de seus altos, e valerosos pensamentos, lhe mandou licença pera proseguir no que tinha começado, e credito pera tomar de mercadores cem mil cruzados, offerecendo-lhe allem disto tudo o que lhe delle, e de seu regno mais comprisse mandando logo alguns fidalgos que se fossem pera elle, e o acompanhassem, e a alguns dos que pera isso pediram licença a deu, com a todos fazer merce pera ajuda do caminho. E a Antonio de saldanha, que hia por capitão da armada, que mandava ao Emperador, creveo que toda aquella viagem onde quer que o Infante seu irmão estivesse, em todo, e por todo lhe obedecesse como a elle mesmo se presente fosse, e fizesse tudo o que lhe mandasse, na qual viagem este magnanimo Principe ganhou nome de bom capitão, e esforçado cavalleiro; como se dira na Chronica del Rei dom João seu irmão, onde per extenso, como em seu proprio lugar se deve tratar o successo desta viagem na qual elle foi causa unica de o Emperador ir sobre Tunes, como o tinha determinado porque depois de ter ga-

nhada de caminho a Goleta, o parecer de todo se conselho, por se chegar o inverno, foi que se devi de tornar pera Castella, o que se não fez por o Infante o contrariar per cujo conselho o Emperado passou adiante. E tornando ao negocio a que foi conde da Castanheira, el Rei lhe deu huma carta de crença pera o Duque de Bragança, e lhe mandou por elle dizer que não passasse adiante, do que o Duque ficou bem agastado, e screveo huma carta a el Rei na qual lhe mandava mui a fincadamente pedir licença pera acompanhar o Infante, e o servir nesta viagem, a esta carta respondeo el Rei com outra scripta de sua propria mão de que o theor de verbo ad verbum he o seguinte. Honrado Duque sobrinho, amigo que muito amo, e prezo, se me não parecera muito meu serviço mandarvos tornar, por vos tirar da grande pena que sei que com isso recebereis, folgara de vos dar a licença que me pedis, mas porque me ei por mais servido de vós em vos tornardes, vos rogo muito que vos desagasteis, e folgueis de vos tornar pois que eu o ei por melhor, porque certo he que sempre aveis de aver por mor vossa honra, e ter mor contentamento do que virdes, que ei por mais meu serviço, nem eu me posso aver por servido de vós, se não do que mais nossa honra for, e por isso vos encomendo, e mando, que logo vos torneis: de minha mão, Devora aos xv. de Maio M. D. XXXV. Tanto que o Duque recebo esta carta sem mais replicar a vontade del Rei mandou a seus officiaes que quinze mil cruzados com que se então alli achava offerecessem aos fidalgos, e cavalleiros, que hiam com o Infante, e dessem a cada hum segundo a calidade de sua pessoa, o que alguns acceptaram, e elle se foi a Villa Viçosa, e dahi a Evora onde lhe el Rei fez bom gasalhado, e mostrou levar muito contentamen-



to de sua tornada, e lhe deu particularmente muitas razões porque se movera ao nam deixar ir com o Infante, de que o Duque se teve por satisfeito, e lhe beijou por isso a mão, recebendo a boa vontade, e amor que lhe el Rei tinha por huma grande merce. E porque acrecenta mais aos louvores do Infante direi aqui o que sobre sua real pessoa per minhas mãos passou. El Rei dom João terceiro seu irmão, que sancta gloria haja, estando eu servindo em Anvers no duquado de Brabante me mandou no anno de mil, e quinhentos, e vinta nove as partes de Hostelanda a negocios de seu serviço, e dahi a corte del Rei de Polonia, Sigismundo primeiro do nome, que neste tempo estava em Vilna, cidade metropoli, e principal no ducado de Lituania, donde depois de ter acabados os negocios a que hia tornei a cidade de Dan-sique em Prussia (donde partira) a tomar conclusam nas cousas que naquellas partes ainda tinha que fazer, e dalli me fui a Cracovia cidade principal, e metropoli da Polonia minor. Nesta cidade de Cracovia achei Christopharo Schelovisco, que então era Vice-rei dambalas Polonias, por el Rei ser absente, e Ioam Tarnovio capitam da cidade, e fronteiro mor dos confins dentre Polonia, e tartaria, homem de muita authoridade, a quem el Rei dom Emanuel armou cavalleiro com outros dous gentis homens Polonos, no anno de M. D. xvi. em Lisboa, na egreja de Sam Giam, como se dirá em seu lugar, do qual por esta razão fui eu bem festejado por alguns dias. Estes dous senhores (entre outras praticas que tivemos) me deram a entender que el Rei Segismundo seu senhor (se pera isso fosse cometido) daria de boa vontade huma só filha que tinha per nome donna Hedvige, de sua primeira molher donna Barbara, irmãa del Rei Ioam sceposiense de Hungria, ao Infante dom

Luis por molher, e com ella tal dote qual hum tal Principe como elle merecia, e isto per palavras de que eu pude bem entender, terem elles comissam del Rei pera me fallarem nisso. A qual senhora Infante eu vi, e lhe fallei na mesma cidade de Cracovia onde então estava com sua casa, e estado, em hum fermoso Castello que na cidade ha, molher muito discreta, e de bom parecer. Da qual pratica depois de ser na cidade de Anvers avisei el Rei per minhas cartas, dizendolhe nellas que deste casamento poderia resultar vir o Infante dom Luiz a ser Rei de Polonia, porquanto el Rei não tinha senam hum só filho, da Rainha sua segunda molher, per nome donna Bona, filha de Galeação esforcia Duque de Milão, a qual e assi o filho nam eram bemquistos do povo, nem dos nobres do regno, e porque o regno era de eleição poderia ser que depois de sua morte elegessem o Infante por Rei de hum tal regno como o aquelle he, do que ouve resposta, dandome sua alteza as graças do aviso que lhe dera, o que quiz poer aqui por memoria, e lembrança deste tam illustre Principe. E pera se saber quam conhecido, e estimado foi dos Reis, e Principes que em seu tempo viveram, o qual no mes de Janeiro de mil, e quinhentos, e sessenta, em que isto se screveo faz quatro annos, e trinta, e cinco dias que faleceo, em idade de quarenta, e nove annos, e nove meses, com muita dor, e tristeza de todos aquelles que o conheceram, e conversarão sua Real pessoa, e virtuosos costumes. Faleceo junto de Lisboa em Emxobregas, nas casas de dom Antonio de Noronha, Conde de Linhares, que estam de longo do Tejo, allem do mosteiro de S. Bento da ordem de S. João Evangelista dos azues. Acompanharão-no per mandado del Rei dom João terceiro seu irmão (ate que spirou) dom Antonio Da-

taide conde da Castanheira, e Pero Dalcaçova Carneiro secretario del Rei, e do seu conselho. Não foi casado, deixou hum filho, per nome dom Antonio, que ouve de huma donzella. O qual ao presente he Prior da ordem de Sam Ioam, homem mui affabil, cortes, e bem instituido nas artes liberaes, e tam magnifico, e liberal que todas as riquezas do mundo se poderião ter nelle por bem empregadas.

## CAPITULO CII

*De como el Rei mandou Tristão da Cunha a India por capitam de huma armada, e do alevantamento que se em Lisboa fez contra os christãos novos.*

**A**NTES que el Rei fosse de Lisboa pera Almeirim, ordenou de mandar Tristam da Cunha a India por capitam de huma armada, da qual, e do que nesta viagem fez se dirá adiante, no anno de mil, e quinhentos, e oito, em que tornou. Pelo que nestes dous capitulos, que sam os derradeiros desta primeira parte tratarei de hum tumulto, e alevantamento, que se aos dez e nove dias de Abril, deste anno de mil, e quinhentos, e seis, em Domingo da Pascoella fez em Lisboa contra os Christãos novos, que foi pela maneira seguinte. No mosteiro de São Domingos da dita cidade está huma capella a que chamão de IESU, e nella hum Crucifixo, em que foi entam visto hum sinal, a que davam cor de milagre, com quanto os que se na egreja acharão julgavão ser o contrario, dos quaes hum christão novo dixe que lhe parecia huma candeia acesa que estava posta no lado da imagem de IESU, o que ouvindo alguns ho-

mens baixos o tirarão pelos cabellos arrasto fora da igreja, e o matarão, e queimarão logo o corpo no resio. Ao qual alvoroço ocodio muito povo, a quem hum frade fez huma pregação convocandoo contra os christãos novos, apos o que sairão dous frades do mosteiro, com hum Crucifixo nas mãos bradando, heresia, heresia, o que imprimio tanto em muita gente estrangeira, popular, marinheiros de naos, que então vierão de Holanda, Zelanda, Hoestelanda, e outras partes, assi homens da terra, da mesma condição, e pouca calidade, que juntos mais de quinhentos, começaram a matar todollos christãos novos que achavão pelas ruas, e os corpos mortos, e meos vivos lançavam, e queimavão em fogueiras que tinham feitas na ribeira, e no resio ao qual negocio lhes servião escravos, e moços, que com muita diligencia acarretavão lenha, e outros materiaes pera acender o fogo, no qual domingo da Pascoella matarão mais de quinhentas pessoas. A esta turma de maos homens, e dos frades, que sem temor de Deos andavam pelas ruas concitando o povo a esta tamanha crueldade, se ajuntarão mais de mil homens da terra, da calidade dos outros, que todos juntos a segunda feira continuarão nesta maldade com mor crueza, e por ja nas ruas não acharem nenhuns christãos novos, forão cometer com vaivens, e escadas, as casas em que viviam, ou onde sabiam que estavam, e tirandoos dellas arrasto pelas ruas, com seus filhos, molheres, e filhas, os lançavam de mistura vivos, e mortos nas fogueiras, sem nenhuma piedade, e era tamanha a crueza que ate nos mininos, e nas crianças que estavam no berço a executavão, tomandoos pelas pernas fendendoos em pedaços, e esborrachandoos darremesso nas paredes. Nas quaes cruezas se não esquecião de lhes meter a sacco as casas,

e roubar todo o ouro, prata, e enxovacs que nellas achavão, vindo o negocio a tanta dissolução que das egrejas tiravão muitos homens, molheres, moços, moças, destes innocentes, desapegando-os dos Sacrarios, e das imagens de nosso Senhor, e de Nossa Senhora, e outros Sanctos, com que o medo da morte os tinha abraçados, e dalli os tiravam, matando, e queimando mysticamente sem nenhum temor de Deos assi a ellas como a elles. Neste dia perecerão mais de mil almas sem aver na cidade quem ousasse de resistir, pola pouca gente de sorte que nella avia por estarem os mais dos honrados fora, por caso da peste. E se os alcaides, e outras justiças querião acodir a tamanho mal, achavão tanta resistencia, que erão forçados a se recolher a parte onde estivessem seguros, de lhes não acontecer o mesmo que aos christãos novos. Avia entre os Portugueses, que andavão encarniçados neste tão feo, e inhumano trato taes, que por se vingarem do odio, e mal querença que tinham com alguns Christãos lindos, davam a entender aos estrangeiros que erão christãos novos, e nas ruas, ou em suas casas onde os hião saltar os matavão, sem em tamanha desaventura se poder poer ordem. Passado este dia, que era o segundo desta perseguição, tornarão a terça feira estes damnados homens a proseguir em sua crueza, mas não tanto como nos outros dias porque ja não achavão quem matar, por todolos christãos novos que escaparam desta tamanha furia, serem postos em salvo por pessoas honrradas, e piadasas que nisso trabalharão tudo o que nelles foi, e o tempo, e desordem delles lhes pode conceder, sem poderem evitar que não percessem neste tumulto mais de mil, e novecentas almas, que tanto se achou per conta que mataram estes máos, e perversos homens, no que passaram a mor parte daquelle dia no qual a tarde

acodiram a cidade Aires da sylvia Regedor, e dom Alvaro de castro governador, com a gente que poderão ajuntar de suas valias sendo ja quasi acabado, e pacifico o furor desta gente, cansada de matar, e desesperada de poder fazer mais roubos, dos que ja tinham feitos. Esta nova deram a el Rei na villa de Avis, indo Dabrantés visitar a Infante donna Beatriz sua mãe, que estava em Beja de que foi muito triste, e anojado, pelo que pera se prover em tamanha desordem logo dalli mandou o Prior do Crato, e dom Diogo Lobo, baram Dalvito com poderes, pera castigarem os que achassem culpados, dos quaes muitos forão presos e enforcados per justiça, principalmente dos naturaes, porque os estrangeiros com os roubos, e despojo que levavão se acolherão a suas naos, e se foram nellas cada hum pera donde era. Aos dous frades, que andarão com o Crucifixo pela cidade tirarão as ordens, e per sentença torão queimados. E el Rei mandou proceder por seu procurador contra os da cidade, e termo, e officiaes della de que muitos perderão os officios, e as fazendas, e contra a cidade, e termo foi dada sentença, a qual me pareceo de substancia pera se poer de verbo a verbo no capitulo seguinte.

## CAPITULO CIII

*Em que se relata a sentença que sobreste desastrado caso deu contra a cidade de Lisboa, e seu termo, e o demais que el Rei sobre isso fez.*

SABIDA por el Rei a uniam que se fezera em Lisboa determinou de dar logo sobrisso castigo aos culpados. Polo que em chegando a Beja se despedio com brevidade da Infante dona Beatriz sua mãe que de ahi a poucos dias faleceo na mesma cidade, e se veo a Evora pera alli sperar recado, e certeza do que passava em Lisboa, o que sabido, por a cidade estar impedida de peste se veo a Setuval, pera de mais perto, e com mor brevidade prover neste caso, donde por informações que teve de muita negligencia, que Aires da Sylva Regedor da casa da Supplicação, e dom Alvaro de Castro Governador da casa do civil de Lisbon, neste caso usarão, e assi os vereadores, lhes estranhou per suas cartas a todos o erro que em hum tal, e tão grave negocio cometerão, sobelo que el Rei logo mandou proceder, e se deu huma sentença, de que o theor he o seguinte.

Dom Emanuel pela graça de Deos, Rei de Portugal, &c. Fazemos saber, que oulhando nós os muitos insultos, e danos que em a nossa cidade de Lisboa, e seus termos forão cometidos, e feitos de muitas mortes de christãos novos, e queimamento de suas pessoas, e assi outros muitos males sem temor de nossas justicias, nem receo das penas em que cometendo os taes maleficios encorriam, nam esguardando quanto era contra serviço de Deos, e nosso, e contra ho bem, e assossego da dita cidade, visto como a culpa de tão

inormes damnos, e maleficios, não tão somente carregava sobre aquelles que o fezerão, e cometerão, mas carrega isso mesmo muita parte sobre os outros moradores, e povo da dita cidade, e termo della, em que os ditos maleficios forão feitos, porque os que na dita cidade, e lugares estavam se não ajuntarão com muita diligencia, e cuidado com nossas justiçaes, pera resistirem aos ditos malfeitores, o mal, e damno que assi andavam fazendo, e os prenderem pera averem aquelles castigos, que por tão grande desobediencia as nossas justiçaes merecião, e que todos os moradores da dita cidade, e lugares do termo em que forão feitos deverão, e erão obrigados fazer, e por assi não fazerem, e os ditos malfeitores não acharem quem lho impedisse, creceo mais a ousadia, e foi causa de muito mal se fazer, e ainda alguns deixavam andar seus criados, filhos, e servos nos taes ajuntamentos sem disso os tirarem e castigarem como theudos erão. E porque as taes cousas não devem passar sem grave punição, e castigo segundo a differença, e calidade das culpas que huns, e outros nisso tem. Determinamos, e mandamos sobre ello com o parecer de alguns do nosso conselho, e desembargo, que todas, e quaesquer pessoas, assi dos moradores da dita cidade, como defora della que forem culpados em as ditas mortes, e roubos, assi os que per sim matarão, e roubarão, como os que pera as ditas mortes, e roubos deram ajuda, ou conselho, allem das penas corporaes, que por suas culpas merecem, percão todos seus bens, e fazendas assi movens como de raiz, e lhes sejam todos confiscados perá coroa de nossos regnos, e todos os outros moradores, e povos da dita cidade, e termos della, onde os taes maleficios forão cometidos que na dita cidade, e nos taes lugares presentes eram, e em os ditos ajuntamentos, não andarão, nem comete-



rão, nem ajudarão a cometer nenhum dos ditos maleficios, nem derão a isso ajuda, nem favor, e porem forão remissos, e negligentes em não resistirem aos ditos malfeitores, nem se ajuntarão com suas armas com nossas justiças, e poerem suas forças pera contrariarem os ditos males, e damnos, como se fazer devera, percão pera nós a quinta parte de todos seus bens, e fazendas, movens, e de raiz, posto que suas mulheres em ellas partes tenham, a qual quinta parte será também confiscada perá coroa de nossos regnos. Outro si determinamos, e avemos por bem (visto o que dito he) que da publicação desta em diante não aja mais na dita cidade eleição dos vinte quatro dos mesteres; nem isso mesmo os quatro procuradores delles, que na camara da dita cidade sohiam destar pera entenderem no regimento, e segurança della, com os vereadores da dita cidade, e os nam aja mais, nem estem na dita camara, sem embargo de quaesquer privilegios, ou sentenças que tenham pera o poderem fazer, e bem assi polas cousas sobreditas devassamos em quanto nossa merce for o povo da dita cidade, pera apouentarem com elles, como se faz geralmente em todolos lugares de nossos regnos, ficando porem a renda da imposiçam pera se arrecadar, como ategora se faz, per officiaes que nós pera isso ordenamos, para fazermos della o que houvermos por bem, e nosso serviço. Porem mandamos ao nosso corregedor da dita cidade, e a todolos outros corregedores, juizes, e justiças a que pertence, e aos vereadores da dita cidade, e ao nosso apouentador mor, que assi o cumpram, e guardem em todo sem duvida, nem embargo que a isso ponhão, porque assi he nossa merce. Dada em Setuval a xxij. dias de Maio de mil quinhentos e seis annos.

Fim da Primeira Parte da Chronica do Felicissimo Rei dom Emanuel

The first part of the book is devoted to a general history of the world, from the beginning of time to the present day. The author discusses the various civilizations that have flourished on the earth, and the progress of human knowledge and art. He also touches upon the different religions and philosophies that have shaped the human mind.

The second part of the book is a detailed account of the history of the British Empire, from its early beginnings in the sixteenth century to its greatest extent in the nineteenth century. The author describes the various colonies that were established, and the policies that were pursued by the British government. He also discusses the different wars that were fought, and the role of the British Empire in the world.

The third part of the book is a history of the United States of America, from its founding in 1776 to the present day. The author discusses the various events that have shaped the history of the United States, and the role of the United States in the world. He also touches upon the different political parties and movements that have emerged in the United States.

The fourth part of the book is a history of the world from 1871 to 1914. The author discusses the various events that have shaped the world during this period, and the role of the different nations. He also touches upon the different political movements and ideologies that have emerged during this time.

The fifth part of the book is a history of the world from 1914 to the present day. The author discusses the various events that have shaped the world during this period, and the role of the different nations. He also touches upon the different political movements and ideologies that have emerged during this time.



SEGUNDA PARTE  
DA CHRONICA  
DO  
FELICISSIMO REY  
D. EMANUEL  
DA GLORIOSA MEMORIA,

A qual por mandado do Serenissimo Principe, ho  
Infante Dom Henrique seu Filho, ho Cardeal de  
Portugal, do Titulo dos Santos Quatro  
Coroados

**DAMIAM DE GOES**

Collegio & compoz de novo.

CAPITULO I

*Do Regimento que el Rei deu a dom Francisco dalmeida antes que partisse perá India.*

**N**o anno de M. D. V. como ja fica dito, ordenou el Rei de mandar dom Francisco dalmeida por governador a India, por Tristão da cunha a quem ja tinha provido deste cargo, adoe-

cer de doença de que por entam ficou cego, pera o qual negocio mandou el Rei chamar dom Francisco a Coimbra onde aquelle tempo estava com seu irmão dom George Bispo da mesma cidade, filhos de dom Lopo Dalmeida primeiro Conde Dabrantés. E porque el Rei dos negocios que ja erão passados na India entendia bem, que pera segurança della lhe era necessario mandar mor armada, e mais gente do que o ate então fizera, e capitão geral que naquellas partes residisse, ordenou que nesta fossem mil, e quinhentos soldados em dezaseis naos, e seis caravelas de que os capitães das naos erão o mesmo dom Francisco, dom Fernando de Sa, Fernão soares, Rui freire, Vasco dabreu, Ioão da nova, Pero danhaia, Sebastião de sousa, Diogo correa, Pero ferreira fogaça, Lopo sanches, Phelipe rodrigues, Lopo de Deos capitão, e Piloto, Ioão serrão, Antão gonçalves alcaide de Cezimbra, e Fernão bermudez castelhano, filho de Christovam bermudez, que foi preso no desbarato de dom Garcia de meneses Bispo devora, e degolado na villa de lobom em Castella, por ter a parte Portuguesa como na Chronica do Principe dom Ioão, o trato per extençõ. Das caravelas erão capitães Gonçalo vaz de goes, Gonçalo de paiva, Lucas da fonseca, Lopo chanoca, Ioão homem, e Antão vaz. A dom Francisco dalmeida fez el Rei muitas merces, por aceitar este cargo sem nisso fazer duvidas, nem mostrar agravos polo ter dado a Tristão da cunha primeiro que a elle, e o mesmo fez a dom Lourenço dalmeida seu filho que comsigo levou a India. Poucos dias antes que esta armada partisse, deu el Rei regimento a dom Francisco do que avia de fazer, assi no discurso da viagem, como depois de ser na India, das forças do qual (por ser o primeiro que se deu a Governador, e Vicerei da India) farei aqui hum breve sumario. Primeiramente

lhe mandou entre outras cousas, que de caminho trabalhasse por fazer huma fortaleza em Çofala, de que tinha dado a capitania a Pero danhaia, que com elle mandava com navios, e gente que pera isso ordenara, no fazer da qual fortaleza usaria com o Xequé da terra toda a amizade, e bem querença que lhe fosse possível, deixando-o livremente usar, e gozar dos direitos, que acostumava receber dos mercadores que aquelle seu porto vinhão, e que quantos mouros alli achasse resgatando captivasse, e lhes tomasse o ouro que tivessem resgatado, e que se o Xequé disso se queixasse, lhe dicesse que o fazia por elles terem continua guerra com os Christãos, e lhes tomarem seus bens, e os captivarem onde quer que o podiam fazer, pelo que licitamente lhes podia fazer a mesma guerra. E que como a fortaleza fosse posta em altura que se podesse defender, partisse pera Quiloa, onde ordenava, que se fizesse outra fortaleza, ao qual lugar, em chegando, mandaria pedir a el Rei as pareas que devia, e que dando-lhas, o tratasse como amigo, e querendo fazer resistencia lhe fizesse guerra, como a imigo, e per força fizesse a fortaleza de que tinha provido da capitania Pero Ferreira Fogaça, e dalcaidaria mór Duarte de Mello, na qual deixaria a gente que fosse necessaria, e huma caravella, e hum bargantim pera guarda da costa, e que com a mór brevidade que lhe fosse possível partisse dalli pera chegar á India a tempo que podesse dar carga ás naos que avião de tornar pera o regno: e que antes de partir, ou depois, per qualquer navio da terra, mandasse a el Rei de Melinde per hum dos degradados que com elle hião, as cartas que lhe levava, e lhe screvesse o que passara em Quiloa, e de sua parte lhe fizesse muitos offercimentos, como a bom amigo. Allem disto que como partisse de Quiloa,

mandasse dous bargantis, que sem entrar no estreito do mar de Arabia corressem toda a costa, ate o cabo de Guardafum, pera lhe trazerem novas a Anchediva de tudo o que achassem naquella costa, na qual ilha lhe mandava que fizesse huma fortaleza, de que hia provido por capitão Emanuel Paçanha, onde da madeira que levava, mandaria fazer as galés do modo que lho dera per regimento; e pera provedor desta obra ficasse alli João Serrão. O que feito, e a fortaleza posta em altura que lhe parecesse defensavel se partisse pera Cochim, deixando a Emanuel paçanha duas caravellas das que levava, e se lhe parecesse necessario deixar-lhe mais alguns navios o fizesse, e que de Anchediva fosse sempre de longo da costa ate Cochim, pera ver se podia tomar algumas naos de Calecut, ao qual rei faria sempre crua guerra, polo ter por imigo capital, mas que aos de Cochim, e de Cananor favorecesse sempre como amigos, aos quaes daria suas cartas, e presentes que lhe levava, com os offerecimentos que lhe parecesse necesarios: o que feito trabalharia de despachar as naos que avião de tornar pera o regno, de que serião capitães, Rui Freire, Fernão Soarez, e Sebastião de Sousa. E que sabida a carga que podia aver em Cochim pera as naos, se passasse logo a Coulam com as outras naos, pera as lá fazer carregar, e as cartas que levava pera o Rei da terra lhas desse, estando elle ahi, e que sobre tudo trabalhasse por aver licença del Rei pera ahi fazer huma fortaleza. E que em qualquer lugar destes que as naos tomassem carga, que tanto que tres fossem prestes lhes daria capitães, e as despacharia sem mais esperarem pelas outras, o que trabalharia que fosse sempre de todas no mes de Janeiro, e que despachadas aquellas que no Janeiro seguinte avia de mandar com carga pera o regno, se

fosse ao mar de Arabia, deixando providas as fortalezas de Cochim e Anchediva, e que na boca delle, onde lhe melhor parecesse fizesse huma fortaleza pera impedir a navegação aos mouros de Meca pera a India, na qual acabada deixaria por capitão Emanuel paçanha, que consigo levaria de Anchediva, e por alcaide mor Fernam sanchez, aos quais deixaria todas as munições de guerra, e navios que lhe fossem necessarios, segundo a calidade do lugar: lembrando-lhe quam longe ficavam de socorro: o que tudo feito se tornaria pera a India, onde como chegasse mandaria fazer a fortaleza de Coulam (se pera isso podesse aver licença do Rei) na qual ficaria por capitão Lourenço de brito. E que quanto a el Rei de Calecut, que se lhe mandasse commeter paz que lha outrogasse sendo el Rei de Cochim disso muito contente, mas que fazendosse a tal paz seria com condiçam, que todos os mouros de Meca se saissem da cidade, dando el Rei de Calecut pera firmeza da tal paz, todos os arrefens, e seguranças necessarias, e que quando tornasse do mar de Arabia pera a India, fizesse da sua armada as froças que lhe parecesse, mandando com ellas correr as costas de Chaul, Dabaul, Cambaia, e Ormuz. E que com todos os Reis, que quisessem com elle paz a fizesse, pondo-lhe os tributos que honestamente podessem pagar, e que lhe encomendava, que tratasse muito bem todos os Christãos, que em aquellas partes ouvesse, e assi mesmo aos que se convertessem a Fé, de qualquer lei, e seita que fossem. E que se lhe parecesse bem dar alguns assentamentos aos senhores, e pessoas principaes daquellas provincias o fizesse, segundo a calidade de cada hum delles: e que sobre tudo, pela grande confiança que delle tinha lhe dava poder pera prover, assi nas cousas da justiça, como nas da sua fazenda,

o que lhe encomendava que fizesse de maneira, que fosse inteiramente guardado seu serviço, e a justiça conservada, e feita a todos geralmente: o que cumprindo, alem do que era obrigado, pelo cargo que tinha, lhe faria nisso mui grande serviço.

## CAPITULO II

*Do que dom Francisco Dalmeida passou do dia que partio do porto de Bethalem, ate chegar a Quiloa, e o que ahi fez.*

**P**RESTES a armada, sendo el Rei presente, partio dom Francisco Dalmeida do porto de Bethalem aos xxv. dias do mes de Março de mil, e quinhentos, e cinco, sem a nao de Pero Danhaia, por quanto se perdeu no mesmo porto com tormenta. Pela qual razam na fim do regimento que el Rei deu a dom Francisco lhe mandou que nam toquasse em Çofala, mas que rota batida se fosse a Quiloa fazer a fortaleza, que lhe ahi mandava que fizesse. Partida a armada, com mui bom tempo chegou dom Francisco ao porto Dale, na costa de Guine, onde se deteve nove dias, fazendo augoada, e foi alli bem festejado do Rei da terra. O que acabado se fez a vela aos xxv. dias do mes de Abril, e sendo ja quasi junto da linha Equinocial lhe sobrevierão calmarias que duraram catorze dias. Andando assi neste trabalho per conselho, e parecer dos outros capitães, porque algumas destas velas erão zorreiras, e não podião ter com as outras partio a frota em duas capitánias, tomando pera a sua treze naos, e a caravella de Gonçalo de paiva, e das naos de Lopo Sanches, e de Se-



bastião de Sousa com as cinco caravellas deu a capitania a Emanuel paçanha sogro de Sebastião de Sousa, em cuja nao hia provido da fortaleza que se avia de fazer em Anchediva. Separadas estas capitánias, passarão todos juntos a linha, aos vintanove dias do mes de Abril na qual derrota despois das frotas serem ja apartadas huma da outra, a nao de Pero ferreira fogaça, com calmarias, e vanzear, por ser muito velha, fez duas vezes agoa de que na derradeira se foi ao fundo, sem della se salvar mais que a gente, e huma arca de prata da capella de dom Francisco dalmeida. Passada esta calmaria, seguindo sua viagem, os pilotos per ma navegação com medo do cabo de boa Sperança, se poseram em altura de quarenta graos, da banda do Sul, onde por ja ser neste tempo Inverno naquellas partes, acharão os dias mui pequenos, com tantos frios, e neves que as pas a lançavam fora das naos, com o qual trabalho dobrou o cabo aos xxvi. dias do mes de Junho, cento, e setenta, e cinco legoas a la mar, e chegandosse o mais que pode a terra, lhe deo aos dous dias de Julho huma tão torte trovoadá, que rompeo as velas da sua nao, e as de Diogo correa, da qual nao de Diogo correa cairão tres homens ao mar, de hum dos quaes que se salvou porei aqui hum caso espantoso, pera exemplo de todo o Principe, Rei, e senhor, por grande que seja, fazer que seus filhos saibam a arte, e exercio do nadar, com o qual muitos se salvaram de grandes perigos, e outros polo não saberem se afogaram em pequenos vaos. Este homem se chamava Fernam lourenço, que como cahio da nao, em surdindo arriba dagoa, alevantou hum braço pera que o vissem, e dixé a alta voz, que mandassem ter tento nelle ate pela manhã, porque ate entam se atrevia nadar, o que o capitão fez, e foi ao outro dia toma-

do. Nesta tormenta se perdeu da frota a nao de loam Ferrão, per cujo respeito dom Francisco andou ao paio alguns dias, mas vendo que não apparecia, mandou seguir viagem, e aos xviiij. dias do mes de Julho virão as ilhas primeiras, donde logo despedio Gonçalo de Paiva pera Moçambique a saber se as armadas de Francisco Dalbuquerque, e Afonso Dalbuquerque, e Lopo Soarez passarão pera o regno, e o que lhes em suas viajens acontecera. O que feito se partio rota abatida pera Quiloa, onde chegou aos xxij. dias de Julho, e porque a nao de Gonçalo de Paiva lhe ficava a ré, sendo dom Francisco ja a vista de Moçambique, mandou ao mesmo negocio Fernão Bermudez. Surta a armada na barra de Quiloa, dom Francisco mandou visitar el Rei por João da nova, mas elle com receo dos erros que tinha cometido contra os nossos depois da visitação se sahio da cidade, o mais secretamente que pode, ficando nella Mahamed anconij, de quem fiz menção, quando o Almirante dom Vasco da Gama alli veo ter. Com este Mahamed anconij fezerão corpo os que ficarão na cidade, em que averia mil, e quinhentos homens de peleja, com tenção de se defenderem. Dom Francisco vendo que el Rei lhe não vinha fallar como lhe mandara dizer per cinco mouros, que com receo do que ja suspeitava não quis deixar tornar a terra, ao outro dia pela manhã vinta tres dias de Julho, vespóra do dia do Apostolo Sanctiago deu na cidade com trezentos homens, e dom Lourenço seu filho com duzentos desembarcando elle na parte que estava defronte da frota, e dom Lourenço defronte das casas del Rei, chegarão a praia a tempo que batia a agua nas casas, por ser preamar onde logo dom Francisco sahio primeiro que todos em terra, com a bandeira Real que lavava Pero Cã, que servia dalferes, e apos

elle os outros capitães, sem acharem resistencia, o que parecendo cilada mandou que mui atento entrassem pela cidade, na ordem que lhes pera isso deu na qual acharão ainda alguma gente tão desordenada, que sem nenhum perigo chegaram a humas casas del Rei, que estão no cabo della, onde dom Francisco achou já seu filho dom Lourenço, que ate alli viera sem achar quem lho estorvasse. Mahamed anconij como sua tenção era não pelejar com os nossos na mesma hora que desembarcarão se sahio da cidade com a mais gente de guerra que nella avia. Em dom Francisco chegando ás casas del Rei mandou logo quebrar as portas que estavam fechadas, e cuidando que estivesse el Rei nellas dixe a dom Lourenço que entrasse dentro, e o prendesse, e lho trouxesse vivo, mas dom Lourenço o nam achou nos paços, e dalguns mouros que se alli acolherão, que pera sua salvação poserão huma bandeira das quinas em huma torre dos paços, soube que era fogido. Acabado este negocio dom Francisco se foi aposentar em huma das milhores casas da cidade, que estavam sobelo mar, dando logo licença á gente que a fosse saquear, defendendo-lhe que com tudo nam possesse fogo a cousa nenhuma, e que tudo quanto achassem de preço metessem em humas casas junto das suas, pera se depois repartir per todos, o que se assi fez de muitas mercadorias, e algumas cousas douro, e prata, tomando dom Francisco pera si huma só frecha, dizendo que pera elle aquillo abastava. Avida esta pacifica victoria, armou dom Francisco Dalmeida alguns cavalleiros, de que hum foi Fernam Perez Dandrade, pessoa que depois na India, e em outras partes fez assinados serviços a estes regnos. E logo ao outro dia começou a fortaleza nas mesmas casas em que pousava, por estarem em lugar proprio pera o

tal edificio, por a agoa bater nellas, pera segurança do que mandou derribar tantas casas vezinhas a esta, quantas lhe pareceo necessario, de modo que fez hum mui espaçoso terreiro, por onde a artelharia podia varejar huma boa parte da cidade, e per honra do bemaventurado Apostolo Santiago, em cujo dia esta fortaleza começou lhe pos o nome da sua avocaçam. Neste mesmo dia, sabendo dom Francisco que Mahamed anconij estava com a gente, que se com elle sahira perto da cidade, lhe mandou dizer per João da Nova, que sua tençam era fazel-o Rei de Quiloa, que se podia tornar, e de sua parte dizer o mesmo a todos que fugirão, que elle lhes dava pera isso licença, e os teria, e manteria em justiça como a vassallos del Rei de Portugal seu senhor, a cuja obediencia aviam de ficar, com muitas mais liberdades, e privilegios do que tinham em poder do tyranno que era fugido, com o qual recado se tornaram todos pera cidade em dia de Sancta Anna, vinta seis dias do mes de Julho, vindo Mahamed anconij em hum fermoso cavalo, que lhe dom Francisco mandou concertar a gineta, com jaezes douro, e prata, e todos outros a pé, indo diante Gaspar, dizendo a alta voz em lingua Arabiga, este he o vosso Rei a elle aveis de obedecer em nome del Rei dom Emanuel de Portugal nosso Senhor, cujos vassallos todos sois. E desta maneira andou per todas as ruas principaes da cidade ate chegar as casas onde se fazia a fortaleza, porque alli o estava sperando dom Francisco Dalmeida no terreiro, em hum cadafalso emparamentado de panos douro, e de seda, no qual lugar a vista de todo o povo, e de mais da nobreza daquella cidade, pondolhe huma coroa de ouro na cabeça, que levava para el Rei de Cochim, o alevantou por Rei de regno de Quiloa, e elle jurou em sua lei de ser leal aos Reis

de Portugal, e de ser seu vassallo, com o trebutto que ja era posto aos reis daquelle regno de Quiloa, o que assi solemnizado, dom Francisco o coroou, e lhe entregou o regno, do que mandou fazer estromentos publicos em lingua Arabia, e Portuguesa, que mandou a estes regnos assinados por el Rei, e polos principais da terra, que a este auto foram presentes, e por elle, e por todos os capitães da frota, e pessoas nobres que nella hião, os quaes devem ser perdidos como osam outras muitas cousas dignas de memoria por se nam lançarem na torre do tombo como em seu proprio, e ordenado lugar. Feito este auto dom Francisco Dalmeida levou e<sup>l</sup> Rei Mahamed anconij aos paços, onde o deixou com muito contentamento dos da cidade, e dos nossos, pollo elle mesmo merecer, e pelas boas partes que nelle avia. Estando os negocios neste termo chegaram de Moçambique Gonçalo de Paiva, e Fernão Bermudez com novas de estar a terra pacifica, e cartas que lhe o Xequo dera de Francisco Dalbuquerque, e de Lopo Soarez, em que davam aviso aos capitães que per alli pssassem do termo, e estado que deixavam as cousas da India. E logo dahi a poucos dias, que foi aos tres dias do mes Agosto chegou a Quiloa Ioam Ferrão capitão da nao bota fogo, que com tormenta se perdera desta armada, como atras fica dito. Iuntas estas naos, e procedendo a obra da fortaleza, el Rei Mahamed anconij veo visitar dom Francisco, e lhe pedio os mouros que na entrada da cidade foram captivos, os quaes lhe dom Francisco Dalmeida mandou dar todos allem do que lhe dixe, que elle fora tamanho amigo del Rei Alfudail, que o tyranno Abrahemo matara, que se ainda fora vivo lhe dera o regno de sua propria, e livre vontade, com as condições que o recebera, mas já que era morto lhe quisesse conceder, que per mor-

te delle Mahamed anconij, ficasse o regno a hum filho do dito Rei defunto, posto que elle mesmo tivesse filhos que podiam soceder, e que antes que se dalli o fosse o fizesse jurar por Principe, pera o que o mandaria logo vir, e o teria consigo como a proprio filho. Dom Francisco lhe concedeo o que pedia espantado, assi elle, como todolos da frota, e os da terra, de huma tamanha, e tam desacostumada virtude. Polo que mandou logo Ioam da Nova por este filho del Rei Alfudail que estava terra firme, mea legoa da ilha, e o fez jurar por Principe herdeiro do regno de Quiloa, por falecimento del Rei Mahamed anconij, que a este tempo seria homem de setenta annos. O que tudo acabado, e a cidade pacifica, ficando ja a fortaleza em altura que se podia mui bem defender, Dom Francisco Dalmeida partio de Quiloa vespora do bemaventurado São Lourenço, nove dias do mes Dagosto, para ir sobre Mombaça, deixando regimento a Pero Ferreira Fogaça, que hia provido da capitania desta fortaleza do que avia de fazer, e cartas pera Emanuel Paçanha capitam da frota que na viagem se separara da sua em que lhe mandava que tanto que alli viesse partisse logo pera Mombaça, e que se o ahi não achasse se fosse perá India, ou pera Melinde, sabendo que estava ahi, e que por guarda daquella costa deixasse em Quiloa Gonçalo Vaz de Goes na sua caravela, e hum bargantim que se depois avia de armar.

## CAPITULO III

*Do que dom Francisco Dalmeida fez em Mombaça, e como depois de a tomar, e queimar, partio pera Melinde, e dahi pera a India.*

QUATRO dias depois de se dom Francisco Dalmeida fazer a vela de Quiloa chegou a boca da barra de Mombaça, donde como surgiu mandou logo Gonçalo de Paiva que a fosse sondar com dous mouros pilotos que troxera de Quiloa, e indo sondando chegarão a hum baluarte, do qual lhe tiraram duas bombardadas, de que a huma lhe passou o costado da caravella, ao que respondendo com a sua artilharia, tratou o baluarte de maneira que o fogo se acendeo nelle, e os que o guardavam fugiram perá cidade; o que feito se tornou com recado a dom Francisco que podia entrar sem perigo por a barra ter fundo pera isso. Surto diante da cidade, mandou per hum dos pilotos mouros recado a el Rei de Mombaça que sua vinda era alli, não pera lhe fazer guerra senam pera o poer a obediencia del Rei de Portugal seu senhor, cuja amizade se quisesse seria tratado com a mesma honra, e favor que o eram muitos reis, e senhores Dafrica, e da India seus vassallos, e amigos, os quaes acostumava favorecer e defender, e fazer guerra a todos os que lha a elles faziam. Este piloto mandou dom Francisco Dalmeida a Ioam da Nova que levasse no seu batel, o qual antes de chegar a terra falou em sua lingua com alguns mouros dos que estavam na praia, dizendo-lhe que levava recado de paz, que se lhe el Rei desse licença, lhe iria fallar, ao que lhe responderam que se

saisse em terra o fariam em pedaços, que dicesse ao capitão, que avia muita differença dos cavaleiros de Mombaça ás galinhas de Quiloa, e que em tempo estava pera o experimentar, cada vez que quisesse sair com sua gente em terra. Dado este recado, mandou dom Francisco de noite Ioam da Nova no seu batel, e outro capitão pera lhe tomarem lingoa, como tomarão, e acertou de ser hum criado del Rei continuo de sua casa, ao qual dom Francisco prometeo liberdade se lhe dicesse a verdade do que el Rei determinava, e se achasse o contrario, o mandaria enforçar. O mouro se lhe lançou aos pés, e dixe que el Rei de Mombaça, como soubera as novas da tomada de Quiloa, se começara de aperceber, e que pera isso tinha ja na cidade quatro mil soldados, e muita artelheria assentada no muro, e torres, e que alem desta gente esperava ainda dous mil homens. Com esta nova, e com a resposta que da praia deram ao piloto mouro, teve dom Francisco a guerra por certa. Polo que logo ao outro dia, que era vespora da Assumpção de nossa Senhora, per conselho de Fernam Soarez, mandou poer fogo a cidade per duas partes, de que arderão algumas casas posto que sua determinaçam fosse de a cometer per assalto, antes de lhe poerem fogo, do que foi contrariado dos mais dos capitães da frota, porque a cidade era mui grande, e nella avia muita gente de peleja. O fogo se ateou de longo da praia, de maneira que dom Lourenço, e Fernam Soarez que o foram poer nam poderam sperar nella, e se recolheram aos bateis, e de ahi as naos. Antes que o fogo se posesse ouve assaz de resistencia da parte dos imigos, em que morrerão delles mais de setenta, e dos nossos morrerão hum criado de dom Francisco, per nome Francisco Serrão, e hum bombardeiro, e foram muitos feridos. No



mesmo dia que se pos o fogo a cidade assentou dom Francisco de acometer ao outro, polo que duas horas ante manhã sahio defronte donde estava surto, e com elle dom Francisco de Sá, e Lourenço de Brito, Rui Freire, Gonçalo de Paiva, Phelipe Rodriguez, Fernão Bermudez, Antam Gonçalvez, e a gente da nao de Ioam Serram, por quanto elle estava ferido. Na outra parte da cidade desembarcou dom Lourenço, e com elle Fernam Soarez, Diogo Correa, e Ioam da Nova, e posto que tão cedo fosse poderam enxergar dos bateis com a claridade do fogo, que ainda durava, que não havia gente na praia: com tudo receando-se dom Francisco que fosse cilada não quiz desembarcar senão em amanhecendo, então sahio em torra com a bandeira Real que levava Pero Cão. Dom Lourenço pojou na parte que lhe era assinada, e entrando pelas ruas, por serem muito estreitas recebião grande damno de pedras, zagunchos, e lanças darremesso que lhe lançavão homens, e molheres das janellas, e terrados das casas, tanta quantidade que foram forçados se acolherem debaixo das sacadas, sem se poderem servir a sua vontade das bestas, e espingardas que levavam, com tudo debaixo destas sacadas tiravão aos que estavam nas janelas, e terrados, mas nem por isso deixavam de lançar de riba tantas pedras, e penedos, que nenhum dos nossos ousava dandar pelo descuberto das ruas, do que constrangidos determinaram de cometer a porta de huma casa donde duas molheres Cafras de nasçam, e alguns mouros com ellas lhes fazião muito damno, a qual porta arrombada, sobiram a casa com assaz perigo, mas quis Deos que com huma seta atravessou hum besteiro a garganta de huma destas Cafras, de que logo cahio morta do que espantados os outros começaram a fugir per cima dos terrados, seguindo-lhes

aquelles, que dos nossos sobirão o alcance, ate os lançarem fora do lanço daquela rua. Pelo que os que estavam debaixo das sacadas, começaram de caminhar adiante, mas em chegando ao começo doutra rua, sendo ja passado adiante dom Lourenço antre elle, e o esquadram de Ioam da Nova derribaram os mouros huma parede velha, que lhes tomou o passo da rua, pelo que o Guião de Ioão da Nova per nome Vaqueiro, se deteve, o que assi fizeram todos os que vinham atras, vendo sobrestar o Guião, na qual detença foram tambem servidos de tiros darremesso, e pedras dos terrados, e janelas das casas que se muito estiveram não podera ser sem grande perigo. O que vendo o contramestre da nao de Ioão da Nova determinou de sobir arriba as casas com dous seus companheiros, hum chamado Rui Fernandez que depois foi seleiro del Rei, e outro Ioam Lopes que foi seleiro do Cardeal dom Afonso seu filho, os quaes todos tres quebrando a porta de huma dellas sobiram arriba, e ao sobir da escada por serem poucos acharam assas de resistencia, e foram mui maltratados, se tras elles nam sobiram Fernão Perez Dandrade, e o feitor, e scrivão da nao de Ioam da Nova, e Duarte Fernandes que depois foi thesoureiro do thesouro del Rei, e outros que fizeram fogir os mouros deterrado em terrado, ate de todo despejarem a rua. O que feito passaram adiante, onde os dom Lourenço encontrou, que sabendo o perigo em que estavam, tornara atras a socorrellos, e assi todos juntos chegaram aos paços del Rei que ja era fogido nos quaes acharam Fernam Bermudes, que bradando de hum terrado, Portugal, Portugal, dixee a dom Lourenço que dom Francisco seu pai era passado adiante, e o mesmo lhe dixee Rui Freire que achou a porta dos mesmos paços, e lhe amostrou a rua per onde fora, o qual dom Francisco

antes disso guiado pelo mouro que Ioão da Nova tomara chegou quasi ate os paços del Rei sem achar resistencia, mas dalli por diante achou alguma, com tudo chegou a elles sem dos seus ser ferido nenhum, onde ja nam achou el Rei, por que sabendo como a cidade era entrada, e que os nossos eram ja jntos as ruas vezinhas aos paços, se sahio delles, fogindo pera huns palmares, onde se fez forte. Pelo que vendo dom Francisco como os paços erão despejados, deixou per guarda delles Fernão Bermudez, Rodrigo Rabelo, e Rui Freire, com a gente de suas capitãias. E passando adiante em busca de seu pai o achou bem travado com os imigos, com cuja vinda, e socorro foi mui ledo, dando logo Santiago nos mouros, com tanto esforço, que forão constrangidos deixar a rua, e acolherem-se pera huns palmares, onde el Rei estava. O que feito dom Francisco mandou a dom Lourenço que se fosse pera os paços, e possesse guarda no que nelles avia, e pera lhe mostrar as casas, e lugares onde el Rei tinha seus thesouros, e recamera mandou com elle o mesmo mouro que tomara Ioam da Nova, que por ser criado del Rei sabia mui bem onde todas estas cousas estavam, e elle se foi com sua gente dar huma vista á cidade, e vendo que de todo era despejada se tornou aos paços del Rei, onde ja estava dom Lourenço, sem nelles achar o thesouro que cuidava, nem cousa que fosse destima. Isto seria ao meo dia, a qual hora estavam ja alli todolos capitães, aos quaes depois de comerem, e tomarem hum pouco de repouso, mandou dom Francisco que fossem saquear a cidade, e que o despojo se levasse as naos, para se depois partir per todos, o que se assi fez. El Rei de Mombaça, vendo o erro em que caira, em se dom Francisco recolhendo pera cidade, lhe mandou pedir paz, a qual nam ouve efeito, posto

sobrisso fossem, e viessem alguns recados. Na cidade forão achadas muitas bombardas de ferro, e outras munições de guerra, que levarão a frota, com todo o mais despojo. Morrerão dos da cidade mais de mil, e quinhentas pessoas como se depois soube. E ficarão captivos duzentos, em que entravão molheres muito alvas, e fermosas, e estes todos escolhidos, entre mais de dous mil que captivarão, porque aos outros deu dom Francisco liberdade, e entre os captivos foram os senhorios de tres naos de Cambaia que estavam varadas diante da cidade. Dos nossos morreram cinco homens da companhia de dom Lourenço, e foram muitos feridos, dos quaes hum foi dom Fernando de Sa, de huma frechada no dedo polegar do pe direito, que lho passou, da qual ferida por a seta ser ervada morreo dahi a poucos dias. Depois da cidade ser saqueada, em se dom Francisco recolhendo lhe mandou poer outra vez o fogo, de que ardeu toda, e por o vento lhe ser contrario mandou toda a frota á toa, fora do porto, em que se deteve sete dias, no qual tempo chegou alli Vasquo Gomes Dabreu, que se esgarrara da armada. Postas as naos de largo, dom Francisco tomou sua derrota pera Melinde, mas não pode tomar a cidade: porque a corrente o levou a huma angra que esta abaixo oito legoas, per nome de S. Helena, na qual achou as caravelas de Ioam Homem, e Lopo Chanoca, que eram da armada que se apartara da sua, como fica dito, de que dera a capitania a Emanuel Paçanha. Mas Ioam Homem, nem Lopo Chanoca nam achou, porque eram idos por terra a Melinde buscar mantimentos, e dos que achou nas caravellas soube que com tormenta se apartarão da outra armada, e que Ioão Homem descobrira antes de chegar ao cabo da boa Sperança tres Ilhas, dez legoas huma da outra, a que posera nome a hu-

ma sancta Maria da graça, e a outra S. George, e a terceira sam Ioam, muito frescas, e de muitas agoas, e arvoredos, onde fezera augoada, e tomara muito pescado, lobos marinhos, e aves pera provisão da viagem, de que então tinha muita necessidade, e que daquella ilha viera ter a de Zamzibar, onde lhe o Rei fezera muita honra, e outros muitos offerecimentos, e lhe mandara muitas fruitas, e refrescos da terra, vacas, carneiros, e galinhas em presente, mostrando-se muito grande servidor del Rei dom Emanuel. Dom Francisco posto que muito desejasse de se ver com el Rei de Melinde, o não pode fazer, por lhe o vento nam servir, pera poder chegar com a frota a cidade, e por não poder sperar mais, porque se lhe passava o tempo, mandou dalli Fernão Soarez, e Diogo Correia visitar el Rei com um presente que lhe maddava el Rei dom Emanuel, com os quaes se tornaram Ioam Homem, e Lopo Chanoca, e com elles veo hum irmão del Rei, por quem mandava visitar dom Francisco com refrescos da terra, e outros presentes. Desta angra quisera dom Francisco ir a cidade de Magadaxo, para a destruir, mas per conselho, e parecer dos capitães, e pilotos o nam fez, porque era fora de seu caminho, e podera por esse respeito pasarselhe o tempo da navegação da India, pelo que se partio desta angra aos xxvij. dias Dago, no qual dia faleceo dom Fernando de Sa da setada que lhe deram em Mombaça, pelo que deu a capitania de sua nao a Rodrigo Rabello, e seguindo viagem com tempo galerno, chegou a Ilha de Anche-diva, aos treze dias de Septembro, do mesmo anno de M. D. V. em que partira de Portugal, onde achou cartas de Gonçalo Gil Barbosa feitor de Cananor que lhe deu hum messageiro Indio, a que os da terra chamam Patamares, porque avisava qualquer capitam

que alli chegasse, como tinha muita speciaría prestes para a carga das naos, e que se alli podessem esperar todo o mes de Setembro lhe viriam dar nas mãos tres naos de Meça muito ricas, e bem armadas que vinham pera Calecut. Dom Francisco despachou logo Ioam homem pera Cananor, Cochim, e Coulam a dar novas de sua chegada, e aviso das naos que avia de mandar pera o regno pera lhe terem a carga prestes, e a Lopo Chanoca, e Gonçalo de paiva mandou que vigiassem a costa de maneira que estas tres naos nam passassem. O que feito começou logo de edificar a fortaleza sobre alicerces de hum antigo edificio que achou na ilha junto do mar, e a par delles algumas cruces pintadas de preto, e vermelho em paredes, que pareciam serem em outro tempo de alguma ermida, ou egreja de Christãos. Na qual obra, assi nobres, como populares, trabalhavam todos cada hum per seu giro, pera ajuda do qual negocio lhes veio a preposito a chegada de Sebastiam de Sousa, em cuja nao vinha Emanuel paçanha por capitão da armada que dom Francisco apartou da sua antes de passar o cabo, como fica dito, e com elle Antam Vaz, porque Gonçalo vaz de goes ficara em Quiloa, polo assi deixar mandado dom Francisco, e de Lucas da Fonsequa, nem de Lopo Sanches nam souberam dar novas, mas antes segundo os temporaes que passaram os tinham por perdidos. Com tudo Lucas Da-fonseca invernou em Moçambique, e veio depois ter a India, mas Lopo Sanchez se perdeu entre o cabo das correntes, e a augoada da boa paz, onde morreo afogado, com todos os que com elle hiam, salvo cinco homens que Pero Barreto, hum dos capitães da armada de Pero Danhaia, de que adiante tratarei, indo de longo da terra, tomou quasi meos mortos de fome. Per Emanuel paçanha soube dom Francisco como

Habrahemmo Rei que fora de Quiloa, vendosse despossado do regno, tanto que elle partira ordenara per treição matar el Rei Mahamed anconij, pera o que mandou hum homem mui esforçado, o qual pondo em obra com muito animo o a que viera, ferira o Rei Mahamed anconij no bucho de hum braço, com huma agomia, de que nam perigou, mas o treidor foi logo preso, e esquartejado per justiça, com pregões ao modo deste regno, de que o Rei Mahamed ficou mui satisfeito, e os da terra mui timerizados.

#### CAPITULO IV

*De como el Rei de Onor, e Timoja, e o Alcaide de Cintacora mandarão pedir paz a dom Francisco dalmeida, e lha concedeo, e de como o Rei de Onor a quebrou, e foi desbaratado.*

**D**ous dias depois da vinda de Sebastiam de Sousa, chegaram Lopo Chanoca, e Gonçalo de paiva com huma presa de zambuquos de mouros, em que traziam muitos captivos, e com elles entrou hum catur do Malabar, em que vinha hum portugues, com recado de Gonçalo gil barbosa, feitor de Cananor pera dom Francisco, de como das tres naos de Meca que speravam era chegada huma a Calecut, em que vinham quatro Venezeanos mestres dartelharia, que el Rei de Calecut mandara pedir ao Soldam de Babilonia, e que se fazia prestes pera a guerra, de que se arreceava por caso de sua vinda, e que em Cananor, Cochim, e Coulam averia vinte mil quintaes despecearia. Sabendo dom Francisco, como a nao de Meca era passada, tornou logo a mandar Lopo Chanoca, e Gonçalo de paiva a vigiar

as outras duas que esperavam. E com os mouros que tomaram nos zambucos povoou huma gale real, de duas que trazia lavradas de Portugal, de que deu a capitania a Ioam Ferram, por vir provido della per el Rei, encomendando lhe a guarda da costa com dous bargantis que se fizeram para andarem em sua companhia, de que eram capitães, Simão Martins, e Iacome dias. Neste tempo lhe veo recado de Merlao Rei de Onor, huma cidade que esta dalli oito legoas, situada ao longo de hum rio que se mete abaixo della no mar huma legoa, e mea, povoada de muitos mercadores mouros, e gentios. Este Merlao pagava pareas a el Rei de Narsinga, e consentia acolherse no porto desta Cidade hum armador gentio chamado Timoja, cossairo de toda a roupa de que atras falei, porque lhe pagava cadanno quatro mil pardaos de pareas das presas que fazia: os quaes sabendo como dom Francisco estava em Anchediva, lhe mandaram pedir paz com hum bom presente de mantimentos, que lhes logo concedeo. Deste messageiro soube dom Francisco que huma legoa dalli na entrada de hum rio estava huma fortaleza de mouros, chamada Cintacora, do regno de Dacam, em que averia mais de mil homens de pe, e de cavallo, e que o Alcaide desta fortaleza era vassallo do Cabaio senhor de Goa que tinha as vezes guerra com el Rei de Onor. Pello que partio o messageiro, mandou per Dom Lourenço sondar a barra deste rio, e com elle Sebastiam de Sousa, Ioam da nova, e Antam vaz, todos em bateis com bandeira de paz. Os quaes chegados ao rio acharão que na foz tinha tres braças da altura, e dentro cinco, e virám da entrada da barra a fortaleza sobre hum outeiro, de que logo deceram mouros a praia, que segundo o corpo que faziam seriam mil homens todos gente limpa, e bem armada a pe, salvo



oito que vinham em cavallos a bastarda muito fermosos, dos quaes o alcaide era hum, que vendo como os nossos hiam com bandeira de paz, foi receber dom Lourenço a praia onde logo a assentou com elle: a qual feita, o alcaide se recolheo a fortaleza, sem saber quem era dom Lourenço, mandando logo hum presente a dom Francisco de refresco, da terra, e dalli a nove dias mandou hum embaixador, pera confirmar esta paz, com dous zambuquos carregados darroz, e trigo, e outros mantimentos, a qual lhe dom Francisco confirmou, e deu seguro para poder tratar, e navegar pera onde quisesse. Alli naquella ilha Danchediva, antes que a frota sespalhasse, mandou dom Francisco vender em Leilam o despojo de Mombaça, e repartir per todos segundo a calidade de cada hum o que feito estando ja pera partir, viram os nossos atravessar huma nao a vista da ilha a que logo sairam alguns capitães nos bateis, com medo dos quaes os que hiam nella (que eram mouros) por se salvar poseram a proa em terra ja perto do riode Onor. Na qual os nossos acharam dezanove cavallos que quizeram levar nos bateis, por nam poderem desencalhar a nao, no que occupados, se alevantou subitamente tamanha tempestade, com que se ouviram os bateis de perder. Polo que contentandosse os nossos com nove que tinham ja embarcados se alargarão da nao, mas foi tanta a furia do mar, que os lançaram dos bateis para se salvarem em terra, onde ja acodiam alguns mouros de huma povoação que esta perto dalli a quem os capitães rogaram, que como vassallos del Rei de Onor cuja aquella terra era, e com quem o Governador estava de paz, lhes guardassem aquelles cavallos, e por o tempo lhes nam dar lugar pera mais, se acolherão a Anchediva, donde depois tornaram a buscar os cavallos mas os

Mouros lhe dixeram que el Rei de Onor mandara por elles. O que sabendo dom Francisco, se lhe aqueixou por ter com elle paz, a qual quebraria se os não tornasse, ao que el Rei respondeo, que pagaria os cavallos. Mas não comprindo com o que dezia, determinou dom Francisco de ir sobrelle, porque tinha ja pouco que fazer na fortaleza, a qual por estar de maneira que se podia defender entregou a Emanuel paçanha, e lhe deu artelharia, mantimentos, e oitenta homens Portuguezes, e officiaes para a acabar. O que feito se partio para Onor, huma quinta feira xvj. Doutubro, e no mesmo dia a noite chegou a foz do rio, e a sexta pela manhã mandou a Fernão soarez que fosse no seu batel sondar o rio, no qual achou que nam podiam entrar senam caravellas, e outros navios pequenos, e dixe a dom Francisco que vira muitas naos varadas, e dellas tamanhas como as nossas, e que alguns mouros mercadores lhe pediram que as não queimasse, porque queriam paz com elle, e fariam com el Rei que pagasse os cavallos, com o qual recado esperou dom Francisco todo aquelle dia. Mas vendo que eram palavras o que os mouros dezia, mandou logo embarcar nos hateis, e esquifes, e em huma caravella seis centos homens, e com o luar que fazia foi ter ante manhã sobela cidade, da qual os moradores nam fizeram toda a noite senão despejar molheres, filhos, e fazenda pera se salvarem em huma serra perto do lugar; e bem quiseram todos que el Rei pagara os cavallos, o que elle não fez por ser mui cubicoso; com tudo ao outro dia em amanehecendo foram dous mouros fallar a dom Francisco, dizendo-lhe da parte dos mercadores que queriam paz, e que fariam com el Rei que pagasse os cavallos, ao que respondeo que posto que lhos pagasse, que as naos que estavam no porto aviam de ser quei-

madras, porque sabia certo que estavam alli algumas de Calecut, o que os Mouros negaram, e se foram sem tornarem mais. Polo que mandou a dom Lourenço, que entre tanto que senão tomava concurião no que os Mouros deziã, saísse em terra com alguma gente, e queimasse as naos, como fez. O que vendo el Rei da serra donde estava, mandou a mor parte da gente que consigo tinha, que fosse ajuntar com os que ja mandara a cidade, pera a defenderem, os quaes todos faziam mostra de quatro mil homens, de que os mais eram frecheiros. Dom Francisco vendo que o corpo da gente dos imigos crecia, mandou da sua a dom Lourenço, pera que os fosse commetter, deixando-se estar nos bateis pera defender que não apagassem os imigos o fogo das naos, nem o que andava na cidade. Dom Lourenço achou os imigos em mui boa ordem, porque os adargados estavam diante emparando os frecheiros, e dalli tiravam a seu salvo, ferindo alguns dos nossos, o que vendo dom Lourenço, os esforçou, apertando tão rijo com os imigos, que os fez retirar para a tralda da serra. Dom Francisco que estava nos bateis, vendo que os imigos fugiam, temendosse que os nossos os seguissem mais do necessario, mandou dizer a dom Lourenço que se recolhesse, os imigos cuidando que era com medo tornaram sobrelles e andaram tanto as voltas ate que chegaram todos de mistura ao rio, onde os nossos acharam os bateis metidos pera dentro por nam ficarem em seco, que vazava a mare, o que foi causa de se embarcarem pela agoa. Com tudo dom Lourenço, com toda a mais companhia, se recolheo nos bateis a seu salvo, onde achou seu pai ferido de huma frechada que lhe deram ao recolher dos nossos no dedo polegar esquerdo. Isto acabado se tornou peras naos, deixando queimadas xiiij. das dos imigos, e

mortos xxij. e muitos feridos, e queimada grande parte da cidade, sem lhe matarem mais que hum só homem. E assi recolhido dom Francisco afrota, no mesmo dia a tarde lhe mandou el Rei dizer per Timoejá, e per dous mouros, que elle estava muito arrependido do que fizera, que queria pagar os cavallos, e fazerse vassallo del Rei de Portugal, do que elles mesmos ficarão por arrefens, dom Francisco lhes respondeo, que por então não podia assentar com elle paz, porque tinha muito que fazer a diante que depois que fosse em Cochim, mandaria seu filho, com quem a assentaria, e que pera segurança lhe deixava huma bandeira com as armas de Portugal, pera que a nossa armada lhe nam fizesse dâno, com aqual os messageiros se tornaram mui contentes pera cidade. O que feito dom Francisco partio para Cananor no mesmo dia, onde chegou a huma quarta feira xxij. dias Doutubro.

## CAPITULO V

*Do que João homem fez a huns mouros de Calecut que estavam em Coulão e do que mais lhe aconteeo, e de como o governador dom Francisco dalmeida chegou a Cananor, e se chamou Vicerei.*

**D**A ilha danchediva mandou o Governador João homem a dar recado de sua vinda aos feitores de Cananor, Cochim, e Coulão, como ja dixe, os quaes dados em Cananor e Cochim se foi a Coulam, onde soube do feitor Antonio de Sa, que avia na terra muita pimenta, e que ja fora carregada em trinta, e quatro naos de mouros de Calecut que alli estavam, se elle disse nam aqueixara a el Rei

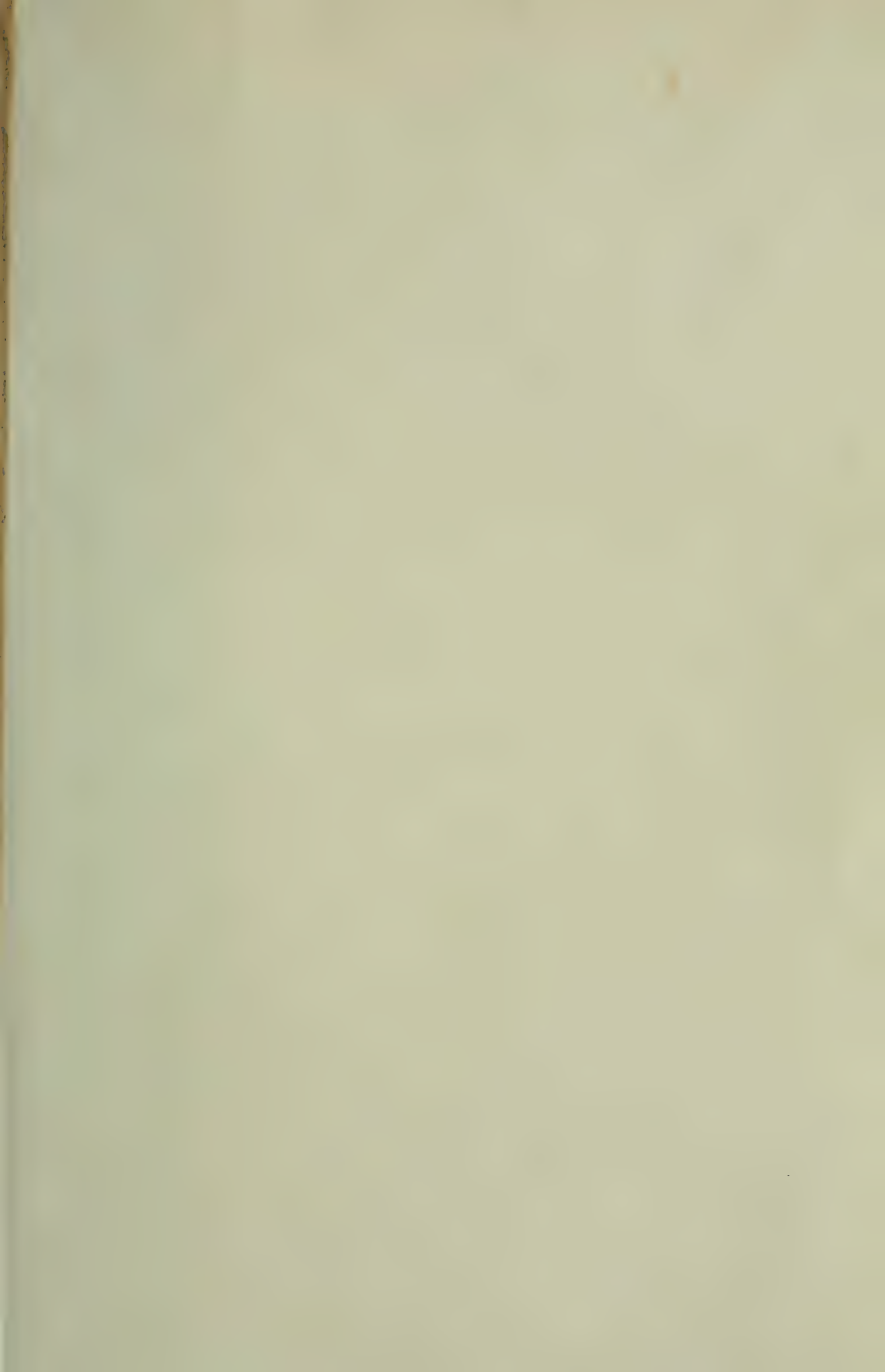
mas parecendo a João homem que isto não abastava, como era cavaleiro, e mal sofrido lhe pareceo melhor outro conselho, que foi mandar tomar os lemes, e velas as naos dos mouros. O feitor sem cuidar no que se dalli podia recrecer, consentio no que Ioam homem fez o que poseram em obra com ajuda de Pero Raphael que ahi estava com a sua caravela, sem os mouros ousarem de lhe resistir com medo, que lhes metessem as naos no fundo. Tomadas as velas, e os lemes, João homem entregou tudo ao feitor, com que elle foi mui ledo, crendo que ficava seguro com penhores que lhe depois custaram a vida, como direi adiante. Isto feito Ioam homem se partio para Cochim em busca do Governador, a darlhe conta do que fezera, oqual nam achando ahi seguio avante, e na parajem de Cananor tomou duas naos pequenas de Mouros em que depois de os meter debaixo dacuberta pos em cada huma tres Portugueses, pera com este aparato ir receber o Governador que topou antes de dobrar o monte Deli, o qual vendo de subito as tres velas cuidou que eram imigos, porque sabia que não fora diante, mais que a caravella de João homem. O qual foi tam mofino, que em avendo vista do Governador se soltarão os mouros de huma das naos que hia afastada delle alamar, e mataram os tres Portugueses e se foram sem os poderem tomar, do que o Governador foi tam anojado, que logo lhe quisera tirar a capitania da caravela se não foram muitos fidalgos, que por elle rogaram, mas com tudo nunca João homem entrou mais em sua graça. Neste mesmo dia, que foi huma quarta feira xxij. dias Doubro, como fica dito, chegou o Governador ao porto de Cananor com determinaçam de deixar hi por feitor Lopo Cabreira, que para isso vinha provido de Portugal, e irse a Cochim carregar as naos que avia

de mandar pera Portugal. O que sabido polo feitor Gonçalo gil barbosa, lhe dixe que nam erão os mouros de Cananor homens para ahi ficarem Portugueses sem fortaleza, porque por serem muito ricos, e poderosos tinhão tam pouca conta com el Rei, que lhe certificava que muitas vezes estiveram pera o matar, pelo medo que tinhão que os aviamos de lançar fora da India, e que em todos estes perigos nunca el Rei de Cananor lhe podera valer, e que pera isso tinha ja começados os alicerces, fazendo crer a el Rei, que eram para hum casa de feitoria, que fosse forte em que se podesse defender dos mouros. Estas razoens de Gonçalo gil barbosa pareceram bem ao Governador. Pelo que mudou o proposito que levava, de ir primeiro a Cochim, e fazer a fortaleza, e depois em Cananor, e em Coulam, o que assentado determinou de receber na sua nao hum embaixador del Rei de Narsinga que o alli esteve esperando alguns dias. Pela qual razam foi acordado por todos, que pois aquelle embaixador era de hum tamanho, e tam poderoso Rei e o Governador representava a pessoa del Rei de Portugal, que pera mor authoridade lhe chamassem dalli por diante Vicerei, e lhe falassem por senhoria, posto que pelo regimento que levava nam podesse usar desta dignidade, ate nam fazer fortalezas em Cochim, e Cananor, e Coulam, em lugar das quaes podiam suprir as de Quiloa, Anchediva, e Cananor, no que dom Francisco consentio por lhe parecer que compria assi a serviço del Rei. O que assentado mandou a Gonçalo Gil Barbosa, que trouxesse ao outro dia o embaixador a nao. Do estado, e poder do qual Rei antes que diga ao que mandou este embaixador, tratarei particularmente algumas cousas no capitulo seguinte.















DP                   Goes, Damião de  
604                   Chronica d'el-rei D. Manuel  
G6  
1909a  
v.1-3

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39.10. 07 05 07 014 5